

**M**

MESTRADO EM EDUCAÇÃO E INTERVENÇÃO SOCIAL

ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO E EDUCAÇÃO DE ADULTOS

# “Há Vida em S. Lázaro”: Projeto de intervenção comunitária com moradores de uma urbanização camarária de Amarante

Beatriz Sampaio das Neves Teixeira Pereira

09/2023

A decorative graphic consisting of a thick blue line that starts from the left edge of the page and extends diagonally downwards to the right, ending at a solid blue circle with a small white dot in its center.

Politécnico do Porto

Escola Superior de Educação

**Beatriz Sampaio das Neves Teixeira Pereira**

**“Há Vida em S. Lázaro”:**

**Projeto de intervenção comunitária com moradores de uma  
urbanização camarária de Amarante**

Relatório de Projeto

**Mestrado em Educação e Intervenção Social**

Orientação: Prof. Doutor João Queirós

Porto, setembro de 2023

“O nosso é um trabalho  
realizado com gente, miúda, jovem ou adulta, mas gente em permanente processo de busca.  
Gente formando-se, mudando, crescendo, reorientando-se.”

(Freire, 2001, p.103)

## AGRADECIMENTOS

Todos os caminhos são feitos de obstáculos e de tropeções. Mas cabe-nos encontrar a resiliência e a persistência para os ultrapassar e para chegar ao destino. E a prova disso está aqui. Ao longo dos últimos dois anos, inclinei-me em algumas curvas, mas soube como curvá-las. Tropecei em algumas pedras, mas soube sorrir para o caminho. Aceitei e respeitei os desafios que a vida me proporcionou. Retirei conhecimentos de todas as partidas que o destino me pregou. E, no final, estou aqui. A terminar uma das etapas mais bonitas da vida, junto das minhas pessoas, daquelas que amo, daquelas que encontrei ao longo do percurso e daquelas que tornaram este caminho tão especial, bonito e transformador. Assim, sou grata à vida e a essas pessoas e não podia, de todo, terminar sem lhes prestar o meu eterno agradecimento.

Começo por onde foi possível tornar este sonho realidade: à Divisão de Desenvolvimento e Coesão Social da Câmara Municipal de Amarante. A todos e todas com quem me cruzei, que me deixaram descobrir e questionar, que nunca me negaram uma palavra e que abriram a porta daquela que é a sua casa. Em especial, agradeço à Dr.<sup>a</sup> Estrela e à Dr.<sup>a</sup> Sandra por me deixarem apaixonar pela área da Habitação Social e por toda a confiança que depositaram em mim.

Aos/Às moradores/as de S. Lázaro, pela caminhada gratificante, transformadora e desafiadora, ao longo da qual cresci e aprendi muito e, acima de tudo, ao longo da qual me tornei uma melhor profissional.

Um agradecimento especial ao meu orientador, professor João Queirós, pela orientação, pela disponibilidade e pelo seu rigor nas correções e sugestões. Por ter abraçado este projeto comigo. Por exigir sempre mais e melhor de mim, por me fazer refletir constantemente e por me abrir os horizontes nesta área tão desafiante. Por me ter transmitido o seu conhecimento e por todo o trabalho conjunto. Não tenho dúvidas de que, se cheguei até aqui, foi pela sua orientação.

Aos demais docentes das UC de Seminário e Projeto da Especialização em Desenvolvimento Comunitário do Mestrado em Educação e Intervenção Social da Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto, professora Ivaneide Mendes, professora Maria João Carvalho e professor Hugo Monteiro, pelo desbloqueamento de nós, pelas reflexões e críticas construtivas. Pela presença, confiança e disponibilidade. Isto é Educação.

Na minha esfera pessoal, quero, primeiramente, agradecer aos meus pais. Agradeço-vos o amor incondicional, os valores e a educação que me transmitiram. Por serem o meu pilar, por me deixarem voar, sonhar e ambicionar sempre o melhor. Por me ensinarem a nunca desistir. À minha mãe, por me fazer, sempre, ser como ela: persistente e determinada; ao meu pai, por me fazer querer ser corajosa e segura de mim, tal como ele é: o meu eterno obrigado. Isto é nosso!

À minha “herma”, pelo apoio e pela força que me transmite todos os dias. Por perceber, melhor que ninguém, as minhas ausências e a minha ansiedade. Por me ter feito rir quando só me apetecia chorar. Por se ter sentado ao meu lado. Pelo abraço caloroso nos momentos de agitação.

Ao Tiago, por estar do meu lado desde o início desta aventura na área social. Por me incentivar a ir à luta, por viver comigo as minhas vitórias e por me fazer erguer a cabeça nas derrotas. Por me ter ensinado que o lema da vida é “sempre roda no ar”. Pela presença, mesmo na ausência. Pela paciência e pelo conforto. Pelo abraço na hora certa. Obrigada por tudo e por tanto.

Aos meus avós (avó Mimi, avô Bilo e avó Linda), por serem amor, casa e colo. Por serem os meus exemplos de coragem e luta, por me fazerem querer ser como vocês, todos os dias. E ao avô Pereira, que, apesar de ter partido no início desta jornada, esteve sempre presente.

À tia Andi, obrigada! Não tenho palavras para tudo aquilo que me ensinaste. Foste tia, amiga e orientadora. És exemplo da Educadora Social que quero ser. Obrigada por me transmitires todos os saberes e segredos da nossa área, por me fazeres vestir o amor à camisola. Por acreditares em mim, por nunca me deixares desistir e por todos os desabafos e gargalhadas que demos juntas.

À tia Sil, ao tio Rui, à minha madrinha e ao Matias, pelo apoio constante, por estarem sempre lá no momento e no lugar certo. Ao Vi, por perceber as minhas ausências nas brincadeiras e por ter sempre um abraço aconchegante para me dar.

Aos meus amigos da “Casa Amarela” e ao Luís, por estarem sempre lá para mim, por perceberem as minhas noitadas de relatório, em vez de cafés no Galeria, e pela força ao longo de todo o caminho. Às minhas “Bruxinhas”, por terem sido parte deste caminho, por me fazerem rir nos momentos de desespero e por, juntas, termos partilhado os melhores momentos da Portela. Às

colegas do Mestrado, por entenderem as dificuldades deste percurso melhor do que ninguém e por, juntas, termos feito valer a pena.

A todos e todas, o meu eterno agradecimento! Obrigada por me ajudarem a encontrar a minha voz.

## RESUMO ANALÍTICO

“Há Vida em S. Lázaro” é um projeto de educação e intervenção social coconstruído com moradores/as da Urbanização de S. Lázaro, no concelho de Amarante. Este projeto partiu da convicção de que, no processo de provisão pública de alojamento, “não basta dar a chave de casa”, mas é importante desenvolver um trabalho de base comunitária de comunicação, reflexão, diálogo, interação e inclusão, apoiado numa intervenção social e educativa próxima, em que as respostas e os serviços públicos se mostram presentes e atuantes e se envolvem com os residentes para promover o desenvolvimento local e a qualidade de vida, adaptando-se às mudanças e às novas exigências sociais.

A finalidade do projeto consistiu precisamente em fortalecer os laços sociais, solidariedades e vivências cidadãs na Urbanização de S. Lázaro, apostando na evidenciação e desenvolvimento dos recursos e competências dos seus membros e na promoção da respetiva qualidade de vida, através da participação cívica e da ação comunitária. Esta finalidade foi prosseguida através do desenho de três objetivos gerais, traduzidos em três ações: “Vidas (In)Comuns”, “Há Vida em S. Lázaro: Uma Urbanização de Todos e Para Todos” e “Cidadãos Conscientes e Ativos”. Com o desenvolvimento das diferentes atividades incluídas nestas ações, contribuiu-se para a consolidação de uma comunidade mais consciente, ativa, comunicativa, solidária e reivindicativa, preparada para a procura de soluções conjuntas, partilhadas e duradoras para os seus problemas.

Tendo por base os princípios orientadores da metodologia da Investigação-Ação Participativa, o desenho e desenvolvimento do projeto partiu e assentou na voz, na reflexão, na participação e na interação dos/as agentes que vivem e intervêm em S. Lázaro. É, portanto, produto da convicção de que é possível mudar, transformar e empoderar comunidades e realidades sociais, desde que se estimule a autorreflexividade e se aposte em práticas orientadas para o desenvolvimento social e educativo das pessoas. Só assim é que, efetivamente, se poderá investir na transformação duradoura das comunidades.

**Palavras-chave:** Habitação Social; Urbanização Camarária; Intervenção Comunitária; Investigação-Ação Participativa.

## ABSTRACT

"Há Vida em S. Lázaro" is a project of education and social intervention that was co-built with residents of *Urbanização de S. Lázaro*, a council housing estate in the municipality of Amarante. This project was born out of the conviction that, in the process of public housing provision, "it isn't enough to give the house keys", but it is also important to develop a community-based work of communication, reflection, dialogue, interaction and inclusion, sustained by a close social and educational intervention, in which responses and public services are present and active and engage with residents to promote local development and their quality of life, while adapting to changes and to new social demands

The purpose of the project was precisely to strengthen social bonds, solidarity and citizen experiences in *Urbanização de S. Lázaro*, focusing on identifying and developing resources and skills of its members and promoting their quality of life through civic participation and community action. This purpose was pursued by designing three general objectives, reflected in three actions: "*Vidas (In)Comuns*", "*Há Vida em S. Lázaro: Uma Urbanização de Todos e Para Todos*" e "*Cidadãos Conscientes e Ativos*". With the development of the different activities included in these actions, the project contributed to the consolidation of a more aware, active, communicative, supportive, and demanding community, prepared to seek collective, shared, and lasting solutions to its problems.

Based on the guiding principles of the participatory action research, the design and development of the project began and was based on the voice, reflection, participation, and interaction of the agents that live and intervene in *S. Lázaro*. It is, therefore, the product of the conviction that communities and social realities can change, transform, and be empowered, if self-reflection is stimulated and practices are oriented to personal, social, and educational development. Only then can communities be effectively transformed.

**Keywords:** Social Housing; Municipal Estate; Community Intervention; Participatory Action-Research.

## **LISTA DE SIGLAS**

BVA – Bombeiros Voluntários de Amarante

CIAC – Centro de Informação Autárquico ao Consumidor

CJ – Casa da Juventude

CMA – Câmara Municipal de Amarante

DDCS – Divisão de Desenvolvimento e Coesão Social

ELHA – Estratégia Local de Habitação de Amarante

GNR – Guarda Nacional Republicana

HS – Habitação Social

IAP – Investigação-Ação Participativa

INE – Instituto Nacional de Estatística

NGPH – Nova Geração de Políticas de Habitação

## NOTA PRÉVIA: OS PRIMEIROS PASSOS EM DIREÇÃO À MUDANÇA

*A 30 de junho de 2021, licenciiei-me em Educação Social. Nesse momento, soube que o caminho a seguir era o do Mestrado. Sentia que precisava de mais “bagagem”, de consolidar conhecimentos e aprendizagens, de aprender com novos docentes e, acima de tudo, de me desafiar ainda mais. E assim foi. Depois de muita procura, aventurei-me no Mestrado em Educação e Intervenção Social – Desenvolvimento Comunitário e Educação de Adultos. Não foi a minha primeira opção. Foi a segunda. Pensei em desistir, mas, como alguém muito sábio me diz todos os dias, “Deus escreve direito por linhas tortas”.*

*Hoje estou aqui. Ao longo do 1º ano, fui-me apaixonando pelo desenvolvimento comunitário e criei a convicção de que seria neste âmbito que iria desenvolver o meu projeto, o caminho da mudança e da transformação. A escolha do contexto foi simples. Se se tratava de desenvolver uma intervenção que pudesse transformar uma realidade, então queria que essa realidade fosse a dos “meus”. Caminhei em direção à Divisão de Desenvolvimento e Coesão Social da Câmara Municipal de Amarante, onde os “seus” me abriram as portas e, juntos contribuímos para mudar, transformar e empoderar.*

*O meu primeiro contacto com a Câmara Municipal de Amarante remonta a 2014. Ainda o meu projeto não passava de uma simples utopia e já estava – sem saber – ligada a ele. Isto porque, desde 2014, e até 2021, estive integrada na Divisão de Educação, Juventude e Desporto, ao abrigo de dois programas: “Preocupa’te” e “Voluntariado Jovem”. Esta Divisão, tal como a Divisão de Desenvolvimento e Coesão Social, situa-se na Casa da Portela, equipamento camarário localizado bem no centro de Amarante.*

*De volta a 2022 e a este projeto, e apesar de a entrada numa entidade como a Divisão de Desenvolvimento e Coesão Social se afigurar desafiante, e ser certamente complexa a tarefa de desenvolver neste contexto um projeto de intervenção comunitária nos termos propostos no Mestrado em Educação e Intervenção Social da ESE-P.PORTO, considero que o meu processo de integração foi bastante fluido e globalmente positivo. Fui com a mente aberta, disposta a compreender e articular a minha ação com as lógicas de trabalho vigentes, mas também procurei trazer novas ideias, aliadas a uma prática humanista. Demonstrei-me sempre disponível e aberta para abraçar vários desafios, dei-me a conhecer, criei relações horizontais e estabeleci laços de*

*empatia. Mas também me deparei, inicialmente, com a desconfiança relacionada com o desenvolvimento de um projeto que queria que fosse diferente e que fizesse a diferença, com o querer ir para o terreno e o querer ir para ouvir e escutar as pessoas. Mas, como se costuma dizer, o caminho faz-se caminhando – e, mesmo com pedras e solavancos, esse caminho foi concretizado.*

*O meu primeiro contacto foi com a Chefe de Divisão então em funções. Nesse momento, o objetivo passou por clarificar os propósitos e as áreas de intervenção da especialização do Mestrado, bem como a intenção de desenvolver o projeto no horizonte da metodologia de Investigação-Ação Participativa, portanto com clara orientação para o diálogo, a partilha, a interação, a participação, a reflexão e o envolvimento de todos/as, de forma a melhorar a realidade das pessoas e comunidades implicadas.*

*Sabendo que esta Divisão da Câmara Municipal de Amarante gere e desenvolve medidas e projetos nas mais variadas áreas da intervenção social, com vista à promoção do desenvolvimento local e da coesão social, a prioridade inicial passou por conhecer os vários serviços existentes e ouvir os/as técnicos/as deste organismo. A leitura e análise de documentação e legislação relevante relativa às medidas e programas sociais existente permitiu-me compreender não só os respetivos âmbitos, mas também os seus objetivos concretos, condições de candidatura, modalidades de apoio, direitos e deveres dos beneficiários, cessação dos apoios, entre outros aspetos. De facto, ninguém pode partir para o terreno sem levar as bases teóricas e documentais daquelas que, para muitos habitantes, são questões centrais das suas vidas.*

*Foi após estas primeiras leituras que o processo de integração ocorreu efetivamente. Aliada a uma “curiosidade epistemológica para saber mais” e para “questionar o mundo” (Lima, 2016, p.23), numa perspetiva reflexiva, crítica, interpretativa e construtivista, procurei ouvir e escutar as pessoas, refletir e questionar. Envolvi-me em medidas e projetos e procurei aproximar-me do pessoal técnico e dos munícipes. Particpei em atendimentos, visitas domiciliárias e atividades diversas, ouvi os/as técnicos/as e as suas palavras e experiências. Foram as conversas informais e a observação participante que me permitiram conhecer este organismo camarário, as suas diversas medidas e projetos. Estes momentos e a ação investigativa que lhes estive associada permitiram, ainda, a identificação de potencialidades e necessidades dentro da própria*

*organização, prioridades de intervenção, os aspetos que condicionam a intervenção, a articulação entre as várias medidas e o perfil e motivações dos/as profissionais. Foi ao ouvir e refletir com os/as técnicos/as que, ainda que de forma indireta, criámos oportunidades para que a sua voz fosse ouvida e amplificada.*

*Apesar do tempo escasso de que dispunha, consegui passar pelo Fundo Municipal de Emergência Social, pelo Subsídio de Arrendamento, pela Tarifa Social, pela Resposta de Apoio à Comunidade, pelo Cuidar de Quem Cuida, pela Rede Social, pelo Rendimento Social de Inserção, pela Comissão de Proteção de Crianças e Jovens e pela Habitação Social. Destaco, em particular, a minha participação na elaboração do Diagnóstico Social de Amarante, bem como na organização e dinamização do projeto Clube de Férias, no qual também fui monitora, durante o período de interrupção letiva do Natal e da Páscoa, apoiando a concretização de uma resposta que visa assegurar a alimentação e proporcionar a ocupação de tempos livres, de forma lúdica e pedagógica, das crianças e jovens do ensino básico.*

*Destes primeiros contactos que fui estabelecendo, apoiada nas técnicas de recolha de dados, mas também nessa indispensável curiosidade reflexiva de procurar saber e aprender mais, foi possível aferir que a estrutura da Divisão de Desenvolvimento e Coesão Social se caracteriza por uma grande abrangência e diversidade de respostas sociais. O trabalho é desenvolvido em equipa multidisciplinar, em rede, em articulação com diversos outros organismos e instituições, e de forma pró-ativa. Foi possível verificar também que existe um esforço dos/as técnicos/as para dar resposta às necessidades dos/as cidadãos/as e que as relações são tendencialmente horizontais e assentes no diálogo e na escuta. Concomitantemente, através de sucessivas idas para o terreno, foi possível identificar necessidades das famílias amarantinas, decorrentes, nomeadamente, de fenómenos como o desemprego, a pobreza e exclusão social ou a desigualdade de género (com especial vulnerabilidade das mulheres face à pobreza e à exclusão social e existência de famílias monoparentais femininas isoladas).*

*O facto de estar num departamento de uma câmara municipal fez com que existisse uma panóplia de projetos e intervenções em curso, muitas delas já consolidadas, sendo, por isso, necessário selecionar um enquadramento e um espaço específico que permitisse uma ação autónoma, autodirigida e orientada pela Investigação-Ação Participativa, almejando a construção de caminhos de mudança e transformação social. Assim, e não sendo possível intervir com todas as*

*peças e/ou famílias abrangidas pelas medidas/serviços da DDCS, foi necessário focar atenções, priorizando problemáticas e áreas de atuação, ao mesmo tempo que se olhava para a estruturação da própria organização e para o que os/as profissionais tinham a dizer sobre a respetiva atuação. Neste âmbito, após a análise inicial da realidade e a reflexão sobre a mesma, através da triangulação de dados obtidos pela análise documental, observação participante e conversas informais desenvolvidas com os/as vários/as intervenientes, começou a ser possível traçar um caminho em direção à realidade da medida Habitação Social. Verificava-se, em especial, a circunstância de, em momentos anteriores, os bairros camarários serem contextos de criação e desenvolvimento de projetos de intervenção nas mais variadas áreas, algo que não acontecia no momento em que iniciei o meu projeto. Sentia-se, então, a necessidade de voltar a contribuir de forma mais próxima para o desenvolvimento das comunidades e a apoiar a população mais vulnerável, através da intervenção comunitária e da (re)construção de uma lógica de trabalho assente na resolução participada dos problemas (como, aliás, referido por uma das técnicas auscultadas).*

*Deste modo, o caminho abriu-se em direção à intervenção no domínio da Habitação Social. Foi um caminho que, por um lado, respondeu às necessidades da entidade e das comunidades implicadas na minha ação futura e que, por outro lado, respondeu às minhas próprias necessidades de autodireção e autonomia. Em resultado de várias conversas informais com as técnicas desta área, ficou clara a importância de desenvolver dinâmicas nos complexos habitacionais da Câmara, através da participação ativa e efetiva dos moradores. Para mim, significou uma oportunidade de projetar uma intervenção comunitária orientada para a participação ativa dos/as moradores/as na transformação da sua realidade social, para que os seus interesses, recursos, potencialidades e expectativas pudessem ser tidos em conta.*

*Existem seis complexos habitacionais camarários no Município de Amarante e, tendo o meu projeto sido assumido como projeto-piloto, tornou-se imperativa a escolha de um bairro em concreto para o desenvolvimento do projeto. Após auscultar as técnicas que trabalham diretamente com as pessoas e com as famílias (são estas que as acompanham e apoiam e, portanto, conhecem as suas realidades), foi decidido que o projeto decorreria na Urbanização de S. Lázaro, por ser um bairro próximo, de dimensão média, disponível e por se acreditar que ali seria importante apostar num trabalho de consciencialização e conscientização acerca dos interesses, das potencialidades, dos recursos e também das fragilidades individuais e comuns dos/as*

*moradores/as. Feita essa opção, estava decididamente aberta a porta para o desenho e desenvolvimento do projeto. Projeto este, que assumiu não só os princípios e as orientações metodológicas da Investigação-Ação Participativa, com base nos pressupostos do paradigma emergente (Lima, 2003), como também procurou estar sempre assente na realidade e experiência dos/as moradores/as, de modo a conferir-lhes protagonismo na ação, atribuindo-lhes um papel ativo e participativo ao longo de todo o processo. Procurou-se, ainda, que fosse construído na interação diária com os/as sujeitos/as, estimulando a sua participação e valorizando os seus conhecimentos e expectativas, pois só assim é possível iniciar processos emancipatórios e o mais participados possível. Quis-se, portanto, ajudar a criar espaços em que os/as moradores/as pudessem “demonstrar e dar a conhecer as vivências, apropriações e implicações de ‘ser’ e ‘estar’ num bairro de cariz social” (Sousa, 2019, p.279), de uma forma que fosse capaz de reconstruir e revalorizar identidades e de contribuir para fomentar a participação ativa e efetiva de todos/as.*

*Em síntese, considero que o meu processo de integração foi bastante positivo, assente na partilha, no diálogo e na interação de todos/as e, acima de tudo, sempre com o desígnio de promover uma prática transformativa e transformadora. Além disso, foi um processo em que, mais do que o estrito cumprimento de um propósito académico, esteve em causa uma busca em torno de um processo emancipatório e o mais participado possível, através do qual fosse possível desenvolver diálogos e interpretações dos vários atores sobre a sua realidade social, identificando necessidades, recursos, potencialidades e vontades (Timóteo & Bertão, 2012). Desde o primeiro momento, priorizei como motes para o meu projeto palavras como: ética, direitos, deveres, cidadania, igualdade e justiça; mas também capacitação, conscientização, consciência, criticidade, empoderamento e compromisso. Foi um processo que, acima de tudo, me permitiu experienciar o trabalho em rede e em parceria, quer com profissionais de diferentes áreas e de diferentes medidas/projetos, quer, sobretudo, com as pessoas nos seus contextos de residência e de vida.*

*É certo que, apesar da minha vontade, disponibilidade e ambição para fazer mais e melhor, o percurso foi muitas vezes acompanhado de dúvidas, de anseios, de receios. O início foi incerto e cheio de dúvidas, mas foi o começo de um sonho a que o projeto quis dar forma concreta.*

# ÍNDICE

AGRADECIMENTOS .....	IV
RESUMO ANALÍTICO .....	VII
ABSTRACT .....	VIII
NOTA PRÉVIA: OS PRIMEIROS PASSOS EM DIREÇÃO À MUDANÇA .....	X
ÍNDICE DE FIGURAS .....	XXI
INTRODUÇÃO GERAL .....	1
1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO-CONCETUAL .....	4
1.1. O ESPAÇO URBANO: PRODUTO E PRODUTOR DE DESIGUALDADES SOCIAIS .....	4
1.2. DIREITO À HABITAÇÃO, PAPEL DO ESTADO NA PROVISÃO DE ALOJAMENTO E HABITAÇÃO SOCIAL .....	5
1.2.1. A QUESTÃO HABITACIONAL E O PAPEL DO ESTADO .....	5
1.2.2. A REALIDADE PORTUGUESA E AS POLÍTICAS DE HABITAÇÃO .....	7
1.2.3. HABITAÇÃO PÚBLICA E AÇÃO MUNICIPAL .....	9
1.3. RELAÇÕES SOCIAIS E VIDA QUOTIDIANA NUM BAIRRO DE HABITAÇÃO SOCIAL .....	11
1.3.1. O ESPAÇO HABITADO COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL QUOTIDIANA .....	11
1.3.2. O BAIRRO DE HABITAÇÃO SOCIAL: ESPAÇO SEGREGADO E ESTIGMATIZADO OU ESPAÇO DE PERTENÇA COMUNITÁRIA? .....	14
2. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO .....	18
2.1. DESENHAR E DESENVOLVER UM PROJETO NO HORIZONTE DA INVESTIGAÇÃO-AÇÃO PARTICIPATIVA .....	18
2.2. A RELEVÂNCIA DA INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA EM PROJETOS SOCIAIS: O PAPEL DA EDUCADORA SOCIAL .....	20
2.3. MÉTODOS E TÉCNICAS DE RECOLHA E ANÁLISE DE DADOS .....	23
2.4. AVALIAÇÃO PARTICIPATIVA EM PROJETOS DE EDUCAÇÃO E INTERVENÇÃO SOCIAL .....	26
3. CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO E ANÁLISE DA REALIDADE .....	28
3.1. O MUNICÍPIO DE AMARANTE .....	28

3.2.	DIVISÃO DE DESENVOLVIMENTO E COESÃO SOCIAL DA CÂMARA MUNICIPAL DE AMARANTE .....	29
3.3.1.	A AÇÃO DA DDCC.....	30
3.3.2.	O SETOR DA HABITAÇÃO SOCIAL CAMARÁRIA.....	31
3.3.	A URBANIZAÇÃO DE S. LÁZARO.....	31
3.4.1.	CARACTERIZAÇÃO GERAL.....	32
3.4.2.	CARACTERIZAÇÃO SOCIOGRÁFICA.....	33
3.4.3.	PERCEÇÕES E REPRESENTAÇÕES DE MORADORES FACE À URBANIZAÇÃO.....	34
3.3.4.	SOCIABILIDADES E DINÂMICA ASSOCIATIVA .....	37
3.4.	“O QUE É REALMENTE VIVER NUM BAIRRO”? .....	39
4.	DESENHO DO PROJETO .....	42
4.1.	FINALIDADE .....	43
4.2.	OBJETIVOS GERAIS E OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	43
4.3.	ESTRATÉGIAS .....	44
4.4.	AÇÕES .....	46
5.	DESENVOLVIMENTO DO PROJETO: UM CAMINHO COLETIVO, PARTICIPATIVO E COLABORATIVO .....	48
5.1.	AÇÃO 1 – “VIDAS (IN)COMUNS” .....	48
5.1.1.	QUEM SÃO OS/AS MORADORES/AS DE S. LÁZARO?.....	49
5.1.2.	“AS CAMINHADAS DOS VIZINHOS DE S. LÁZARO” .....	50
5.2.	AÇÃO 2 – “HÁ VIDA EM S. LÁZARO: UMA URBANIZAÇÃO DE TODOS E PARA TODOS”	
	51	
5.2.1.	SESSÃO NA CASA DA PORTELA: “VIVER E VALORIZAR A NOSSA URBANIZAÇÃO”	53
5.2.2.	ENCONTROS DE DEBATE E PARTILHA SOBRE A VIDA E A SITUAÇÃO DA URBANIZAÇÃO DE S. LÁZARO .....	55
5.2.3.	“DIA DO VIZINHO” .....	58
5.2.4.	A CRIAÇÃO DE LINHAS DE CONTINUIDADE.....	59
5.2.5.	GERIR A ENTRADA.....	61
5.3.	AÇÃO 3 – “CIDADÃOS CONSCIENTES E ATIVOS” .....	63
5.3.1.	SESSÃO “PLANEAMENTO DO ORÇAMENTO FAMILIAR” .....	64
5.3.2.	<i>WORKSHOP</i> SOBRE “PRIMEIROS-SOCORROS” .....	65
5.3.3.	“MOVIMENTO DE LIMPEZA DA URBANIZAÇÃO” .....	66

5.3.4. SESSÃO SOBRE “GESTÃO DE CONFLITOS E RELAÇÕES INTERPESSOAIS” .....	67
5.3.5. SESSÃO SOBRE “VIVER EM COMUNIDADE” .....	68
5.3.6. SESSÃO “VAMOS FALAR DO ESPAÇO DOMÉSTICO E HABITACIONAL?” .....	69
5.4. UM “BRINDE À MUDANÇA” .....	71
6. CAMINHO PERCORRIDO: UM OLHAR SOBRE A MUDANÇA ALMEJADA E A MUDANÇA ALCANÇADA.....	74
6.1. O GRUPO POTENCIADOR DA MUDANÇA.....	74
6.2. A INDUÇÃO DE MUDANÇA NO MUNICÍPIO.....	76
6.3. A MUDANÇA ALCANÇADA – SÍNTESE AVALIATIVA .....	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
REFERÊNCIAS .....	85
APÊNDICES.....	91
ÍNDICE DE FIGURAS DE APÊNDICES .....	92
ÍNDICE DE TABELAS DE APÊNDICES .....	98
ÍNDICE DE GRÁFICOS DE APÊNDICES.....	101
APÊNDICE A. CONSENTIMENTO INFORMADO DOS INQUÉRITOS .....	103
APÊNDICE B. CONSENTIMENTO INFORMADO DAS ENTREVISTAS.....	104
APÊNDICE C. GUIÃO DAS CONVERSAS INFORMAIS COM OS/AS TÉCNICOS/AS DA DDCCS .....	105
APÊNDICE D. ANÁLISE DAS CONVERSAS INFORMAIS COM OS/AS TÉCNICOS/AS DA DDCCS .....	106
APÊNDICE E. GUIÃO DA ENTREVISTA À TÉCNICA DA HABITAÇÃO SOCIAL - URBANIZAÇÃO DE S. LÁZARO.....	111
APÊNDICE F. GUIÃO DAS ENTREVISTAS ÀS REPRESENTANTES DE ENTRADA.....	115
APÊNDICE G. INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO .....	119
APÊNDICE H. GUIÃO DO <i>FOCUS GROUP</i> COM OS/AS PARTICIPANTES DO PROJETO.....	127
APÊNDICE I. TRANSCRIÇÃO DO <i>FOCUS GROUP</i> COM OS/AS PARTICIPANTES DO PROJETO .....	129
APÊNDICE J. GRELHA DE ANÁLISE DO <i>FOCUS GROUP</i> COM OS/AS PARTICIPANTES DO PROJETO.....	135

APÊNDICE K. RESULTADOS DO INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO.....	142
APÊNDICE L. GRELHA DE ANÁLISE DOS INQUÉRITOS POR QUESTIONÁRIO .....	173
APÊNDICE M. GRELHA DE OBSERVAÇÃO INDIVIDUAL DOS INQUÉRITOS POR QUESTIONÁRIO .....	183
APÊNDICE N. TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA À TÉCNICA DA HABITAÇÃO SOCIAL .....	206
APÊNDICE O. TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA À RE1.....	210
APÊNDICE P. TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA À RE2 .....	217
APÊNDICE Q. TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA À RE3.....	225
APÊNDICE R. TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA À RE4.....	230
APÊNDICE S. GRELHA DE ANÁLISE DA ENTREVISTA À TÉCNICA DA HS .....	237
APÊNDICE T. GRELHA DE ANÁLISE DA ENTREVISTA À RE1.....	247
APÊNDICE U. GRELHA DE ANÁLISE DA ENTREVISTA À RE2 .....	260
APÊNDICE V. GRELHA DE ANÁLISE DA ENTREVISTA À RE3 .....	268
APÊNDICE W. GRELHA DE ANÁLISE DA ENTREVISTA À RE4.....	274
APÊNDICE X. DADOS DEMOGRÁFICOS DO MUNICÍPIO DE AMARANTE.....	282
APÊNDICE Y. CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE AMARANTE .....	283
APÊNDICE Z. MEDIDAS DA DIVISÃO DE DESENVOLVIMENTO E COESÃO SOCIAL.....	290
APÊNDICE AA. REGISTOS FOTOGRÁFICOS DA URBANIZAÇÃO DE S. LÁZARO.....	298
APÊNDICE AB. DADOS DA TIPOLOGIA DOS APARTAMENTOS DA URBANIZAÇÃO DE S. LÁZARO.....	300
APÊNDICE AC. ANÁLISE DE CADA LOTE DA URBANIZAÇÃO DE S. LÁZARO.....	301
APÊNDICE AD. ANÁLISE DE CADA ENTRADA DOS LOTES DA URBANIZAÇÃO DE S. LÁZARO .....	303
APÊNDICE AE. DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS DA URBANIZAÇÃO DE S. LÁZARO.....	310
APÊNDICE AF. DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS DOS LOTES DA URBANIZAÇÃO DE S. LÁZARO .....	313
APÊNDICE AG. DIÁRIO DE BORDO 27/01/2023 - VISÃO DOS COMERCIANTES SOBRE A URBANIZAÇÃO DE S. LÁZARO .....	316
APÊNDICE AH. TABELA SÍNTESE DOS PROBLEMAS E NECESSIDADES .....	317
APÊNDICE AI. DESCRIÇÃO DAS AÇÕES.....	322
APÊNDICE AJ. REGISTO FOTOGRÁFICO DA SESSÃO “TRAJETÓRIAS DE VIDA COLETIVAS DA URBANIZAÇÃO DE S. LÁZARO” .....	375

APÊNDICE AK. REGISTO FOTOGRÁFICO DA 1.ª CAMINHA DOS VIZINHOS .....	376
APÊNDICE AL. CARTAZ DA 2.ª CAMINHADA DOS VIZINHOS.....	377
APÊNDICE AM. DESCRIÇÃO DAS REUNIÕES.....	378
APÊNDICE AN. CONVITE PARA A SESSÃO NA CASA DA PORTELA.....	395
APÊNDICE AO. APRESENTAÇÃO PARA A SESSÃO NA CASA DA PORTELA.....	396
APÊNDICE AP. FOTOGRAFIAS DA CAIXA DE PARTILHA.....	399
APÊNDICE AQ. SUGESTÕES DA CAIXA DE PARTILHA NA SESSÃO DA CASA DA PORTELA .....	400
APÊNDICE AR. FLYER DISTRIBUÍDO NA SESSÃO DA CASA DA PORTELA .....	402
APÊNDICE AS. REGISTO FOTOGRÁFICO DA SESSÃO NA CASA DA PORTELA.....	403
APÊNDICE AT. PEDIDO DE CEDÊNCIA PARA A UTILIZAÇÃO DO PAVILHÃO MUNICIPAL DESPORTIVO DE AMARANTE .....	404
APÊNDICE AU. CALENDARIZAÇÃO DO PROJETO.....	405
APÊNDICE AV. EXEMPLO DOS CARTAZES COLOCADOS NA URBANIZAÇÃO COM AS DATAS DAS SESSÕES .....	412
APÊNDICE AW. PRIMEIRO MAPA DAS LIMPEZAS .....	413
APÊNDICE AX. MAPAS DE LIMPEZAS DO MÊS DE MAIO .....	414
APÊNDICE AY. MAPAS DE LIMPEZA DO MÊS DE JUNHO .....	416
APÊNDICE AZ. SEGUNDO MAPA DE LIMPEZAS .....	418
APÊNDICE BA. REGISTOS FOTOGRÁFICOS DAS VÁRIAS SESSÕES DE DEBATE SOBRE A VIDA E SITUAÇÃO DA URBANIZAÇÃO .....	419
APÊNDICE BB. CONVITE DO DIA DO VIZINHO AOS RESPONSÁVEIS DA CMA.....	420
APÊNDICE BC. FRASES PARA O “POTE DOS VIZINHOS” .....	421
APÊNDICE BD. CARTAZ PARA A PREPARAÇÃO DO DIA DO VIZINHO.....	422
APÊNDICE BE. REGISTO FOTOGRÁFICO PREPARAÇÃO PARA O DIA DO VIZINHO .....	423
APÊNDICE BF. CARTAZ DO DIA DO VIZINHO.....	425
APÊNDICE BG. REGISTO FOTOGRÁFICO DO DIA DO VIZINHO .....	426
APÊNDICE BH. GUIA DO MORADOR.....	428
APÊNDICE BI. APRESENTAÇÃO PARA UMA FUTURA REUNIÃO COM OS/AS REPRESENTANTES DE ENTRADA.....	433
APÊNDICE BJ. CARTAZES DE DIVULGAÇÃO DA AÇÃO 3 – “CIDADÃOS CONSCIENTES E ATIVOS” .....	436

APÊNDICE BK. CONTACTO, VIA E-MAIL, COM A GNR DE AMARANTE.....	438
APÊNDICE BL. CONTACTO, VIA E-MAIL, COM OS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE AMARANTE .....	439
APÊNDICE BM. REGISTO FOTOGRÁFICO DO WORKSHOP “PRIMEIROS-SOCORROS” (BVA) .....	440
APÊNDICE BN. REGISTO FOTOGRÁFICO DA SESSÃO “GESTÃO DE CONFLITOS E RELAÇÕES INTERPESSOAIS” (AGIR CLDS 4G).....	441
APÊNDICE BO. REGISTO FOTOGRÁFICO DA SESSÃO “VIVER EM COMUNIDADE” (GNR)....	442
APÊNDICE BP. REGISTO FOTOGRÁFICO DA SESSÃO “VAMOS FALAR DO ESPAÇO DOMÉSTICO E HABITACIONAL? (AGIR CLDS 4G).....	443
APÊNDICE BQ. CARTAZ DA CHUVA DE IDEIAS DA SESSÃO “VAMOS FALAR DO ESPAÇO DOMÉSTICO E HABITACIONAL” (AGIR CLDS 4G).....	444
APÊNDICE BR. CASOS PRÁTICOS DA SESSÃO “VAMOS FALAR DO ESPAÇO DOMÉSTICO E HABITACIONAL” (AGIR CLDS 4G).....	445
APÊNDICE BS. ABAIXO-ASSINADO DOS/AS MORADORES/AS DA URBANIZAÇÃO DE S. LÁZARO.....	446
APÊNDICE BT. SUGESTÕES DA CAIXA DE PARITLHA NO FINAL DO PROJETO .....	447
APÊNDICE BU. REGISTO FOTOGRÁFICO DO “BRINDE À MUDANÇA” .....	448
APÊNDICE BV. TABELA SÍNTESE DA AVALIAÇÃO.....	451

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Urbanização de S. Lázaro .....	32
Figura 2 – Espaço de convívio da Urbanização de S. Lázaro .....	36
Figura 3 – 1ª Caminhada dos Vizinhos (24 de maio).....	51
Figura 4 – Sessão na Casa da Portela (5 de abril).....	54
Figura 5 – Pavilhão Desportivo Municipal de Amarante.....	55
Figura 6 – Sessão de 17 de maio .....	58
Figura 7 – Sessão de 19 de abril .....	58
Figura 8 – Preparação do Dia do Vizinho .....	59
Figura 9 – Dia do Vizinho (30 de maio).....	59
Figura 10 – Sessão “Planeamento do Orçamento Familiar” (10 de maio) .....	64
Figura 11 – Workshop “Primeiros-Socorros” (31 de maio) .....	66
Figura 12 – Sessão “Gestão de conflitos e relações interpessoais” (13 de junho) .....	67
Figura 13 – Sessão “Viver em Comunidade” (21 de junho) .....	68
Figura 14 – Sessão “Vamos falar do espaço doméstico e habitacional?” (28 de junho).....	69
Figura 15 – Brinde à Mudança (4 de julho) .....	72
Figura 16 – Cartaz do Brinde à Mudança .....	72

## INTRODUÇÃO GERAL

Vivemos num mundo em permanente e acelerado processo de transformação económica, política, social e cultural. Num tal cenário, não surpreende que a vida em muitos contextos seja marcada pelo desencanto, pela insegurança e pelo sentimento de invisibilidade, produzindo estratégias de vida individualistas e trajetórias incertas que, por vezes, conduzem as pessoas a experiências de abandono, rutura e isolamento (Carvalho e Baptista, 2004). A cidade foi sempre o espaço de expressão mais evidente destes fenómenos. Ela é lugar de desigualdades sociais contexto polifacetado onde coexistem populações e modos de vida muito diversos, suscitando encontro, troca e colaboração, mas também conflito e disputa. É nos espaços concretos da habitação que estas tensões melhor podem ser observadas (Baptista, 2001).

Em Portugal, durante muitos anos, e até aos nossos dias, as questões relacionadas com as carências de alojamento e a provisão de habitação, designadamente por iniciativa pública, foram (e são) prementes. Mas elas são encaradas frequentemente como um problema apenas de financiamento e “betão”. Na generalidade dos programas de realojamento, e nas políticas urbanas e habitacionais como um todo, não se reconheciam (nem reconhecem) as valias do conhecimento e da participação das pessoas e comunidades para as quais os imóveis são efetivamente construídos (Guerra, 1994). Contudo, tem vindo a crescer, nos debates públicos, a importância dada a esta dimensão e têm vindo a ser concebidas novas formas de procurar envolver os/as cidadãos/ãs em torno das soluções para os seus problemas, alcançando assim uma maior eficácia e eficiência nas políticas e nos projetos e aumentando a consciência coletiva e a participação cívica das populações (Allegretti & Dias, 2019).

Estes propósitos podem ser fomentados pelos próprios desenhos das políticas, mas é também, e sobretudo, necessário encontrar caminhos, em cada contexto local, que permitam ouvir as pessoas e aquilo que elas têm a dizer sobre as suas experiências de vida, o seu espaço habitacional e de convivência social e o seu futuro. É aqui que se evidencia a relevância da intervenção comunitária e da promoção do desenvolvimento local, dois horizontes que se complementam e completam, permitindo almejar mudanças e transformações na realidade social, através da participação das pessoas.

O projeto “Há Vida em S. Lázaro”, desenvolvido no âmbito do Mestrado em Educação e Intervenção Social – Especialização de Desenvolvimento Comunitário e Educação de Adultos, da Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto, inseriu-se nesta linha de perspetivação e ação. Desenhado e desenvolvido com os/as moradores/as da Urbanização camarária de S. Lázaro, a partir da Divisão de Desenvolvimento e Coesão Social (DDCS) da Câmara Municipal de Amarante (CMA), decorreu entre outubro de 2022 e julho de 2023, correspondendo o presente documento ao relato do processo de trabalho realizado no seu âmbito.

Articulando-se com as demais atividades da DCCS e com o trabalho que neste organismo é feito em matéria de intervenção na habitação social (HS), o projeto quis, desde o primeiro momento, envolver os/as moradores/as da Urbanização de S. Lázaro na identificação e procura dos caminhos de promoção de mais qualidade de vida, de reforço da identificação com o espaço habitado e a vizinhança e de aprofundamento do diálogo e relação com o “senhorio”, a CMA.

A finalidade geral do projeto passou, nos dez meses da sua duração, por fortalecer os laços sociais, solidariedades e vivências cidadãs na Urbanização de S. Lázaro, em Amarante, apostando no desenvolvimento dos recursos e competências dos seus membros e na promoção da respetiva qualidade de vida, através da participação cívica e da ação comunitária. Os/As participantes foram todos/as os/as moradores/as da Urbanização de S. Lázaro que voluntariamente aceitaram aderir a este percurso de trabalho, mas também vários/as responsáveis e técnicas da DDCS. Dentro do grupo alargado de participantes, destaca-se um conjunto de nove mulheres, participantes mais ativas e efetivas deste projeto, que, juntas, deram passos sólidos e decididos rumo à valorização material e, sobretudo, simbólica da Urbanização de S. Lázaro.

Durante o período de desenvolvimento do projeto, deram-se pequenos (grandes) passos no sentido de uma verdadeira vivência e interação comunitária, alargando e intensificando as relações entre as técnicas da Câmara e a população de S. Lázaro, construindo conhecimento com e a partir das experiências dos/as moradores/as, apoiando o desenvolvimento de formas de auto-organização e automobilização, criando novas dinâmicas de participação coletiva, ou recuperando dinâmicas antigas, envolvendo e mobilizando os parceiros da comunidade e do Município, trabalhando lado a lado com as “representantes de entrada”, ajudando a induzir mudanças nas atividades e práticas da CMA. Acima de tudo, promoveu-se uma comunidade mais ativa, humanista, participativa, comunicativa, consciente e informada.

O próprio nome do projeto – “Há Vida em S. Lázaro” – remete para a importância da intervenção comunitária que, mais do que “resolver” o problema, procura envolver as pessoas e motivá-las a levar a sério o seu papel de informadoras e participantes. Além disso, leva-nos à Urbanização de 10 anos atrás: dinâmica, com intensificação de relações e onde, de facto, havia “vida” em S. Lázaro. A palavra “vida”, utilizada com a sua devida intensidade, reflete todo o trabalho colaborativo e pró-ativo que, em conjunto, permitiu contrariar a ideia pré-concebida da restrição das oportunidades decorrente da pertença residencial, criando dinâmicas de participação coletiva que possibilitaram que esta comunidade fosse, novamente, ouvida e reconhecida.

O presente relatório encontra-se dividido em sete capítulos, nos quais se apresenta, com uma reflexão que se procurou que fosse sempre crítica e avaliativa, todo o percurso partilhado, participativo e dialógico da coconstrução do projeto, valorizando-se o discurso e testemunhos dos/as participantes. O primeiro capítulo procura fundamentar teoricamente os temas e conceitos que sustentam o seu desenvolvimento. No segundo capítulo, explora-se o quadro metodológico associado ao desenvolvimento de projetos de educação e intervenção social num horizonte de Investigação-Ação Participativa (IAP), incluindo menção às principais técnicas de recolha e análise de dados utilizadas para a construção de conhecimento sobre a realidade em causa. A par deste capítulo, mas presente ao longo de todo o relatório, aborda-se a avaliação de projetos, que aqui assumiu uma lógica participativa, de desenvolvimento e contínua. O terceiro capítulo apresenta o contexto institucional e territorial da intervenção, através do olhar dos/as próprios/as participantes e de agentes locais. No quarto capítulo, surge o desenho do projeto co-construído com os/as moradores/as. No quinto capítulo, é abordado todo o caminho percorrido: nele, são descritas e analisadas, de forma crítica e avaliativa, as ações desenvolvidas ao longo de toda a interação com os/as moradores/as. O sexto capítulo conta com a avaliação crítica e reflexiva de todo o caminho percorrido em direção à mudança. Por fim, surgem as considerações finais, onde aparecem elencadas algumas conclusões, a análise da valorização pessoal perante o desenvolvimento do projeto e algumas pistas futuras de intervenção. O relatório conta ainda com um conjunto de apêndices, que permitirão obter informação complementar à sua leitura.

Todo o relatório garante o sigilo, a confidencialidade das informações recolhidas e tratadas e o anonimato dos/as participantes, sendo que, nos apêndices estão disponíveis os modelos de consentimento informado que foram assinados por todos/as os/as que no projeto aceitaram participar voluntariamente.

# 1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO-CONCETUAL

## 1.1. O ESPAÇO URBANO: PRODUTO E PRODUTOR DE DESIGUALDADES SOCIAIS

Vivemos num mundo fragmentado e polarizado. Se é verdade que forças diversas ambicionam construir uma sociedade que insira, inclua, integre, que seja capaz de promover e assegurar a coesão social (Carreiras, 2018), também é verdade que outras forças, que parecem muitas vezes mais fortes, contribuem para acentuar as desigualdades sociais e favorecer a polarização (Capucha, 2000). Os territórios, em especial os urbanos, são expressões claras destas tensões entre a busca da concretização dos princípios da cidadania e da igualdade e a proliferação de realidades sociais e intergrupais desiguais (Pereira, Silva, Baptista & Perista, 2001).

Numa sociedade desigual e hierarquizada, que traduz os vários efeitos do modo como está estruturada a organização económica, a relação entre a questão social e o território é evidente (Capucha, 2000): o desenho e a organização deste último, as grandes divisões que o caracterizam e a forma como os espaços são apropriados por certos grupos sociais, tendem a refletir a lógica das hierarquias e divisões sociais. Palavras como “centro” e “periferia”, “baixa” e “alta”, “oriente” e “ocidente”, “bairro” e “condomínio fechado” correspondem, nos dias de hoje, a dualismos que funcionam como verdadeiras traduções das grandes divisões sociais e espaciais que operam na estrutura e nas relações sociais que se estabelecem na nossa sociedade (Queirós, 2019, p.20). Estas expressões, muitas vezes utilizadas para traduzir oposições objetivadas no espaço físico das cidades, são, precisamente, “simbolizações das grandes divisões sociais e funcionam como princípios de visão e de divisão que estruturam a ação e contribuem para definir e reproduzir proximidades ou distâncias, estabelecendo e cristalizando, enfim, a configuração efetiva das relações sociais na cidade” (Queirós, 2022, p.20). É caso, aliás, para se colocar a questão sobre se a “igualdade territorial” não será uma utopia, para não dizer uma impossibilidade (Carreiras, 2018).

Assistimos, com efeito, a uma agudização das desigualdades sociais, provocada não só pela falta de oportunidades e de recursos económicos, materiais, culturais, sociais e políticos, mas também pela relação com o território/espaço, no sentido em que esta abarca os múltiplos parâmetros da vida em sociedade. Em consequência, não se pode equacionar a questão da participação e coesão

social dos grupos, famílias e indivíduos sem dar o necessário destaque à dimensão territorial (Capucha, 2000). Carreiras (2018) refere que os fenómenos de crescente polarização social, de fragmentação espacial e da emergência de novos padrões espaciais conduzem a novas formas de desigualdade socioespacial. Verifica-se, neste contexto, que a junção das propriedades sociais das populações e das estruturas de oportunidades que estas encontram ditam as suas trajetórias e oportunidades (desiguais), sendo estas últimas ampliadas ou diminuídas em função das ações que resultam do funcionamento de esferas como os mercados de trabalho, o sistema de ensino, os meios de comunicação ou as instituições do Estado, com destaque para aquelas que definem e operacionalizam as políticas urbanas e de habitação (Queirós, 2022).

As cidades, enquanto realidades sociais e objetos de análise dinâmicos, são lugares polifacetados da coexistência de comunidades e seus modos de vida. Aqui está a origem das tensões sociais, em muitos casos, mas também a porta para a construção do novo. De facto, a cidade contemporânea, constituída pela diversidade, pelo dinamismo e pela transformação é um espaço aberto de disputas e de conflitos; mas ela é também um espaço de partilha de experiências e de trocas diversas. O habitat é palco de tensão e conflitualidade, mas também de reunião da variedade de perspetivas dos protagonistas que aí intervém (Baptista, 2001). Na cidade, convivem grandes diferenças de vida e visão do mundo, que resultam da produção do espaço urbano em função das desigualdades existentes, que se reproduzem ao longo do tempo e dão origem a novas desigualdades (Baptista, 2001). Mas a cidade é também o espaço de maior potencial para a mudança.

## **1.2. DIREITO À HABITAÇÃO, PAPEL DO ESTADO NA PROVISÃO DE ALOJAMENTO E HABITAÇÃO SOCIAL**

### **1.2.1. A QUESTÃO HABITACIONAL E O PAPEL DO ESTADO**

De há muito que Portugal enfrenta grandes carências habitacionais, sem que o Estado tenha conseguido contribuir para alterar decisivamente a situação existente. A habitação pública é uma parte ínfima do parque habitacional do país, cerca de 2% (IHRU, 2018), e, para além disto, os “bairros sociais” tendem a ser, no nosso país, alvo de segregação e estigmatização. Se nem sempre o são efetivamente, eles são quase sempre vistos como “bairros degradados, social e

urbanisticamente desintegrados da malha urbana” (Guerra, 1994, p. 11). Surgindo nas imagens dominantes como contextos material e simbolicamente degradados ou como contextos nos quais habitam as populações mais fragilizadas, os bairros sociais tendem a transferir para os seus habitantes a imagem do “marginal”, do “delinquente”, do “indesejável” (Queirós, 2019).

Esta é, sem dúvida, uma visão redutora, mas que persiste. Apesar de, em anos mais recentes, existir uma maior sensibilização do governo e das autarquias para os problemas da habitação, ainda existe um longo caminho para se chegar, efetivamente, a uma intervenção que reforce a provisão de alojamento, que contribua para desmistificar a imagem da habitação pública e que coloque no centro das atenções a população que aqui habita. Como aludia Guerra há cerca de vinte anos (1994, p.11) – frase que continua a ser totalmente oportuna –, “as pessoas não são coisas que se ponham em gavetas” e, portanto, devem ser tidas em conta, escutadas e implicadas nos processos de alojamento ou realojamento e em tudo o que se refira ao seu espaço habitacional.

Esta é uma dimensão descurada de um direito ele próprio descurado – o direito à habitação. O direito à habitação constitui um dos elementos basilares de uma vida social digna, estando aliás consagrado na Constituição da República Portuguesa, no seu artigo 65º, que diz que “todos têm direito, para si e para a sua família, a uma habitação de dimensão adequada, em condições de higiene e conforto e que preserve a intimidade pessoal e a privacidade família” (CRP, 1976). Recentemente, este direito foi reafirmado com a criação da Lei de Bases da Habitação, em 2019:

todos têm direito à habitação, para si e para a sua família, independentemente da ascendência ou origem étnica, sexo, língua, território de origem, nacionalidade, religião, crença, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica, género, orientação sexual, idade, deficiência ou condição de saúde (Decreto-Lei n.º 83/2019).

Mas há uma distância entre o que está legal e constitucionalmente consagrado e a realidade: é sabido que nem toda a população tem acesso a uma habitação condigna. Em todo o mundo, estima-se que mais de 1,8 biliões de pessoas vivam numa habitação não adequada e que 100 milhões sejam sem-abrigo. O Objetivo de Desenvolvimento Sustentável número 11, definido na Agenda 2030 da ONU, preconiza, “até 2030, assegurar para todos o acesso a habitação adequada, segura e acessível e a serviços básicos e a melhoria de aglomerados degradados” (Serôdio, Lima, Serra, Matias & Borges, 2021, p.11). No caso português, o Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (IHRU) estimou há alguns anos em mais de 25.762 famílias os agregados com carência habitacional severa (IHRU, 2018), número que se acredita estar a aumentar.

Nas últimas décadas, as políticas de habitação e a avaliação das necessidades de habitação têm sido objeto de análise das ciências sociais e foco de muita atenção mediática e política. É não só visível o desenvolvimento teórico em torno destas problemáticas, mas também o aumento de material empírico capaz de discutir novos conceitos, hipóteses e tipologias. Muitas têm sido as questões que se colocam face à intervenção neste domínio, desde questões sobre a produção de políticas e medidas, às questões sobre a avaliação e intervenção face às necessidades sentidas pelas famílias. Mas, afinal, como é possível “discutir um modelo de avaliação de políticas e necessidades de habitação que relacione políticas e famílias, num contexto social, político e até cultural de flexibilidade e mudança?” (Guerra, Pinto & Moura, 2001, p. 54).

Dar resposta aos problemas habitacionais não é tarefa simples, visto que vivemos numa sociedade plural e em mudança e, por esse motivo, as próprias políticas públicas estarão sempre em construção e não encontrarão soluções definitivas, visto que trabalham com um objeto mutante nos contornos e nas problemáticas que os enquadram (Guerra *et al.*, 2001). O que não significa que se deva desistir deste debate e deste propósito.

## **1.2.2. A REALIDADE PORTUGUESA E AS POLÍTICAS DE HABITAÇÃO**

No quadro europeu, não se observa consonância em matéria de políticas de habitação. Existe uma grande variedade de formas de lidar com esta problemática. Em Portugal, a integração socioespacial não é uma prioridade, mas é indiciada nas políticas públicas (Carreiras, 2018). O papel do Estado é, neste âmbito, um papel determinante. Se quisermos recuperar a perspetiva geral de Bourdieu sobre o Estado (2001, p.212), recordaríamos que, nas “nossas sociedades, o Estado contribui de forma determinante na produção e na reprodução dos instrumentos da construção da realidade social enquanto estrutura organizacional e instância reguladora das práticas”. Como secunda Queirós, 2022, p.21), é “através das suas leis, programas e instituições, modalidades de regulação económica e financeira, políticas fiscais, investimentos em infraestruturas e equipamentos, projetos de planeamento urbano e de provisão de alojamento” que o Estado “define não apenas os parâmetros objetivos que modelam o espaço (...), mas também os limites do pensável no que concerne à cidade existente e a cidade que há de vir”.

Se se pode falar em “crise da habitação”, ela é sem dúvida parte de uma crise económica e social mais vasta, que está na génese das desigualdades sociais, reforçando os problemas do acesso a habitação. De forma simplificada, podemos ver a questão em termos de “quem pode” e “quem não pode” (Queirós, 2019, p.21), ou seja, “quem possui capital (...), escolhe o espaço que pretende ocupar e detém uma margem de autonomia considerável quer na definição da representação desse espaço, quer na definição da proximidade ou distância face a outros espaços e grupos sociais”; quem não possui capital, sob as suas diversas formas, económico, cultural, social, “tenderá a ver-se circunscrito a um espaço outorgado por outrem e cuja memória, identidade e projeto serão, na maior parte das situações, heteronomamente constituídos” (Queirós, 2019, p.21).

O Estado intervém sempre nesta relação desigual, sendo que as suas manifestações desafiam a configuração da ação pública. Em Portugal, ao longo dos últimos cem anos, em especial, houve diversos programas públicos orientados para a resolução de problemas habitacionais (Queirós, 2015; Agarez, 2018), sendo de salientar, já em democracia, e entre outras iniciativas, o programa SAAL – Serviço de Apoio Ambulatório Local (1974), o PER – Programa Especial de Realojamento (1993) ou, mais recentemente, o Programa “1º Direito”, associado à chamada “Nova Geração de Políticas de Habitação” – NGPH (2018). Todavia, a par da desarticulação de escalas, temáticas, destinatários e territórios que as políticas de habitação têm conhecido nas últimas décadas, e perante quadros políticos e financeiros instáveis, a que se juntou o agravamento das condições de vida, muito tem ficado por fazer. Os problemas persistem e os protestos sociais e contestações replicam-se, com a finalidade de dar “voz” e visibilidade à questão do “direito à cidade” e à habitação. As desigualdades no acesso à habitação tornaram-se cada vez mais acentuadas, afetando camadas mais vulneráveis, mas também as classes médias urbanas (Mendes, 2020).

Em 2017, a criação da Secretaria de Estado da Habitação representa a assunção de um compromisso governamental para a definição de uma “Política Pública de Habitação”, dita “de visão global e estratégica”. Em 2018, é lançada a já mencionada NGPH, que representa, de acordo com Mendes (2020, p.77), “um momento discursivo governamental inovador na tentativa de resolução dos problemas estruturais que se têm colocado ao avanço do Direito à Habitação” em Portugal. A NGPH propõe um “discurso assertivo, estratégico e pró-ativo”, mas também uma “visão holística, integradora e intersectorial” (Mendes, 2020, p.78), no que respeita ao lançamento de uma “Política Pública de Habitação”, com o intuito de

(...) dar resposta às famílias que vivem em situação de grave carência habitacional, garantindo que a gestão do parque habitacional público concorre para a existência de uma bolsa dinâmica de alojamentos capaz de dar resposta às necessidades mais graves e urgentes de uma forma célere, eficaz e justa; Garantir o acesso à habitação aos que não têm resposta por via do mercado, incentivando uma oferta alargada de habitação para arrendamento a preços acessíveis e a melhoria das oportunidades de escolha e das condições de mobilidade dentro e entre os diversos regimes e formas de ocupação dos alojamentos e ao longo do ciclo de vida das famílias (Mendes, 2020, p.83).

Deve dizer-se, sobre isto, que, apesar de as últimas décadas terem dado palco a vários processos participativos locais, a construção dos instrumentos de planeamento territorial e as políticas habitacionais continuam a ser pouco permeáveis a um maior envolvimento direto dos/as cidadãos/ãs. Allegretti e Dias (2019, p.23) referem que a NGPH é uma aposta na “reorientação da centralização da política de habitação do objeto (a ‘casa’) para o objetivo (o ‘acesso à habitação’), a criação de instrumentos mais flexíveis e adaptáveis a diferentes necessidades, públicos-alvo e territórios” e uma aposta na “grande proximidade aos cidadãos”. Serão estas vontades mais um elemento numa história de grandes desejos, mas poucas realizações, como parece sugerir a polémica e os impasses que, mais recentemente, suscitou o “pacote” legislativo designado como “Mais Habitação”?

### **1.2.3. HABITAÇÃO PÚBLICA E AÇÃO MUNICIPAL**

Ao descentralizar para os municípios competências no domínio das políticas de habitação e da provisão de alojamento, o Estado central atribui a estes um papel central na definição de estratégias locais de habitação, nos respetivos territórios, que possibilitem conjugar a resolução das situações de carência habitacional com a reabilitação de parte do parque habitacional urbano e a utilização de fogos devolutos (Mendes, 2020). Numa lógica de descentralização e de subsidiariedade, bem como de fomento da participação pública, este papel dos municípios revela-se decisivo, tanto mais que são eles que se considera estarem mais próximos dos indivíduos e famílias, tendo, portanto, a responsabilidade de assegurar o envolvimento dos destinatários, direta ou indiretamente, na definição e concretização das soluções habitacionais e sociais que lhes são destinadas. Allegretti e Dias (2019) indicam que, com a descentralização e a subsidiariedade da execução direta das medidas, transfere-se também para os municípios a responsabilidade em termos de promoção de participação cidadã, cabendo-lhes a resolução de problemas como os que se relacionam com focos de conflito grupal ou territorial a propósito da habitação e do espaço habitado.

Apesar da existência de diferentes níveis e tipologias de processos participativos, especialmente a partir da ação das autarquias locais, que têm contribuído, com a sua ação, para enriquecer o debate sobre as necessidades e as aspirações dos habitantes, e sobre a transformação das políticas públicas, que gradualmente se vão abrindo a uma maior flexibilidade e adequação ao território, o que parece verificar-se é que as verbas existentes condicionam as opções, quer em matéria de localização do empreendimento, qualidade construtiva e soluções construtivas, aspetos decisivos na produção ou não de formas de segregação socioespacial e na marginalização dos bairros de habitação pública (Carreiras, 2018; Allegretti & Dias, 2019), quer no desenvolvimento de formas de trabalho social e intervenção comunitária complementares à construção dos alojamentos. Estas questões remetem, uma vez mais, para a noção de que o espaço urbano e o espaço habitado são construções políticas e para a compreensão de como o Estado é detentor de um papel decisivo nas lutas pela determinação, (re)apropriação e representação das respetivas configurações (Queirós, 2022). Também no plano da intervenção municipal – aliás, especialmente quando nos situamos neste plano – se afigura evidente que não chega realojar as pessoas ou “dar a chave da casa”, como tantas vezes se diz, mas é necessário, com igual peso, pensar nas estratégias de inclusão social, estratégias estas que implicam uma intervenção a longo prazo e que remetem habitualmente para resultados com menor visibilidade (Carreiras, 2018), mas também, tendo em conta que a participação cidadã faz parte do enunciado legislativo como princípio central da organização das políticas habitacionais, assegurando, para além disso, “a passagem da participação enquanto princípio à participação enquanto prática” (Allegretti & Dias, 2019, p.24).

Enquanto regulador, promotor e proprietário/senhorio da habitação pública, ao Estado, incluindo na sua expressão ao nível da administração local, cabe um papel decisivo, tanto mais que ele assume “uma importância decisiva na constituição da visão dóxica sobre o passado, o presente e o futuro” dos contextos que cria e gere (Queirós, 2019, p.195). Daqui resulta, sem dúvida, a necessidade de os serviços e as respostas públicas serem modernizados e adequados às novas exigências sociais, através do envolvimento e da delegação de poderes para as pequenas estruturas comunitárias, mais próximas dos/as cidadãos/ãs e dos seus problemas (Carvalho & Baptista, 2004), bem como da aposta decidida em dispositivos participativos nas políticas de habitação, como forma, aliás, de materializar o artigo 2º da Constituição da República Portuguesa,

que reforça precisamente a centralidade que a democracia participativa deverá ter na ação diária de todos os organismos que compõem o Estado (Allegretti & Dias, 2019).

## **1.3. RELAÇÕES SOCIAIS E VIDA QUOTIDIANA NUM BAIRRO DE HABITAÇÃO SOCIAL**

### **1.3.1. O ESPAÇO HABITADO COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL QUOTIDIANA**

O espaço que habitamos, não é, como nos diz Michel Foucault (2005) uma inovação permanente, mas sim um espaço com história, “um conjunto hierarquizado de lugares: lugares sagrados e lugares profanos, lugares protegidos e lugares, pelo contrário, abertos e sem defesa, lugares urbanos e lugares rurais” (p.224). Esta história e esta hierarquização do espaço vivido e habitado revela a sua grande heterogeneidade e força-nos a pensar na nossa posição no conjunto de relações que atravessam o espaço (Foucault, 2005). Para recorrer aos termos de Bourdieu (2001, p.223), o espaço “é o lugar, relativamente estável, da coexistência dos pontos de vista, no duplo sentido de posições na estrutura da distribuição do capital e dos poderes correspondentes, mas também de reações práticas a esse espaço ou de representações desse espaço”.

Nas sociedades contemporâneas, sociedades desiguais, existem dinâmicas de produção e transformação do espaço urbano que demarcam certos territórios como contextos material e simbolicamente desfavorecidos, desvalorizados e depreciados (Capucha, 2000; Queirós, 2019). Estes contextos de “marginalidade avançada”, de acordo com Wacquant, aqui lido por (Queirós, 2019, p.193), são

i) marcados pela descapitalização económica e cultural, pelo desemprego e pela precariedade; ii) relativamente isolados no interior da cidade ou na sua periferia; iii) bem delimitados do ponto de vista social e simbólico e alvo de uma persistente ação de vilificação, quer «a partir de baixo», (...) «quer a partir de cima», (...); iv) cuja situação particular se encontra cada vez mais desconectada das tendências macroeconómicas e, portanto, das vantagens que conjunturas favoráveis poderiam aportar; v) onde a fragmentação social e simbólica resultante da desproletarização, da precarização, da informalização e da genérica desidentificação face à coletividade são geralmente muito fortes; e vi) onde a alienação espacial, a dissolução do «o lugar» e a atomização tendem a manifestar-se com especial vigor.

Enfim, são espaços que, devido às suas imagens negativas, às condições em que se encontram do ponto de vista urbanístico, à escassez dos equipamentos e serviços, às dificuldades materiais

em que se encontra a maioria dos/as habitantes e ainda pela segregação de que são alvo, são denominados muitas vezes como “bairros pobres” das grandes cidades e das suas periferias (Capucha, 2000), podendo ser diferenciados em três tipos – os bairros clandestinos, os bairros de habitação social e os bairros populares das zonas antigas das cidades. No caso dos bairros de habitação social, ou “bairros sociais”, Carreiras (2018, p.69) nota que eles são muitas vezes “espaços excluídos e estigmatizados, áreas de concentração de situações sociais desfavoráveis e de grupos étnicos minoritários, potencialmente geradoras de elevado risco social”.

Gonçalves e Pinto (2001) apontam estes bairros, de propriedade da administração central ou local, como lugares nos quais as ambiguidades, a diversidade de representações sociais e os sentimentos de pertença e/ou rejeição são considerados elementos classificatórios específicos, mas também nos quais as conflitualidades, a insegurança e a visibilidade de certos fenómenos são dimensões reconhecidas como responsáveis pela produção de imagens públicas negativas. São, para alguns autores, “círculos de pobreza instalada” (Capucha, 2000, p.11), ora porque são bairros onde habitam os pobres, ora porque esses espaços contribuíram para reforçar a pobreza e dificultar o rompimento do seu círculo vicioso.

Para Capucha (2000), os fatores mais poderosos na produção e reprodução de situações de pobreza são os mercados de trabalho, da educação e da formação, da distribuição do rendimento e da capacidade de influenciar as decisões a todos os níveis de poder. Contudo, não nos podemos esquecer que estes fatores atuam com mais intensidade quando incorporados na vida das pessoas e quando se exprimem através das capacidades, disposições, ambições, experiências e redes de relacionamento características das mesmas. Queirós (2019, p.107), por seu turno, a partir de Bourdieu, sublinha a “violência inerte das coisas”, isto é, a violência que decorre do “efeito de destino” que está subjacente aos mercados escolares e de emprego, ao funcionamento do Estado e das políticas de habitação e ao racismo de classe que atua sobre aqueles/as que se encontram em lugares da relegação socioespacial.

A relação entre pobreza e território ocupado e vivido é sublinhada por Capucha (2000, p.9), quando diz que a “nova pobreza caracteriza-se, precisamente, pela ruptura dos laços sociais, isto é, pela produção de situações de «desfiliação» e crise das relações primárias entre os indivíduos «precarizados» e o seu meio” (p.9). Neste seguimento, surge a expressão “exclusão social”, que resulta da falta de oportunidades e da incapacidade dos indivíduos com menores recursos

materiais, culturais, sociais e políticos manifestarem os seus interesses e reivindicarem a ruptura com as condições e as imagens que os marcam (Capucha, 2000).

A residência em bairros com condições materiais degradadas, com uma imagem negativa e desvalorizada pode fragilizar, e com frequência fragiliza, a situação e as oportunidades dos habitantes, produzindo “identidades estigmatizadas”; “as dificuldades de reflexão sobre o presente e a incapacidade de definição de caminhos de futuro são provas irrefutáveis de tais ligações” (Gonçalves & Pinto, 2001, p.130). São cidadãos/ãs tendencialmente olhados/as como uma população com baixo poder económico e com baixas qualificações escolares e profissionais, onde o desemprego, a criminalidade e os conflitos predominam, sendo que esta imagem começa quando se reconhecem como beneficiários da habitação social as pessoas mais fragilizadas (Carreiras, 2018). É neste sentido que Pereira *et al.* (2001), indicam que, nem sempre, a promoção residencial das pessoas nestes bairros se transforma numa via essencial de integração social.

A marginalização e estigmatização de que estes/as cidadãos/as são, muitas vezes, alvo traz consequências internas e externas. Internamente, levam à desmoralização, o que, por sua vez, encoraja os/as habitantes a afastarem-se da comunidade, restringindo as suas redes sociais, esvaziando as instituições locais e condicionando a possibilidade de ações conjuntas. Externamente, contribuem para alterar a perceção e enviesar os juízos e ações dos diferentes representantes da sociedade, no que diz respeito ao emprego, à educação, ao consumo ou à resolução de problemas sociais diversos (Queirós, 2018).

Apesar das imagens negativas e estereotipadas, as pessoas nestes contextos não deixam de desenvolver “estratégias de distinção social” ou “procedimentos de revalorização individual” e até coletiva (Queirós, 2019, p. 127) para afastar ou modificar a imagem negativa de que são alvo. A forma como lidam com a experiência da rejeição socioespacial e da estigmatização territorial é uma forma de defesa e de manutenção de distância face às “identidades negativas” que sobre estas pessoas se projetam. Paugam (citado por Queirós, 2022), classificou estas estratégias em três tipos: evitamento, reconstituição de diferenças e desvio do descrédito. São estratégias, segundo Queirós (2022, p.32), que implicam o desenvolvimento de formas de distanciamento ou dissociação em relação às pessoas que são consideradas como fontes de “depreciação simbólica”.

Enquanto territórios excluídos e estigmatizados, os bairros sociais tendem a gerar em quem os habita sentimentos de desqualificação, de desintegração e de inferioridade em relação à restante sociedade, o que leva ao enfraquecimento e à rutura progressiva dos laços sociais, ao isolamento social e à desvalorização identitária, com consequências na definição de objetivos de vida e na participação na sociedade (Santos, 2019). Consequentemente, as pessoas tendem a desvalorizar as suas capacidades e/ou competências pessoais e sociais e, por isso, é necessário criar espaços e lugares de encontro para os/as moradores/as, sem considerar a sua condição económica, social ou cultural e onde a tolerância, a solidariedade e o pluralismo sejam evidentes.

Se é verdade que a situação destes bairros, tal como aqui aparece descrita, tende a gerar movimentos de isolamento, quebra de laços e dissociação face à comunidade, também não é menos verdade que há forças que tentam resistir e procurar a manutenção de relações de vizinhança, de amizade e associativas que consolidem a identidade intra e extra-bairro (Guerra, 2017). São relações pautadas pela procura de um maior sentimento de pertença, pela prevenção da solidão e do isolamento e pela promoção da satisfação de vida (Elvas & Moniz, 2010). Estas redes sociais vinculadas ao território, entendidas como alternativas face aos processos de segregação socioeconómica e espacial que atingem muitas destas comunidades (Gonçalves & Pinto, 2001), são decisivas para fomentar a criação de comunidades coesas, participativas e ativas, que possam contribuir para desconstruir as imagens estereotipadas destes espaços. Isto porque, tal como afirmam Elvas & Moniz (2010, p. 451), “quanto maior a integração e satisfação perante uma comunidade, maiores serão os benefícios individuais e comunitários”. A nível individual, um maior sentimento de comunidade leva a experimentação de níveis elevados de bem-estar, qualidade e satisfação de vida, de justiça social, bem como menor solidão e isolamento; a nível grupal e/ou comunitário, verifica-se uma maior colaboração e força comunitária, mobilização e participação em torno da mudança social (Elvas & Moniz, 2010).

### **1.3.2. O BAIRRO DE HABITAÇÃO SOCIAL: ESPAÇO SEGREGADO E ESTIGMATIZADO OU ESPAÇO DE PERTENÇA COMUNITÁRIA?**

O processo de construção de identidades locais é complexo. Como antes se disse, não é infrequente que a segregação e estigmatização do bairro gerem “identidades negativas” e formas

de revalorização identitária e de dignificação pessoal que passam pela denegação do estigma, pela lateralização do descrédito ou pela dissociação face ao espaço habitado e aos grupos que são considerados os responsáveis pelos “problemas” e pela “má imagem” do bairro (Queirós, 2019). Mas em contextos deste tipo não é inevitável que assim seja e há também muitos exemplos de tendências de alguma forma opostas. Veja-se, por exemplo, o que acontece com as expressões do chamado “bairrismo”. O bairrismo é exatamente uma forma de apego e/ou dedicação a um bairro com características próprias, típicas e distintivas, ou seja, por outras palavras, é o peso significativo da identidade do bairro na construção e sedimentação de traços de identidade das próprias pessoas que nele cresceram e habitam (Venâncio, 2019).

Citando Gonçalves (1994, p.135), a identidade é “eminentemente relacional, já que resulta do relacionamento dos indivíduos em sociedade e de toda a multiplicidade de referências identitárias com que estes se deparam e através dos quais se geram processos de identificação/integração”. É um processo que depende de aspetos sociais e culturais, dos percursos de vida dos indivíduos, das suas condições e estratégias sociais, não sendo por isso um processo uniforme, mas antes um processo que se vai desenvolvendo e manifestando de forma diferenciada de acordo com as circunstâncias históricas, económicas, políticas e sociais específicas de cada realidade nacional e local (Gonçalves, 1994: Queirós, 2019).

Para Pinto (1991), a identidade constrói-se através de dois processos: o processo de integração ou inclusão e o processo de indiferenciação ou exclusão. Enquanto o processo de integração ou inclusão se refere à pertença e à identificação da pessoa com grupos sociais mais alargados, o processo de indiferenciação ou exclusão diz respeito à necessidade da pessoa se distanciar pela procura da diferença e da autonomia (Pinto, 1991). Em contextos de habitação e de vida como os bairros de habitação social, a produção da identidade está muito relacionada com o sentimento de comunidade, que, por sua vez, significa sentimento de pertença a um grupo de pessoas que se consideram “similares, agindo de forma interdependente para a satisfação das suas necessidades” (Elvas & Moniz, 2010, p.452).

Construída localmente a partir do sentimento de pertença a um grupo com o qual se tem afinidade, a identidade pode permitir diminuir a exposição à negatividade que o contexto socioterritorial possa ter e transferir para os seus habitantes, compensando também a falta de oportunidades e meios para se pertencer a espaços de relações sociais capazes de possibilitar autonomia e

realização pessoal e coletiva (Queirós, 2019). Fala-se, neste sentido, de identidade coletiva, identidade que procura valorizar e evidenciar aquilo que os bairros têm de bom, de que a população local é produtora e portadora. A identidade coletiva decorre de um perfil identitário que cada morador/a vai incorporando, no contexto social local e no decorrer das experiências e conhecimentos aí adquiridos e que é ativado nas mais variadas circunstâncias da sua vida social e dos relacionamentos sociais. Sendo consolidada e partilhada, ela forma os novos membros, reproduzindo-se através da “teia relacional densa que se tece entre eles, o quadro de interação local, as formas culturais que ali criam e recriam, os processos sociais que protagonizam em conjunto” (Costa, 2008, p.109), num determinado espaço e tempo.

Tensa e sempre em risco de crise, a identidade coletiva característica de um bairro, por exemplo, implica que os/as moradores/as a reconstruam permanentemente, através de estratégias direcionadas para a sua preservação e reforço. Em territórios estigmatizados, isto é ainda mais importante, pois trata-se de (re)construir e mobilizar a identidade como forma de defesa face à identidade negativa associada à residência nesse contexto, isto é, como forma de resistência face ao estigma (Guerra, 2017; Queirós, 2019). Elvas e Moniz (2010), numa investigação que procurou perceber a relação existente entre o sentimento de pertença e a satisfação e qualidade de vida das pessoas que habitam em bairros sociais, concluíram que o desenvolvimento da identidade coletiva permite não só o envolvimento efetivo na resolução de problemas comuns e comunitários, como também o reforço do sentimento de pertença e o desenvolvimento de um maior nível de coesão e de bem-estar individual e coletivo.

Mas não é fácil garantir os processos de permanente (re)construção identitária, em especial em contextos como estes. Em muitos bairros sociais degradados e estigmatizados, a identidade coletiva perde a sua força, visto que, de acordo com Pinto (1994), as referências identitárias em relação ao bairro tendem a acentuar o desgosto face a este tipo de espaços. Além disso, e isso é talvez o que mais se torna evidente em muitos espaços, a vida quotidiana e as perspetivas dos residentes aproximam-se cada vez mais do que acontece na cidade como um todo, prevalecendo o anonimato e a individualização, por um lado, e reforçando-se, por outro, a pluralidade de vidas e de perspetivas face ao contexto socioterritorial e às questões da identidade coletiva.

Atualmente, assiste-se a uma grande heterogeneidade identitária, o que leva a um certo enfraquecimento das redes de vizinhança, ao desenvolvimento e expressão de sentimentos de

solidão, ao isolamento físico e social, ao menor convívio entre vizinhos, à restrição das sociabilidades à esfera do lar, bem como, em alguns casos, ao aumento da conflitualidade e da disfuncionalidade, com perda de sociabilidades locais, daqui decorrendo a perda de fatores de promoção da identidade coletiva (Guerra, 1998). Para Guerra (1998), a diversidade dos grupos sociais, os percursos de vida, os hábitos, os estilos e as fases do ciclo de vida influenciam a questão da identidade, aproximando as pessoas de uma vida mais “citadina”. Em cenários de maior desigualdade e tensão social, isto pode traduzir-se na desvitalização do associativismo, no descrédito das formas de organização e ação coletiva e na “autoimposição de formas de restrição sociabilitária (...), a definição e consolidação de distâncias, o surgimento de «rivalidades» e «atritos» interpessoais e a dessocialização da vida quotidiana do bairro” (Queirós, 2019, p.138).

Seguindo este quadro de análise, e sabendo que a construção de identidades é “mais-valia simbólica” (Pinto, 1991, p.220), em contextos socioterritoriais simbolicamente degradados ganha mais premência o desenvolvimento de oportunidades e estratégias para criar relações e identidades coletivas. Isto porque, como visto, o sentimento de comunidade promove um maior sentimento de autoconfiança, facilita as relações sociais, previne a solidão, ao mesmo tempo que fomenta o envolvimento ativo e efetivo dos/as moradores e a mobilização comunitária em prol da resolução dos problemas e necessidades comuns recursos (Elvas & Moniz, 2010).

A intervenção comunitária pode assumir-se, neste contexto, como ferramenta essencial, ao potenciar a emancipação da população e a mobilização de recursos, tendo em conta a sua participação ativa, efetiva e democrática no estudo, planeamento e execução de projetos comunitários, destinados a melhorar a realidade social da população (Ander-Egg, 2003). Através da promoção das competências, das capacidades, da autonomia e da participação da comunidade, sob múltiplas formas, a intervenção comunitária favorece processos em que as pessoas se tornam progressivamente disponíveis para exercer o direito e a responsabilidade de participar nos assuntos da comunidade, envolvendo-se ativamente na resolução dos seus próprios problemas (Ander-Egg, 2003; Carvalho & Baptista, 2004). Em contextos socioterritoriais marcados pela fragmentação das sociabilidades e das solidariedades, ela pode potenciar uma maior organização e mobilização das pessoas e das comunidades, o que, por sua vez, contribuirá para o aumento do sentimento de pertença e identidade coletiva, para um maior sentimento de proteção e segurança e para o desenvolvimento de um maior nível de coesão, bem-estar e satisfação dos indivíduos (Elvas & Moniz, 2010).

## 2. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

### 2.1. DESENHAR E DESENVOLVER UM PROJETO NO HORIZONTE DA INVESTIGAÇÃO-AÇÃO PARTICIPATIVA

Numa época em que a investigação e a reflexão em ciências sociais e humanas “desceram à rua” (Cortesão, 1990, p.85), desenvolver e orientar um projeto de educação e intervenção social implica eleger um modelo metodológico que oriente todo o processo para uma perspetiva de compromisso, de articulação e de partilha. Logo, se se ambiciona a coconstrução de um projeto que seja um processo de transformação emancipatória, há que selecionar uma metodologia capaz de desenvolver um processo de consciencialização e reflexão nos e com os/as agentes sociais sobre aquilo que é necessário transformar, assegurando que o conhecimento produzido e adquirido seja significativo para possíveis melhorias, alterações, mudanças, e para que possamos, em conjunto, criar, através da participação e do envolvimento de todos/as, alternativas e soluções. Neste âmbito, para o desenvolvimento deste projeto, procurámos selecionar caminhos e processos de conhecimento adequados ao contexto e, portanto, fundamentamo-lo no chamado “paradigma emergente” e na IAP (Santos, 1999; Lima, 2003).

Se pretendemos promover o envolvimento, o conhecimento coletivo, o auto e heteroconhecimento e a transformação, então é imperativo que se rompa com os paradigmas tradicionais, que negam o carácter racional de formas de conhecimento que não se rejam pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas, dando, pelo contrário, espaço a pressupostos que procurem compreender as motivações das pessoas e das suas ações, e a iniciativas marcadas pelo conhecimento emancipatório e pela transformação, assentes no questionamento e no diálogo (Lima, 2003; Carvalho & Baptista, 2004). O “paradigma emergente” é, pois, o guia para o presente projeto, visto que ambiciona uma prática pautada pela ideia de que “conhecer é reconhecer, é progredir no sentido de elevar o outro da condição de objeto à condição de sujeito – conhecimento emancipação”, ou seja, “o outro só pode ser conhecido enquanto produtor de conhecimento” (Santos, 1999, p. 206). É um paradigma que discute as dimensões de uma abordagem científica de cariz transformador, crítico e interventivo, no qual o conhecimento é produzido através do contacto pessoal com os atores sociais, em cada contexto, para clarificar

os conceitos que orientam as práticas e para perceber a forma como os mesmos vivem as situações, visando a mudança social através da capacitação dos/as sujeitos/as (Lima, 2003).

Em consonância com esta lógica, a metodologia de IAP é o elemento balizador de todo o projeto, por permitir que se enverede por caminhos que dão prevalência às pessoas e à “paixão”, dando voz à palavra do outro (Monteiro, 2019). Ao possibilitar a construção de conhecimento através do diálogo e ao adaptar-se à imprevisibilidade e diversidade dos contextos sociais, é uma metodologia que “visa transformar a partir das pessoas e dos contextos” (Monteiro, 2019, p.68) e, portanto, coloca a reflexão crítica sobre a realidade das pessoas como base para a aprendizagem, promove a participação na análise e tomada de decisões, favorece a responsabilização (Lima, 2003) e possibilita conhecimento participado e autoconhecimento.

Em projetos que ambicionam ser geradores de mudança, assentes nesta dimensão negociada, participada e abrangente, a investigadora e interventora social vai ser um elemento de valorização do conhecimento local, procurando centrar-se nas competências dos/as participantes e no seu desenvolvimento, através de uma intervenção colaborativa e libertadora (Santos & Bertão, 2020). Deste modo, a investigadora prefere fazer pesquisa sobre um problema, ao invés de procurar resolver um problema, procurando examinar a realidade com os/as próprios/as participantes, promovendo espaços democráticos onde estes/as possam ter a “oportunidade de se autorrecriar, reconstruindo a sua história, reinventando-a” (Cardoso & Moreira, 2017, p.102).

Nesta linha de pensamento, temos uma investigadora coletiva, que ajuda a criar condições para que os/as sujeitos/as possam ter o direito de falar sobre si e por si mesmos/as, de construir a sua própria comunidade, os seus códigos e a sua justiça e, portanto, ajuda a proporcionar “a pluralidade de saberes (...) a comunicação entre estes saberes e seus/suas agentes, criando condições para um diálogo de diferenças” (Monteiro, 2019, p.78). Para tal, munida de características como a empatia, a escuta ativa, a presença, o respeito, a aceitação, a proximidade e o olhar crítico e reflexivo, será capaz de desenvolver um estudo holístico e sistemático da realidade, o que lhe possibilitará uma intervenção diferenciada, flexível, inovadora e particular, adequada ao contexto e às pessoas, que vise a mudança e a transformação (Timóteo & Bertão, 2012; Santos & Bertão, 2020). Neste sentido, os/as sujeitos/as também se tornam investigadores/as ativos, participando na identificação das necessidades e dos problemas, na procura de informação, na tomada de decisões e nos processos de reflexão e ação.

No projeto “Há Vida em S. Lázaro”, a IAP potencializou a consciencialização e a mudança dos/as diferentes participantes e do grupo e tornou visível a pertinência das dinâmicas locais, do auto e do heteroconhecimento e da ação num processo de transformação emancipatória (Lima, 2003; Cardoso & Moreira, 2017). Todavia, sabendo que o projeto nasceu da convicção de que todo o percurso a percorrer deveria ser um processo de transformação, mudança e emancipação, alicerçado pelas vivências, experiências e sentimentos dos/as sujeitos/as, na prática, desenvolver um projeto orientado para uma ação e reflexão coconstruída pelos/as intervenientes exigiu um “um sólido pensamento metodológico, capaz de lidar com a incerteza, sem ceder ao relativismo” (Monteiro, 2019, p.68).

Apesar de o projeto ter sido desenvolvido no horizonte da IAP, questionámos, ao longo de toda a investigação e intervenção, se a IAP não seria uma aspiração ela própria “utópica”, sobretudo uma vontade ou referência. Mas o projeto quis prosseguir esse horizonte e assentou efetivamente nos princípios da IAP: a autora deste documento e os/as demais participantes construíram conhecimento pertinente e necessário em conjunto, o que promoveu a “*praxis* consciencializadora”; cada um/a contribuiu com o seu conhecimento, o que, por sua vez, criou uma nova visão da realidade; e todo o processo partiu das situações reais dos/as envolvidos/as, da comunidade e dos seus problemas e necessidades reais (Lima, 2003). Contudo, por vezes, as restrições e exigências da inserção num quadro organizacional predeterminado, no caso, numa autarquia local, com as suas regras e agenda, suscitou outros caminhos, mais distante da IAP, limitando a autonomia dos atores na determinação dos caminhos a seguir, restringindo o direito dos/as moradores/as a falarem por si próprios/as, não abrindo mais portas ou oportunidades para uma relação aberta e horizontal com a política à escala local e do bairro. O projeto “Há Vida em S. Lázaro” procurou contornar estas limitações, tentando sempre que os/as moradores/as fossem o centro e a chave do projeto (e não a autarquia), e tendo como princípio delineador novas “formas de saber descentradas, emancipatórias e comprometidas com a capacidade e o direito de cada pessoa e de cada comunidade produzir e organizar o seu próprio discurso e a sua própria narrativa” (Monteiro, 2019, pp.75-76).

## **2.2. A RELEVÂNCIA DA INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA EM PROJETOS SOCIAIS: O PAPEL DA EDUCADORA SOCIAL**

O estudo de uma realidade que, crescentemente, se torna complexa e de difícil entendimento implica envolvimento e abertura à dúvida e à incerteza. Imprescindível é a atenção às características dos grupos sociais envolvidos; o estudo vai sendo aprofundado de forma flexível e adaptável e, acima de tudo, vai sendo construído através e ao longo da ação e em conjunto com os/as agentes implicados/as, o que leva à “passagem do desejo à intenção e da intenção ao acto” (Cortesão, 1990, p.89).

A intervenção social é um processo em que uma pessoa e/ou comunidade se assume como um recurso social para outro e com ele interage, comunica e participa, para que, em conjunto, possa ser dada resposta a uma série de necessidades sociais, potenciando a mudança pretendida. Num quadro de mudança como o atual, acentua-se, cada vez mais, a urgência de ações educativas que promovam o bem-estar das pessoas e, por isso mesmo, assiste-se a uma readaptação das formas de intervenção social, o que, por sua vez, culmina na intervenção comunitária e na promoção do desenvolvimento comunitário, de forma implicada e participada, e tomando como base a capacitação dos agentes para a mudança (Ander-Egg, 2003; Cardoso & Moreira, 2017).

É certo que, ao longo presente relatório, já foram sendo dadas pistas sobre os fundamentos da abordagem preconizada. Mas, neste ponto em concreto, pretendemos enfatizar a intervenção comunitária como uma ferramenta capaz de promover o desenvolvimento pessoal e social, a aprendizagem, a mudança, a educação, a formação e a tomada de voz das pessoas e/ou grupos, com base na sua participação e envolvimento.

A intervenção comunitária surge como “um novo campo educativo, uma proposta de trabalho em educação que se caracteriza por partir dos problemas e contar com a participação das populações, tornando-se elas próprias as protagonistas da mudança social” (Antunes, 2010, p.189). Isto conduz à necessidade de repensar as formas de atuação, as formas como intervimos e, mais em geral, as formas como abordamos as relações humanas (Cardoso & Moreira, 2017).

Freire e Caetano (2014) afirmam a importância da intervenção comunitária como motor para o desenvolvimento de uma comunidade e de um grupo, uma vez que a mesma potencia a partilha de saberes, de significados, a construção de relações intersubjetivas e o reconhecimento mútuo. É, por isso, estimuladora do desenvolvimento das relações humanas, da afetividade, da responsabilidade, da participação cívica, do bem e da justiça, que, de certa forma, “favorecem e

intensificam as relações que ocorrem no interior de uma determinada comunidade e entre comunidades, e concorrem para a construção de uma identidade cívica comum, de uma cidadania coletiva” (Freire & Caetano, 2014, p. 2). Neste sentido, e retomando o contexto em que o projeto se insere, Freire e Caetano (2014) vão mais longe e falam da “mediação comunitária” como uma via para a tomada da consciência de injustiças sociais e de atuação em prol da reivindicação dos direitos sociais, mas também como um canal que cria laços, transforma relações, desenvolve solidariedades e gera dinâmicas de participação, comunicação e confiança.

A intervenção social é, assim, a ferramenta e o desenvolvimento comunitário aquilo é o que se almeja, na seguinte lógica: a necessidade de dar resposta aos problemas das pessoas e/ou dos grupos, através de ações que promovam o seu bem-estar; e a necessidade de promover o conhecimento da ação por si, enquanto se investiga e age simultaneamente, e enquanto se considera o ator social como parte central do processo (Cardoso & Moreira, 2017). Para Antunes (2010, p.191), neste contexto, a intervenção e o desenvolvimento comunitário surgem como novos campos, entendidos como “um bem social básico”, na medida em que contribuem para o desenvolvimento de projetos sociais, comunitários e democráticos, ao terem como premissa a presença e a participação ativa dos atores sociais em todo o processo de intervenção.

Neste quadro, assume centralidade a educação social, o “saber próprio do universo da pedagogia” e da “experiência da ação no terreno do trabalho social” (Carvalho & Baptista, 2004, p.7). E, por isso, no contexto específico em que se insere o presente projeto, considerou-se que a atividade da profissional seria relevante para apoiar as pessoas na (re)definição e (re)construção de projetos de vida individuais e coletivos, tendo como base os processos de participação, de descoberta e de desenvolvimento dos atores. Só assim é que estes projetos possibilitam a construção de (novos) laços sociais, a coesão social e territorial e a promoção de contextos de convivência e interação positiva, construtiva e sustentável. Só assim eles se afirmam enquanto processos negociados, participativos e transformadores de conhecimento e de intervenção, narrados pelas próprias pessoas valorizando as suas escolhas e experiências. Para tal, é necessário que o âmbito de intervenção assente sobretudo numa perspetiva de questionamento, de reflexão, responsabilização e transformação do mundo atual e da realidade que nos rodeia.

## 2.3. MÉTODOS E TÉCNICAS DE RECOLHA E ANÁLISE DE DADOS

A IAP, enquanto quadro lógico e metodologia que suscita a permanente copresença e ajustamento face à realidade dos/as participantes, encarados sempre como protagonistas da investigação e da ação, e que se adapta à imprevisibilidade e diversidade dos contextos (Santos & Bertão, 2020), abarca “um enorme campo de possibilidades quanto a métodos e técnicas, cuja validade é determinada pela adequação aos atores e aos contextos” (Monteiro, 2019, p.68). Neste âmbito, recorreu-se a um conjunto diversificado de técnicas para a recolha de informação, com o propósito de conhecer e analisar aprofundadamente uma realidade necessariamente complexa (Cortesão, 1990). O que se quis foi selecionar caminhos e processos de conhecimento adequados ao contexto e às pessoas, para que se pudesse assim iniciar um processo emancipatório e o mais participado possível de produção de conhecimento, através do qual fosse possível desenvolver diálogos e aceder às várias interpretações dos atores sociais sobre a sua realidade.

Apesar de se terem privilegiado os métodos e técnicas ditos qualitativos, também se mobilizaram métodos e técnicas de cariz quantitativo, procedendo-se, assim, a uma triangulação da informação recolhida através das diferentes técnicas, nomeadamente: recolha e análise documental, encontros e conversas informais, observação participante, entrevistas, *focus groups* e inquérito por questionário.

A análise documental é uma técnica fundamental, uma vez que consiste na pesquisa, na leitura e na análise de documentos que contêm informação relacionada com o contexto em causa, o que permite realizar inferências válidas e repetíveis a partir dos dados e em relação ao seu contexto (Coutinho, 2014), possibilitando a comparação entre os dados registados documentalmente e aquilo que as próprias pessoas fazem e dizem sobre a realidade em causa. Neste projeto, foram analisados vários documentos, como documentos da CMA, o Diagnóstico Social de Amarante, a Carta Social, a ELHA, entre outros.

A observação participante decorreu ao longo de todo o projeto, no contexto de vida dos/as participantes e através da interação com os/as mesmos/as e com os/as profissionais da DDCS. Permitiu ter uma postura de envolvimento e de interação próxima com os/as moradores/as e

nas atividades realizadas, mantendo, contudo, a necessária postura de espírito crítico (Coutinho, 2014). Este método incluiu ora momentos mais intensos e estruturados de imersão no contexto, ora encontros e conversas informais, com os/as moradores/as, com os/as técnicos/as da DDCS (apêndice C e apêndice D), com as técnicas da HS e com outras pessoas implicadas na vida da Urbanização de S. Lázaro. Todos estes momentos e processos de observação possibilitaram o diálogo e a interação, bem como uma compreensão mais adequada e vívida da realidade das pessoas, através das suas perspetivas (Coutinho, 2014,) e a criação de um espaço para o estabelecimento de relações que permitissem a troca mútua de experiências, ideias e saberes.

Ainda a par da observação participante, recorreu-se ao diário de bordo, assumindo este como “o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo” (Bodgan & Biklen, 1994, p.150). No diário de bordo, foram incluídas a descrição assídua das experiências, das conquistas, das observações detalhadas das hesitações, dos desapontamentos e das sensações que foram sendo despertadas ao longo dos meses, historiadas na primeira pessoa, de uma forma que se quis genuína e transparente. É uma reflexão sobre todo o processo de coconstrução de conhecimento, numa perspetiva colaborativa e participativa, de partilha, reflexão, comunicação, diálogo e escuta.

Já a entrevista, ao potenciar “a análise do sentido que os atores dão às suas práticas e aos acontecimentos com os quais se veem confrontados” (Amado & Ferreira, 2014, p.207), ao conceber valor ao discurso dos indivíduos e ao proporcionar a interação entre entrevistador/a e entrevistado/a, possibilita a recolha de dados descritivos na linguagem dos/as sujeitos/as, permitindo compreender a forma como os/as mesmos/as interpretam os aspetos de um certo tema (Bodgan & Biklen, 1994). Neste projeto, recorreu-se à entrevista semiestruturada, com o intuito de recolher perspetivas sobre a problemática em estudo junto de protagonistas relevantes, através de conversas guiadas por um conjunto de temas e questões (apêndice E e apêndice F), mas suficientemente adaptável e flexível para se respeitar os quadros de referência dos/as entrevistados/as (Bodgan & Biklen, 1994). As entrevistas foram realizadas à técnica da HS responsável pela Urbanização (THS1), visto que a mesma dispunha de um conhecimento aprofundado nesta área, pelo trabalho que desenvolve no quadro das outras respostas sociais; e às representantes de entrada, uma vez que estas, além de terem um conhecimento mais profundo e realista daquele contexto, também são as moradoras que mais diretamente ouvem e retêm as necessidades dos/as outros/as moradores/as e que atuam em prol da colmatação das mesmas.

A sugestão de realização de um inquérito por questionário partiu das técnicas da HS, por esta ser uma técnica adequada ao número de agregados familiares de S. Lázaro, mas também por permitir conhecer os/as sujeitos/as em relação a um conjunto de variáveis de interesse quer para o trabalho de investigação (Sá, Costa & Moreira, 2021), quer para o aprofundamento do conhecimento da CMA acerca deste seu espaço habitacional, foi acolhida e promovida também neste trabalho. A aplicação do inquérito por questionário, através da utilização da plataforma *Google Docs*, ocorreu, num primeiro momento nas instalações da Casa da Portela, uma vez que os/as moradores/as tiveram de se deslocar aos serviços da CMA para a atualização de rendas e, num segundo momento, ocorreu na própria Urbanização. Contudo, uma vez que não foi possível encontrar todas as pessoas na Urbanização, alguns inquéritos ainda foram realizados via telefónica, sendo que esta via não constituiu um *handicap* para o estabelecimento de uma relação de respeito, interesse e confiança. Foram validadas 40 respostas, entre os dias 13 de janeiro e 24 de fevereiro de 2023, visto que, para além dos/as quatro moradores/as que recusaram responder ao inquérito, direito esse que lhes foi apresentado previamente, outros/as três moradores/as não se encontravam disponíveis para responder. Este inquérito por questionário (apêndice G) apresentou um guião composto por 43 questões, das quais 22 de resposta fechada e 21 de resposta aberta, sendo que 9 eram de resposta facultativa. Primeiramente, o questionário apresentava perguntas mais relacionadas com a caracterização do complexo habitacional e dos agregados domésticos e indivíduos. De seguida, surgiam questões, organizadas em três grupos, sobre tópicos como educação, situação económica e profissional, habitação, urbanização e comunidade e expectativas e necessidades.

Já o *focus group* foi utilizado como técnica complementar para provocar discussão entre os/as participantes do projeto, levando-os/as a refletir e a analisar todo o percurso percorrido, através da partilha de opiniões. O que diferencia o *focus group*, e o que levou à respetiva realização, foi o facto de, ao envolver o grupo, as interações e trocas estabelecidas permitirem extrair novos significados, construídos coletivamente, através da partilha de informações e da coconstrução de narrativas (Coutinho, 2013). O *focus group* apoiou-se num guião (apêndice H), ocorreu no final do projeto, no dia 4 de julho, com os/as moradores/as que participaram ao longo de todo o caminho, tendo depois o seu conteúdo, gravado de forma autorizada, sido transcrito (apêndice I) e analisado (apêndice J). A sua importância foi especialmente evidente em matéria de avaliação do percurso pelas próprias pessoas que participaram no projeto.

Com o intuito de permitir à investigadora servir-se daquilo que foi dito, bem como classificar a informação recolhida, os dados obtidos foram analisados e interpretados, através de diversos meios, e, em especial, através da análise de conteúdo categorial, que permitiu, mais do que confrontar e ilustrar hipóteses, criá-las de raiz pois a investigadora, além de assumir “o papel do ator” quis ver “o mundo do lugar dele” (Amado, Costa & Crusoé, 2014, p.305). Assim, no que diz respeito aos inquéritos por questionário, os seus resultados (apêndice K) foram analisados através de grelhas de análise (apêndice L), sendo que, ao longo de cada inquérito, também se foram registando algumas observações (apêndice M); as entrevistas foram transcritas (apêndices N, O, P, Q e R), para interpretar os dados obtidos, e, posteriormente, procedeu-se a uma leitura cuidadosa, atenta e ativa de cada entrevista, tendo-se categorizado os resultados através da análise de conteúdo, aplicando uma grelha de análise para cada uma das entrevistas realizadas (apêndices S, T, U, V e W). O diário de bordo foi igualmente objeto de releitura atenta e ativa, tendo vários dos elementos nele compilados sido mobilizados para complementar as demais técnicas de análise de dados e para apoiar a redação do presente documento.

## **2.4. AVALIAÇÃO PARTICIPATIVA EM PROJETOS DE EDUCAÇÃO E INTERVENÇÃO SOCIAL**

A educação e a intervenção social desenvolvem-se em contextos complexos, a partir de interações humanas e com a participação ativa e efetiva das pessoas (Santos & Bertão, 2020), sendo encaradas no contínuo melhoramento das ações que promovem a resolução de problemas e a inclusão da diferença (Cardoso & Moreira, 2017). Neste sentido, os projetos de educação e intervenção social surgem com a finalidade do empoderamento e do aumento da consciência crítica de todos/as os/as envolvidos/as e o objetivo da resolução participada de problemas. Devem ser processos flexíveis, democráticos e contínuos de interpretação e interação com a realidade social, ou seja, devem ser construídos ao longo de toda a ação, tendo em conta o tempo e o espaço das pessoas, colocando-as no centro da ação (Serrano, 2008; Cortesão, 1990).

Qualquer projeto deve contemplar, de forma transversal, a avaliação. Neste projeto, a avaliação foi assumida como um processo contínuo e em curso, sistemático e participado, permitindo que a mesma fosse concentrada na aprendizagem, na construção de significado e de mudança (avaliação de progresso), mas que também fosse possível comparar objetivos e resultados,

percebendo o que faltou realizar, o que poderia ter sido feito e o que não se atingiu (avaliação de resultados). Ou seja, foi perspectivada como um meio para melhorar a intervenção (Carvalho & Baptista, 2004) e, por isso, foi sendo refletida, impondo-se ao serviço das aprendizagens, do desenvolvimento de competências e da emancipação dos/as participantes. Falamos, de uma

avaliação participativa [que] torna a avaliação uma construção coletiva, composta por diversos atores. (...) Não envolve os atores apenas na coleta de dados, mas valoriza o debate e a construção coletiva do conhecimento, visando aumentar o poder dos participantes por meio do processo avaliativo. Auxilia os grupos a compreenderem melhor o problema e a pensarem alternativas de como modificá-lo. Propõe a emancipação dos envolvidos e o controle conjunto da avaliação, que irão se identificar com os resultados e as recomendações, tornando a avaliação útil à ação futura. Pois, a participação da sociedade civil organizada, em todas as etapas da avaliação, auxilia no avanço para a etapa do agir (Paim, Kovalski & Moretti-Pires, 2016, p.171)

Para tal, foram estabelecidos indicadores qualitativos e quantitativos, que aferiram quer o progresso do projeto e da participação dos/as moradores/as no mesmo, quer alguns dos principais resultados dessa participação.

Como indicadores qualitativos, definiram-se: a participação e envolvimento dos/as moradores/as em expressar e partilhar experiências, ideias e sentimentos relativos à vida em comum; a qualidade dos espaços de encontro e debate coletivo; as estratégias de comunicação e de organização que foram desenvolvidas por todos/as os/as participantes; a qualidade da participação, do envolvimento e da interação dos/as moradores/as no desenvolvimento das ações e das suas atividades; o reconhecimento, por parte dos/as moradores/as, da importância dos representantes de entrada; a articulação entre os/as participantes na construção de ações conjuntas e na resolução participada e coletiva dos problemas; a evolução da limpeza e da organização das entradas ao longo do projeto; o envolvimento, a participação e a presença dos/as moradores/as e das técnicas da HS na planificação e no desenvolvimento do projeto; e a identificação e procura, por parte dos/as moradores/as, de formas de colmatar a necessidade do desenvolvimento de competências essenciais para a vida.

Como indicadores quantitativos, definiram-se: o número de participantes que iniciaram e que concluíram o projeto; a assiduidade de cada participante; o número de parceiros que colaboraram em determinadas ações; o número de representantes de entrada antes e depois do projeto; e o número de encontros realizados ao longo do projeto. No capítulo 6 deste documento e nos apêndices dedicados a este tópico, podem ser encontradas informações detalhadas sobre a avaliação contínua e participativa realizada no âmbito do projeto.

### **3. CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO E ANÁLISE DA REALIDADE**

A caracterização e a análise da realidade implicam o reconhecimento, o mais completo possível, do contexto, o que pressupõe “examinar a realidade a estudar, as pessoas, o meio envolvente, as características e as circunstâncias que incidirão no desenvolvimento do projeto” (Serrano, 2008, p.29). É fundamental que a análise do contexto seja um processo contínuo de interpretação e de interação com a realidade social, uma vez que é desejável que a mesma tenha significado para as pessoas, para que estas, além de produzirem novos conhecimentos, possam refletir criticamente sobre a sua realidade, o que, conseqüentemente, produzirá mudança e desenvolvimento (Santos & Bertão, 2020).

Considerando o tempo disponível para a conceção e concretização do projeto e a disponibilidade dos informantes relativamente ao contexto em análise, foi necessário encontrar vias de recolha de dados que permitissem, por um lado, ouvir as pessoas, ou seja, “escutar a voz viva de quem está, de quem tem direito a ser, a ser-se, a ser com outrem” (Monteiro, 2019, p.82) e, por outro lado, coconstruir um projeto através do diálogo, da partilha e da reflexão e ajustado à realidade das pessoas. Privilegiou-se, pois, acima de tudo, uma visão cultural e relacional da cidade e do bairro, organizada em função da vontade dos/as seus/as moradores/as, como autores e atores sociais (Carvalho & Baptista, 2004). O presente capítulo procura reconstituir as dimensões da vida dos/as moradores/as através da apresentação de um conjunto de elementos de teoria e, sobretudo, de pesquisa empírica.

#### **3.1. O MUNICÍPIO DE AMARANTE**

O Município de Amarante situa-se na Região Norte de Portugal, pertence ao distrito do Porto e integra a sub-região do Tâmega. Situado ao longo da bacia do rio Tâmega, é o concelho com maior área geográfica do distrito, o mais populoso da sub-região do Baixo Tâmega e o que possui maior número de freguesias. Analisando de uma perspetiva intramunicipal, é notório que, nos últimos anos, se tem assistido a uma diminuição da população residente, evidenciando-se um despovoamento, notório sobretudo nas freguesias localizadas na margem esquerda do Tâmega. De acordo com os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE, 2021), em 2011, a população

situava-se em 56.164 indivíduos e em, 2021, em 52.116, sendo a maioria representada pelo sexo feminino. No apêndice X, podem obter-se alguns dados demográficos adicionais sobre o Município de Amarante e, no apêndice Y, está disponível uma caracterização mais pormenorizada deste território.

Seguindo a tendência nacional, verifica-se, em Amarante, um significativo índice de envelhecimento demográfico, que assume aqui contornos muito evidentes: por cada 100 crianças e jovens com menos de 15 anos, existiam, em 2022, 170 idosos, o que revela a dificuldade de renovação de gerações característica deste contexto, fenómeno demográfico que, por sua vez, leva ao aumento de população em situação de potencial vulnerabilidade social. Presencia-se, cada vez mais, e além do processo de envelhecimento, um número expressivo de famílias monoparentais femininas e isoladas, o que acarreta uma maior responsabilidade na organização económica, social e familiar por parte das mulheres. Além disso, é elevada a taxa de desemprego feminino (de 2.203 pessoas desempregadas, 1.462 são do sexo feminino, em 2021 – INE, 2021), o que se traduz numa maior procura de apoio social por parte das mulheres, fazendo destas um grupo persistentemente mais vulnerável à pobreza e à exclusão social (Seródio *et al.*, 2023).

Na década entre 2011 e 2021, de acordo com a Carta Social (Seródio *et al.*, 2023), verificou-se um aumento da população ativa. Porém, Amarante ainda é um concelho em que o nível de desemprego é considerável (2.493 habitantes inscritos no IEF) e em que subsistem significativos riscos de pobreza e exclusão social a (um quarto dos indivíduos e mais de 15% dos agregados estão em risco de pobreza).

Perante este quadro, acentuado pelos efeitos da conjuntura pandémica e pós-pandémica e da atual situação económica e social do país impõe-se ao Município a necessidade de desenvolver esforços coerentes e eficazes no âmbito da prevenção e erradicação da pobreza e da exclusão social. Neste âmbito e, para dar resposta a alguns problemas e/ou desafios da população amarantina, a ação da Câmara Municipal é decisiva, sendo especialmente relevante, na estratégia de desenvolvimento social e de promoção da coesão social, a ação da DDCS.

## **3.2. DIVISÃO DE DESENVOLVIMENTO E COESÃO SOCIAL DA CÂMARA MUNICIPAL DE AMARANTE**

### 3.3.1. A AÇÃO DA DDCS

A DDCS pretende desenvolver programas e medidas de intervenção e apoio social, em articulação com outros parceiros sociais, no sentido de atuar sobre os fenómenos de pobreza e exclusão social, de forma a procurar garantir à população amarantina as condições para o pleno exercício da cidadania. Para tal, desenvolve um conjunto de projetos e iniciativas de promoção da coesão social que visam minimizar a vulnerabilidade em que algumas pessoas e famílias vivem, e que decorrem de processos de privação económica, desfiliação, desqualificação e isolamento social. Contando com uma grande diversidade de serviços e respostas sociais (apêndice Z), apresenta-se como um organismo complexo e de difícil definição, intervindo com pessoas e famílias provenientes de vários contextos, que trazem consigo os mais diversos problemas pessoais e/ou sociais e numerosas demandas.

Trabalham na DDCS dezasseis profissionais, que se distribuem pelos seguintes setores de atividade: Habitação Social, Clube de Férias, Resposta de Apoio à Comunidade, Fundo Municipal de Emergência Social, Comissão de Proteção de Crianças e Jovens, Rede Social, Balcão Social, H. Sarah Trading, Subsídio ao Arrendamento, Ações de Combate à Violência Doméstica e de Género, Respostas de Apoio Psicológico, Centro de Informação Autárquico ao Consumidor, Serviço Municipal de Apoio ao Idoso, Universidade Sénior, Acompanhar & Reparar, Frutificar, Medida Infantil de Monotorização Antropométrica, Ementa Municipal, Regime de Fruta Escolar, Serviço de Atendimento e Acompanhamento Social, Balcão de Inclusão, Tarifa Social da Água e Construção e Recuperação de Habitações. Na sua ação diária, pretendem desenvolver um trabalho articulado, em equipa multidisciplinar e de forma pró-ativa, assente no diálogo e na escuta, o que propicia a interação, a partilha, a reflexão e a valorização do conhecimento local e da intervenção locais, visando intervenções adequadas à realidade da população. A dimensão relacional é assente na valorização da formação de vínculos de confiança e na construção de relações horizontais, na priorizando a relação com os outros e o trabalho articulado e na qual se procura criar um espaço de comunicação, de interação e de cooperação adequado ao contexto em causa<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Informação retirada do Diário de Bordo, dia 11 de novembro de 2022

### **3.3.2. O SETOR DA HABITAÇÃO SOCIAL CAMARÁRIA**

A resposta de Habitação Social, no Município de Amarante, destina-se a prover resposta habitacional, tendencialmente temporária e transitória, a agregados familiares em situação de grave carência e que não consigam obter outra situação habitacional (Regulamento nº 171/2017). Atualmente, este Município, através desta medida, pode apoiar até 240 famílias (Seródio *et al.*, 2023), distribuindo-se estas por 6 grupos habitacionais diferentes, sendo que 5 se localizam no Centro Urbano de Amarante e as frações restantes em Louredo e Padronelo.

Em 2023, estes agregados familiares correspondiam a 204 famílias (Seródio *et al.*, 2023); alguns dos critérios que sustentam a integração habitacional das famílias que recorrem a esta medida são: ausência de condições de habitabilidade; e baixos recursos económicos, motivados pelo desemprego e/ou pela desestruturação familiar. Destaca-se, neste contexto, a existência de famílias monoparentais, seguindo-se as famílias nucleares com filhos e, com menor representatividade, as famílias isoladas e alargadas. São, na sua maioria, famílias que se encontram em situação de vulnerabilidade social, pelo baixo nível de escolaridade e fracos recursos económicos e culturais, sendo que algumas destas famílias são consideradas “multiproblemáticas” e designadas como “multiassistidas”.

Dar resposta a todas as famílias com carências habitacionais torna-se cada vez mais desafiante, pela parca oferta habitacional, pela insuficiente reabilitação urbana e pela presença de um número relevante destas famílias ditas “multiproblemáticas”. De acordo com o Plano de Desenvolvimento Social 2015–2020 (Oliveira, Macedo & Oliveira, 2015), a habitação é um dos eixos com maior nível de prioridade de intervenção, para que “através do acesso a habitação condigna, se potencie a inclusão social de pessoas cuja vulnerabilidade socioeconómica não o permite”, e para que se promova a “coesão territorial, investindo-se no desenvolvimento de respostas que permitam a manutenção de vínculos sociais relevantes nas comunidades locais” (Seródio *et al.*, 2021, p.72). Ou seja, está identificada, em Amarante, essa necessidade de, através da participação ativa e efetiva dos/as moradores/as, planejar, desenvolver e avaliar atividades/dinâmicas nos complexos habitacionais.

### **3.3. A URBANIZAÇÃO DE S. LÁZARO**

Para se construir um projeto ajustado à realidade das pessoas, que respeite o seu tempo, o seu espaço e a sua opinião, através do diálogo, da partilha, da interação, da reflexão e do envolvimento e participação de todos/as, é imprescindível, ouvir aquilo que as próprias pessoas têm a dizer, visto que “é (...) nas pessoas (...) que reside a chave de um projeto de investigação e de ação” (Monteiro, 2019, p.71). Não sendo totalmente representativas, em termos estatísticos, as trajetórias, as experiências e os discursos dos/as moradores/as são de grande valor pela representatividade que assumem e, por isso, as próximas páginas, contam com o reflexo e o testemunho daqueles/as que, efetivamente, sabem o que é viver num bairro camarário.

### 3.4.1. CARACTERIZAÇÃO GERAL

A Urbanização de S. Lázaro situa-se no espaço urbano do concelho de Amarante, numa área relativamente central (apêndice AA). Além de ser uma Urbanização situada perto da zona urbana, também exhibe algumas diferenças em relação a outros bairros sociais do concelho: por um lado, apresenta linhas arquitetónicas que rompem com os modelos que normalmente caracterizam os bairros sociais (Figura 1) o que, de certa forma, poderá constituir um fator de integração urbana; por outro lado, o facto de a nomenclatura “oficial” do complexo habitacional ser “Urbanização”, e não “bairro social”, tenta contribuir para a demarcação de alguns estereótipos.



*Figura 1 – Urbanização de S. Lázaro*

Neste ponto, é importante refletir sobre a questão da nomenclatura: “Urbanização”. Será esta designação apenas uma forma de lateralizar a visão marginalizada e fatalista dos “bairros insociais”? Ou será uma tentativa de construção política de uma imagem pública diferente e valorizada do espaço? O que se pôde conferir no contexto foi que a denominação “Urbanização” quis, da parte da CMA, contribuir para deixar cair as representações sociais típicas que existem em relação a este tipo de contextos habitacionais (representações que, na verdade, os/as próprios/as agentes camarários acabam por assumir); mas esta é também uma designação já

apropriada pelos/as moradores/as para fazer referência ao espaço urbano em que habitam. Para os/as agentes locais, S. Lázaro “não é um bairro social” e, muito menos, um contexto material e simbolicamente degradado. Na verdade, parece ser o reflexo da concentração espacial de uma população heterógena, com um sistema de vida tipicamente urbano, que, todos os dias, convivem e tentam contrariar o estigma social, não porque o assumam, mas porque a sociedade o continua a veicular, quando o que está em causa é viver num bairro camarário.

Regressando à caracterização material da Urbanização de S. Lázaro, além de, no seu interior, existirem algumas atividades comerciais, verifica-se que a localização é central e acessível, estando o espaço próximo de áreas de comércio, farmácias, vias de transporte, estruturas desportivas, do rio Tâmega, da zona central da cidade e de trilhos pedonais. Todos estes aspetos foram salientados pelos/as moradores/as como relevantes, nos seus discursos sobre o respetivo local de residência.

As habitações da Urbanização são de diversas tipologias, sendo que as mesmas são atribuídas consoante o número de elementos do agregado familiar. Na sua maioria, as pessoas habitam em apartamentos T3, seguindo-se os T2, T4 e T1 (no apêndice AB, podem ser encontrados dados adicionais sobre a tipologia dos apartamentos). A Urbanização está dividida em três lotes (Lote 1, Lote 2 e Lote 3), cada um com duas ou três entradas (no apêndice AC, pode observar-se uma síntese da caracterização e análise de cada lote e, no apêndice AD, está disponível uma síntese da caracterização e análise de cada entrada dos lotes). Em relação às rendas, estas variam em função do agregado familiar e da condição socioeconómica do mesmo. Os/as moradores/as, de modo geral, encontram-se satisfeitos/as com a habitação, visto que está bem localizada, é ampla e suficiente para o agregado familiar, mas também porque é um repositório de memórias pessoais e familiares e um espaço de investimentos materiais e afetivos.

### **3.4.2. CARACTERIZAÇÃO SOCIOGRÁFICA**

Dos 47 agregados familiares residentes, e até janeiro de 2023, 36% correspondem a famílias isoladas, 23% são famílias monoparentais femininas, 15% são famílias alargadas, 13% são famílias nucleares sem filhos, 11% são famílias nucleares com filhos e 2% correspondem a famílias monoparentais masculinas. A população é composta maioritariamente por indivíduos do género feminino (64%), por pessoas em idade adulta e ativa (68%), geralmente com baixos níveis de

escolaridade, sendo que o desemprego de longa duração (22%) é notório, o que, por si só, constitui um fator de vulnerabilidade social. São estas dimensões que, reforçadas pelos efeitos dos escassos recursos económicos e culturais, comprometem as ambições de elevação dos estatutos sociais dos/as agentes sociais. No apêndice AE, encontram-se dados quantitativos sobre a caracterização sociodemográfica dos/as moradores/as e, no apêndice AF, podem ser obtidos dados referentes aos lotes. Na sua maioria, os/as requerentes habitam nesta Urbanização há mais de uma década, sendo que os motivos principais para integrar a habitação social foram a ausência de rendimentos, a degradação habitacional, a falta de retaguarda familiar, o desalojamento, a existência de uma família numerosa e problemas familiares.

Recorrendo à visão de Gonçalves e Pinto (2001), as questões da identidade surgem como uma estratégia de resposta a formas de estigmatização que a comunidade sente do exterior; no contexto específico da Urbanização em questão, estas encontram-se num “tabuleiro tridimensional”: o desemprego, a (auto)exclusão e as conflitualidades. Estas são categorias centrais nos diversos discursos dos/as moradores/as que, através de várias formas, “apreendem, (re)constroem e representam, para si, as imagens que reconhecem negativas” (Gonçalves & Pinto, 2001, p.130), imagens estas bastante enraizadas que a reabilitação física, terminada no verão de 2022, não pode apagar. Através dos discursos, é notório que os/as moradores/as desvalorizam algumas das suas competências, em virtude da situação socioeconómica em que se encontram, referindo, por exemplo neste caso, que “gostava de fazer mais, mas não tenho competências” (inquirido 7) ou “não me importo de morrer, já vivi muito” (inquirida 37). Estas questões são desenvolvidas mais à frente neste relatório.

### **3.4.3. PERCEÇÕES E REPRESENTAÇÕES DE MORADORES FACE À URBANIZAÇÃO**

“Repositório de memórias pessoais e familiares, espaço de múltiplos investimentos materiais e afetivos” (Queirós, 2019, p.114), a casa é sinónimo do gosto desenvolvido pelos/as moradores/as face à Urbanização. Já o desgosto face à Urbanização aparece associado à fragmentação das redes de sociabilidade e de vizinhança; as relações e as dinâmicas sociais são percebidas e expressadas de forma diferente por cada um/uma dos/as moradores/as, surgindo também sentimentos de pertença distintos.

É nítido que existe uma pluralidade de visões em relação à dinâmica da própria Urbanização, quer pelo sistema de vida próximo da vida citadina, quer pelo desaparecimento do sentido de “bairrismo”, existindo, por isso, uma heterogeneidade identitária e uma pluralidade de formas de relacionamento: relações impessoais e relações de companheirismo e entreajuda; vontade em resgatar e recuperar memórias (“gostava de mais atividades, como era antes. Chegou-se a fazer teatro, e assim, mas acabaram com isso tudo” – inquirida 33) e desânimo em relação à mudança (“há coisas que não dá para mudar, que é a mentalidade das pessoas” – inquirida 36).

Se, por um lado, há moradores/as que indicam que “os vizinhos são como família” (inquirido 12), por outro lado, há quem refira que “não sou muito de convívio, (...) cada uma na sua casa” (inquirido 21). Ademais, é perceptível que apenas há convivência entre os/as moradores/as da mesma entrada (“conheço as pessoas da minha entrada, de resto, não me meto na vida dos outros” – inquirido 13), o que demonstra a necessidade de melhoria das relações e de aumento dos momentos de convívio e de conhecimento entre todos/as. Contudo, apesar de ainda existir um longo caminho a percorrer no que respeita ao sentido e sentimento de grupo e/ou comunidade, fruto de antigos conflitos e de afastamentos, os/as residentes expressam que a relação e a comunicação têm vindo a melhorar mais recentemente, apesar de sentirem que “é preciso mais convívio”, pois “há pessoas que se metem mais dentro de casa” (inquirido 11). De igual modo, cada vez mais tem vindo a fomentar-se o espírito de entreajuda (“bem, aqui, como trabalho na Câmara, é quase como se tivesse sempre de serviço, até ao sábado e domingo. Vêm-me sempre bater à porta e tento sempre agilizar com os meus colegas das respetivas profissões” – inquirido 38).

Já os (poucos) conflitos referidos pelos/as moradores/as respeitam sobretudo às limpezas e à organização do espaço partilhado, havendo menções à necessidade de se recuperar as reuniões mensais (“as reuniões de condomínio, quando havia, havia mais limpeza e bom senso das pessoas. Era importante” – inquirida 37), mas também à importância de haver uma espécie de “Guia de Morador” (“é urgente desenvolver uma espécie de código com regras para a Urbanização” – inquirida 8). Decorrentes destes conflitos, há quem expresse, claramente, a necessidade de

*voltar a haver reuniões, é uma maneira de as pessoas pagarem e haver limpeza. A Câmara levar mais na renda e esse dinheiro dá para alguém limpar (...). Isto é de nós todos, não é? Tem de ser todos. Se todos contribuírem, não custa nada. Há pessoas que pensam que isto é nosso e há outras que dizem que é da Câmara e que podemos estragar à vontade” (inquirida 33).*

Na Urbanização, apesar da existência de um espaço exterior que, segundo os/as moradores/as, tem de ser reabilitado (**Erro! A origem da referência não foi encontrada.** ), os lugares de convívio são praticamente nulos, pelo que o tempo livre é passado preferencialmente na residência, o que revela uma tendência para o isolamento e a conseqüente perda da importância das relações, do convívio e do sentido de comunidade. Contudo, como já mencionado, verificou-se existir vontade e disponibilidade, por parte de um grupo de moradores/as, para fomentar as relações, o convívio e o sentido do grupo, construindo-se, desta forma, uma identidade coletiva. Parecia ser importante recuperar, através do envolvimento e da participação dos/as moradores/as, os laços e as sociabilidades comunitárias.



*Figura 2 - Espaço de convívio da Urbanização de S. Lázaro*

Assim, por ser importante que as pessoas vivam bem em comunidade e desenvolvam o sentimento de pertença a uma comunidade, uma vez que este é um fator de agregação e promoção da inclusão social, reconheceu-se a necessidade de se desenvolver um maior conhecimento, envolvimento e união entre os/as moradores/as e de se construir uma identidade coletiva, fomentando, assim, não só o convívio e as relações sociais, mas também a possibilidade da resolução participada dos problemas.

Sintetizando, os/as moradores/as consideram-se globalmente satisfeitos/as com o local onde se situa a Urbanização, a casa onde vivem, com os serviços e equipamentos existentes na área envolvente<sup>2</sup>. Apesar de haver uma certa dualidade, indicam que as frases que melhor descrevem a Urbanização de S. Lázaro são: “um bairro bem situado na cidade de Amarante”, “um bairro típico, onde há convívio e entreatajuda” e “um bairro com conflitos e inseguro”, embora estes conflitos sejam sobretudo devido à falta de limpeza e organização das entradas dos lotes. Caracterizam a sua relação com os/as vizinhos/as como uma boa relação cidadina, referindo que “somos muito

---

<sup>2</sup> Junto das pessoas que, diariamente, frequentam a Urbanização, através das atividades económicas que existem no seu interior, os/as moradores/as são reconhecidos como produtores de imagens públicas positivas (no apêndice AG, podem ser encontradas informações sobre a visão dos comerciantes).

independentes” (inquirido 19) e, por isso, “é cada um por si, cada um resolve o seu problema” (inquirido 22), no que toca à auto-organização para a resolução de problemas comuns.

### **3.3.4. SOCIABILIDADES E DINÂMICA ASSOCIATIVA**

O desinteresse face à participação e organização conjunta da vida na Urbanização é confirmado por uma grande parte dos/as moradores/as. As razões prendem-se, por um lado, por um certo grau de individualismo e, por outro lado, pela falta de hábitos ao nível da discussão e defesa em prol de problemas e interesses comuns. Concomitantemente, os/as moradores/as demonstram uma desmoralização face às dinâmicas e estruturas associativas quer da Urbanização, quer do próprio território. Vislumbra-se um fenómeno de desfiliação e desvinculação associativa, dada a baixa vontade de se constituir uma Associação de Moradores e a baixa taxa de adesão a associações locais, quer pela falta de desinteresse, quer pela falta de disponibilidade.

Apesar de Vilaça (1994) aludir para a importância das Associações de Moradores, por estas terem como “objetivo nuclear a melhoria das suas condições de habitação (...), do seu equipamento social e do seu ambiente” (p.70), grande parte dos/as habitantes da Urbanização em causa não gostaria de constituir uma destas associações por “dar muitos problemas” (inquirido 9) e porque “as pessoas não respeitam as regras” (inquirido 21). Contrariamente, alguns/mas residentes indicam que criar uma Associação de Moradores “era uma forma de resolver alguns problemas” (inquirido 15), sendo que, de acordo com Vilaça (1994), estas demonstram a ambição e utopia dos/as moradores/as em transformarem os seus contextos, mas também a cidade onde habitam.

Embora não exista uma Associação de Moradores, existem representantes de entrada em quatro das oito entradas, apesar de estes mencionarem que “fiquei representante, mas... Está parado, é como não existisse nada ali” (RE2). Afirmam que não existe relação nem comunicação entre os/as moradores/as, que o espírito de entreatajuda é reduzido e que alguns/mas moradores/as se apoderam dos espaços comuns. Consideram que é necessário desenvolver ações no âmbito na educação para a cidadania e educação comunitária, de se desenvolver com os/as moradores/as o dever de responsabilidade cívica, de se trabalharem os direitos e os deveres, bem como o sentido de comunidade e de se viver com os outros e de se criar um Guia de Morador.

Sentem, ainda, a necessidade de se realizar um trabalho contínuo e colaborativo com todas as representantes de entrada, de se trabalhar estratégias de ação e de comunicação para que estas possam ouvir os/as moradores/as e agir sobre os seus problemas, para que as suas ações tenham efeitos positivos a longo prazo e que, em conjunto com os/as moradores/as possam melhorar a sua qualidade de vida:

*é que as pessoas não olhassem só para elas, que as pessoas comecem a pensar que vivemos em comunidade e que precisamos todos uns dos outros, que há pequenos detalhes que as pessoas fazem e que dá para ver como elas são (...). Acho que as pessoas têm também de se preocupar com os outros, não olhar só para o próprio umbigo para que todos vivam bem em comunidade (RE1).*

Paralelamente a estas ideias, surge o desconhecimento e a não participação em atividades locais e culturais desenvolvidas pelas instituições sociais e culturais locais, a (auto)exclusão de alguns/mas moradores/as pelas suas condições físicas e psíquicas, mas também a existência de expectativas pouco definidas em relação ao futuro individual e coletivo (“aceito aquilo que vier, pois “já não tenho idade nem possibilidades para sonhar” – inquirido 11). Denota-se, então, por parte dos/as moradores/as, uma crença negativa em relação às suas competências, bem como uma (auto)exclusão no acesso a serviços e equipamentos locais, devido ao território em que habitam. Estas ideias aqui esplanadas, são legitimadas por Gonçalves e Pinto (2001, p.130), que indicam que, as pessoas que habitam em bairros de habitação social, pelas “as suas identidades estigmatizadas, as dificuldades de reflexão sobre o presente e a incapacidade de definição de caminhos de futuro são provas irrefutáveis de tais ligações”.

Ainda no que diz respeito à dinâmica associativa, recuperando memórias do passado, onde existia o “Espaço Mais – Gabinete de Mediação Comunitária”, os/as moradores/as sentem a necessidade de se voltar a criar um Gabinete de Apoio Social da CMA na Urbanização que, por um lado, fosse um serviço de proximidade, atendimento e encaminhamento das famílias residentes e, que por outro lado, assente nos princípios da participação, informação e prevenção, procurasse a dinamização de várias ações e/ou atividades com vista à promoção do bem estar físico, psíquico e social das famílias. Tais ideias podem ser observadas no discurso de uma moradora que afirma que “a sala era uma ponte de ligação com a Câmara, as próprias técnicas apercebiam-se das próprias necessidades do bairro” (inquirido 23).

Sintetizando, podemos analisar a Urbanização de S. Lázaro através das quatro dimensões definidas por Carreiras (2018): i) do ponto de vista funcional, é um espaço de fácil acesso, com

disponibilidade de transportes públicos e com ligação à malha urbana; ii) da perspetiva física, é um bairro no qual existem equipamentos, serviços e comércio, quer no interior, quer na área envolvente; iii) na dimensão simbólica, é uma Urbanização com uma imagem relativamente positiva, sendo que o espaço é, por vezes, desejado pelos/as moradores/as e até por não moradores/as; iv) por fim, na dimensão relacional, existe uma certa dualidade, ou seja, há interação e convivência entre os/as moradores/as do mesmo lote, mas, numa lógica de relacionamento mais geral, “de bairro”, a interação é diminuta.

### **3.4. “O QUE É REALMENTE VIVER NUM BAIRRO”?**

Partindo do testemunho de uma moradora, que nos diz “Sei o que é realmente viver num bairro, e em Amarante não é assim” (inquirida 23), pretende-se, com os próximos parágrafos, apresentar uma síntese da análise da realidade, identificando e priorizando as necessidades de intervenção e fazendo uma apreciação das potencialidades, oportunidades e recursos, bem como sublinhar como aqui se verificou à célebre afirmação sobre “o gosto pela casa e o desgosto pelo bairro”. Ao longo de todo o percurso de recolha de informação, os/as moradores/as foram escutados/as e vistos/as como pessoas e não como “utentes”, pois só dessa forma é que pode haver efetiva mudança, emancipação e transformação.

Nos recursos, é de mencionar os recursos humanos, os recursos comunitários e os recursos materiais. Como recursos humanos, temos a disponibilidade dos/as responsáveis da CMA, das técnicas da HS, dos/as restantes técnicos/as que compõem a DDCS, bem como das representantes de entrada. Em relação aos recursos comunitários, encontramos os parceiros do Município e da comunidade, ou seja, as entidades e instituições locais sociais, culturais e/ou desportivas que circundam e interagem com a realidade da Urbanização, podendo ser mobilizadas para a intervenção social e comunitária. No que concerne aos recursos materiais, existem equipamentos na Urbanização, que atualmente não estão a ser utilizados pela população local (Pavilhão Desportivo), podendo recorrer-se a outros, apelando às entidades locais, e ainda às instalações da Casa da Portela, por serem um local de fácil acesso e conhecido por todos/as.

Apesar das histórias e trajetórias singulares, diversas e, nalguns casos, particularmente dramáticas, existem, na Urbanização de S. Lázaro, potencialidades amplas a referenciar, como o espírito de entreatajuda entre alguns/mas moradores/as do mesmo prédio, a vontade e a

disponibilidade de voltar a dinamizar a Urbanização, mas também a vontade em resgatar e recuperar memórias de quando existiam atividades e convívio na Urbanização. Além disso, o facto de os/as habitantes identificarem problemas e revolta pela não resolução dos mesmos é também uma potencialidade, dado que abre portas para a possibilidade de, em conjunto, se estudarem formas de resolução dos problemas. O interesse demonstrado por alguns/mas residentes em constituírem uma Associação de Moradores deixa em aberto a possibilidade da atividade associativa e a mobilização dos/as mesmos/as para a auto-organização, nomeadamente no que se refere às questões ligadas com a gestão dos espaços comuns, espaços circundantes e normalização da convivência vicinal. Por fim, como potencialidade, temos também a vontade das representantes de entrada, das técnicas da HS e dos/as responsáveis da CMA em se envolverem na ação, demonstrando vontade em trabalhar com a comunidade no terreno.

Mas, se é certo que a vontade de mudar e de dinamizar a Urbanização surgiu como potencialidade, ela recebe como obstáculo alguma resistência em relação à mudança, visto que os/as moradores/as se habituaram a desacreditar em novos projetos. Ademais, a existência de discursos como “consigo participo em atividades, com os meus vizinhos não” (inquirido 8) e “não é fácil alterar grande coisa” (inquirido 8) demonstrou, em diversas situações, a persistência de uma descrença em relação ao projeto a desenhar e desenvolver, bem como falta de disponibilidade de muitos/as moradores/as para participar no mesmo. Argumentos como “atrevo-me a dizer que a minha entrada é a melhor da Urbanização” (inquirido 38) e “é o melhor prédio que existe” (inquirida 27), ou então frases como “há duas ou três que estragam tudo, mas já nos habituámos” (inquirido 38) e “se cada um puder lixar o outro, é isso que fazem. Metem-se na vida dos outros e é isso que gostam” (inquirida 40), podem ser reveladoras de dificuldades de comunicação e de criação de relações de respeito e interesse entre todos/as. Outro constrangimento identificado foi o facto de não existirem representantes em todas as entradas e o facto de o papel destas ser mais “teórico” do que prático.

Concluiu-se, então, ser necessário mobilizar e desenvolver a capacitação, a autonomia e a participação dos/as moradores/as, em prol da vida comum e comunitária, fomentando o sentido de grupo e de comunidade. Sabendo-se também que este grupo social é dos que menos se faz representar nas entidades políticas e culturais, mostrando alguma dificuldade para nelas participar direta e ativamente, considerou-se igualmente prioritário reforçar a identidade local e a ação coletiva, para beneficiar a qualidade de vida e a coesão social, através de iniciativas

recreativas, lúdicas, sociais e culturais, sendo esta também uma necessidade identificada no Plano de Desenvolvimento Social 2015–2020 (Oliveira *et al.*, 2015). Ou seja, por um lado, encontramos a necessidade de capacitar e empoderar os/as moradores/as e, por outro lado, a necessidade de os/as envolver enquanto participantes ativos/as na dinamização de experiências sociais, de forma a estimular a aprendizagem e uma maior inclusão dos/as mesmos/as na comunidade – para dentro e fora da Urbanização. De igual modo, afigurou-se importante fomentar nos/as moradores/as o sentimento de pertença e afiliação positivas, promovendo, desta forma, o entendimento coletivo para os principais problemas da Urbanização e, conseqüentemente, a procura de soluções para os mesmos.

Estas prioridades alinharam-se também com a perspectiva de profissionais da CMA, para quem seria necessário “um projeto de intervenção comunitária que promova relações de proximidade entre os/as moradores/as, desenvolvimento de competências pessoais e sociais, tendo por base uma componente social/convívio” (THS1). Ora, quer isto dizer que, para os/as moradores/as e para as técnicas da HS, é necessário desenvolver projetos que sirvam como meio de promoção do desenvolvimento pessoal, social, relacional e comunitário, mas também da participação e da cidadania, que permitam que os/as moradores/as se tornem agentes de mudança reflexivos e emancipados, com um papel ativo na sociedade, e capazes de lutar por uma melhor qualidade de vida, enquanto comunidade. Tendo em conta a voz viva de quem, diariamente, participa na vida da Urbanização, priorizou-se, portanto, a necessidade de conceção e desenvolvimento de projetos construídos com os/as moradores/as; fortalecendo e/ou ampliando as redes e os laços sociais de vizinhança; potenciando as competências essenciais para a vida dos/as mesmos/as; e inculcando o valor da participação social, cívica e comunitária.

Acreditou-se que, ao priorizar estas necessidades, em conjunto com os/as moradores/as e com as técnicas da HS, estaríamos a contribuir para formar cidadãos/ãs livres, emancipados, capazes de se automobilizarem e auto-organizarem, de serem agentes ativos e participativos na comunidade. Além disso, através do convívio social, estamos a educar para conviver com o outro, participando de forma ativa e comprometida no bem comum. Tal como nos indica Monteiro (2012, p.165), “a construção de espaços de partilha e de participação, numa exigência crescente de equidade e de justiça, é cada vez mais um imperativo face ao ritmo frenético de um tempo de incertezas”.

## 4. DESENHO DO PROJETO

O desenho do projeto foi concebido com todas as pessoas que estão implicadas na vida da Urbanização de S. Lázaro e que decidiram abraçar este desafio. Cada participante pôde, neste âmbito, expressar e partilhar a sua opinião, pensar, partilhar e refletir sobre si próprio/a e sobre a realidade, construindo assim um conhecimento baseado em diálogo e na interação entre todos/as (Lima, 2003). A elaboração do desenho do projeto teve como base as potencialidades, os recursos, os problemas e as necessidades seguidamente enunciadas. Esta enunciação corresponde a uma síntese reflexiva do trabalho de caracterização e análise realizado, exposto brevemente no capítulo anterior e documentado nos diferentes apêndices nele mencionados.

Como potencialidades e recursos, temos: identificação com o espaço; espírito de entreajuda entre os/as moradores/as da mesma entrada; convívio entre um segmento dos/as moradores/as; vontade e disponibilidade para dinamizar a Urbanização; capacidade de identificação de problemas comuns; desejo de recuperar memórias antigas; predisposição dos/as moradores/as para a auto-organização das entradas; disponibilidade das técnicas da HS da CMA para o reforço do envolvimento com a realidade local e para o desenvolvimento do projeto; equipamentos disponíveis na Urbanização; existência de representantes de entrada e disponibilidade por parte destas em melhorar a qualidade de vida da comunidade de S. Lázaro; instalações da Casa da Portela e do Pavilhão Desportivo Municipal de Amarante (este último situado na Urbanização).

Já os problemas e necessidades foram estruturados em torno de três âmbitos ou propósitos: i) promoção da vida comunitária (como resposta ao desaparecimento do sentido de grupo e comunidade; aos problemas na comunicação entre moradores/as; à falta de espaços e contextos de convívio, encontro e partilha entre moradores/as; e à falta de interconhecimento); ii) reforço do envolvimento e da participação de todos/as os/as agentes na vida da Urbanização (para aprofundar e melhorar a relação e comunicação entre moradores/as e responsáveis e técnicos/as da CMA; para contrariar a presença pouco ativa e participativa de todos/as os/as agentes na vida e na situação da Urbanização; para colmatar a falta de atividade associativa e de participação social; para superar o problema da existência de representantes de entrada “na teoria”, mas não na prática); e iii) desenvolvimento de competências essenciais para a vida (para retomar a lógicas das antigas oficinas de orientação, partilha e debate, mas também para

desenvolvimento de competências e promoção do bem-estar geral dos/as moradores/as; para confrontar a descrença dos/as moradores/as nas suas capacidades pessoais e sociais; e para colmatar a falta de conhecimento dos recursos existentes no Município, a diversos níveis). No apêndice AH, pode encontrar-se uma tabela-síntese com a informação sobre este tópico.

## 4.1. FINALIDADE

A finalidade é a grande meta utópica do projeto, que baliza os grandes momentos e trilhos a percorrer ao longo de todo o percurso, tendo em conta as necessidades da realidade social a transformar (Serrano, 2008). Partindo das potencialidades e recursos, e considerando-se as necessidades e os problemas identificados, tendo sempre como referência a voz das pessoas, definimos a seguinte finalidade: *fortalecer os laços sociais, solidariedades e vivências cidadãs na Urbanização de S. Lázaro, em Amarante, apostando no desenvolvimento dos recursos e competências dos seus membros e na promoção da respetiva qualidade de vida, através da participação cívica e da ação comunitária.*

## 4.2. OBJETIVOS GERAIS E OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Após a definição da finalidade, estabelecemos os objetivos gerais (OG) e os objetivos específicos (OE), que visaram concorrer para a consecução da finalidade. Os objetivos definem não só a natureza do projeto, como também dão coerência ao plano de ação, orientando as iniciativas a desenvolver (Serrano, 2008). Definiram-se os seguintes objetivos gerais e objetivos específicos:

**OG1: (Re)Criar contactos, redes e laços sociais, mobilizando e partilhando recursos identitários e promovendo o interconhecimento, a (auto)organização e a ação coletiva .**

- OE 1.1. Identificar e valorizar recursos culturais e identitários endógenos.
- OE 1.2. Expressar e partilhar experiências, ideias e sentimentos relativos à vida em comum.
- OE 1.3. Criar espaços de encontro e debate coletivo.

**OG2: Fortalecer a participação ativa, cidadã e democrática dos/as moradores/as, a sua relação com as instituições públicas e a sua implicação na vida e situação da Urbanização.**

Considerando os/as moradores/as, apontaram-se os seguintes OE:

- OE 2.1. Desenvolver redes solidárias de vizinhança e de organização entre os moradores e os representantes de entrada.
- OE 2.2. Construir um conhecimento coletivo sobre a vida e a situação da Urbanização.
- OE 2.3. Assumir um papel ativo na procura de soluções para a resolução participada e coletiva dos problemas.
- OE 2.4. Assegurar a organização da limpeza, conservação e manutenção dos espaços comuns.
- OE 2.5. Atuar junto dos poderes públicos em favor dos interesses comuns.

Já para os responsáveis e técnicos da CMA, apontaram-se os seguintes OE:

- OE 2.6. Identificar e valorizar os recursos endógenos e exógenos na ação camarária nos bairros de habitação social.
- OE 2.7. Reconhecer a centralidade do envolvimento e escuta dos moradores no desenho e concretização da ação camarária.
- OE 2.8. Assumir uma presença regular e uma ação continuada e contínua na promoção da relação com a Urbanização e os moradores.

**OG3: Promover experiências e desenvolver competências essenciais para a vida, aprofundando relações com o tecido institucional e associativo envolvente.**

- OE 3.1. Identificar necessidades de desenvolvimento de competências e formas de as colmatar.
- OE 3.2. Conhecer as diferentes ofertas Município em matéria cultural e associativa.
- OE 3.3. Experimentar e aprofundar competências essenciais para a vida, em diferentes domínios de interesse.
- OE 3.4. Reconhecer direitos de cidadania para uma melhor convivência social.

### **4.3. ESTRATÉGIAS**

Para a concretização dos objetivos acima elencados, foram privilegiadas estratégias de carácter ativo, flexível e adaptativo, que contribuíssem para que os/as participantes pudessem refletir sobre as suas ações, o seu comportamento, atitudes e valores, bem como explorar assuntos a nível pessoal e grupal. Procurámos, com elas, promover a construção de uma postura ativa, reflexiva, crítica e participativa dos/as envolvidos/as, para que, em conjunto, se pudessem minorizar os problemas identificados, através das potencialidades e recursos existentes.

A estratégia estruturadora da ação foi a criação de um grupo de moradores/as, que procurou a coesão interna necessária para o desenvolvimento de todo o projeto. Este grupo garantiu a participação de todos/as na conceção, decisão e desenvolvimento do projeto e, num âmbito mais restrito, o grupo foi potenciador de diálogo, de partilha, de interação, de conhecimento e de encontro, sem se considerar a condição económica, social e cultural dos/as participantes.

A par da criação e animação do grupo, consideraram-se outras estratégias e recursos metodológicos, como as conversas informais, reuniões e encontros de grupo, *focus group*, dinâmicas de grupo, mesas-redondas, ações de informação e sensibilização, *workshops* e debates. As estratégias mobilizadas traduziram-se, sobretudo, no incentivo à comunicação e à recriação do desenvolvimento dos laços sociais, por propiciarem uma maior atividade grupal, pela aquisição de conhecimentos e pelo uso crítico e ilustrado da razão. Estas estratégias foram priorizadas, uma vez que viabilizam a partilha de conhecimentos, opiniões e problemas, proporcionam o fluxo comunicativo e uma comunicação efetiva, encorajam os/as participantes e ainda permitem debater hostilidades e remover possíveis barreiras.

Contudo, existiram alguns testemunhos de desânimo (“olhe, eu vou ser franca... Vai ver que há pessoas que não vão ligar a isto” - P-RE4); ou “mas é importante o que estás a fazer, mas depois vais ver a realidade do que te estou a dizer, é isso. (...) tentar já é um bom começo, atenção. Mas é assim que funciona (...), mas se tu, em dez, conseguires mudar a mentalidade de um, já é uma vitória, estás a ver?” - RE2), que levaram a repensar as estratégias, procurando aquelas que cativassem os/as moradores/as. A opção passou por recorrer a panfletos, a brochuras, a pequenos lanches e a idas à Urbanização para convidar, diretamente, os/as moradores/as para as ações (“qualquer coisa que os cativa e que eles pensem ‘temos que ir’” - A-RE3). Esta forma de atuar exigiu uma postura atenta e flexível, bem como uma capacidade de lidar com a incerteza e, por isso mesmo, uma reavaliação, constante, das estratégias, e dos próprios objetivos e ações, de modo a potenciar a participação de todos/as os/as envolvidos/as.

Para terminar, e dentro das estratégias mobilizadas, também se pode mencionar uma estratégia para a avaliação do projeto, encarada como um processo sistemático, contínuo, participado e democrático (Serrano, 2008) que envolveu todos/as os/as participantes, desde os/as moradores/as, as representantes de entrada, os/as responsáveis da CMA e as técnicas da HS.

Foi uma avaliação que, ao abranger o processo na sua totalidade, refletiu e impôs-se ao serviço das aprendizagens e da emancipação dos/as participantes.

A avaliação, ao longo do desenvolvimento do projeto, foi permanente e participativa, visto que a participação é um aspeto necessário em todas as etapas e todos os momentos do processo de trabalho (Cembranos, Montesinos & Bustelo, 1988). Assim, e neste quadro, teve-se em especial consideração a perceção de todos/as os/as envolvidos/as no projeto, tendo em conta os indicadores definidos (reler ponto 2.4), para aferir a consecução dos objetivos delineados. No presente relatório, a avaliação do projeto está expressa em dois capítulos: no capítulo 5, relata-se uma avaliação contínua e de progresso, ou seja, analisa-se a evolução ao longo do tempo, sendo a mesma documentada com fotografias das atividades e elementos discursivos; no capítulo 6, expõe-se uma síntese de realizações e resultados do desenvolvimento do projeto, procurando-se perceber se as competências que estavam enunciadas nos objetivos foram ou não promovidas. A avaliação conta com a voz de todos/as os/as envolvidos/as na vida da Urbanização, sendo que, para tal foram sendo criados, ao longo do projeto, momentos especificamente dedicados à discussão e avaliação do projeto.

#### **4.4. AÇÕES**

Neste projeto, assumiu-se a expressão da consciência de que não pode haver um projeto para a comunidade local sem o envolvimento da mesma, pois “o homem não pode participar ativamente na história, na sociedade, na transformação da realidade, se não é auxiliado a tomar consciência da realidade e de sua própria capacidade para transformá-la” (Freire, 1979, p.22). Assim, na sequência dos objetivos e das estratégias definidas, surge o planeamento de ações, ações estas que procuraram uma comunidade mais ativa, reivindicativa e solidária.

O desenho das ações teve como princípio delimitador os quatro pilares da educação – aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros –, pois só assim se pode produzir conhecimento efetivo e partilhado, decorrente precisamente de uma análise partilhada das potencialidades, riscos e desafios. Quis-se coconstruir um projeto que permitisse aos participantes “adquirir os instrumentos da compreensão (...) para poder agir sobre o meio envolvente (...), a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas” (Delors, 1996, p.90). Foram delineadas três ações.

A **Ação 1, “Vidas (In)Comuns** , partiu do pilar da educação “aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros” (Delors, 1996, p.96) e vai ao encontro das necessidades de desenvolvimento do espírito de grupo e de comunidade. É, talvez, a ação estruturadora de todo o desenvolvimento do projeto, visto que, de forma direta e/ou indireta, está presente e carrega as restantes ações. Assim, através desta ação, procurou-se promover a comunicação, as relações e a (re)criação de laços e de interconhecimento, incentivando os/as moradores/as à participação e à sociabilidade comunitária. O próprio nome da ação – “Vidas (In)Comuns – surgiu da heterogeneidade identitária verificada neste contexto específico, contrabalançada pela consciência e compreensão de que, para lá da pluralidade de vidas e perspetivas, há um espaço-tempo e um contexto comum e partilhado: a Urbanização de S. Lázaro. Portanto, é uma ação que almeja o OG1 e os respetivos OE.

A **Ação 2, “Há Vida em S. Lázaro: Uma Urbanização de Todos e Para todos”** , procurou envolver todos/as os/as agentes na vida comunitária da Urbanização, desde os/as moradores/as, aos/às representantes de entrada, à estrutura da CMA; foi, por isso, uma ação que teve implícita a participação cívica, a reivindicação, a responsabilização e a participação de todos/as na vida comunitária. Por um lado, procurou-se ouvir todos/as os/as agentes envolvidos/as na realidade em causa, valorizando-se a importância da comunicação e das tomadas de decisão partilhadas entre todos/as; por outro lado, focou-se a ação nas questões da educação para a cidadania, da promoção dos direitos e deveres dos/as moradores/as, da responsabilização, da autonomia e do que se pode valorizar e melhorar na Urbanização. Esta ação, além de ter contribuído para concretizar o OG2 e respetivos o OE, contribuiu, ainda, para o OG1 e para os OE1.2, OE 1.3 e OE 1.4.

Por fim, a **Ação 3, “Cidadãos Conscientes e Ativos”** , partiu da premissa que a educação deve proporcionar e desenvolver saberes e saber-fazer evolutivos, adaptados à realidade, mas propiciadores do espírito crítico, para que as pessoas não fiquem submergidas nas ondas de informação que, todo os dias, invadem os contextos em que nos movimentamos (Delors, 1996). Surge, assim, como um conjunto de atividades construtivas, de capacitação e de autocapacitação, que pretendiam ser um espaço de aprendizagens, de partilha de saberes e de desenvolvimento de competências. As atividades desenvolvidas neste âmbito visaram a promoção do bem-estar pessoal e social e o exercício de uma cidadania plena, através da capacitação dos/as moradores/as. A ação em causa encontra correspondência no OG3 e nos seus OE.

## **5. DESENVOLVIMENTO DO PROJETO: UM CAMINHO COLETIVO, PARTICIPATIVO E COLABORATIVO**

O projeto “Há Vida em S. Lázaro”, ainda que assumido como projeto-piloto e de iniciativa embrionária e paradigmática do que poderá vir a ser um projeto sustentado de educação e intervenção social a desenvolver em contextos de habitação social – em Amarante, desde logo, mas, quiçá, também noutros locais –, assentou na convicção de que é possível mudar, transformar e empoderar realidades sociais, desde que estejam reunidas as condições para produzir conhecimento sobre e com as pessoas e os seus contextos, através do reconhecimento, valorização e aprofundamento das suas experiências e vivências. É produto do acreditar em novas formas de atuação, adequadas ao contexto, construídas em interação com os/as sujeitos/as, que estimulem e valorizam a sua participação, o seu conhecimento e a sua voz. É, portanto, o resultado de uma vontade de proximidade e de comprometimento com a mudança, no sentido da contínua melhoria da qualidade de vida dos/as participantes.

Nos parágrafos que se seguem, é apresentado um retrato, necessariamente breve, mas exposto da forma mais próxima possível da realidade, todo o caminho percorrido (no apêndice AI, pode ser lido, com mais pormenor, o relato do decurso de todas as sessões). É de mencionar que grande parte da informação contida neste capítulo foi retirada do Diário de Bordo.

### **5.1. AÇÃO 1 – “VIDAS (IN)COMUNS”**

Viver na e em comunidade é um dos maiores desafios que enfrentamos nos dias de hoje. É importante, cada vez mais, conceber uma educação capaz de prevenir conflitos e de os resolver pacificamente e de desenvolver o conhecimento sobre os outros. Com base nesta premissa, nasceu a Ação 1 – “Vidas (In)Comuns”, com o intuito de desenvolver dinâmicas de promoção do interconhecimento entre os/as moradores/as e de aprofundamento da relação para uma vivência mais coletiva. Apesar de esta ação estar presente ao longo do desenvolvimento de todo o projeto, ela contou com atividades específicas, que permitiram um processo de descoberta e de reflexão da pessoa sobre si própria, bem como o heteroconhecimento e o respeito pelo outro e pela sua história. Além disso, ao criar espaços para encontro e debate coletivo, permitiu que os/as moradores/as encontrassem, em conjunto, formas e estratégias para dar resposta aos seus

problemas e necessidades, partindo, sempre que possível, dos recursos existentes. É uma ação que, ao longo do seu decurso, foi espelhando a crescente auto-organização e automobilização dos/as moradores/as.

### **5.1.1. QUEM SÃO OS/AS MORADORES/AS DE S. LÁZARO?**

O início do projeto remonta a outubro de 2022, altura em que se começou a construir uma relação de respeito, interesse e confiança, bem como a identificar os recursos endógenos da Urbanização. Mas a Ação 1, como já mencionado, conta com atividades específicas, as quais tiveram um momento alto no dia 26 de abril de 2023, com a atividade “Trajetórias de Vida Coletivas da Urbanização de S. Lázaro”.

Com esta atividade, através das histórias de vida de cada participante, foi possível que os/as mesmos/as recordassem alguns momentos da sua vida, reconstruindo desse modo, em conjunto, as trajetórias percorridas até então. Ao mesmo tempo que partilhavam momentos pessoais, foram tocando no assunto-chave desta sessão: a Urbanização de S. Lázaro, tendo refletido sobre a vida e a dinâmica da mesma. Em conjunto, refletiram sobre a evolução do seu espaço, tendo partilhado, por exemplo, que “no início, foi atribulado” (C); “de primeiro, não é como é agora, Jesus (...), nós agora estamos num sítio bem bom” (P-RE4). A vida da Urbanização foi segmentada em três grandes momentos: o ano de 2000, como referência do início atribulado; o ano de 2010, com menção à relevância do Espaço Mais – Gabinete de Mediação Comunitária (nessa altura, a Urbanização “estava bem”); e os anos de 2022-2023, com indicação de que a Urbanização está “mais ou menos”, mas que “pode melhorar”. No apêndice AJ, podem ser encontradas fotografias referentes a esta atividade.

No dia 3 de maio, apesar de ter comparecido à sessão um grupo reduzido de moradoras (4), as mesmas demonstraram interesse em continuar a temática abordada no dia 26 de abril, ou seja, concordaram em continuar a explorar a sua história de vida e em refletir sobre os diferentes papéis que assumem na vida. A estratégia utilizada para esta atividade foi a mesa-redonda e a exploração das histórias de vida, tendo-se definido o seguinte mote: “A nossa história de vida: espaço de aprendizagens e conhecimentos”. A mestranda, enquanto moderadora da mesa-redonda, lançou a questão para debate: “O que nos trouxe até aqui?”; a partir desta pergunta, as moradoras realizaram uma discussão quer à volta das suas histórias de vida, quer da vida da

Urbanização de S. Lázaro, dado que a vinda delas para este contexto, para algumas, significou “dar um salto para a melhoria das condições de vida” (G).

As duas sessões levaram os/as participantes a envolverem-se nas histórias uns/as dos/as outros/as, a partilharem emoções e a refletirem sobre a vida como espaço de aprendizagens e de formação. Concomitantemente, permitiram reviver eventos, situações e pessoas significativas e reexperimentar sentimentos, possibilitando ainda a reflexão sobre as dimensões do seu saber-ser, fazer e estar, e permitindo tomar consciência das suas capacidades e fragilidades. Foram sessões assentes no diálogo, na reflexão, na empatia, na solidariedade e no sentido de grupo.

Ao longo das duas sessões, os/as participantes foram ainda debatendo problemas e necessidades sentidas em várias entradas, como: falta de limpeza em algumas entradas, número exagerado de animais dentro de casa, falta de visitas por parte da CMA (“era andar no terreno mais vezes, eles deviam andar no terreno” – A-RE3) e “barulho até tarde”. Apesar de os problemas identificados serem comuns às diversas entradas, a diferença foi que, neste âmbito, os/as moradores/as encontraram um espaço para, juntos/as, comunicarem e debaterem os problemas, assumindo um papel ativo na procura de soluções para a resolução participada e coletiva dos mesmos (“deviam reunir as pessoas. Cada dia, uma entrada, durante todos os meses, como faziam primeiro. Reunir as pessoas lá e cada um falar do que se passava, à frente uns dos outros. Com as pessoas patentes, ali, quem manda” – A-RE4).

### **5.1.2. “AS CAMINHADAS DOS VIZINHOS DE S. LÁZARO”**

Na sequência dos encontros que foram acontecendo ao longo dos meses de abril e de maio de 2023, um grupo específico de 5 moradoras começou a expressar a vontade de organizar outros momentos de convívio e partilha. Após algumas trocas de ideias, sugeriram a realização da “1ª Caminhada dos Vizinhos”, à beira-rio, no dia 24 de maio (Figura 3). E assim foi. No dia 24 de maio de 2023, encontramos-nos no Trilho dos Castanheiros para esta iniciativa, que se redundou num momento relevante de interação, convívio e prática de atividade física (apêndice AK).



*Figura 3 – 1ª Caminhada dos Vizinhos (24 de maio)*

Todavia, as atividades não ficaram por aqui: o mesmo grupo de moradoras voltou a organizar-se e a marcar uma 2ª Caminhada dos Vizinhos, que decorreu no dia 21 de junho, no Trilho das Azenhas, tendo sido afixado um cartaz para avisar os/as restantes moradores/as desta iniciativa (apêndice AL). Estes momentos foram expressão clara da capacidade de auto-organização e automobilização dos/as moradores/as de S. Lázaro, da (re)criação de redes e laços sociais, da partilha dos recursos identitários, do interconhecimento, mas, acima de tudo, da criação de momentos de convívio, de encontro e de partilha, a caminho da criação de uma identidade coletiva.

Além destas caminhadas, nas últimas semanas do projeto, este mesmo grupo foi partilhando que, fora das sessões promovidas no respetivo âmbito, em conjunto, se têm vindo a encontrar, a reunir e a conviver e, de certa forma, a apropriar os recursos endógenos e exógenos da Urbanização.

## **5.2. AÇÃO 2 – “HÁ VIDA EM S. LÁZARO: UMA URBANIZAÇÃO DE TODOS E PARA TODOS”**

A construção do caminho para a mudança iniciou-se no primeiro momento do projeto, isto é, desde que se deram os primeiros passos de conhecimento e análise da realidade. Assim, a Ação 2, “Há Vida em S. Lázaro: Uma Urbanização de Todos e Para Todos”, além de pautar todo o caminho percorrido, marca também a procura da participação efetiva de todos/as os/as agentes na vida da Urbanização.

A Ação 2 foi desenvolvida quase desde o início do contacto com o contexto, e mais ativa e organizadamente a partir de dezembro de 2022, na continuidade dos primeiros contactos estabelecidos, e que desse destinaram a conhecer a Urbanização e os/as seus/as moradores/as e a construir uma relação assente no respeito, no interesse e na confiança. Estruturou-se em torno de dois eixos: num primeiro, voltado para a procura da religação entre a estrutura da CMA e

a Urbanização (“a câmara devia se envolver mais” – RE2); e, num segundo, muito voltado para a democratização e reivindicação de direitos e deveres e para o fomento da auto-organização e automobilização dos/as moradores/as. Para uma melhor organização desta Ação, a mesma foi dividida em dois grupos de atividades: “Viver e Valorizar a Nossa Urbanização”, que respeita a todo o caminho em direção ao aprofundamento da relação da CMA com a Urbanização; e “Gerir a Entrada”, que se dedicou ao trabalho com as representantes de entrada.

O surgimento do mote para o desenvolvimento desta Ação remonta às primeiras reuniões comunitárias entre a mestrandia e a estrutura da CMA, sendo que, no apêndice AM, estão descritas as principais conclusões destas reuniões, bem como das restantes, que foram ocorrendo ao longo do percurso. Essas reuniões iniciais pautaram-se pela procura de obtenção da opinião dos/as profissionais e das forças políticas da autarquia em relação ao contexto e à disponibilidade e abertura destes/as para o envolvimento no projeto. De todas as reuniões, podemos destacar a vontade dos/as profissionais em aprofundar um processo de escuta dos/as moradores/as e em contribuir para a melhoria das suas condições e qualidade de vida.

No dia 5 de dezembro de 2022, ocorreu a primeira reunião com as técnicas da HS; nela, debateu-se o caminho a seguir para ir ao encontro dos/as moradores/as e das suas necessidades. Tendo em conta o número de moradores/as, mas também o tempo para o desenvolvimento do projeto, decidimos, de forma consensual, que, numa primeira fase, para caracterizar e analisar a realidade, seria importante aplicar um inquérito por questionário (reler o ponto 2.2 do presente relatório). O mesmo foi aplicado nos dias 13, 17 e 22 de janeiro e 23 e 24 de fevereiro de 2023, tendo a sua aplicação proporcionado o primeiro contacto direto com os/as moradores/as. Foi possível ouvir algumas das suas experiências de vida e aquilo que eles/as gostavam de melhorar na vida e na situação da Urbanização. De facto, este inquérito foi o ponto de partida não só para o desenho e desenvolvimento do projeto, mas também para a criação de uma relação com os/as moradores/as, sendo que estes/as, ao longo dos dias de resposta ao questionário, se foram demonstrando, cada vez mais, recetivos, abertos e disponíveis. Eis um exemplo de que como uma técnica dita “objetivante”, “quantitativa”, pode ser mobilizada em proveito de uma intervenção realizada no horizonte da IAP. Não há métodos e técnicas “mágicas”, ou métodos e técnicas “interditas”, mas há antes possibilidades em todos os métodos e técnicas que é preciso saber apropriar e mobilizar em proveito do projeto e dos/as seus/as participantes.

Ainda antes do término da aplicação do inquérito por questionário, no dia 27 de janeiro de 2023, ocorreu a primeira visita à Urbanização, para falar e ouvir os/as agentes locais, mas também para conhecer melhor o espaço. Já nos dias 23 e 24 de fevereiro, ocorreram outras idas à Urbanização; para além da curiosidade e inquietação que despertaram nos/as moradores/as, também permitiram começar a estabelecer uma relação mais próxima com os/as mesmos/as.

No dia 24 de fevereiro, realizou-se uma entrevista à técnica responsável pela Urbanização; na entrevista ficou clara a importância e a necessidade de conceção e desenvolvimento de projetos de intervenção comunitária assentes na lógica da educação para a cidadania, na promoção de relações de sociabilidade e de proximidade entre os/as moradores/as e no desenvolvimento de competências. Porém, considerando-se a falta de verbas e de tempo das técnicas para os dinamizar, acredita-se que será importante criar condições para uma ação mais próxima das técnicas junto dos bairros camarários, bem como para uma ação autónoma e autodirigida dos/as moradores/as, incentivando-os/as a uma participação comunitária mais ativa.

Ao longo de todo este caminho, foram surgindo contratemplos, como a mudança de Chefe da DDCS, o que, por sua vez, impôs algum tempo de pausa no desenvolvimento do projeto. No dia 14 de março, foi possível reunir com a nova Chefe de Divisão para apresentar o caminho que até então havia sido percorrido. Das várias impressões e ideias retiradas, sobressaiu a necessidade de se construir uma ponte entre os/as moradores/as, a CMA e a mestrandia e, por isso mesmo, idealizou-se a seguinte iniciativa: dinamizar uma sessão de esclarecimentos sobre o projeto, numa vertente de educação para a cidadania e educação comunitária, na Casa da Portela.

### **5.2.1. SESSÃO NA CASA DA PORTELA: “VIVER E VALORIZAR A NOSSA URBANIZAÇÃO”**

No dia 5 de abril de 2023, ocorreu uma sessão de esclarecimento do projeto, intitulada “Viver e Valorizar a Nossa Urbanização”, na Casa da Portela (Figura 4). Porém, antes da própria sessão, foi sendo desenvolvido, com os/as moradores/as, um trabalho de sensibilização, preparação e animação para a “ida à CMA”, tendo sido entregue convite aos/às moradores/as (apêndice AN).

Neste momento de partilha, de convívio e de debate, estiveram presentes moradores/as (17), os/as responsáveis e técnicas da CMA e a mestranda. Este momento foi iniciado com uma breve apresentação pelo Vereador e pela Chefe de Divisão, seguindo-se a apresentação dos elementos de referência do projeto (apêndice AO) por parte da mestranda; nesta, foi possível devolver aquilo que tinha sido identificado, o que contribuiu para a priorização das necessidades e para a coconstrução das ações seguintes, procurando a maior participação possível.



*Figura 4 - Sessão na Casa da Portela (5 de abril)*

Através de uma dinâmica de grupo, intitulada “Caixa de Partilha” (apêndice AP), convidou-se os/as participantes a preencherem três papéis com os seguintes motes/frases: “O que posso fazer”, “O que não tenho feito” e “O que podemos melhorar” (apêndice AQ). A “Caixa de Partilha” foi pensada como uma estratégia de comunicação e de decisão diferente, mas também como forma de se trabalhar as questões dos direitos e deveres, de forma menos direta e intrusiva ou paternalista. De forma geral, esta iniciativa acabou por surpreender os/as participantes que, ao ter aberto a oportunidade para um debate entre os/as moradores/as e a estrutura da CMA, algo que já há muito não acontecia, uniu os/as moradores/as na possibilidade de falarem dos seus problemas e das suas necessidades, mas também permitiu que ouvissem algumas sugestões por parte da CMA. No final da sessão foi entregue um *flyer* informativo adicional (apêndice AR).

Sintetizando, e mesmo que se considere que esta atividade foi pensada sobretudo a partir de dentro da CMA, a verdade é que ela não só respondeu a um interesse camarário, como também foi ao encontro das expectativas dos/as moradores/as. Abriu-se, através desta sessão, uma porta de relação e trabalho conjunto que diz bem do carácter mediador que pode ter a educação e a intervenção social, por exemplo quando se dedica a ligar as pessoas e as comunidades às instituições públicas. A sessão foi, com efeito, fundamental para o desenvolvimento do projeto, uma vez que possibilitou um desejado reatar de ligações entre a CMA, a Urbanização e os/as seus/as moradores/as. Colmatou-se uma necessidade de intervenção e criou-se um novo

espaço e novas oportunidades de relação entre “senhorio” e “inquilinos”. Não podemos deixar de mencionar que a “Caixa de Partilha” foi uma estratégia que potenciou o envolvimento dos/as moradores/as em prol da melhoria da Urbanização, visto que permitiu que os/as mesmos/as se pronunciassem sobre o seu local de residência. Através dela, foram recolhidas importantes indicações para a dinamização das atividades posteriores. No apêndice AS, podem ser encontrados os registos fotográficos desta sessão.

## 5.2.2. ENCONTROS DE DEBATE E PARTILHA SOBRE A VIDA E A SITUAÇÃO DA URBANIZAÇÃO DE S. LÁZARO

Após a sessão na Casa da Portela, desenvolveram-se outras sessões, nas quais apenas estiveram presentes os/as moradores/as e a mestranda, o que, de certa forma, permitiu partilhas de forma mais aberta. Porém, para tal, foi necessário encontrar um espaço. Para se fomentar a coesão, o sentido de pertença e a ligação ao lugar, fez todo o sentido que as ações do projeto ocorressem na própria Urbanização; não havendo condições na sala comunitária, articulou-se com a Divisão de Educação, Juventude e Desporto (apêndice AT) a cedência de espaço no Pavilhão Desportivo Municipal de Amarante (Figura 5), tendo sido proporcionado um horário às quartas-feiras, das 14:30 às 16:30, horário este acordado previamente com os/as moradores/as.



*Figura 5 - Pavilhão Desportivo Municipal de Amarante*

Além disso, é de referir que as temáticas abordadas e as dinâmicas utilizadas ao longo do desenvolvimento do projeto foram sempre discutidas e decididas com os/as participantes, promovendo, assim, a sua capacidade de reflexão e tomada de decisão. Em conjunto, foi elaborada uma calendarização das sessões, meramente indicativa, pois os seus conteúdos poderiam ser alterados sempre que desejado ou necessário (apêndice AU).

No dia 19 de abril de 2023, ocorreu a primeira destas sessões envolvendo os/as moradores/as e a mestranda (Figura 7). Foi uma sessão bastante dirigida para a escuta, para o diálogo e para a partilha, onde se gerou um debate em torno das necessidades sentidas pelos/as participantes, que retomavam aspetos focadas na sessão na Casa da Portela, incidindo, sobretudo, na vontade de melhoria da comunicação e interação entre todos/as, de reforço das respostas por parte da CMA e de busca de maior organização e de limpeza dos espaços comuns. Recordaram também algumas atividades que se realizavam na Urbanização, como: oficinas de capacitação e autocapacitação, encontros entre moradores/as, atividades festivas, encontros temáticos, entre outros.

A conversa e a interação foram decorrendo naturalmente, até que se instituiu uma dinâmica de grupo para aprofundar e sistematizar ideias e expectativas quanto ao projeto e sobre aquilo que cada participante poderia trazer para o desenvolvimento do projeto. Assim, através de uma “chuva de ideias”, em que cada participante pode exercer o seu direito de voz, foi possível perceber as respetivas expectativas em relação ao projeto. O facto de todos/as terem tido a oportunidade de dar o seu contributo, de serem ouvidos/as e valorizados/as pelas suas sugestões, abriu caminho para uma maior união e respeito do grupo.

Ainda nesta sessão, os/as moradores/as referiram a necessidade de se recuperarem os mapas de limpeza, a partir do mês de maio, uma vez que estes facilitavam a organização dos/as moradores/as em relação à manutenção dos espaços comuns. No final, houve uma partilha de opiniões em relação ao projeto e às duas primeiras sessões, tendo os/as participantes referido que a simples participação nestas sessões seria já um passo para a mudança (“nem todos querem mudar, mas os que queremos, podemos fazer alguma coisa” – G; “nunca pensei que fosse aparecer tanta gente, nem que fosse durar tanto tempo” – M). Efetivamente, o facto de os/as moradores/as terem tido um espaço de encontro e de partilha para expressar os seus problemas e prosseguir a procura conjunta de soluções veio sem dúvida colmatar uma necessidade de intervenção, criando novas formas e espaços de relação entre moradores/as e novas maneiras de ver a ação própria no contexto de residência e de vida.

Seguindo as sugestões do dia 19 e 24 abril, a mestranda e algumas moradoras foram afixar os cartazes com as datas das sessões em cada entrada (apêndice AV) e, no dia 26 de abril, após o final da sessão realizada (descrita no início deste capítulo), foram afixados os mapas de limpeza

(apêndice AW). Ainda no que diz respeito a estes mapas de limpeza, a mestranda, ao longo dos meses de maio e junho, visitou a Urbanização, bem como algumas entradas, nas quais foi possível verificar não só o preenchimento regular e adequado do mapa de limpezas, como também a limpeza dentro das próprias entradas. No apêndice AX, encontram-se cópias dos mapas de limpeza referentes ao mês de maio e, no apêndice AY, os mapas referentes ao mês de junho.

Após o desenvolvimento de algumas atividades e o alcance de mudanças paulatinas, quer na relação entre moradores/as, quer na própria dinâmica da ação coletiva local, considerou-se, com as participantes, a oportunidade de realização de uma avaliação intermédia do projeto. Neste âmbito, no dia 17 de maio (Figura 6) através de uma dinâmica de grupo, debatemos questões fundamentais sobre a Urbanização e avaliámos o decurso do projeto. As moradoras presentes (nesta atividade só participaram mulheres) mencionaram que, antes do projeto começar, era necessária “mais relação com os vizinhos” (I-RE5), que “gostava[m] que a entrada estivesse mais limpa (F)”, que seria importante recuperar “aquelas reuniões que antes havia lá em cima” (A-RE3) e que importaria “que houvesse mais respeito pelos vizinhos” (MJ). “Nós, vizinhos, devíamos de dar todos juntos”, disse G; “devia haver diálogo, respeito, como nos outros sítios, coisa que aqui não há (C)”; e “mais visitas e reuniões com a Câmara, que fôssemos todos, que fosse obrigatório (M)”. Ao falarem do projeto, mencionaram o que já tinham conseguido: “nós, aqui, criámos um grupo de amigas” (G), “começámos a conviver mais”(C), “somos mais unidas e temos um grupo mais coeso” (F), “apesar de, na minha entrada, haver uma pessoa que não limpa, o mapa das limpezas está a resultar” (A-RE3), “fomos à Câmara e falamos dos nossos problemas” (P-RE4).

Esta dinâmica, além de ter permitido realizar uma avaliação intermédia do projeto, também abriu debate para questões relacionadas com a situação da Urbanização, nomeadamente em relação ao mapa das limpezas. Apesar de terem indicado que, em algumas entradas, “está a resultar bastante bem” (G), “noutras entradas, nem por isso” (C). Assim, solicitaram a elaboração de um mapa mais complexo, que tivesse menção ao andar do prédio, o nome do titular da habitação, a data e a assinatura, “como era antigamente” (apêndice AZ). Neste seguimento, foram também partilhando algumas situações menos agradáveis que vivenciaram em relação à organização das entradas, procurando, em conjunto, soluções para as resolver, como: recolher assinaturas, fazer abaixo-assinados e contactar diretamente a CMA nas respetivas instalações.



*Figura 7 – Sessão de 19 de abril*



*Figura 6 – Sessão de 17 de maio*

No apêndice BA, podem obter-se os registos fotográficos destes momentos de debate e partilha.

### 5.2.3. “DIA DO VIZINHO”

Em resultado das sessões realizadas, do crescente interesse e envolvimento dos/as moradores/as nas atividades desenvolvidas e dos contactos que fomos estabelecendo, foram surgindo novas sugestões, fruto da participação mais ativa dos/as envolvidos/as. Neste âmbito, sugeriram celebrar o “Dia do Vizinho”, reproduzindo localmente uma celebração com expressão nacional e que acontece na última terça-feira de maio, neste caso, 30 de maio de 2023. Esta celebração surgiu da necessidade que os/as moradores/as revelaram em organizar um espaço de convívio e partilha, juntando moradores/as e a estrutura e pessoas da CMA. Para tal, a mestranda enviou um e-mail para o Vice-Presidente e para a Chefe de Divisão a convidá-los (apêndice BB), em nome dos/as moradores/as, para estarem presentes nesta celebração.

Previamente, na sessão de 17 de maio, as moradoras presentes organizaram-se em relação à preparação do espaço em que se realizaria o convívio, tendo-se decidido que o Pavilhão Desportivo seria o local ideal, por ser onde as sessões do projeto decorriam e também por ser um local situado no interior da Urbanização. Uma moradora sugeriu que se fizesse o “Pote do Vizinho”, ou seja, que se construísse um pote para colocação de frases e/ou sugestões, direitos e deveres dos/as vizinhos/as, para que, cada morador/a que participasse neste convívio pudesse levar uma sugestão para casa de como contribuir para melhorar a vida e a situação da Urbanização. As frases foram elaboradas em conversa entre as moradoras (apêndice BC).

No dia da “Preparação do Dia do Vizinho”, 24 de maio (**Erro! A origem da referência não foi encontrada.**) – preparação para a qual foi afixado um cartaz informativo (apêndice BD) –, as

moradoras organizaram-se com base naquilo que sabiam e gostavam de fazer e, enquanto umas iam recortando e colando, outras iam pintando e desenhando, sempre com espaço para o diálogo e a partilha. Neste encontro, elaborou-se o cartaz do “Dia do Vizinho”, o “Porte do Vizinho” e a “Caixa das Sugestões” (apêndice BE). Ainda neste dia, foram afixados os cartazes para o “Dia do Vizinho” (apêndice BF), tendo-se realizado mobilização porta-a-porta para convidar os/as moradores/as a participarem neste momento.

A ideia do “Dia do Vizinho” (Figura 9) foi ser um dia de festa, de convívio e de partilha e, por isso, considerámos que seria interessante que este encontro, além da vertente educativa, também pudesse ter uma vertente lúdico-cultural. Assim, tendo em conta que, em várias sessões, as moradoras foram manifestando o interesse em “aulas de Zumba, como havia antes” (P-RE4), dizendo também “tem de haver bailarico” (MJ). Em articulação com a Casa da Juventude (CJ), foi proporcionado, pelos voluntários do programa Erasmus+, uma aula de Zumba. Este momento lúdico foi bastante importante para as moradoras, visto que, além de sentirem que os seus desejos tinham sido ouvidos, também puderam, no mesmo espaço, partilhar o gosto pela dança, aprender umas com as outras e, acima de tudo, divertirem-se e fomentarem o sentido de grupo. No apêndice BG, encontram-se vários registos fotográficos deste momento.



*Figura 8 – Preparação do Dia do Vizinho*



*Figura 9 – Dia do Vizinho (30 de maio)*

#### **5.2.4. A CRIAÇÃO DE LINHAS DE CONTINUIDADE...**

Ao longo do desenvolvimento do projeto foram várias as vezes que a mestranda se deslocou à Urbanização para colocar os cartazes e os *flyers* das diversas sessões, mas, acima de tudo, para ir escutando os/as moradores/as e priorizando necessidades em conjunto com estes/as. Numa das idas à Urbanização, no dia 5 de junho de 2023, foi possível conversar informalmente com uma moradora (I-RE5) que expressou claramente a importância deste projeto e a necessidade de o

mesmo continuar, criando-se um espaço permanente, uma espécie de sala de convívio e aprendizagem mútua:

este projeto é importante, é pena que vá terminar, mas temos de continuar. Temos uma boa sala aqui atrás do meu prédio que podia ser aproveitada para continuar. Nem que fôssemos só nós, sem ninguém. Nós até limpávamos tudo depois. Todos os dias íamos lá, aprendíamos coisas umas com as outras (...). Era preciso. Fazia-nos bem à cabeça (I-RE).

Decorrente desta ideia, no dia 7 de junho, no final da sessão intitulada “Movimento de Limpeza da Urbanização” (Ação 3), um grupo de moradoras organizou-se e, em conjunto, mencionou a necessidade e a importância de criar linhas de continuidade do projeto. Assim, antes da sessão, as moradoras reuniram-se, discutiram as suas ideias e elegeram uma porta-voz que, posteriormente, indicou:

é assim, nós temos ali aquela sala de vago e podíamos utilizar. A gente passava ali o tempo, ocupadas, cada uma com as suas ideias, ajudávamo-nos umas às outras e fazíamos os nossos trabalhos. E, depois, elas, as doutoras, podiam fazer uma exposição com os nossos trabalhos. Porque elas têm ali as salas e a fazer o quê? Uma tem coisas, mas as outras não. Eu, quando andei no TEIA+, que andei muito tempo, já estivemos ali e elas têm ali as salas vazias e podiam-nos dispensar uma, não estragávamos (I-RE5).

Solicitaram, ainda, que marcássemos uma reunião com os responsáveis e as técnicas da CMA, para que pudessem expressar e reivindicar as suas sugestões e necessidades. Porém, apesar de as técnicas da HS considerarem esta auto-organização das moradoras importante, de reconhecerem a coesão social que se estava a fomentar (“está-se a criar ali um grupinho tão coeso de mulheres, que é pena perder-se. Podíamos dar continuidade com a sala de convívio” – THS) e de terem procurado, junto dos responsáveis da CMA, uma solução para a criação da sala de convívio, durante a duração do projeto, não foi possível concretizar esta pretensão.

Numa fase mais avançada, e como resultado de todas as sessões, da voz dos/as moradores/as, das sugestões dos/as responsáveis da CMA e das técnicas da HS, foi coconstruído o “Guia de Morador” (apêndice BH), que conta com as indicações decorrentes das “chuvas de ideias”, dos debates, das partilhas e da recolha das sugestões da “Caixa de Partilha”. É, portanto, fruto da construção coletiva, da discussão e da reflexão presente em todos os momentos, é produto dos/as próprios/as participantes e, por isso, é uma expressão clara do processo de crescimento e do processo educativo que ocorreu ao longo destes meses.

## 5.2.5. GERIR A ENTRADA

Sabendo-se que a melhoria da gestão das entradas foi uma das maiores necessidades sentidas por todos/as os/as moradores/as, ora pelo não reconhecimento deste papel, ora pela estagnação do mesmo, foi importante envolver as representantes de entrada no desenvolvimento do projeto.

Neste âmbito, entre o dia 21 e o dia 29 de março, ocorreram os primeiros contactos e entrevistas com as representantes de entrada. No dia 24 de março, realizou-se a entrevista à representante da entrada 1 do lote 3 (RE1), na Casa da Portela; no dia 27 de março, ocorreu a entrevista à representante da entrada 1 do lote 1 (RE2) e à representante de entrada 3 do lote 2 (RE3), esta na Urbanização; e, no dia 29 de março, realizou-se a entrevista à representante da entrada 2 do lote 2 (RE4), também na Urbanização. Com estas entrevistas, percebeu-se que o papel das representantes de entrada era mais “teórico” do que prático, chegando-se à conclusão da necessidade de se tornar o papel do representante de entrada mais ativo e reconhecido.

Considerando-se que nem todas as entradas contavam com a figura do/a representante, ao longo do mês de abril e início de maio, estabeleceram-se alguns contactos com antigos/as representantes de entrada, para verificar a sua disponibilidade para voltar a assumir este cargo. Na entrada 3 do lote 1, os/as moradores/as recusaram assumir este papel e, por isso, decidiram que não seria necessário eleger uma figura representativa; na entrada 1 do lote 2, a antiga representante de entrada, eleita pelos/as moradores/as, concordou em voltar a assumir este cargo; na entrada 2 do lote 3, os/as moradores/as elegeram uma moradora para ser representante de entrada que, desde logo, aceitou, visto já ter assumido este papel anteriormente no seu antigo local de residência; e, na entrada 2 do lote 1, os/as moradores/as concluíram que não havia necessidade de eleger um representante de entrada.

Esta dualidade entre querer e não querer representantes de entrada remete-nos para a ideia da democracia participativa e da democracia representativa. Enquanto a democracia participativa, bastante presente nas entradas que se organizam sem nenhum/a representante, tem como fundamento a reivindicação de espaços participativos, que permitam a argumentação e a aprendizagem, a democracia representativa, presente nas entradas que elegeram uma representante, vai muito ao encontro da ideia de eleger representantes adequados para

responderem satisfatoriamente aos interesses dos/as representados/as. Porém, apesar desta dualidade, verifica-se uma complementaridade, visto que, apesar da existência de representantes, esta não esgota as outras formas de participar em decisões e, por isso, os/as moradores/as criam espaços que os ajudam a resolver questões que afetam diretamente o seu quotidiano (Gaspardo, 2018), sendo estes visíveis ao longo das várias ações do presente projeto.

Todavia, é importante ressaltar que, ao longo do desenvolvimento do projeto, apenas 3 das 6 representantes tiveram uma participação bastante ativa e comprometida, tendo estado presentes em quase todas as sessões, bem como na monitorização dos mapas de limpeza. Esta disponibilidade demonstrou a vontade em representar os/as moradores/as e em procurar resolver os problemas e encontrar soluções conjuntas para a vida e situação da Urbanização.

Considerando que, atualmente, apesar de haver representantes de entrada, o seu papel está mais estagnado, visto que já não existem reuniões de entrada, nem reuniões entre as representantes de entrada e a CMA, e após ouvirmos alguns/mas moradores/as, começámos a pensar em estratégias de atuação para motivar as representantes de entrada a ter um papel mais ativo e comprometido com a Urbanização. A primeira estratégia foi tentar envolvê-las, cada vez mais, no desenvolvimento do projeto. Fomos ainda solicitando às representantes de entrada que pudessem realizar a mobilização porta-a-porta, para incentivar os/as moradores/as a estarem presentes nas atividades, o que teve resultados em várias sessões, visto que, ao longo do tempo, foram aparecendo novos/as moradores/as, incentivados/as pelas suas representantes.

Outra estratégia que surgiu, envolvendo as representantes de entrada, foi a realização de uma reunião comunitária com a estrutura da CMA, dada a necessidade de se criar um espaço de diálogo e debate, para as representantes de entrada exporem as sugestões, os problemas e as necessidades identificadas pelos/as moradores/as. Porém, no tempo do projeto, não foi possível desenvolver esta reunião; ainda assim, deixaram-se às representantes de entrada e aos/as responsáveis e técnicas da CMA as ferramentas necessárias para a concretização desta reunião, destacando-se, a título de exemplo, uma apresentação com ideias daquilo que pode ser, efetivamente, o trabalho de um representante de entrada (apêndice B1). Espera-se, portanto, que, num futuro próximo, o conteúdo desta reunião venha a ser recuperado, e realizadas outras iniciativas neste âmbito.

### 5.3. AÇÃO 3 – “CIDADÃOS CONSCIENTES E ATIVOS”

Através da voz dos/as moradores/as, verificou-se ainda a necessidade de criação de espaços de aprendizagem e de desenvolvimento de competências consideradas essenciais para a vida. Para motivar a participação dos/as moradores/as e para que se produzissem mudanças efetivas nas suas vidas, revelou-se imperativo articular a dimensão individual com a dimensão coletiva, ao mesmo tempo que se promovia a educação e a cultura. Tendo em conta os questionamentos desta intervenção, em matéria daquilo que é tantas vezes considerado expectável para os “bairros sociais”, também foi primordial que estas sessões rompessem com ideias pré-estabelecidas quanto aos interesses e capacidades dos/as moradores/as, e que apontariam tendencialmente num único sentido: palestras circunscritas à temática da “gestão” do bairro.

Conforme as indicações e manifestações de interesse recolhidas, estas oficinas desenvolveriam competências essenciais para a vida, possibilitadoras da confrontação dos desafios do dia-a-dia e de um mundo em constante e rápida mudança. Pretendia-se que estas sessões tivessem significado para os/as participantes, ao mesmo tempo que favoreciam aprendizagens que pudessem ser mobilizados em situações reais. Neste sentido, estas teriam de partir das vontades dos/as próprios/as, o que não significou que não tivessem de ser priorizadas as temáticas a abordar, em função dos recursos existentes e das disponibilidades das entidades a implicar. A ideia seria também ativar os meios disponíveis, trazê-los à Urbanização, provocar relação com os/as moradores/as, evidenciando assim as possibilidades existentes de capacitação e continuidade da ação neste domínio.

A preparação para as diferentes oficinas incluiu um trabalho informativo prévio. Para informar os/as moradores/as das sessões, foram elaborados cartazes e uma brochura específica para a sessão com a Guarda Nacional Republicana (GNR); (apêndice BJ) estes foram afixados na Urbanização e a brochura colocada na caixa do correio.

Antes de avançar para uma descrição breve das diferentes sessões/oficinas, vale a pena mencionar que elas, para além de promoverem a literacia e outras competências dos participantes em diferentes domínios, constituíram ferramentas para a instigação da ação e da mudança social. Ou seja, foram sessões que procuraram encontrar soluções coletivas para problemas reais. Portanto, é neste sentido que estas ações de informação, sensibilização e

partilha se encaixaram, como fontes de promoção de aprendizagem, de capacitação e de autocapacitação, que, além de transformar pessoas e comunidades, tiveram como base a sua própria iniciativa e a participação das mesmas. Criaram-se desta forma oportunidades para que os/as moradores/as questionassem as suas ideias e perceções acerca das várias temáticas, incentivou-se a curiosidade e a descoberta, promovendo, sempre, o diálogo, a interação e a partilha entre todos. Foi, efetivamente, uma ação baseada na educação ativa, participada e inclusiva.

### **5.3.1. SESSÃO “PLANEAMENTO DO ORÇAMENTO FAMILIAR”**

Ao longo das várias sessões de trabalho e dinâmicas de grupo desenvolvidas, os/as participantes demonstraram interesse em temáticas variadas, como a saúde, a segurança da Urbanização e a gestão, mas também vontade de conhecer as diversas respostas associativas de que o Município dispõe. Assim, após se ter ouvido os/as moradores/as e verificado quais as medidas sediadas e desenvolvidas a partir da Casa da Portela, surgiu a hipótese de dinamização de uma sessão com o CIAC (Centro de Informação Autárquico ao Consumidor).

No dia 10 de maio de 2023, decorreu uma sessão sobre “Planeamento do Orçamento Familiar”, com Rosa Sampaio, do CIAC, na qual estiveram presentes 11 moradoras (Figura 10).



*Figura 10 - Sessão “Planeamento do Orçamento Familiar” (10 de maio)*

Ao longo da sessão, houve espaço para a informação, para a partilha e para o debate. Falou-se, essencialmente, de dicas de poupança, de estratégias para avaliar a forma como algumas despesas afetam o orçamento familiar, de como interpretar faturas, evitar despesas inesperadas, aproveitar melhor o orçamento, evitando-se dívidas, entre outros tópicos. Mais do que uma

simples palestra informativa, esta sessão revelou-se um momento de partilha, no qual as participantes puderam expor e ver esclarecidas as suas dúvidas, bem como partilhar situações vividas no quotidiano, o que permitiu trabalhar a temática a partir dos próprios contextos e realidades das participantes.

Acredita-se que esta sessão teve resultados a vários níveis. Primeiro, porque as participantes ficaram a conhecer a existência do Gabinete de Apoio ao Consumidor da Casa da Portela, o que, por sua vez, as motivou a marcar atendimentos individuais para análise de situações mais específicas; segundo, ficaram a conhecer alguns direitos que, enquanto consumidoras, detêm; terceiro, abriu portas para a indução de mudança por parte da CMA, visto que houve a valorização dos recursos endógenos da ação camarária, na sua mobilização em contexto de bairro de habitação social, sendo de mencionar que esta sessão levou ao desenvolvimento de uma outra sessão, no dia 19 de junho, dirigida a todos os/as moradores/as bairros camarários. Além disso, a dinâmica da sessão permitiu espaço para a transferência de saberes de ambas as partes, possibilitando a autorreflexão, bem como o desenvolvimento pessoal e coletivo.

### **5.3.2. *WORKSHOP* SOBRE “PRIMEIROS-SOCORROS”**

Na sequência desta primeira palestra, e tendo em conta as ideias suscitadas pelos/as próprios/as participantes, foi necessário reunir com a Chefe de Divisão e com a técnica responsável pela Urbanização, para agilizar os contactos com os parceiros do Município para as seguintes ações: GNR e Bombeiros Voluntários de Amarante (BVA). Esta reunião ocorreu no dia 15 de maio. Assim, decidiu-se que a mestranda enviaria os e-mails/convites para o Comandante da GNR (apêndice BK) e para o Comandante dos BVA (apêndice BL).

No dia 19 de maio, os BVA confirmaram a realização de uma oficina sobre “Primeiros-Socorros”, tendo esta ocorrido no dia 31 de maio de 2023 (apêndice BM); participaram 10 moradores/as. Este *workshop* (Figura 11) partiu dos/as próprios moradores/as, que, ao longo de várias sessões, foram verbalizando ser “necessário sabermos ajudar os outros; já uma vez tive que ajudar um rapaz aqui na rua e não sabia o que fazer” (C).

Com este *workshop*, os/as participantes, através de situações concretas de vida e de alguns exemplos, adquiriram competências teóricas e técnicas sobre primeiros-socorros, sendo que, no

final, através de uma reflexão conjunta, surgiram comentários como: “os bombeiros foram muito bons” (I-RE5) e “(...) isto é importante. A qualquer hora ou dia podemos ter de ajudar alguém” (C). É de ressaltar que o facto de se ter recorrido à problematização e à reflexão sobre a realidade dos/as participantes, experiências, conhecimentos prévios, opiniões e dúvidas foi de suma importância: a aprendizagem foi construída através das próprias experiências dos/as participantes, podendo a mesma ser agora mobilizada em contexto real.



Figura 11 - Workshop “Primeiros-Socorros” (31 de maio)

### 5.3.3. “MOVIMENTO DE LIMPEZA DA URBANIZAÇÃO”

Seguindo a lógica do *workshop* sobre “Primeiros-Socorros”, os/as participantes do projeto continuaram a manifestar a importância de oficinas onde pudessem desenvolver competências que consideram importantes para a sua vida, quer dentro, quer fora da Urbanização, ou seja, oficinas que se aproximem das suas condições reais de vida quotidiana. Neste âmbito, organizaram uma iniciativa, que intitulámos “Movimento de Limpeza da Urbanização”, no dia 7 de junho de 2023, e na qual compareceram 7 moradoras.

Para este “Movimento”, convocou-se a presença e ajuda dos voluntários da CJ, que, através de uma pequena apresentação, deram a conhecer alguns projetos, no âmbito da educação ambiental, como a Horta Urbana. Juntou-se, pois, a dimensão prática de limpeza do bairro a uma componente propriamente educativa. Contudo, devido às condições meteorológicas não foi possível realizar a parte prática do Movimento de Limpeza da Urbanização. Apesar disto, esta sessão foi significativa, pois partiu dos/as próprios moradores/as (dimensão de autogestão), por um lado, ao mesmo tempo que permitiu que os/as mesmos ficassem a conhecer algumas ideias e projetos, numa lógica de discussão de temas e práticas relevantes no domínio ambiental (dimensão educativa), por outro lado. Além disso, esta sessão promoveu o interesse de algumas moradoras

em participarem na Horta Urbana e, decorrente desse interesse, a CMA colocou a possibilidade de se abrirem candidaturas específicas para estas moradoras (para que se pudessem precisamente candidatar-se à utilização de espaços na Horta Urbana).

### 5.3.4. SESSÃO SOBRE “GESTÃO DE CONFLITOS E RELAÇÕES INTERPESSOAIS”

Outro interesse que surgiu da parte de um grupo de moradoras, mas também em resultado da evidenciação da problemática dos conflitos existentes na Urbanização, devido a algumas incompatibilidades entre moradores/as e, sobretudo, devido à limpeza dos espaços comuns, foi a reflexão sobre estratégias para uma melhor gestão dos conflitos (“nós aqui até nos damos bem, o problema é a limpeza, sabe? Na minha entrada, não tenho razão de queixa. Não tenho. Mas noutras... temos que resolver isto” - I-RE5). Assim, no dia 13 de junho de 2023, foi realizada uma sessão de informação sobre gestão de conflitos e relações interpessoais, em articulação com o AGIR CLDS 4G (Figura 12 e apêndice BN); nesta sessão, estiveram presentes 13 moradoras.



*Figura 12 - Sessão “Gestão de conflitos e relações interpessoais” (13 de junho)*

Esta sessão foi efetivamente uma sessão de partilha e debate sobre questões concretas da situação da Urbanização, na qual se trabalharam estratégias para melhorar a resolução de conflitos, de forma comunicativa, reflexiva, mas também assertiva. A presença da técnica do AGIR CLDS 4G foi importante, mas focou-se, sobretudo, na mediação da sessão, visto que as participantes se sentiram à vontade e encontraram ali um espaço seguro para debaterem questões que, para elas, são importantes, partindo de situações concretas da Urbanização.

### 5.3.5. SESSÃO SOBRE “VIVER EM COMUNIDADE”

Decorrente das várias sessões de enriquecimento de saberes e de aprendizagens colaborativas, os/as participantes foram manifestando, cada vez mais, que gostavam que a GNR também participasse nestas ações, tal como acontecia antigamente na Urbanização, mas também pelo sentimento de segurança que a GNR transmite aos/às moradores/as (“quando vem cá a GNR? Eles também deviam cá vir, também era importante” P-RE4). Assim, após ter entrado em contacto, via e-mail, com o Comandante da GNR, no dia 22 de maio, a GNR quis marcar uma reunião. Nesta reunião, a GNR, apesar de considerar a sessão dirigida para os/as moradores/as de S. Lázaro importante, mencionou, várias vezes, a importância de se criar um programa, em articulação com a CMA, dirigido a todos os bairros, com base nas problemáticas identificadas pelos próprios/as moradores/as, para que, gradualmente, esta força de segurança comece a ter uma presença mais forte nestes contextos, abrindo as portas dos próprios bairros e combatendo estereótipos e representações sociais existentes e ideias feitas de parte a parte.

No seguimento desta reunião, no dia 21 de junho, ocorreu uma sessão que intitulámos “Viver em Comunidade” (Figura 13), com a GNR (apêndice B0) e a presença de 15 moradores/as; foi notória a envolvimento ativo e efetiva dos membros da GNR e o diálogo e interação dos/as moradores/as.



*Figura 13 - Sessão “Viver em Comunidade” (21 de junho)*

Foi uma sessão de partilha, na qual os/as participantes se sentiram escutados/as, em que puderam expressar os seus problemas e necessidades, mas também indicar as suas sugestões para melhorarem a situação da Urbanização. Abordaram-se temáticas como: o que é viver em comunidade, o que falta para S. Lázaro ser uma comunidade, o ruído da vizinhança e das obras, os animais de companhia, os estacionamento na via pública, a limpeza pública, as burlas e a violência, ou seja, temas genéricos, mas que fazem também parte das preocupações quotidianas

dos/as moradores/as. Concomitantemente, ao longo da sessão, os/as participantes partilharam a importância da presença da GNR na Urbanização, discutindo-se, ainda, a diferença entre as responsabilidades inerentes à GNR e as responsabilidades inerentes à CMA. Em conjunto com a GNR, os/as moradores/as definiram que “viver em comunidade” também passa por: “ouvir o outro, respeitar o outro e o direito alheio”, “comunicar com o outro”, “proteger a natureza”, “colaborar com as autoridades” e “proteger o património público e pessoal”.

Com a sessão da GNR, foi ainda possível identificar casos de isolamento de pessoas idosas em S. Lázaro e, conseqüentemente, perceber se as mesmas estariam dispostas a integrar um programa da GNR que acompanha, ativamente, os/as idosos/as, percebendo e suprimindo as suas necessidades básicas.

### 5.3.6. SESSÃO “VAMOS FALAR DO ESPAÇO DOMÉSTICO E HABITACIONAL?”

Para terminar este ciclo de oficinas de competências essenciais para a vida - e, de igual modo, para responder às solicitações de algumas participantes (“a Dr.<sup>a</sup> Célia podia cá vir falar connosco, como era antes, eu conheço-a bem” – I-RE5), no dia 28 de junho, em conjunto com Célia Pereira, do projeto AGIR CLDS 4G, organizou-se a sessão “Vamos falar do espaço doméstico e habitacional?” (Figura 14), na qual estiveram 8 moradoras. No apêndice BP, podem observar-se vários registos fotográficos desta sessão.



Figura 14 - Sessão “Vamos falar do espaço doméstico e habitacional?” (28 de junho)

A temática surgiu como resposta às conversas informais que, ao longo do tempo, fomos estabelecendo, mas também como sequência aos temas que já tinham sido trabalhados anteriormente. Esta sessão pautou-se mais pela prática, pelo diálogo e pela interação do que

propriamente pela exposição de conteúdos. Ou seja, através de uma “chuva de ideias”, as moradoras puderam expressar aquilo que para elas é a gestão doméstica e habitacional (apêndice BQ), bem como partilhar, umas com as outras, as estratégias que utilizam no seu quotidiano. Quis-se que a abordagem fosse horizontal e colaborativa e não moralista ou paternalista, o que é sempre um risco neste tipo de sessões.

Após esta partilha, em que o diálogo foi o alicerce, realizou-se um caso prático, através de trabalho em grupos. Apesar de, inicialmente, as moradoras se sentirem um pouco retraídas (“Isso vai ser difícil, não consigo escrever sem óculos – P), conseguiram organizar-se e, através da menção a situações que já vivenciaram no seu dia-a-dia, reescreveram o final do caso prático (apêndice BR). Um ponto importante a salientar foi exatamente o facto de, nestas duas dinâmicas, as moradoras recorrerem a aspetos comuns da vida e da situação da Urbanização, mencionando que a limpeza e a organização dos espaços comuns também faz parte da vida doméstica e habitacional.

Esta última sessão foi o reflexo da interação, da partilha e do diálogo que, ao longo dos meses, se foi estabelecendo, mas também do trabalho colaborativo e da aprendizagem através dos contextos e das situações concretas de vida das participantes. O facto de se ter recorrido ao método ativo, nomeadamente a estratégias como a “chuva de ideias” e o estudo de caso, favoreceu a motivação e a interação das participantes, bem como a (auto)exploração, a iniciativa e a participação, o que favoreceu a aprendizagem viva e ativa.

É ainda de mencionar que houve espaço para um momento de auto e heteroconhecimento e para um momento de autorreflexão sobre o projeto. Inicialmente, as moradoras partilharam uma característica positiva sobre si próprias, relacionada com a vida e situação da Urbanização, com o intuito de se conhecerem melhor, para melhor se relacionarem; no final, as moradoras refletiram sobre o caminho que lhes permitiu não só promover várias experiências e desenvolver competências, como também conhecer as diversas respostas do tecido institucional e associativo envolvente (“é sempre bom estar convosco” – A; “convívio” – GP, “levo tanta coisa, o convívio, aprender e estar com as pessoas” – A-RE3; “partilha” – F; “tudo isso é bom para nós, ajudamos uns aos outros e convivemos. É produtivo. É importante sabermos mais. Estamos aqui e cada uma dá um bocadinho de si” – C; “nós não queríamos que isto que acabasse” – G; e “partilha, acima de tudo tem sido a partilha e o convívio” – P). As declarações avaliativas recolhidas evidenciam que este foi um momento de reflexão importante e gratificante para todas.

## 5.4. UM “BRINDE À MUDANÇA”

O “Brinde à Mudança” marcou o término do projeto e o início de uma nova etapa em S. Lázaro. Foi, portanto, o marco de todo o desenvolvimento do projeto e um corolário do decorrer de toda a ação. Correspondeu a uma expressão da vontade dos/as moradores/as no sentido da criação de linhas de continuidade após o término desta primeira etapa (chamemos-lhe assim), rumo a um caminho traçado autonomamente. Após uma longa jornada de debate, de partilhas, de aprendizagens, de (re)criação de redes e laços sociais, de promoção do interconhecimento, da (auto)organização e a ação coletiva, da participação ativa, cidadã e democrática dos/as moradores/as e do desenvolvimento de competências essenciais para a vida, chegou o momento da despedida e de reflexão final sobre todo o caminho de mudança e transformação. Em conjunto com os/as moradores/as, decidimos que dia 4 de junho seria o momento da partida e do “Brinde à Mudança”.

Assim, encontrámo-nos pelas 10 horas da manhã naquele que foi o nosso espaço principal de encontro, partilha e convívio ao longo dos meses, o Pavilhão Desportivo, e demos início àquela que foi, no quadro do ano académico e da duração formal do projeto, a última sessão conjunta. Começámos esta sessão com um momento mais formal, em jeito de *focus group*, de modo a suscitar a discussão entre os/as vários/as moradores/as presentes (12), com o intuito de refletir sobre o desenvolvimento do projeto e avaliar tudo aquilo que havia sido realizado e alcançado, mas também aquilo que ainda seria necessário mudar e transformar em S. Lázaro (ver capítulo 6, para desenvolvimentos sobre esta questão).

Os/as moradores/as envolveram-se por inteiro e de forma bastante participativa neste momento, tendo partilhado que, acima de tudo, o projeto “foi bonito, foram momentos de partilha como já não tínhamos cá” (P-RE4), mas que também “deu para nos conhecermos, para aprendermos mais. Acho que deu para partilhar e debater, mudar as coisas, mesmo o pouco que fosse” (C). Refletiram sobre a importância dos debates e do mapa das limpezas (“na nossa parte funciona. Sempre funcionou” – P), sobre a mobilização dos parceiros do Município (“olhe, além dos momentos de debate, que isso foi mesmo importante, foram as palestras” – C), sobre novas estratégias de auto-organização (“mas as pessoas que não limpam, ao menos deviam chegar à beira das outras e pagar um garrafão de lixívia, ou assim, e nós limpávamos” – C) e, acima de tudo, sobre o grupo de moradores/as que conseguiram criar, no seio do qual puderam conhecer-se,

partilhar, conviver e aprender (“as pessoas estão mais unidas” P – RE4; “estamos a conhecer-nos e isso é bom. Nós é que somos S. Lázaro” – I RE5).

Concomitantemente, refletiram sobre a necessidade de, apesar da mudança induzida na CMA, ainda ser preciso uma presença mais ativa na Urbanização (“a Câmara devia andar mais em cima” – P). Demonstraram que, acima de tudo, acreditam que estes primeiros passos dados com o projeto “Há Vida em S. Lázaro” foram a semente da mudança que esperam que se venha a concretizar (“o que fizemos aqui vai ajudar a mudar isto. Vai ver que sim” – I RE5).

Porém, os/as moradores/as sentem que ainda há muito mais a melhorar. Para tal, em conjunto, organizaram uma petição ou abaixo-assinado (apêndice BS), para reivindicarem os seus direitos e para demonstrarem, junto da estrutura da CMA, que querem continuar a fortalecer os laços sociais, solidariedades e vivências cidadãs, através da participação cívica e da ação comunitária. Os/as moradores/as presentes assinaram a petição, solicitando uma reunião na Casa da Portela, para nela abordarem questões relativas à vida e situação da Urbanização.

Após este pequeno momento de debate e partilha, demos início ao “Brinde à Mudança” propriamente dito. Brindámos àquilo que conquistámos, às mudanças e transformações alcançadas e à promessa dos/as moradores/as em continuarem a lutar pela melhoria das condições de vida da comunidade de S. Lázaro (Figura 15).

De seguida, concluímos as atividades como começámos, com a “Caixa de Partilha” (apêndice BT), onde os/as moradores/as colocaram as suas sugestões para, posteriormente, as mesmas serem entregues às técnicas da HS. Além disso, alguns/as moradores/as também quiseram colocar mensagens no cartaz do “Brinde à Mudança” (Figura 16). No apêndice BU, encontram-se os registos fotográficos deste momento.



*Figura 15 - Brinde à Mudança (4 de julho)*



*Figura 16 - Cartaz do Brinde à Mudança*

Para terminar, os/as moradores/as organizaram um almoço-surpresa de despedida da mestranda, tendo também convidado as técnicas da HS e mencionado que:

vamos tentar manter o convívio e a partilha como estamos até agora. Temos de ser mais unidos uns com os outros e tentar conviver todos, independentemente do feitio de cada um. Lidar com os feitios uns dos outros e termos um bom ambiente, que é bom para todos (LRES).

Posteriormente, já no dia 20 de julho de 2023, ocorreu uma reunião com a técnica da HS que trabalha mais diretamente na Urbanização de S. Lázaro, para fazermos um balanço final sobre o desenvolvimento do projeto. Nesta reunião, foi possível discutir vários pontos sobre o caminho percorrido, bem como devolver os problemas e necessidades identificados, as sugestões da “Caixa de Partilha” e tudo aquilo que foi debatido ao longo das várias sessões com os/as moradores/as. Além disso, foi possível entregar à CMA a petição realizada pelos/as moradores/as, que, na opinião desta técnica, demonstra a crescente auto-organização e automobilização dos/as mesmos/as, bem como a re(criação) de redes e laços sociais. Neste seguimento, ficou clara a necessidade de, num futuro próximo, se organizar uma reunião com as representantes de entrada, para se prosseguir não só um trabalho de proximidade com as mesmas, mas também para tornar, cada vez mais, este papel mais ativo.

Tendo em conta aquilo que se conquistou com o projeto (“retomar algumas dinâmicas de intervenção comunitária anteriormente instaladas, o que contribui para a boa vivência dos moradores neste espaço habitacional”; “foi possível verificar uma reaproximação dos moradores, através das sessões semanais, em torno de temáticas/problemas do interesse de todos”; “individualmente cada participante adquiriu competências e promoveu uma reflexão dos principais problemas identificados na urbanização e estratégias para os solucionar”; “criou uma dinâmica entre os moradores, que há muito não era possível” – THS1), a técnica referiu a necessidade de se realizar, em meados de setembro, uma reunião com os/as moradores/as para dar continuidade às ações do projeto, mas também com a GNR, visto que esta entidade demonstrou, desde o início, interesse em manter uma presença mais ativa e próxima juntos dos/as moradores/as de todos os bairros de habitação social, bem como com outras entidades, porque “a participação de entidades externas foi, sem dúvida, muito enriquecedora para o projeto” (THS1).

## **6. CAMINHO PERCORRIDO: UM OLHAR SOBRE A MUDANÇA ALMEJADA E A MUDANÇA ALCANÇADA**

Com o projeto “Há Vida em S. Lázaro”, procurámos não só trabalhar as eventuais ruturas que marcam a sociabilidade comunitária, como também potenciar um espaço de aprendizagem e socialização, através do encontro, do convívio e da aprendizagem entre pares, criando a atmosfera para a partilha de conhecimento e, depois, para a promoção da coesão social e territorial. Desejamos, ainda, que os/as moradores/as fossem, cada vez mais, informados, conscientes e participativos, para assim melhorarem não só o seu bem-estar, mas também fortalecerem as suas relações comunitárias e a sua participação cidadã na cidade e na sociedade.

De facto, após o seu término, concluímos que o mesmo demonstrou a importância de envolver os/as sujeitos/as no processo de construção de conhecimento, de transformação e no seu próprio desenvolvimento. Mostrou também a importância de trabalhar com o outro, promovendo ações colaborativas, diálogo e (autor)reflexão. A avaliação do projeto não se afastou deste espírito e desta lógica. Em vários momentos e intervenções avaliativas, procurou-se fomentar nos/as participantes a exploração, a reflexão, a partilha e o questionamento, potenciando, assim, a capacidade de leitura crítica sobre a própria mudança e transformação.

A avaliação deve recordar a finalidade, os objetivos, os indicadores de avaliação e as ações, relacionando-os com as necessidades e os problemas identificados e trabalhados (apêndice BW). Nas próximas páginas deste documento, procedemos à apresentação de uma síntese da análise descritiva e reflexiva feita acerca daquilo que foi alcançado pelos/as participantes no projeto. Este capítulo encontra-se estruturado em torno de três eixos analíticos: 1) direcionado para um grupo de participantes mais ativas e efetivas do projeto; 2) focado na implicação organizacional do projeto na autarquia; 3) por fim, um ponto reflexivo sobre todo o desenvolvimento do projeto, que serve de síntese final acerca das realizações e principais implicações de todo o processo.

### **6.1. O GRUPO POTENCIADOR DA MUDANÇA**

Foram vários/as os/as moradores/as de S. Lázaro que passaram pelo projeto: cada um/a deixou a marca do seu próprio ritmo e a pegada em direção à mudança. Mas não deixaram apenas parte

de si: também levaram consigo o resultado dos diálogos, das partilhas e das interações, tornaram-se “agentes de mudança e transformação”, assumindo a “capacidade de posicionamento e decisão pessoal e coletiva na vida” da sua comunidade (Monteiro, 2019, p.67).

Todos/as os/as que passaram pelo projeto foram agentes ativos na mudança – essa é a convicção que decorre do trabalho realizado. Enquanto uns/as, nas primeiras sessões, expressaram e partilharam experiências, ideias e sentimentos relativos à vida comum (OE1.2), procurando soluções conjuntas e participadas para os problemas (OE 2.3), outros/as, nas oficinas, tiveram a oportunidade de experimentar e aprofundar competências essenciais para a vida, em diversos domínios (OE3.2). Não podemos, contudo, descurar aqueles/as que, mesmo não tendo comparecido nas sessões, porque os ritmos de vida não o permitiram, também deram o seu contributo, ao assegurar a organização da limpeza, da conservação e manutenção dos espaços comuns, através do mapa das limpezas (OE2.4). E houve ainda aqueles/as que, com a sua curiosidade para saber mais, mas com a dúvida e timidez que os/as impedia de comparecer, também questionaram os/as demais moradores/as sobre aquilo que estava a acontecer. Efetivamente, foram muitos/as aqueles/as que, juntos/as, construíram um conhecimento coletivo sobre a vida e a situação da Urbanização (OE2.2).

Mas se a estratégia estruturadora de todo o projeto era a criação de um grupo de moradores/as que procurasse a coesão interna necessária para o desenvolvimento da generalidade das ações, então, sem dúvida, que temos de dar como conseguido esse propósito. O grupo nuclear de participantes foi constituído por nove mulheres, de diferentes entradas, sendo três delas representantes de entrada. Estas mulheres mantiveram uma participação regular ao longo do projeto e nas duas diversas ações. Em todas as ações, criaram espaços de encontro e debate coletivo (OE1.4), aprenderam a dialogar sobre os seus problemas e sugestões, assumiram, em todos os momentos, um papel ativo na procura de soluções para a resolução participada e coletiva dos problemas (OE2.3) e, acima de tudo, desenvolveram redes solidárias de vizinhança e de organização entre os/as moradores/as e as representantes de entrada (OE2.1). Hoje, é comum falarem em organizar uma caminhada ou um lanche, em fazerem abaixo-assinados ou então em instarem as representantes de entrada para irem à CMA, atuando diretamente junto do poder público. E, já que se faz aqui menção ao poder público, há a mencionar o facto de este grupo de mulheres também ter estado presente na atividade da Casa da Portela e no “Dia do Vizinho”, onde se fizeram ouvir e procuraram debater aquilo que é necessário mudar na Urbanização (OE2.5).

Concomitantemente, aprenderam a identificar e a valorizar os recursos culturais e identitários endógenos (OE1.1), nomeadamente o Pavilhão Desportivo e a sala comunitária. Decorrente desta identificação, mas também das redes solidárias de vizinhança estabelecidas (OE 2.1) e dos espaços que, fora do projeto, criaram para expressarem e partilharem aquilo que sentem em relação à Urbanização (OE 1.2 e OE1.4), as moradoras uniram-se na procura de criação de linhas de continuidade da ação desenvolvida, pois pretendem manter o elo de ligação: quando estas linhas estão a ser escritas, este grupo de moradoras, verdadeiro polo de animação e dinamização comunitária, está a tentar atuar junto da CMA reivindicando a disponibilização de uma sala de convívio e aprendizagem coletiva (OE 2.5) (“nós precisamos desta sala, precisamos de falar, aprender umas com as outras, conviver. Se não for assim, vai-se embora e ninguém vai querer saber mais” – G; “marque a reunião lá na Câmara e depois diga-nos o dia, que nós vamos lá pedir a sala” I-RE5; “olhe, é ir lá ver a tal sala que foi fechada, voltar a abrir” – A-RE4).

Para terminar, e não menos importante, é de mencionar que foi este grupo de moradoras que mais ativamente procurou identificar e expressar necessidades de desenvolvimento de competências e formas de as colmatar (OE3.1): ao longo das várias sessões, foram dando conta do seu interesse em envolver os parceiros do Município, consoante as temáticas que queriam abordar. Verifica-se que as próprias moradoras, mesmo fora e além do projeto, começaram a experimentar a aprofundar conhecimentos e competências em vários domínios de interesse (OE3.2) – frequentam formações em áreas diversa e manifestam vontade em integrar a Universidade Sénior e as aulas de Zumba do Pavilhão Desportivo.

## **6.2. A INDUÇÃO DE MUDANÇA NO MUNICÍPIO**

Desenvolver um projeto de educação e intervenção social em autarquias locais, baseando-o em valores e práticas humanistas e numa conceção de intervenção baseada na IAP, em que as pessoas são o centro e as protagonistas da ação, assumindo a sua voz, e um voz ativa ao longo de todo o processo, é bastante desafiador e impõe um certo grau de equilíbrio, destreza e resiliência, quer da parte da investigadora, quer da parte dos/as participantes e, deve dizer-se, até mesmo das estruturas e pessoal técnico das autarquias, quando estas se disponibilizam à partida para acolher um projeto feito nesta lógica, como foi aqui o caso. Ao longo do projeto, houve que responder aos propósitos e demandas da CMA, com a sua lógica própria de funcionamento, a sua

agenda e os seus objetivos, e foi necessário tentar desconstruir algumas práticas mais burocratizantes, substituindo-as por novas linguagens e abordagens, mais participadas e humanistas.

Este trabalho não foi fácil. E certamente não foi conseguido na sua plenitude. Mas o projeto conseguiu contrariar alguma da rigidez e burocracia que foi surgindo, contribuindo também para induzir mudança na abordagem da própria CMA. Se, de facto, os/as moradores/as, várias vezes, indicavam que era necessário “mais visitas e reuniões com a Câmara, que fôssemos todos, que fosse obrigatório (M)”, e que “devia haver uma ação mais ativa por parte da Câmara” (A-RE3), o que se verifica é que passos foram dados: por exemplo, foi possível, e muito relevante para os/as participantes no projeto, ter no mesmo espaço moradores/as e os/as responsáveis e técnicas da CMA. Tal aconteceu na iniciativa na Casa da Portela e no “Dia do Vizinho”, que abriu portas para que a estrutura da CMA reconhecesse a centralidade do envolvimento e escuta dos/as moradores/as no desenho e concretização da ação camarária (OE2.7).

Decorrente destas ideias, o facto de a medida do CIAC, constituinte da DDCS, ter tido uma presença no desenvolvimento da Ação 3 incentivou a que, no dia 19 de junho, a técnica Rosa Sampaio, em parceria com a DECO, organizasse uma sessão de informação, intitulada “Poupar é ganhar: poupe energia”, dirigida à população que habita nos bairros de habitação social. O projeto mostrou que há um caminho a fazer. Mas este abrir de portas da CMA à população que habita nestes aglomerados não chega: os/as moradores/as verbalizaram que, neste momento, precisam é de encontrar um espaço para debater aquilo que consideram necessário mudar nas suas vidas e na situação dos seus bairros.

A reunião com a GNR, a Chefe de Divisão e as técnicas da HS é outro exemplo do impacto potencial do projeto na ação camarária: a GNR verbalizou a necessidade e a importância de, em articulação com a CMA e com outros parceiros, se desenvolver um programa dirigido aos bairros de habitação social do Município, baseado nos princípios da informação, da solidariedade, da participação e do desenvolvimento. Ou seja, um programa que, de certa forma, pudesse dar continuidade à intervenção dinamizada no âmbito do projeto “Há Vida em S. Lázaro”, que signifique uma ação continuada no tempo, que promova a participação educativa, social e cívica dos/as moradores/as e que mobilize uma rede de parceiros com sólida vinculação ao território local.

Evidencia-se, portanto, uma nova responsabilização perante os/as moradores/as dos bairros de habitação social, que decorre da própria ação do projeto.

Em suma, a dinamização de encontros com a presença da estrutura e profissionais da CMA, as reuniões comunitárias, a própria abertura da CMA à realidade da Urbanização e a mobilização de vários parceiros da comunidade e do Município demonstram que o projeto “Há Vida em S. Lázaro” deixou um legado no Município. Concludentemente, reforçou-se a identificação e a valorização dos recursos endógenos e exógenos na ação camarária com os bairros de habitação social (OE2.6), bem como a vontade da CMA em assumir uma presença regular e uma ação continuada na promoção da relação com a Urbanização e os/as moradores/as (OE2.8).

Para o Município, o projeto “Há Vida em S. Lázaro”, abriu portas para uma participação mais ativa junto daqueles que vivem em bairros de habitação social, passando de o simples “dar a chave de casa”, para uma intervenção comunitária mais próxima, que ouça os/as moradores/as e que, efetivamente, atue junto deles/as para que haja, cada vez mais, uma (re)aproximação entre moradores/as e Município, dado que, segundo a técnica da HS, o projeto, é “uma experiência-piloto de algo absolutamente necessário para o bem-estar e promoção de qualidade de vida dos moradores, faltando do meu ponto de vista dar continuidade ao trabalho iniciado” (THS1).

### **6.3. A MUDANÇA ALCANÇADA – SÍNTESE AVALIATIVA**

O projeto “Há Vida em S. Lázaro” foi um processo coconstruído, sendo a participação, a comunicação, o diálogo, a liberdade, a solidariedade e a democracia os seus elementos-chave. Apesar de sabermos que, neste tipo de intervenções, não há certezas absolutas nem ganhos definitivos, atrevemo-nos a afirmar que todo o processo foi de efetiva participação – aliás, não se pode conceber educação sem participação. De igual modo, este foi um projeto baseado no diálogo, um encontro entre ação e reflexão (Freire, 1979); um projeto feito de comunicação permanente, com construção coletiva e partilha de significados; um projeto, também, de liberdade, com criação de espaços de “crescimento mútuo e amadurecimento de ideias próprias, agora sujeitas a um circuito de serena e descomplexada partilha” (Monteiro, 2012, p.173); um projeto, ainda, de solidariedade, que permitiu que todos/as trabalhássemos em prol de uma mesma finalidade; um projeto, enfim, de democracia, que, ao impulsionar a liberdade, a participação e os momentos de diálogo efetivo, permitiu elevar a voz de todos/as nas tomadas de decisão e nas dinâmicas de

ação (Monteiro, 2019). Baseando-se nestes pressupostos, o projeto configurou uma educação que permitiu “atuar sobre a realidade social para transformá-la” (Freire, 1979, p.8).

A Ação 1, “Vidas (In)Comuns”, muito direcionada para a construção de uma vivência mais coletiva e para a auto-organização e automobilização dos/as moradores/as, contribuiu para reforçar a coesão social, através do aprofundamento da (re)ligação entre moradores/as. Além disso, foi uma ação geradora de sentimento de vinculação dos/as participantes ao seu contexto de residência e à sua realidade quotidiana, permitindo a conquista de espaços de valorização pessoal, coletiva e de cidadania na Urbanização de S. Lázaro. Assim, é possível que o OG1, bem como os seus OE, foram genericamente alcançados: os/as participantes partilharam um espaço (no Pavilhão Desportivo), mas também vivências e assuntos de grande importância para si próprios/as e para a vida e situação da Urbanização, criaram uma rede solidária de vizinhança, conheceram-se melhor, de forma mais próxima e verdadeira, gerando interconhecimento e intervisão, destas decorrendo a auto-organização e a ação coletiva.

Com a Ação 2, “Há Vida em S. Lázaro: Uma Urbanização de Todos e Para Todos”, foi possível não só envolver a comunidade de S. Lázaro, mas também os poderes públicos locais na procura de soluções, na tomada de decisões conjuntas e na criação de estratégias e instrumentos direcionados para a ação concreta e o reforço da qualidade de vida. A atividade “Viver e Valorizar a Nossa Urbanização” (na Casa da Portela), o “Dia do Vizinho”, a mobilização de parceiros do Município e as várias reuniões comunitárias com os órgãos de poder demonstraram um crescente grau de envolvimento por parte destes na vida e na situação da Urbanização. Houve, de facto, uma vontade renovada de criar respostas mais humanistas e mais próximas, menos assistencialistas, momentos de debate coletivo e formas de favorecimento da relação dos/as moradores/as com as instituições públicas.

Porém, apesar de considerarmos que o OG2 foi atingido com a Ação 2, podemos dizer que ele foi apenas parcialmente atingido: temos consciência de que existe ainda um longo caminho a ser percorrido para que, efetivamente, a estrutura da CMA assumira uma presença mais regular e uma ação continuada na promoção da relação com os seus bairros – com esta Urbanização e com as outras (OE2.8). Apesar de os/as moradores/as começarem a auto-organizar-se para atuar junto dos poderes públicos, em favor dos seus interesses (OE2.5), ainda é necessário o reforço das práticas de escuta das suas necessidades e vontades. O projeto sublinha três sugestões de ação

futura: a realização de uma reunião entre a estrutura da CMA e as representantes de entrada, lançando uma colaboração próxima e reforçando o trabalho em torno do papel e das estratégias de atuação destas figuras importantes dos bairros; marcação de reuniões periódicas entre moradores/as e representantes de entrada; e visitas mais regulares por parte da CMA à Urbanização (por pessoal técnico e responsáveis políticos).

Por fim, com a Ação 3, “Cidadãos Conscientes e Ativos”, assistiu-se, progressivamente, ao aumento do sucesso das iniciativas realizadas, quer pelo aumento do número de participantes, quer pelo grau de interação verificado, sendo que as iniciativas em causa, enquanto experiências formativas, favoreceram o reforço de competências diversas, uma cidadania ativa, a promoção da integração sociocultural e, enfim, a aprendizagem com significado (Lima, 2016), incluindo “a atualização, ao longo de toda a vida, do saber, do saber-fazer, do aprender-a-ser com-os-outros e do saber relacional e comportamental de toda a população” (Barros, 2018, p.461). Estas sessões, mais do que simples momentos expositivos ou palestras de informação e sensibilização, foram espaços de partilha e debate, criando oportunidades de participação educativa e social para moradores/as que quiseram melhorar as suas competências essenciais para a vida, em temáticas do seu interesse, assim (re)construindo os fundamentos de uma cidadania ativa, efetiva e plena.

Em fim de percurso, pode dizer-se que o OG3 e os seus OE foram globalmente alcançados: através da voz dos/as moradores/as e do seu esforço de identificação de temáticas e competências a desenvolver (OE3.1), foi possível aos/às participantes experimentar e aprofundar essas mesmas competências (OE3.2). Além disso, o facto de se ter conseguido mobilizar uma rede de parceiros da comunidade, com uma sólida vinculação territorial e social e com uma grande experiência de intervenção social, fez com que os/as moradores/as pudessem conhecer diferentes ofertas associativas e recursos disponíveis no Município (OE3.4). Com as oficinas, que partiram de situações concretas de vida da Urbanização e das necessidades dos/as moradores/as, foi possível reconhecer direitos de cidadania para uma melhor convivência social (OE3.3) – sendo que este OE foi também concretizado através da construção do “Guia do Morador” e da criação da “Caixa de Partilha” (mais detalhes sobre avaliação podem ser encontrados nos apêndices deste trabalho e, muito em especial, no apêndice BV).

Importa, ainda, mencionar o trabalho colaborativo presente ao longo do projeto, como por exemplo na coconstrução do mencionado “Guia de Morador”. O trabalho colaborativo tornou-se fundamental e parte integral do desenvolvimento do projeto: ela abriu portas à participação responsável e responsabilizadora e aprofundou o sentimento de que algo poderia ser feito para assegurar a mudança. A atuação autónoma, é exemplo dos efeitos desta ação colaborativa instigada pelo projeto: os encontros de convívio e partilha fora do âmbito do projeto, o abaixo-assinado, as idas à CMA (nos horários de atendimento), as “Caminhadas dos Vizinhos”, o almoço de despedida. Além disso, tendo como referência o número de moradores/as que inicialmente participavam, houve um aumento gradual de participações até o término do projeto, o que é uma evidência do sucesso e do alargamento do seu âmbito, isto é, da capacidade que o projeto teve para ir atraindo novas pessoas, sendo esta uma característica positiva e reveladora da vitalidade do projeto, mas também do aumento das relações e das redes de vizinhança.

Isto não deverá estar dissociado do modo como o projeto foi desenhado e (re)construído ao longo de toda ação, tendo sido participado, adaptado às próprias vontades dos/as participantes e à sua priorização de necessidades. Optou-se por um planeamento mutável e flexível das ações, que foi guiado pelas necessidades e pelos acontecimentos que foram ocorrendo ao longo do projeto (Cembranos *et al.*, 1998), respeitando os ritmos individuais de cada participante e o ritmo coletivo do grupo. Foi um projeto que quis ser de todos/as e para todos/as, e que procurou sempre valorizar as competências e as potencialidades dos/as participantes.

Concluindo, crê-se que se deram os primeiros passos para alcançar a finalidade do projeto, através da consecução (parcial) dos OG1, OG2 e OG3, contribuindo para a mudança na vida e na situação da Urbanização de S. Lázaro. Espera-se que o projeto “Há Vida em S. Lázaro” seja o início de uma mudança e de uma transformação significativa da relação da CMA com os seus bairros e que, crescentemente, se integre e valorize a voz ativa dos/as moradores/as, caminhando no sentido de uma construção de instrumentos de planeamento territorial e de políticas habitacionais, sociais e educativas mais participadas e democráticas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Num mundo complexo, plural e diverso, cada vez mais globalizado, como é aquele em que vivemos, a educação é o caminho para a compreensão da realidade e para a construção do pensamento crítico e da capacidade de ação e mudança democrática, de inclusão e de responsabilidade social. Partindo desta ideia fundamental, o projeto “Há Vida em S. Lázaro” – interessado em comprovar que “não basta dar a chaves de casa” na confrontação da questão habitacional – procurou envolver os/as moradores/as na reflexão atenta e crítica em torno dos seus problemas e necessidades, ambicionando a passagem da participação enquanto princípio à participação enquanto prática.

O projeto quis olhar e escutar os/as moradores/as de S. Lázaro como *peessoas* e não como “utentes” da “medida habitação social”. Eles/as foram sempre encarados/as como pessoas que merecem ser respeitadas, aceites, valorizadas e integradas. Foi um projeto que quis representar o início de um caminho de mudança, transformação e empoderamento social, relacional e individual, mas também de mudança nas práticas interventivas de cariz mais assistencialista, para práticas mais ativas e humanistas, por parte da equipa que, diariamente, intervém com a população que habita em contextos com este. Ao ter como horizonte a IAP, o projeto permitiu que todos/as os/as envolvidos/as fossem protagonistas da ação, que o conhecimento fosse construído na interação com os/as mesmos/as, estimulando a sua participação e a sua voz em todo o processo. Foi, efetivamente, um processo ativo, dialógico, interativo, democrático e de partilha.

Considerando o sentido crítico e reflexivo, o desenvolvimento e a concretização deste projeto foi objeto de reflexão sistemática durante todo o caminho e, por isso, estamos cientes de que nem tudo correu como esperado e que, durante o percurso, houve constrangimentos colocados à ação desenhada e desenvolvida. Os avanços e os recuos, muito ligados ao funcionamento característico de uma autarquia local, a necessidade de redefinição de caminhos e a resiliência demonstrada por todos/as os/as envolvidos/as no processo permitiram um percurso de pequenas-grandes conquistas que gerou mudança nos/as moradores/as e do próprio Município. Haverá agora que garantir que estas conquistas se projetem no médio e longo prazo.

Tecendo algumas considerações finais sobre o projeto “Há Vida em S. Lázaro”, parece importante destacar algumas destas conquistas. Primeiramente, focando-nos nos/as participantes do projeto, verifica-se que estes desenvolveram competências de interconhecimento, de auto-organização e de automobilização, criando um grupo coeso e ativo assente no diálogo, na interação, na escuta e na participação. Desenvolveram dinâmicas e estratégias reivindicativas, de resolução de problemas e, sobretudo, de procura de formas de serem ouvidos/as. De certa forma, deram-se passos em direção a uma identidade mais coletiva, ao reforço do sentido de grupo e de comunidade, no caminho do reforço da coesão social e territorial.

Seguidamente, e olhando para o próprio Município, as duas grandes conquistas foram a mobilização de vários parceiros da comunidade e do Município e o impacto do projeto na própria ação camarária. Houve, seguramente, um investimento na qualidade de comunicação e interação entre os/as moradores/as e os/as responsáveis e técnicas da CMA, mas também uma valorização e promoção de práticas mais humanistas. Este projeto representa o início de uma ação e intervenção direcionada de forma mais intensa e efetiva para a construção de conhecimento coletivo, para a participação cívica e para a ação comunitária.

Em jeito de reflexão pessoal – e assumindo a primeira pessoa por um momento –, como investigadora e educadora social, estou ciente de que, nas últimas décadas, a realidade social mudou, os problemas sociais tornaram-se mais complexos e desafiantes, o que, por sua vez, implica novas formas de atuação e de intervenção. Enquanto residente em Amarante, considero que o Município, através da sua rede de serviços e atividade quotidiana, tem vindo a adaptar-se à nova realidade; conhecendo o território na sua diversidade, desenvolveu serviços específicos de apoio à comunidade local. Porém, a ação tem sido insuficiente, e inclusive recuou em alguns aspetos, no que concerne à intervenção nos bairros de habitação camarária.

Há cerca de dez anos, como participante de um “clube de férias”, conheci S. Lázaro como uma Urbanização mais dinâmica, e em que a relação com a CMA procurava mais ativamente promover o bem-estar social e o exercício de uma cidadania plena por parte dos/as moradores/as. Ao voltar à Urbanização, dez anos depois, senti desânimo e descrédito na mudança. Não se trata de uma questão individual, de simples trabalho técnico – os/as técnicos/as trabalham diária e afincadamente junto desta população –, mas do efeito de uma conceção persistente do trabalho socioeducativo que ainda assenta e vive muito de processos burocráticos e burocratizantes.

Contudo, na sequência do projeto, “deixei” S. Lázaro a acreditar que, juntos, mudámos e contribuímos para um processo de transformação futura. O início foi difícil – via a minha intervenção como “mais uma que nada vai mudar”; mas, após a criação de uma relação de respeito, interesse e confiança, foi possível construir a ponte entre a realidade que eu conhecia, que as pessoas conheciam, e a realidade que, efetivamente, se quis e se quer alcançar.

Numa tónica mais geral, vale a pena sublinhar a ideia de que os “bairros sociais”, ao invés de serem desconsiderados como espaços excluídos e estigmatizados, devem ser entendidos como construções sociais e políticas, formas de construção do espaço urbano onde é necessário *estar*, onde é necessário aperfeiçoar as formas de intervenção social e educativa, romper com as respostas assistencialistas e conceber novas formas de atuação que permitam às pessoas que neles habitam apropriarem-se dos recursos sociais, educacionais e culturais que o local onde moram – e a cidade à sua volta – tem para oferecer, dando passos no sentido de uma verdadeira organização e ação comunitária, base da democracia, da cidadania efetiva e de uma vida coletiva mais próspera.

## REFERÊNCIAS

- Agarez, R. (Org.) (2018). *Habitação: Cem Anos de Políticas Públicas em Portugal, 1918-2018*. Lisboa: Instituto de Habitação e Reabilitação Urbana.
- Allegretti, G. & Dias, N. (2019). Participação cívica e políticas habitacionais: que desafios para Portugal?. *Cidades, Comunidades e Territórios*, (38), 20-26.
- Amado, J., Costa, A. P., & Crusoé, N. (2014). A técnica da análise de conteúdo. In J. Amado (Ed), *Manual de investigação qualitativa em educação* (pp.301-348). Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Amado, J. & Ferreira, S. (2014). A entrevista na investigação em ação. In J. Amado (Ed), *Manual de investigação qualitativa em educação* (pp.207-225). Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Ander-Egg, E. (2003). Significado y alcance del concepto y práctica del desarrollo de la comunidad. In E. Ander-Egg (Ed), *Metodología y práctica del desarrollo de la comunidade* (pp.77-92). Grupo Editorial Lumen.
- Antunes, M. C. P. (2010). A intervenção comunitária: um novo campo educativo. *Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación*, 18(2), 189-200.
- Barros, R. (2018). A educação de adultos em Portugal e os traços da política global em tempos de austeridade. *Holos*, 2(34), 460-483.
- Baptista, L. V. (2001). Cidade e políticas sociais de habitação. *Cidades – Comunidades e Territórios*, (3), 71-81.
- Bodgan, R. C. & Biklen, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto Editora.
- Bourdieu, P. (2001). *Meditações pascalianas*. Bertrand Brasil.
- Brandes, D. & Philips, H. (1997). *Manual de jogos educativos: 140 jogos para professores e animadores de grupos*. Morães Editores.

- Capucha, L. (2000). Territórios de pobreza, onde é preciso voltar. *Sociedade e Território*, (30),8-15.
- Cardoso, R. & Moreira, D. (2017). Da Educação à Intervenção Social: a construção do conhecimento na transformação da realidade. *Revista de estudios e investigación en Psicología y Educación*, (5), 102-106.
- Carreiras, M. (2018). Integração socioespacial dos bairros de habitação social na área metropolitana de Lisboa: Evidências de micro segregação. *Finisterra*, 107, 67-85.
- Carvalho, A. D. & Baptista, I. (2004). *Educação Social: fundamentos e estratégias*. Porto Editora.
- Castro, A., Rodrigues, V., Vilaverde, A., Gonçalves, F., Silva, J., Sopas, L., Ferreira, M., Sottomayor, M., & Costa, S. (2014). *Plano Estratégico de Desenvolvimento Intermunicipal do Tâmega e Sousa*. Porto: CEGEA.
- Cembranos, F., Montesino, D., & Bustelo, M. (1988). *La animación sociocultural: una propuesta metodológica*. Ed. Popular.
- Constituição da República Portuguesa, 1976.
- Cortesão, L. (1990). Projecto, interface de expectativa e de intervenção. In E. Leite, M. Malpique, & M. R. Santos (Eds.), *Trabalho de projecto 2 – Leituras comentadas* (pp. 81-89). Afrontamento.
- Costa, A. F. (2008). *Sociedade de bairro: dinâmicas sociais da identidade cultural*. Celta Editora.
- Coutinho, P. C. (2014). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: teoria e prática* (2nd ed.). Almedina.
- Delors, J. (1996). *Educação um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. UNESCO.
- Elvas, S. & Moniz, M. (2010). Sentimento de comunidade, qualidade e satisfação de vida. *Análise Psicológica*, 3, 451-464.

- Foucault, M. (2005). *Espaços outros. Revista de comunicação e linguagens*, (34), 243–252.
- Freire, I. & Caetano, A. P. (2014). Mediação em contexto comunitário: etnografia crítica de um caso. *La Trama: Revista interdisciplinaria de mediación y resolution de conflictos*, (41), 1–12.
- Freire, P. (1979). *Conscientização: teoria e prática da libertação*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. (2001). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Gasparido, M. (2018). Democracia participativa e experimentalismo democrático em tempos sombrios. *Estudos Avançados*, 32(92), 65–88.
- Gonçalves, H. S. (1994). Processos de (re)construção de identidades culturais num bairro de habitação social. *Sociologia – Problemas e Práticas*, 16, 135–149.
- Gonçalves, A. & Pinto, T. (2001). Os bairros sociais vistos por si mesmos: actores, imagens públicas e identidades. *Cidades- Comunidades e Territórios*, (3), 111–131.
- Guerra, I. (1994). As pessoas não são coisas que se ponham em gavetas. *Sociedade e Território*, (20), 11–16.
- Guerra, I. (1998). Grupos sociais, formas de habitat e estrutura do modo de vida. *Sociedade e Território*, 25/26, 118–128.
- Guerra, I., Pinto, T. C., & Moura, D. (2001). Políticas de habitação: à procura de novas oportunidades. *Cidades – Comunidades e Territórios*, (3), 53–69.
- Guerra, P. (2017). O bairro do cerco do Porto: cenário de pertenças, de afetividades e de simbologias. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, (12), 65–144.
- IHRU (2018). *Levantamento Nacional das Necessidades de Realojamento Habitacional*. Lisboa: Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana.

- INE (2021). *Dados dos Censos de 2021 sobre o Município de Amarante*. Retirado de: <https://www.pordata.pt/censos/quadro-resumo-municipios-e-regioes/amarante-402> em 1 de novembro de 2022.
- Lei n.º 83/2019. Lei de bases da habitação. Diário da República – I Série – N.º 168 – 3 de setembro de 2019, pp.11–33.
- Lima, R. (2003). *Desenvolvimento levantado do chão... com os pés assentes na terra: desenvolvimento local, investigação participativa, animação comunitária*. Tese de Doutoramento, Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Portugal.
- Lima, L. (2016). *A EJA no contexto de uma educação permanente ou ao longo da vida: mais humanos e livres, ou apenas mais competitivos e úteis? Coletânea de textos CONFINTEA Brasil +6: Tema central e oficinas temáticas*. Brasil: Ministério da Educação.
- Mendes, L. (2020). Nova geração de políticas de habitação em Portugal: contradições entre o discurso e as práticas no direito à habitação. *Finisterra*, 51(144), 77–104.
- Monteiro, H. (2012). Diálogo, investigação e emancipação: percursos partilhados. In C. Múrias & M. Koning (Eds.), *Lideranças partilhadas. Percursos de literacia para a igualdade de género e qualidade de vida* (pp. 165–182). Livpsic.
- Monteiro, H. (2019). Investigação, transformação e “Palavramundo”. Novos e velhos desafios ético-metodológicos. *Educação, Sociedade & Culturas*, (54), 65–84.
- Oliveira, C., Macedo, E., & Oliveira, M. (2015). *Plano de Desenvolvimento Social/2015–2020*. Amarante: Câmara Municipal de Amarante.
- Paim, M. B., Kovalski, D. F., & Moretti-Pires, R. O. (2016). Avaliação participativa: análise da primeira oficina do VER-SUS. *Saúde Debate*, 40(11), 168–178.
- Pereira, A. P., Silva, D. S., Baptista, I., & Perista, P. (2011). Habitat e Minorias: (Des)integração de grupos étnicos em Lisboa e no Porto. *Cidades – Comunidades e Territórios*, (3), 93–109–

- Pinto, J. M. (1991). Considerações sobre a produção social de identidade. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (32), 217-231.
- Pinto, T. C. (1994). A apropriação do espaço em bairros sociais: o gosto pela casa e o desgosto pelo bairro. *Sociedade e Território*, 20, pp. 36-50.
- Queirós, J. (2015). *No Centro, à Margem. Sociologia das intervenções urbanísticas e habitacionais do Estado no centro histórico do Porto*. Edições Afrontamento.
- Queirós, J. (2019). *Aleixo. Génese, (des)estruturação e desaparecimento de um bairro do Porto [1969-2019]*. Edições Afrontamento.
- Queirós, J. (2022). Efeitos de lugar, (in)ação do Estado e dissolução da vida comunitária num bairro do Porto. *Configurações*, 29, 15-38.
- Rede Social de Amarante [RSA] (2013). *Diagnóstico Social de Amarante*. Amarante: Câmara Municipal de Amarante/Rede Social.
- Regulamento n.º 171/2017. Regulamento Municipal de Atribuição e Ocupação de Habitações Sociais em Regime de Arrendamento Apoiado. Diário da República - 2.ª Série, N.º 69 - 6 de abril de 2017, pp. 6513-6526
- Sá, P., Costa, A. P., & Moreira, A. (2021). *Reflexões em torno de metodologias de investigação: recolha de dados*. (2nd ed.). UA Editora.
- Santos, B. S. (1999). Porque é tão difícil construir uma teoria crítica?. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 54, 197-215.
- Santos, A. R. & Bertão, A. (2020). O impacto da Metodologia Investigação-Ação Participativa no acompanhamento a famílias beneficiárias de Rendimento Social e Inserção. *Sensos-e*, 2(2), 5-13.
- Seródio, R., Lima, J. A., Serra, A., Matias, S., & Borges, R. (2021). *Estratégia Local de Habitação de Amarante*. Porto: SINCLAB - SOCIAL INCLUSION LABORATORY (FPCEUP).

- Seródio, R., Matias, S., Serra, A., Borges, R., & Mano, C. (2023). Carta Social do Município de Amarante (2023–2027). Porto: SINCLAB – SOCIAL INCLUSION LABORATORY (FPCEUP).
- Serrano, G. (2008). *Elaboração de projetos sociais: Casos práticos*. Porto Editora.
- Sousa, S. (2019). Bairro (d)e Música! Apropriações, Musicalidades e Simbologias do Bairro do Cerco do Porto. In P. Guerra & L. Dabul (Eds), *De Vidas Artes* (pp.272–290). Universidade do Porto.
- Timóteo, I., & Bertão, A. (2012). Educação social transformadora e transformativa: Clarificação de sentidos. *Sensos*, 2(1), 11–26.
- Vilaça, H. (1994). As associações de moradores enquanto aspecto particular do associativismo urbano e da participação social. *Sociologia: Revista Da Faculdade De Letras Da Universidade Do Porto*, (4), 49–96.
- Venâncio, B. (2019). *Antibairrismo*. Instituto Europeu de Ciências da Cultura P. Manuel Antunes (IECCPMA) e Imprensa Nacional–Casa da Moeda.

# APÊNDICES

## ÍNDICE DE FIGURAS DE APÊNDICES

Figura A 1 – Urbanização de S. Lázaro.....	298
Figura A 2 – Lote 1.....	298
Figura A 3 – Lote 2.....	298
Figura A 4 – Lote 3.....	298
Figura A 5 – Espaço exterior de convívio.....	298
Figura A 6 – Pavilhão Desportivo Municipal de Amarante.....	298
Figura A 7 – Placa de identificação do Rodolfo (cão da Urbanização de S. Lázaro).....	299
Figura A 8 – Rodolfo.....	299
Figura A 9 – Vista do interior da Urbanização de S. Lázaro.....	299
Figura A 10 – Algumas atividades comerciais no interior da Urbanização de S. Lázaro.....	299
Figura A 11 – Cartaz das “Trajetórias de Vida Coletivas da Urbanização de S. Lázaro” antes da sessão.....	375
Figura A 12 – Cartaz das “Trajetórias de Vida Coletivas da Urbanização de S. Lázaro” antes da sessão.....	375
Figura A 13 – 1.ª Caminha dos Vizinhos (atravessar a ponte pela 1.ª vez).....	376
Figura A 14 – 1.ª Caminha dos Vizinhos (Trilho dos Castanheiros).....	376
Figura A 15 – Cartaz da 2.ª Caminha dos Vizinhos.....	377
Figura A 16 – Convite para a sessão na Casa da Portela (1).....	395
Figura A 17 – Convite para a sessão na Casa da Portela (2).....	395
Figura A 18 – Apresentação Casa da Portela (slide 1).....	396
Figura A 19 – Apresentação Casa da Portela (slide 2).....	396
Figura A 20 – Apresentação Casa da Portela (slide 3).....	396
Figura A 21 – Apresentação Casa da Portela (slide 4).....	396
Figura A 22 – Apresentação Casa da Portela (slide 5).....	396
Figura A 23 – Apresentação Casa da Portela (slide 6).....	396
Figura A 24 – Apresentação Casa da Portela (slide 7).....	397
Figura A 25 – Apresentação Casa da Portela (slide 8).....	397
Figura A 26 – Apresentação Casa da Portela (slide 9).....	397
Figura A 27 – Apresentação Casa da Portela (slide 10).....	397
Figura A 28 – Apresentação Casa da Portela (slide 11).....	397
Figura A 29 – Apresentação Casa da Portela (slide 12).....	397

Figura A 30 – Apresentação Casa da Portela (slide 13) .....	398
Figura A 31 – Apresentação Casa da Portela (slide 14).....	398
Figura A 32 – Caixa de Partilha (parte da frente) .....	399
Figura A 33 – Caixa de Partilha (parte de trás).....	399
Figura A 34 – Caixa de Partilha (lateral direita).....	399
Figura A 35 – Caixa de Partilha (lateral esquerda).....	399
Figura A 36 – Flyer distribuído na sessão da Casa da Portela (parte da frente) .....	402
Figura A 37 – Flyer distribuído na sessão da Casa da Portela (parte de trás).....	402
Figura A 38 – Sessão da Casa da Portela (1).....	403
Figura A 39 – Sessão da Casa da Portela (2) .....	403
Figura A 40 – Sessão da Casa da Portela (3).....	403
Figura A 41 – Sessão da Casa da Portela (4).....	403
Figura A 42 – E-mail do pedido da cedência do Pavilhão Municipal Desportivo de Amarante .	404
Figura A 43 – Exemplo do cartaz colocado nas entradas da Urbanização de S. Lázaro com as datas das sessões.....	412
Figura A 44 – 1.º mapa de limpezas.....	413
Figura A 45 – Entrada 1/Lote 1 (mapa de limpeza mês de maio) .....	414
Figura A 46 – Entrada 2/Lote 1 (mapa de limpeza mês de maio) .....	414
Figura A 47 – Entrada 3/Lote 1 (mapa de limpeza mês de maio) .....	414
Figura A 48 – Entrada 1/Lote 2 (mapa de limpeza mês de maio).....	414
Figura A 49 – Entrada 2/Lote 2 (mapa de limpezas do mês de maio) .....	415
Figura A 50 – Entrada 3/Lote 2 (mapa de limpezas do mês de maio).....	415
Figura A 51 – Entrada 2/Lotes 3 (mapa da limpezas do mês de maio) .....	415
Figura A 52 – Entrada 1/Lote 1 (mapa de limpezas do mês de junho).....	416
Figura A 53 – Entrada 2/Lote 1 (mapa de limpezas do mês de junho).....	416
Figura A 54 – Entrada 2/Lote2 (mapas de limpeza do mês de junho) .....	417
Figura A 55 – Entrada 2/Lote 3 (mapa de limpezas do mês de junho).....	417
Figura A 56 – 2.º mapa de limpezas .....	418
Figura A 57 – Sessão de 19 de abril.....	419
Figura A 58 – Sessão de 19 de abril .....	419
Figura A 59 – Sessão de 17 de maio .....	419
Figura A 60 – Sessão de 17 de maio .....	419

Figura A 61 – Convite do Dia dos Vizinhos enviado aos responsáveis da CMA.....	420
Figura A 62 – Cartaz da Preparação do Dia do Vizinho .....	422
Figura A 63 – Preparação do Dia do Vizinho (1) .....	423
Figura A 64 – Preparação do Dia do Vizinho (2).....	423
Figura A 65 – Preparação do Dia do Vizinho (3).....	423
Figura A 66 – Preparação do Dia do Vizinho (4).....	423
Figura A 67 – Preparação do Dia do Vizinho (5) .....	423
Figura A 68 – Cartaz para o Dia do Vizinho .....	424
Figura A 69 – Caixa de Sugestões.....	424
Figura A 70 – Pote dos Vizinhos .....	424
Figura A 71 – Cartaz do Dia dos Vizinhos.....	425
Figura A 72 – Dia dos Vizinhos (1).....	426
Figura A 73 – Dia dos Vizinhos (2) .....	426
Figura A 74 – Dia dos Vizinhos (3).....	426
Figura A 75 – Dia dos Vizinhos (4).....	426
Figura A 76 – Dia dos Vizinhos (5).....	426
Figura A 77 – Dia dos Vizinhos (6) .....	427
Figura A 78 – Dia dos Vizinhos (7) .....	427
Figura A 79 – Aula de Zumba do Dia dos Vizinhos (1).....	427
Figura A 80 – Aula de Zumba do Dia dos Vizinhos (2) .....	427
Figura A 81 – Guia do Morador (p.1).....	428
Figura A 82 – Guia do Morador (p.2).....	428
Figura A 83 – Guia do Morador (p.3).....	428
Figura A 84 – Guia do Morador (p.4) .....	428
Figura A 85 – Guia do Morador (p.5).....	429
Figura A 86 – Guia do Morador (p.6).....	429
Figura A 87 – Guia do Morador (p.7) .....	429
Figura A 88 – Guia do Morador (p.8) .....	429
Figura A 89 – Guia do Morador (p.9).....	430
Figura A 90 – Guia do Morador (p.10).....	430
Figura A 91 – Guia do Morador (p.11) .....	430
Figura A 92 – Guia do Morador (p.12) .....	430

Figura A 93 – Guia do Morador (p.13) .....	431
Figura A 94 – Guia do Morador (p.14) .....	431
Figura A 95 – Guia do Morador (p.15) .....	431
Figura A 96 – Guia do Morador (p.16) .....	431
Figura A 97 – Guia do Morador (p.17) .....	432
Figura A 98 – Guia do Morador (p.18) .....	432
Figura A 99 – Guia do Morador (p.19) .....	432
Figura A 100 – Guia do Morador (p.20) .....	432
Figura A 101 – Apresentação para RE (slide 1) .....	433
Figura A 102 – Apresentação para RE (slide 2) .....	433
Figura A 103 – Apresentação para RE (slide 3) .....	433
Figura A 104 – Apresentação para RE (slide 4) .....	433
Figura A 105 – Apresentação para RE (slide 5) .....	433
Figura A 106 – Apresentação para RE (slide 6) .....	433
Figura A 107 – Apresentação para RE (slide 7) .....	434
Figura A 108 – Apresentação para RE (slide 8) .....	434
Figura A 109 – Apresentação para RE (slide 9) .....	434
Figura A 110 – Apresentação para RE (slide 10) .....	434
Figura A 111 – Apresentação para RE (slide 11) .....	434
Figura A 112 – Apresentação para RE (slide 12) .....	434
Figura A 113 – Apresentação para RE (slide 13) .....	435
Figura A 114 – Apresentação para RE (slide 14) .....	435
Figura A 115 – Apresentação para RE (slide 15) .....	435
Figura A 116 – Cartaz da sessão “Planeamento do Orçamento Familiar” (CIAC) .....	436
Figura A 117 – Cartaz do Workshop “Primeiros-Socorros” (BVA) .....	436
Figura A 118 – Cartaz do “Movimento de Limpeza da Urbanização” (CJ) .....	436
Figura A 119 – Cartaz da sessão “Gestão de Conflitos e Relações Interpessoais” (AGIR CLDS 4G) .....	436
Figura A 120 – Cartaz da sessão “Viver em Comunidade “(GNR) .....	437
Figura A 121 – Cartaz da sessão “Vamos Falar do Espaço Doméstico e Habitacional?” (AGIR CLDS 4G) .....	437
Figura A 122 – Cartaz da Reunião Comunitária – Brinde à Mudança .....	437

Figura A 123 – Panfleto da sessão “Viver em Comunidade” (GNR) .....	437
Figura A 124 – E-mail enviado para a GNR de Amarante .....	438
Figura A 125 – E-mail enviado para os BVA.....	439
Figura A 126 – Workshop “Primeiros-Socorros” (1).....	440
Figura A 127 – Workshop “Primeiros-Socorros” (2).....	440
Figura A 128 – Workshop “Primeiros-Socorros” (3) .....	440
Figura A 129 – Workshop “Primeiros-Socorros” (4) .....	440
Figura A 130 – Workshop “Primeiros-Socorros” (5).....	440
Figura A 131 – Sessão “Gestão de Conflitos e Relações Interpessoais” (1).....	441
Figura A 132 – Sessão “Gestão de Conflitos e Relações Interpessoais” (2) .....	441
Figura A 133 – Sessão “Gestão de Conflitos e Relações Interpessoais” (3) .....	441
Figura A 134 – Sessão “Viver em Comunidade” (1) .....	442
Figura A 135 – Sessão “Viver em Comunidade” (2).....	442
Figura A 136 – Sessão “Viver em Comunidade” (3).....	442
Figura A 137 – Sessão “Viver em Comunidade” (4).....	442
Figura A 138 – Sessão “Vamos Falar do Espaço Doméstico e Habitacional?” (1).....	443
Figura A 139 – Sessão “Vamos Falar do Espaço Doméstico e Habitacional?” (2).....	443
Figura A 140 – Sessão “Vamos Falar do Espaço Doméstico e Habitacional?” – apresentação do caso prático (3) .....	443
Figura A 141 – Sessão “Vamos Falar do Espaço Doméstico e Habitacional?” – apresentação do caso prático (4).....	443
Figura A 142 – Cartaz da Chuva de Ideias da sessão “Vamos Falar do Espaço Doméstico e Habitacional?” .....	444
Figura A 143 – Caso prático 1 da sessão “Vamos Falar do Espaço Doméstico e Habitacional?”	445
Figura A 144 – Caso prático 2 da sessão “Vamos Falar do Espaço Doméstico e Habitacional?” .....	445
Figura A 145 – Abaixo-Assinado dos/as moradores/as da Urbanização de S. Lázaro .....	446
Figura A 146 – “Brinde à Mudança” (1) .....	448
Figura A 147 – Brinde à Mudança” (2).....	448
Figura A 148 – Brinde à Mudança” (3) .....	448
Figura A 149 – Brinde à Mudança” (4) .....	448
Figura A 150 – Brinde à Mudança” (5).....	448

Figura A 151 – Brinde à Mudança” (6).....	448
Figura A 152 – Brinde à Mudança” (7).....	449
Figura A 153 – Brinde à Mudança” (8).....	449
Figura A 154 – Ramo oferecido à mestranda no “Brinde à Mudança” .....	449
Figura A 155 – Mestranda no “Brinde à Mudança”.....	449
Figura A 156 – Mestrada e moradora no “brinde à Mudança” .....	449
Figura A 157 – Mestranda e moradora no “Brinde à Mudança” .....	449
Figura A 158 – Mestranda e moradora no “Brinde à Mudança” .....	450
Figura A 159 – Mestranda e moradora no “Brinde à Mudança” .....	450
Figura A 160 – Mestranda e moradora no “Brinde à Mudança” .....	450
Figura A 161 – Cartaz do “Brinde à Mudança” .....	450

## ÍNDICE DE TABELAS DE APÊNDICES

Tabela 1 – Análise das conversas informais com os/as técnicos/as da DDCS.....	110
Tabela 2 – Análise do focus group com os/as participantes do projeto.....	141
Tabela 3 – Respostas à questão “para si, quais os aspetos a melhorar no seu atual quadro de vida?” .....	145
Tabela 4 – Respostas à questão “última profissão” .....	146
Tabela 5 – Respostas à questão “liste três aspetos positivos na sua habitação” .....	152
Tabela 6 – Respostas à questão “se sim, para onde e porquê?” .....	152
Tabela 7 – Respostas à questão “se sim, porquê?” .....	154
Tabela 8 – Respostas à questão “se respondeu não, procurou outra alternativa?” .....	155
Tabela 9 – Respostas à questão “três aspetos que valoriza na sua Urbanização” .....	157
Tabela 10 – Respostas à questão “três aspetos que melhoraria na sua Urbanização” .....	159
Tabela 11 – Respostas à questão “como caracteriza a sua relação com os vizinhos?” .....	163
Tabela 12 – Respostas à questão “como é que se organiza com os restantes moradores/as para a resolução de problemas e de necessidades comuns?” .....	164
Tabela 13 – Respostas à questão “justifique a sua resposta” .....	167
Tabela 14 – Respostas à questão “ocupação dos tempos livres/lazer?” .....	169
Tabela 15 – Respostas à questão “gostaria de indicar alguma potencialidade, recurso, fragilidade ou necessidade do seu bairro que não foi indicada anteriormente? .....	172
Tabela 16 – Análise dos inquéritos por questionário .....	182
Tabela 17 – Observação individual dos inquéritos por questionário.....	205
Tabela 18 – Análise da entrevista à técnica da HS .....	246
Tabela 19 – Análise da entrevista à RE1.....	259
Tabela 20 – Análise da entrevista à RE2 .....	267
Tabela 21 – Análise da entrevista à RE3.....	273
Tabela 22 – Análise da entrevista à RE4.....	281
Tabela 23 – Dados sociodemográficos dos munícipes por idade e género.....	282
Tabela 24 – Dados do nível de escolaridade dos munícipes por género.....	282
Tabela 25 – Dados do emprego e mercado de trabalho dos munícipes por género.....	282
Tabela 26 – Medidas e programas promovidos pela Ação Social da Segurança Social e projetos promovidos pela autarquia.....	288

Tabela 27 – Análise do Município de Amarante através da dimensão da caracterização sociodemográfica, da dimensão da habitação, da dimensão da caracterização socioeconómica, da dimensão da educação e formação profissional e da dimensão da ação social .....	289
Tabela 28 – Medidas da Divisão de Desenvolvimento e Coesão Social .....	297
Tabela 29 – Dados da tipologia dos apartamentos por n.º de apartamentos e n.º de moradores/as .....	300
Tabela 30 – Dados da tipologia dos apartamentos por tipologia familiar .....	300
Tabela 31 – Análise de cada entrada dos lotes .....	309
Tabela 32 – Dados sociodemográficos de todos/as moradores/as.....	310
Tabela 33 – Dados sociodemográficos dos/as moradores/as .....	311
Tabela 34 – Dados dos/as moradores/as desempregados/as .....	312
Tabela 35 – Dados sociodemográficos do lote 1.....	313
Tabela 36 – Dados sociodemográficos do lote 2.....	314
Tabela 37 – Dados sociodemográficos do lote 3 .....	315
Tabela 38 – Síntese dos problemas e necessidades .....	321
Tabela 39 – Descrição da sessão na Casa da Portela (5 de abril) .....	325
Tabela 40 – Descrição da sessão do 1.º encontro entre mestrandas e moradores/as .....	330
Tabela 41 – Descrição da sessão “Trajetórias de Vida Coletivas” (26 de abril) .....	334
Tabela 42 – Descrição da sessão “A nossa história de vida: espaço de aprendizagens e conhecimentos” (3 de maio).....	337
Tabela 43 – Descrição da sessão “Planeamento do Orçamento Familiar” (3 de maio – CIAC) ..	339
Tabela 44 – Descrição da sessão de avaliação intermédia do projeto (17 de maio) .....	344
Tabela 45 – Descrição da 1.ª Caminhada dos Vizinhos .....	346
Tabela 46 – Descrição da sessão de preparação do Dia do Vizinho (24 de maio) .....	348
Tabela 47 – Descrição do Dia do Vizinho.....	351
Tabela 48 – Descrição do Workshop “Primeiros-Socorros” (31 de maio – BVA).....	353
Tabela 49 – Descrição do Movimento de Limpeza da Urbanização (7 de junho – CJ).....	359
Tabela 50 – Descrição da sessão “Gestão de Conflitos e Relações Interpessoais” (13 de junho – AGIR CLDS 4G).....	362
Tabela 51 – Descrição da 2.ª Caminhada dos Vizinhos.....	364
Tabela 52 – Descrição da sessão “Viver em Comunidade” (21 de junho – GNR) .....	369

Tabela 53 – Descrição da sessão “Vamos falar do espaço doméstico e habitacional?” (28 de junho – AGIR CLDS 4G).....	374
Tabela 54 – Descrição das reuniões .....	394
Tabela 55 – Sugestões da Caixa de Partilha na sessão da Casa da Portela .....	401
Tabela 56 – Calendarização do projeto.....	411
Tabela 57 – Tabela síntese da avaliação.....	485

## ÍNDICE DE GRÁFICOS DE APÊNDICES

Gráfico 1 – Complexo habitacional.....	142
Gráfico 2 – Ano de entrada na habitação.....	142
Gráfico 3 – Motivos para integrar habitação social.....	143
Gráfico 4 – Qual?.....	143
Gráfico 5 – Nível de escolaridade.....	145
Gráfico 6 – Condição perante a atividade.....	146
Gráfico 7 – Tempo de desemprego.....	147
Gráfico 8 – Motivo de desemprego.....	147
Gráfico 9 – Inscrito no IIEFP.....	148
Gráfico 10 – Há quantos anos vive nesta casa?.....	148
Gráfico 11 – Disposição das divisões.....	149
Gráfico 12 – Materiais de construção.....	149
Gráfico 13 – Instalações elétricas.....	149
Gráfico 14 – Instalações sanitárias.....	150
Gráfico 15 – Presentemente, gostaria de mudar de casa?.....	152
Gráfico 16 – Gosta de viver nesta Urbanização?.....	153
Gráfico 17 – Considera-se globalmente satisfeito/a com.....	155
Gráfico 18 – Das seguintes frases, escolha aquela que melhor descreve a Urbanização de S. Lázaro.....	159
Gráfico 19 – Conheço quase toda a Urbanização/Não conheço ninguém da Urbanização.....	159
Gráfico 20 – A Urbanização mudou muito nos últimos anos/A Urbanização mal mudou nos últimos anos.....	160
Gráfico 21 – A Urbanização é muito unida/ Na Urbanização existem muitos conflitos.....	160
Gráfico 22 – Quando é preciso os/as moradores/as unem-se e atuam/Pouca gente faz alguma coisa pela Urbanização.....	161
Gráfico 23 – Já se organizou com os/as outros/as moradores/as para solicitar serviços da Câmara Municipal?.....	165
Gráfico 24 – Gostaria de fazer parte de uma Comissão de Moradores?.....	165
Gráfico 25 – Grau de participação em atividades locais e culturais organizadas pela Câmara Municipal ou outras associações?.....	167
Gráfico 26 – Atividade associativa.....	169

Gráfico 27 – Das seguintes frases, qual descreve melhor o seu sentimento/expectativa relativamente ao seu futuro pessoal?.....170

## APÊNDICE A. CONSENTIMENTO INFORMADO DOS INQUÉRITOS

Este inquérito realiza-se no âmbito do projeto desenvolvido por Beatriz Sampaio das Neves Teixeira Pereira, estudante do 2.º ano do Mestrado em Educação e Intervenção Social, na especialização de Desenvolvimento Comunitário e Educação de Adultos, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, protocolado com o Município de Amarante.

Esta investigação enquadra-se na 1.ª fase de caracterização do contexto e análise de realidade, tendo como intuito caracterizar a comunidade da Urbanização de S. Lázaro, onde se irá desenvolver o projeto.

Para o desenvolvimento do projeto, solicita-se resposta a este inquérito, sendo que, as suas respostas, caso o permita, serão objeto de tratamento e análise, para posterior utilização e construção da análise da realidade a incluir no relatório do projeto. A sua participação é muito importante, mas é voluntária.

Os dados serão utilizados apenas para a elaboração e divulgação científica, respeitando o carácter confidencial. A estudante compromete-se a não usar, nem divulgar, o seu nome, nem nenhuma informação que o possa identificar, estando disponível para qualquer esclarecimento adicional.

### DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO E TRATAMENTO DE DADOS

Eu, \_\_\_\_\_ aceito participar neste inquérito por questionário.

Mais declaro que não me oponho à utilização do conteúdo das respostas para posterior tratamento e análise a incluir no projeto de mestrado de Beatriz Sampaio das Neves Teixeira Pereira, desde que seja garantido o anonimato.

Amarante, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023

Assinatura do/a entrevistado/a \_\_\_\_\_

Assinatura da Aluna \_\_\_\_\_

## **APÊNDICE B. CONSENTIMENTO INFORMADO DAS ENTREVISTAS**

Esta entrevista realiza-se no âmbito do projeto desenvolvido por Beatriz Sampaio das Neves Teixeira Pereira, estudante do 2.º ano do Mestrado em Educação e Intervenção Social, na especialização de Desenvolvimento Comunitário e Educação de Adultos, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, protocolado com o Município de Amarante.

Esta investigação enquadra-se na 1.ª fase de caracterização do contexto e análise de realidade, tendo como intuito caracterizar a comunidade da Urbanização de S. Lázaro, onde se irá desenvolver o projeto.

Para o desenvolvimento do projeto, solicita-se resposta a esta entrevista, sendo que, as suas respostas, caso o permita, serão gravadas e serão objeto de tratamento e análise, para posterior utilização e construção da análise da realidade a incluir no relatório do projeto. A sua participação é muito importante, mas é voluntária.

Os dados serão utilizados apenas para a elaboração e divulgação científica, respeitando o carácter confidencial. A estudante compromete-se a não usar, nem divulgar, o seu nome, nem nenhuma informação que o possa identificar, estando disponível para qualquer esclarecimento adicional.

### **DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO E TRATAMENTO DE DADOS**

Eu, \_\_\_\_\_ aceito participar nesta entrevista.

Mais declaro que não me oponho à utilização do conteúdo das respostas para posterior tratamento e análise a incluir no projeto de mestrado de Beatriz Sampaio das Neves Teixeira Pereira, desde que seja garantido o anonimato.

Amarante, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023

Assinatura do/a entrevistado/a \_\_\_\_\_

Assinatura da Aluna \_\_\_\_\_

## APÊNDICE C. GUIÃO DAS CONVERSAS INFORMAIS COM OS/AS TÉCNICOS/AS DA DDCS

**Objetivo geral:** caracterizar e analisar a Divisão de Desenvolvimento e Coesão Social

**Objetivo específico:** ajudar a criar oportunidades para que a voz dos técnicos seja amplificada e ouvida

- Que prioridades de intervenção da Divisão de Desenvolvimento e Coesão Social definiria como mais relevantes presentemente?
- Que recursos e potencialidades destacaria na estrutura e ação da Divisão de Desenvolvimento e Coesão Social?
- Que aspetos condicionam a ação da Divisão de Desenvolvimento e Coesão Social?
- Como caracteriza a articulação entre as várias medidas e respetivos profissionais no seio da Divisão de Desenvolvimento e Coesão Social?

## APÊNDICE D. ANÁLISE DAS CONVERSAS INFORMAIS COM OS/AS TÉCNICOS/AS DA DDCCS

<b>Data</b>	Outubro de 2022 a janeiro de 2023
<b>Objetivos</b>	Caracterizar e analisar a Divisão de Desenvolvimento e Coesão Social  Ajudar a criar oportunidades para que a voz dos técnicos seja amplificada e ouvida
<b>Descrição</b>	
<b>Recepção/Dinâmica</b>	<p>As conversas informais que fui desenvolvendo com alguns/mas técnicos/as da Divisão de Desenvolvimento e Coesão Social, têm como intuito caracterizar e analisar a divisão, bem como ajudar a criar oportunidades para que a voz dos/as técnicos/as sem amplificada e ouvida. Além disso, têm-me permitido um maior conhecimento das várias medidas, bem como uma melhor integração nas mesmas o que, por sua vez, me foi permitindo perceber, gradualmente, qual a medida/área com maior necessidade de intervenção.</p> <p>Ao longo das conversas que fui estabelecendo, os/as técnicos da Divisão de Desenvolvimento e Coesão Social, demonstraram, sempre, abertura e disponibilidade promovendo, acima de tudo, a relação horizontal.</p>

<p><b>Prioridades de intervenção da DDCS</b></p>	<p>Relativamente às prioridades de intervenção na Divisão de Desenvolvimento e Coesão Social, as opiniões das/os técnicos/as são bastante diversificadas. Há quem indique que, neste momento, as prioridades passam pela tentativa de minimizar a vulnerabilidade em que alguns/mas cidadãos/ãs se encontram e que, por isso mesmo, a estrutura da Divisão de Desenvolvimento e Coesão Social procura dinamizar um conjunto de políticas de intervenção social no combate a situações de pobreza e exclusão social, de promoção do desenvolvimento social local, de combate às carências habitacionais, de combate à violência doméstica e de género, de promoção da saúde mental e emocional, de promoção de um envelhecimento ativo, de informação aos consumidores e, finalmente, de promoção da qualidade de vida, saúde e bem-estar.</p> <p>Contudo, há quem aponte que é necessário um reforço da equipa e da organização da mesma, ou seja, que haja uma distribuição das medidas e das funções e que, por isso mesmo, a prioridade seria estruturar a Divisão de Desenvolvimento e Coesão Social da seguinte forma:</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. Habitação: reuniria todas as medidas no âmbito da Habitação, Habitação social, Subsídio ao Arrendamento;</li><li>2. Na área de Risco:<ol style="list-style-type: none"><li>a. Crianças e Jovens em Situação de Privação;</li><li>b. Jovens em Risco;</li><li>c. Violência Doméstica;</li><li>d. Emergência Social.</li></ol></li><li>3. Área da Vulnerabilidade Social:<ol style="list-style-type: none"><li>a. Seniores;</li></ol></li></ol>
--	--

	<ul style="list-style-type: none"> <li>b. Pessoas idosas;</li> <li>c. Pessoas com deficiência;</li> <li>d. Migrantes;</li> <li>e. Refugiados.</li> </ul> <p>4. Área da Pobreza e Exclusão Social:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>a. Dependência;</li> <li>b. Saúde Mental;</li> <li>c. Disfuncionalidade e Desestruturação Individual e Familiar;</li> <li>d. Pessoas em Situação de Sem-Abrigo.</li> </ul> <p>Porém, é notório, por parte dos/as responsáveis e dos/as técnicos que a prioridade de intervenção se foca, essencialmente, nos munícipes e na procura de encontrar soluções conjuntas para os seus problemas.</p>
<p><b>Recursos e potencialidades da DDCS</b></p>	<p>No que diz respeito aos recursos e potencialidades da estrutura e ação da Divisão de Desenvolvimento e Coesão Social, os/as técnicos/as concordam que, a grande potencialidade, é a equipa, ou seja os recursos humanos, nomeadamente a autonomia funcional e a competência dos/as mesmos/as, mas também a articulação e a relação existente entre as entidades parceiras/instituições locais. Acrescenta-se, ainda, a diversidade de medidas municipais existentes e os vários projetos que, são uma mais-valia, visto que dão resposta às necessidades dos munícipes, quer ao nível da habitação, de apoio psicológico, de respostas para idosos, de respostas ao nível da infância e juventude, da alimentação, entre outras.</p>

<p><b>Aspetos que condicionam a ação da DDCS</b></p>	<p>Porém, os/as técnicos/as também referem que existem alguns aspetos que condicionam a ação da Divisão de Desenvolvimento e Coesão Social, referindo que a maior condicionante é a rigidez e a burocracia inerente a este tipo de entidade, que implica uma serie de procedimentos morosos para a realização de qualquer ação, principalmente no diz respeito à aquisição de bens e serviços. Acrescem, ainda, alguma falta de comunicação interna e inexistência de uma estratégia clara entre todos/as.</p> <p>Apesar de terem referido que a equipa é um dos maiores recursos presentes nesta divisão, os/as técnicos/as também sentem que é necessário um reforço da equipa para uma dinamização mais integral das medidas e dos projetos, bem como uma maior coesão e articulação entre técnicos/as, no sentido em que, é necessário haver mais conhecimento do trabalho que está a ser desenvolvido na divisão.</p> <p>A um nível mais pessoal, tendo em conta que o trabalho e a intervenção desta divisão de coesão social centra-se essencialmente numa área em que as desigualdades sociais são muito patentes, cujo acesso aos bens de primeira necessidade é cada vez mais difícil, condições estas que nos últimos anos, por diferentes motivos, tem vindo a ser vivida de forma exacerbada, os/as técnicos/as sentem que, da parte deles, têm que ter uma grande capacidade de resiliência, adaptação e superação às diferentes situações adversas que surgem diariamente.</p>
<p><b>Articulação entre as várias medidas</b></p>	<p>Em relação à articulação entre as medidas e os/as profissionais da Divisão de Desenvolvimento e Coesão Social, como já foi possível contestar, os/as técnicos/as referem que, de um modo geral, existe articulação entre todos/as, apesar de esta articulação também depender das características individuais e do modo de trabalhar de cada pessoa e das próprias chefias. Contudo, afirmam que existe uma boa articulação entre técnicos/as e medidas, descrevendo a equipa de trabalho como coesa</p>

<b>e respetivos profissionais</b>	e dinâmica. Mencionam que existe um ambiente de partilha e colaboração o que, por sua vez, que promove um melhor desempenho individual e no seu conjunto, tendo sempre em vista o bem-estar dos munícipes.
-----------------------------------	--

*Tabela 1 – Análise das conversas informais com os/as técnicos/as da DDCS*

## **APÊNDICE E. GUIÃO DA ENTREVISTA À TÉCNICA DA HABITAÇÃO SOCIAL – URBANIZAÇÃO DE S. LÁZARO**

Esta entrevista semiestruturada realiza-se no âmbito do projeto do 2.º ano do Mestrado em Educação e Intervenção Social, na especialização de Desenvolvimento Comunitário e Educação de Adultos, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, protocolado com o Município de Amarante.

Esta investigação enquadra-se na 1.ª fase de caracterização do contexto e análise de realidade, tendo como intuito caracterizar a comunidade da Urbanização de S. Lázaro, onde se irá desenvolver o projeto.

A entrevista será gravada, se os entrevistados concordarem, ou então, será transcrita no momento da realização da mesma. Casos os entrevistados permitam, as suas respostas, serão objeto de tratamento e análise, para posterior utilização e construção da análise da realidade a incluir no relatório do projeto. A sua participação é muito importante, mas é voluntária.

Todas as informações serão analisadas com os seguintes objetivos:

- Caracterizar e analisar, ainda que de forma sucinta, a Divisão de Desenvolvimento e Coesão Social;
- Conhecer o papel das técnicas da Habitação Social junto da população com a qual desenvolvem a sua intervenção;
- Perceber quais as potencialidades e necessidades identificadas pelas técnicas da Habitação Social para a Urbanização de S. Lázaro;
- Conhecer a Urbanização de S. Lázaro através do olhar das técnicas da Habitação Social.

Antes de começarmos esta entrevista, gostaria que me respondesse à seguinte questão:

1. Considerando a apresentação feita, e sabendo que pode a qualquer momento cessar livremente a sua participação, autoriza a realização da entrevista, para fins exclusivamente académicos e garantida que está a confidencialidade das informações recolhidas?

### **I. Experiência profissional e ação da Divisão de Desenvolvimento e Coesão Social**

1. Qual a sua idade?
2. Quais são as suas habilitações académicas?
3. Como tem sido o seu percurso académico/profissional?
4. Há quanto tempo desempenha funções de assistente social/socióloga?
5. Que prioridades de intervenção da Divisão de Desenvolvimento e Coesão Social definiria como mais relevantes presentemente?
6. Que recursos e potencialidades destacaria na estrutura e ação da Divisão de Desenvolvimento e Coesão Social?
7. Que aspetos condicionam a ação da Divisão de Desenvolvimento e Coesão Social?
8. Como caracteriza a articulação entre as várias medidas e respetivos profissionais no seio da Divisão de Desenvolvimento e Coesão Social?

### **II. A Urbanização de S. Lázaro**

1. Há quanto tempo está integrada na Habitação Social?
2. Que recursos e potencialidades destacaria na Habitação Social?
3. Poderá, de forma sucinta e garantindo o anonimato das pessoas, caracterizar as pessoas que estão abrangidas pela medida? (Exemplo: género, tipologia do agregado familiar,

situação profissional, problemáticas identificadas e se há acompanhamento de outras medidas)

4. Após a leitura de alguns documentos disponibilizados, conclui que as mulheres são o grupo social que mais recorrem às medidas/serviço de apoio social do concelho. Concorda com a afirmação?
5. Poderia descrever a Urbanização de S. Lázaro? (Exemplo: habitação, dinâmica familiar dos/as moradores/as, sentimento dos/as moradores em relação ao bairro, dinamização da urbanização, relacionamento entre os moradores/as, questões de identidade coletiva, espaço público, serviços e equipamentos existentes, entre outros)
6. Mais concretamente em relação aos indivíduos que habitam na Urbanização de S. Lázaro, o que me pode dizer sobre a realidade destes?

### **III. Possibilidades de ações a desenvolver**

1. Que potencialidades identifica nos/as moradores/as da Urbanização de S. Lázaro, que podem ser mobilizadas para o desenvolvimento do projeto?
2. Sabendo que, recentemente, ocorreu uma reabilitação física na Urbanização de S. Lázaro, neste momento, que necessidades imateriais identifica que poderão ser minorizadas através do desenvolvimento do projeto?
3. Que recursos humanos, materiais e comunitários considera que poderiam ser mobilizados para o desenvolvimento do projeto? (Recursos da área envolvente da Urbanização de S. Lázaro e outros)
4. Que ações julga que seria importante o Município apoiar ou desenvolver na Urbanização de S. Lázaro, visando o desenvolvimento comunitário?

### **IV. Finalização da entrevista**

Gostaria de complementar alguma questão ou acrescentar algo mais? Ou julga pertinente abordar mais algum tema que não esteja presente neste guião?

Muito obrigada pela sua disponibilidade e pelas informações prestadas.

## APÊNDICE F. GUIÃO DAS ENTREVISTAS ÀS REPRESENTANTES DE ENTRADA

Esta entrevista semiestruturada realiza-se no âmbito do projeto do 2.º ano do Mestrado em Educação e Intervenção Social, na especialização de Desenvolvimento Comunitário e Educação de Adultos, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, protocolado com o Município de Amarante.

Esta investigação enquadra-se na 1.ª fase de caracterização do contexto e análise de realidade, tendo como intuito caracterizar a comunidade da Urbanização de S. Lázaro, onde se irá desenvolver o projeto.

A entrevista será gravada, se os entrevistados concordarem, ou então, será transcrita no momento da realização da mesma. Casos os entrevistados permitam, as suas respostas, serão objeto de tratamento e análise, para posterior utilização e construção da análise da realidade a incluir no relatório do projeto. A sua participação é muito importante, mas é voluntária.

Todas as informações serão analisadas com os seguintes objetivos:

- Caracterizar a comunidade de S. Lázaro;
- Perceber quais as potencialidades e necessidades identificadas pelos/as representantes de entrada para a Urbanização de S. Lázaro;
- Conhecer a Urbanização de S. Lázaro através do olhar dos/as representantes de entrada;
- Compreender o papel dos representantes de entrada junto das pessoas que representam;
- Construir um conhecimento e uma análise da Urbanização de S. Lázaro que permita o desenvolvimento de um projeto participado e com significado na vida das pessoas e da comunidade.

Antes de começarmos esta entrevista, gostaria que me respondesse à seguinte questão:

1. Considerando a apresentação feita, e sabendo que pode a qualquer momento cessar livremente a sua participação, autoriza a realização da entrevista, para fins exclusivamente académicos e garantida que está a confidencialidade das informações recolhidas?

### **I. Dados sociodemográficos**

1. Qual a sua idade?
2. Quais são as suas habilitações académicas?
3. Como tem sido o seu percurso profissional/pessoal?
4. Há quanto tempo vive na Urbanização de S. Lázaro?
5. Onde vivia antes e como veio para a Urbanização de S. Lázaro?

### **II. A Urbanização de S. Lázaro e a ação enquanto representante de entrada**

1. Qual é a sua entrada? E o que me pode dizer sobre a mesma?
2. Como são as relações de vizinhança?
3. Há quantos anos desempenha funções de representante de entrada?
4. Enquanto representante de entrada, quais são as suas funções?
5. Que estratégias utiliza para ouvir as pessoas e as suas necessidades?
6. Considera que os/as moradores/as reconhecem os/as representantes de entrada como algo útil para si próprios e para a Urbanização?

### **III. Possibilidades de ações a desenvolver**

5. Através do inquérito por questionário, aplicado aos/as moradores/as, identifiquei que na Urbanização há:

- Espírito de entreajuda entre alguns/as moradores/as
- Convívio entre alguns/mas moradores/as
- Vontade e disponibilidade de voltar a dinamizar a Urbanização
- Identificação de problemas comuns
- Desejo de recuperar memórias antigas
- Predisposição de alguns/as moradores/as para a auto-organização

Podemos falar sobre estas potencialidades?

6. Em relação aos problemas identifiquei os seguintes:

- Problemas na comunicação entre alguns/mas moradores/as
- Desaparecimento do sentido de grupo e de comunidade
- Falta de equipamentos e de espaços comuns de convívio
- Sentimento de desânimo em relação à mudança e ao futuro quer da Urbanização, quer das próprias pessoas
- Falta de atividade associativa e de participação social

O que me pode dizer sobre estes problemas e sob a forma de os minorizar? Concorda com eles? Retiraria e/ou acrescentaria mais algum?

7. Em síntese, o que tem o bairro e os/as moradores/as de melhor e que possa ser mobilizado? Que necessidades principais devem ser confrontadas pelo projeto?
8. Que ações/atividades julga que seriam importantes desenvolverem-se na Urbanização de S. Lázaro, visando o desenvolvimento comunitário?
9. Que estratégias pensa ser importantes e necessárias para que a participação da população na comunidade seja mais ativa?
10. Considera que seria importante envolver instituições/parceiros locais para o desenvolvimento do projeto? Se sim, quais e porquê?

#### **IV. Finalização da entrevista**

1. Antes de terminar, gostaria de perguntar o que acha que pode ser feito para envolver as pessoas nas iniciativas do projeto, a começar pela sessão a realizar-se na Casa da Portela.
2. Gostaria de complementar alguma questão ou acrescentar algo mais? Ou julga pertinente abordar mais algum tema que não esteja presente neste guião?

Muito obrigada pela sua disponibilidade e pelas informações prestadas.

## APÊNDICE G. INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

Este inquérito realiza-se no âmbito do projeto desenvolvido por Beatriz Sampaio das Neves Teixeira Pereira, estudante do 2.º ano do Mestrado em Educação e Intervenção Social, na especialização de Desenvolvimento Comunitário e Educação de Adultos, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, protocolado com o Município de Amarante.

Esta investigação enquadra-se na 1.ª fase de caracterização do contexto e análise de realidade, tendo como intuito caracterizar a comunidade da Urbanização de S. Lázaro, onde se irá desenvolver o projeto.

Para o desenvolvimento do projeto, solicita-se resposta a este inquérito, sendo que, as suas respostas, caso o permita, serão objeto de tratamento e análise, para posterior utilização e construção da análise da realidade a incluir no relatório do projeto. A sua participação é muito importante, mas é voluntária. Os dados serão utilizados apenas para a elaboração e divulgação científica, respeitando o carácter confidencial. A estudante compromete-se a não usar, nem divulgar, o seu nome, nem nenhuma informação que o possa identificar, estando disponível para qualquer esclarecimento adicional.

**Inquérito n.º** \_\_\_\_\_

**Complexo Habitacional:** \_\_\_\_\_

**Ano de Entrada na Habitação:** \_\_\_\_\_

**Motivos para integrar Habitação Social:** (pode escolher mais do que uma hipótese)

- Ausência de Rendimentos
- Desalojamento
- Degradação Habitacional
- Família Numerosa
- Desemprego
- Falta de retaguarda familiar

- Outro

**Qual?**

R: \_\_\_\_\_

**Para si, quais os aspetos a melhorar no seu atual quadro de vida?**

R: \_\_\_\_\_

## **1 - Educação**

### **1.1 – Nível de escolaridade**

- Não sabe ler nem escrever
- Sabe ler e escrever (sem, todavia, ter frequentado o sistema formal de ensino)
- Ensino Primário/1o CEB
- Ensino Preparatório/2o CEB
- Ensino Sec. Unif./3o CEB
- Ensino Secundário
- Ensino Médio
- Ensino Superior
- Pós-graduação
- Mestrado
- Doutoramento

## **2 - Situação Económica e Profissional**

### **2.1 – Condição perante a atividade:**

- Trabalha
- Ocupa-se das tarefas do lar (deixou de trabalhar)
- Ocupa-se das tarefas do lar (nunca trabalhou fora)

- Estuda
- Estuda e trabalha
- Reformado/a
- Desempregado/a (primeiro emprego)
- Desempregado/a (novo emprego)
- Incapacitado/a permanente
- Frequenta formação profissional (já trabalhou)
- Frequenta formação profissional (nunca trabalhou)
- Inactivo/a (outros casos)

## **2.2 – [Para desempregados/as] Caracterização da Situação de Desemprego**

### **2.2.1 – Última profissão**

R: \_\_\_\_\_

### **2.2.2 – Tempo de desemprego**

R: \_\_\_\_\_

### **2.2.3 – Motivo de desemprego**

R: \_\_\_\_\_

### **2.2.4 – Inscrito no IEFP**

- Sim
- Não

## **3 – Habitação**

### **3.1 – Há quantos anos vive nesta casa?**

R: \_\_\_\_\_

### **3.2 – Satisfação Residencial:**

#### **3.2.1 – N.º de divisões:**

- Muito satisfeito/a
- Satisfeito/a
- Pouco satisfeito/a
- Nada satisfeito/a

#### **3.2.2 – Disposição das divisões:**

- Muito satisfeito/a
- Satisfeito/a
- Pouco satisfeito/a
- Nada satisfeito/a

#### **3.2.3 – Materiais de construção:**

- Muito satisfeito/a
- Satisfeito/a
- Pouco satisfeito/a
- Nada satisfeito/a

#### **3.2.4 – Instalações elétricas:**

- Muito satisfeito/a
- Satisfeito/a
- Pouco satisfeito/a
- Nada satisfeito/a

#### **3.2.5 – Instalações sanitárias:**

- Muito satisfeito/a

- Satisfeito/a
- Pouco satisfeito/a
- Nada satisfeito/a

**3.3 – Liste três aspetos positivos na habitação**

R: \_\_\_\_\_

**3.4 – Liste três aspetos a melhorar na habitação**

R: \_\_\_\_\_

**3.5 – Presentemente, gostaria de mudar de casa?**

- Sim
- Não

**3.5.1 – Se sim, para onde e porquê?**

R: \_\_\_\_\_

**4 – A Urbanização e a Comunidade**

**4.1 – Gosta de viver nesta urbanização?**

- Sim
- Não

**4.1.2 – Se sim, porquê?**

R: \_\_\_\_\_

**4.1.3 – Se respondeu não, procurou outra alternativa?**

R:-----

**4.2- Considera-se globalmente satisfeito/a com...**

- A casa onde vive
- A Urbanização de S. Lázaro
- A vizinhança
- O local onde se situa a Urbanização
- Serviços e equipamentos existentes na área envolvente
- Nenhum

**4.3 – Três aspetos que valoriza na sua Urbanização:**

R:-----

**4.4 – Três aspetos que melhoraria na sua Urbanização:**

R:-----

**4.5 – Das seguintes frases, escolha aquela que melhor descreve a Urbanização de S. Lázaro:**

- Um bairro bem situado na cidade de Amarante
- É, sobretudo, um dormitório/uma área de uso residencial
- Um bairro típico, onde há convívio e entreaajuda
- Um bairro degradado e pouco valorizado
- Um bairro com conflitos e inseguro

**4.6- Escolha a/as frase/es que descreve/m melhor o que sente:**

4.6.1 – Conheço quase toda a gente da Urbanização / Não conheço ninguém da Urbanização

4.6.2 – A Urbanização mudou muito nos últimos anos / A Urbanização mal mudou nos últimos anos

4.6.3 – A Urbanização é muito unido / Na Urbanização existem muitos conflito

4.6.4 – Quando é preciso os/as moradores/as unem-se e atuam / Pouca gente faz alguma coisa pela Urbanização

**4.7 – Como caracteriza a sua relação com os vizinhos?**

R: \_\_\_\_\_

**4.8 – Como é que se organiza com os/as restantes moradores/as para a resolução de problemas e de necessidades comuns?**

R: \_\_\_\_\_

**4.9 – Já se organizou com outros/as moradores/as para solicitar serviços da Câmara Municipal?**

- Sim
- Não

**4.10 – Gostaria de fazer parte de uma Comissão de Moradores?**

- Sim
- Não

**4.10.1 – Justifique a sua resposta**

R: \_\_\_\_\_

**4.11 – Grau de participação em atividades locais e culturais organizadas pela Câmara Municipal ou outras associações?**

- Muito frequente
- Frequente
- Pouco frequente

#### **4.12 – Ocupação dos tempos livres/lazer:**

R: \_\_\_\_\_

#### **4.13 – Atividade Associativa:**

- Sim
- Não

### **5 – Expectativas e Necessidades**

#### **5.1 – Das seguintes frases, qual descreve melhor o seu sentimento/expectativa relativamente ao seu futuro pessoal?**

- Tenho uma grande confiança no meu futuro, assim como nas minhas capacidades para o enfrentar
- Tenho confiança no meu futuro
- Tenho expectativas pouco definidas sobre o meu futuro; aceito aquilo que vier
- Não tenho expectativas muito positivas relativamente ao meu futuro

#### **5.2 – Gostaria de indicar alguma potencialidade, recurso, fragilidade ou necessidade do seu bairro que não foi indicada anteriormente?**

R: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE H. GUIÃO DO *FOCUS GROUP* COM OS/AS PARTICIPANTES DO PROJETO

Este focus group realiza-se no âmbito do projeto do 2.º ano do Mestrado em Educação e Intervenção Social, na especialização de Desenvolvimento Comunitário e Educação de Adultos, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, protocolado com o Município de Amarante.

O focus group tem como finalidade perceber, juntos dos/as participantes do projeto, aquilo que foi alcançando, ao longo de todo o percurso, e aquilo que ainda seria necessário fazer para a mudança e transformação da vida e da situação da Urbanização de S. Lázaro.

O *focus group* será gravado, se os/as participantes concordarem, ou então, será transcrita no momento da realização da mesma. Casos os/as participantes permitam, as suas respostas, serão objeto de tratamento e análise, para posterior utilização e avaliação do projeto a incluir no relatório do mesmo. A sua participação é muito importante, mas é voluntária.

Todas as informações serão analisadas com os seguintes objetivos:

- Recordar todo o percurso realizado;
- Perceber, juntos dos/as participantes, aquilo que sentiram ao participar no projeto;
- Identificar as mudanças alcançadas na comunidade e na vida e situação da Urbanização de S. Lázaro;
- Identificar aquilo que ainda falta fazer na Urbanização de S. Lázaro;
- Comparar a Urbanização de S. Lázaro antes do início do projeto e no final do projeto.

Temas a discutir coletivamente:

1. Recordando tudo aquilo que, juntos/as fizemos, desde a sessão na Casa da Portela, as sessões de interconhecimento e debate sobre a vida e situação da Urbanização, as Caminhadas dos Vizinhos, o Dia do Vizinho e a sua preparação, as várias palestras/sessões de informação e todos os encontros ao longo destes meses, o que acharam disto tudo? E como se sentiram ao participar neste projeto?
2. Sentem e/ou reconhecem alguma mudança na Urbanização nos últimos tempo?
3. Consideram que houve mudanças na comunidade de moradores/as de S. Lázaro, com o projeto? Se sim, quais? Se não, o que seria preciso ter feito mais/o que é necessário fazer mais?
4. Como caracterizava a comunidade de S. Lázaro antes do projeto? E agora?
5. Para vocês, qual foi a sessão com mais sentido e importância?
6. Para terminar, o que acham que ainda falta fazer? O que acham que vai ficar para lá da duração do projeto?

## **APÊNDICE I. TRANSCRIÇÃO DO *FOCUS GROUP* COM OS/AS PARTICIPANTES DO PROJETO**

**A – aluna**

**MJ – moradora**

**P (RE4) – moradora e representante de entrada**

**A (RE3) – moradora e representante de entrada**

**C – representante de entrada**

**I (RE5) – moradora e representante de entrada**

**P – moradora**

**G – moradora**

**F – moradora**

**SA – moradora**

**A – Bom dia a todos. Vamos fazer aqui uma pequena discussão à volta do desenvolvimento do projeto. Posso gravar o áudio?**

(acenaram todos que sim com a cabeça)

Então, vamos começar. Recordando tudo aquilo que fomos fazendo juntos, ao longo destes meses, desde a sessão na Casa da Portela, as primeiras sessões onde debatemos sobre o que estava mal e o que era preciso mudar na Urbanização, as caminhadas dos vizinhos, o dia do vizinho, as palestras em que estiveram cá os parceiros do Município (AGIR CLDS 4G, Bombeiros, GNR, Casa da Juventude), as vindas da Câmara cá... o que acharam, o que sentiram ao participar?

**MJ** – Eu achei bem.

**A** – E o que sentiu ao participar?

**P (RE4)** – Foi bonito, foram momentos de partilha como já não tínhamos cá.

**A (RE3)** – Foi o convívio. Deu para a gente se conhecer.

**C** – Deu para nos conhecermos, para aprendermos mais. Acho que deu para partilhar e debater, mudar as coisas, mesmo o pouco que fosse.

**I (RE5)** – Foram uns dias diferentes, de partilha. Estou cá há pouco tempo e deu para conhecer as pessoas, criarmos um grupo.

**P** – Eu gostei bastante.

**A** – E consideram ou reconhecem que mudamos?

**MJ** – Mudamos alguma coisa. Tudo não foi possível. A respeito daquele mapa que estava nas portas, na minha entrada não. Eu ia assinar e quando lá chegava, papel de grilo. Não vale apena, tem que ser a Câmara.

**A (RE3)** – Mas quem tirou de lá o papel? Eu queria assinar.

**MJ** – Eu não fui, não sei. As pessoas deviam respeitar.

**C** – Olhe na minha entrada, algumas limpamos e assinamos. Mas também houve uma que até riscou o nome dela. Ontem até disse ao meu marido que isto era uma falta de educação. Andam aqui a meter isto e a fazer alguma coisa por nós e fazem isto? Tem algum jeito? Enfim... Quem limpa, limpa. Quem não limpa, não limpa.

**I (RE5)** – Mas digam-nos o que acha que nós mudamos?

**A** – Então, eu acho que, acima de tudo, foi possível criar um grupo que se conhecer verdadeiramente, que partilhou aquilo que sentia, mas que, acima de tudo, foram ouvidos.

**G** – É isso mesmo.

**A** – Foi vocês voltarem a ser ouvidos. Além disso, foi o termos criado um espaço de encontro e de convívio, para partilharmos conhecimentos, para aprendermos mais. Acho que em algumas entradas o mapa das limpezas pode ter resultado.

**F** – Isso vai depender muito das entradas. É normal.

**P** – Na nossa parte funciona. Sempre funcionou.

**I (RE5)** – Isso é verdade. Na nossa nunca houve problemas. Sempre conseguimos.

**C** – É o que digo. Nas que sempre funcionou, ainda funcionou agora melhor. Nas outras, é o que é. Sei que há entradas que até pagam a uma pessoa para limpar.

**A** – Isso pode acontecer. É uma forma de gestão e organização que os moradores dessa entrada encontraram.

**C** – Sim. Mas as pessoas que não limpam, ao menos deviam chegar a beira das outras e pagar um garrafão de lixívia ou assim e nós limpávamos. Para que, pelo menos, uma pessoa não ficasse com o prejuízo. Porque uma pessoa lava, dá os detergentes, e ainda vêm por trás marcar o chão todo.

**SA** – Nós na nossa limpamos, mas depois vêm uns e não fazem nada.

**P** – Isto às vezes, enfim. A Câmara devia andar mais em cima.

**A (RE3)** – A Câmara é que devia andar em cima das pessoas. Eles é que são os senhorios. Deixaram ao abandono.

**C** – Olhe eu estou aqui há 23 anos. No início a Câmara fazia, as oito ou nove horas da noite, a hora que toda a gente podia ir. Eu andava a trabalhar e ia. Toda a gente podia ir e olhe a maior parte das

peessoas não apareciam, mas mesmo assim, era melhor. Mas depois vêm e é ai e ai e ai, mas é lá que a gente tem que falar. Não é só aqui com os vizinhos. Temos que ir lá. Mas quem tem que ir não aparece.

**A** – Mas mesmo assim vejam, nós mudamos alguma coisa. A Câmara voltou a olhar para vocês, conseguimos que eles viessem cá e que...

**C** – Sim, isso é verdade. É mesmo.

**A** – Conseguimos uma reunião, conseguimos mobilizar os parceiros do Município e isso já pode incentivar à mudança.

**I (RE5)** – E vai ajudar. O que fizemos aqui vai ajudar a mudar isto. Vai ver que sim. Até já vão fazer obras por baixo de minha casa. Quando não sei, mas vão.

**A** – Eu acho que o pouco que fizemos, foi muito para a mudança.

**C** – Um ou outro problema que debatemos fizerem algo com isso, já é muito bom.

**F** – E agora temos o abaixo-assinado.

**I (RE5)** – Eu vou lá, eu já disse e eu vou lá. Entregue o abaixo-assinado que eu depois vou lá.

**A** – E o que acham que ainda falta fazer?

**I (RE5)** – Irmos à Casa da Portela. Irmos todos.

**A (RE3)** – O que ainda falta fazer?

**P (RE4)** – Olhe tirem dali os caixotes do lixo.

**A (RE3)** – Marcar reuniões com as pessoas, dizer as pessoas o que elas têm de fazer e o que não têm que fazer e as pessoas respeitarem-se uns aos outros.

**G** – Começar pelas reuniões na Portela.

**A (RE3)** – Como antigamente. Antigamente havia reuniões todos os meses.

**F** – E fazer o parque para as crianças brincarem que aqui não têm nada.

**C** – Isso também já esta em ata.

**A** – E, em poucas palavras, como é que vocês caracterizam S. Lázaro antes e depois do projeto?

**A (RE3)** – Ora, antes isto devia ser um monte.

(risos por todos)

**P** – Como assim? Dê um exemplo.

**A** – Ora, antes havia de facto prédios e havia pessoas, mas não havia espírito de comunidade nem de grupo.

**G** – Sim...

**A** – Agora, há grupo, há o começo de uma comunidade. Foram vocês que todas as semanas apareceram cá e continuam a lutar para que isto continue.

**P (RE4)** – Bem, há isto. As pessoas estão mais unidas.

**MJ** – Há mais união.

**I (RE5)** – Estamos a conhecer-nos e isso é bom. Nós é que somos S. Lázaro.

**A** – E vocês podem continuar a encontrar-se, a fazer caminhadas, lanches e convívios. E o que gostaram mais ou aquilo que para vocês teve mais interesse?

**C** – Olhe, além dos momentos de debate, que isso foi mesmo importante, foram as palestras.

**F** – Sim, além disso, foi a GNR ter vindo cá.

**MJ** – A GNR e os bombeiros também.

**P (RE4)** – Eu gostei dos bombeiros, achei mesmo importante.

**A (RE3)** – Olhe, eu gostei de todas mesmo.

**I (RE5)** – De tudo. Foi tudo tão bom e importante. Os bombeiros e a GNR foi muito importante e muito útil. Foi mesmo bom.

**C** – É assim, isto foi tudo importante.

**A** – E o que acham que vai ficar para lá da duração do projeto? Para lá de hoje.

**I (RE5)** – Vamos tentar manter o convívio e a partilha como estamos até agora. Temos que ter e que ser mais unidos uns com os outros e tentar conviver todos, dependendo do feitio de cada um. Lidar com os feitios uns dos outros e termos um bom ambiente que é bom para todos.

**A** – Querem acrescentar alguma coisa?

**G** – Agradecer por tudo o que nos ajudou a fazer.

## APÊNDICE J. GRELHA DE ANÁLISE DO *FOCUS GROUP* COM OS/AS PARTICIPANTES DO PROJETO

Tema	Categoria	Subcategoria	Registo e síntese interpretativa	Contexto/Discurso do entrevistado
<p><b>Percurso Percorrido e Mudanças Alcançadas</b></p>	<p><b>I. Percurso Percorrido</b></p>	<p>a. Sentimentos e emoções sentidas ao participar no projeto</p>	<p>Relativamente ao caminho percorrido do projeto “Há Vida em S. Lázaro”, os/as participantes verbalizaram que, o projeto foi, acima de tudo, partilha, convívio e interconhecimento. Além disso, referiram que foi um caminho que permitiu que os/as moradores/as se pudessem ouvir e ser ouvidos/as, bem como juntos, procurar soluções para os seus problemas.</p> <p>Além disso, mencionaram que, com o desenvolvimento do projeto, foi possível criarem um grupo de moradores/as unidos na procura conjunto de soluções para os seus</p>	<p><b>P (RE4)</b> – “Foi bonito, foram momentos de partilha como já não tínhamos cá”</p> <p><b>A (RE3)</b> – “Foi o convívio. Deu para a gente se conhecer”</p> <p><b>C</b> – “Deu para nos conhecermos, para aprendermos mais. Acho que deu para partilhar e debater, mudar as coisas, mesmo o pouco que fosse”</p> <p><b>I (RE5)</b> – “Foram uns dias diferentes, de partilha. Estou cá há pouco tempo e deu para conhecer as pessoas, criarmos um grupo”</p>

			problemas, mas também um grupo de moradores/as para conviver e partilhar.	
		b. Os momentos com mais significado	Para os/as participantes dos projeto, alguns dos momentos com mais impacto foram: os debates e as palestras/sessões de informação com os vários parceiros, principalmente com a GNR e com os Bombeiros Voluntários de Amarante.	<p><b>C</b> – “Olhe, além dos momentos de debate, que isso foi mesmo importante, foram as palestras”</p> <p><b>F</b> – “Sim, além disso, foi a GNR ter vindo cá”</p> <p><b>MJ</b> – “A GNR e os bombeiros também”</p> <p><b>P (RE4)</b> – “Eu gostei dos bombeiros, achei mesmo importante”</p> <p><b>A (RE3)</b> – “Olhe, eu gostei de todas mesmo”</p> <p><b>I (RE5)</b> – “De tudo. Foi tudo tão bom e importante. Os bombeiros e a GNR foi muito importante e muito útil. Foi mesmo bom”</p>

	<p><b>II.</b></p> <p><b>Mudanças alcançadas e mudanças a serem alcançadas</b></p>	<p>a. Mudanças reconhecidas na Urbanização de S. Lázaro</p>	<p>Reconhecem que foi possível mudar e transformar a Urbanização de S. Lázaro, mencionando que se deram os primeiros passos para uma grande mudança. Além disso, referiram como mudanças: o mapa das limpezas (permitiu uma melhor organização de algumas entradas), o espaço de encontro e convívio que se criou, as idas dos/as responsáveis e técnicas da CMA à Urbanização (participação em algumas sessões) e a reunião com a estrutura da CMA. Concordaram, ainda, que o facto de se ter mobilizado os parceiros do Município e da comunidade foi, de igual modo, uma mudança alcançada na Urbanização, visto que se abriu as portas da Urbanização para o exterior e vice-versa.</p>	<p><b>MJ</b> – “Mudamos alguma coisa. Tudo não foi possível”</p> <p><b>C</b> – “Olhe na minha entrada, algumas limpamos e assinamos”</p> <p><b>C</b> – “É o que digo. Nas que sempre funcionou, ainda funcionou agora melhor. Nas outras, é o que é. Sei que há entradas que até pagam a uma pessoa para limpar”</p> <p><b>I (RE5)</b> – “E vai ajudar. O que fizemos aqui vai ajudar a mudar isto. Vai ver que sim. Até já vão fazer obras por baixo de minha casa. Quando não sei, mas vão”</p> <p><b>C</b> – “Um ou outro problema que debatemos fizerem algo com isso, já é muito bom”</p>
		<p>b. Mudanças reconhecidas na</p>	<p>Como mudanças na própria comunidade, os/as moradores/as sentem que foi, acima</p>	<p><b>I (RE5)</b> – “Vamos tentar manter o convívio e a partilha como estamos até agora. Temos que ter</p>

		<p>comunidade de S. Lázaro</p>	<p>de tudo, o interconhecimento que o projeto promoveu, bem como a partilha e o convívio entre moradores/as.</p> <p>Para lá do término do projeto, os/as participantes consideram que o vão manter a organização, o convívio e a partilha, bem como a união do grupo.</p>	<p>e que ser mais unidos uns com os outros e tentar conviver todos, dependendo do feitio de cada um. Lidar com os feitios uns dos outros e termos um bom ambiente que é bom para todos”</p>
		<p>c. A Urbanização de S. Lázaro antes e depois do término do projeto</p>	<p>Mencionaram que, antes do projeto, a Urbanização de S. Lázaro eram prédios e pessoas e que, com o projeto, a Urbanização de S. Lázaro voltou a recuperar o espírito de grupo e de comunidade, visto que os/as moradores/as estão mais unidos/as.</p>	<p><b>P (RE4)</b> – “Bem, há isto. As pessoas estão mais unidas”</p> <p><b>MJ</b> – “Há mais união”</p> <p><b>I (RE5)</b> – “Estamos a conhecer-nos e isso é bom. Nós é que somos S. Lázaro”</p>

		<p>d. O caminho que ainda falta percorrer</p>	<p>Sentem que é necessário retomar as reuniões mensais com estrutura da Câmara, mais visitas por parte das técnicas, bem como maior responsabilização de alguns/as moradores/as em relação à organização e limpeza das entradas. A par disto, sentem que ainda existem alguns problemas e necessidades a ver suprimidos, como por exemplo a questão da localização dos ecopontos, a falta de reuniões com os representantes de entrada, uma sala de convívio e um espaço para as crianças brincarem.</p>	<p><b>A (RE3)</b> – “A Câmara é que devia andar em cima das pessoas. Eles é que são os senhorios. Deixaram ao abandono”</p> <p><b>I (RE5)</b> – “Irmos à Casa da Portela. Irmos todos”</p> <p><b>P (RE4)</b> – “Olhe tirem dali os caixotes do lixo”</p> <p><b>A (RE3)</b> – “Marcar reuniões com as pessoas, dizer as pessoas o que elas têm de fazer e o que não têm que fazer e as pessoas respeitarem-se uns aos outros”</p> <p><b>G</b> – “Começar pelas reuniões na Portela”</p> <p><b>F</b> – “E fazer o parque para as crianças brincarem que aqui não têm nada”</p>
--	--	---	--	--

<b>Conclusão</b>	<p>Após uma longa jornada de debates, de partilhas, de aprendizagens, de (re)criação de contactos, redes e laços sociais, de promoção do interconhecimento, da (auto)organização e a ação coletiva, da participação ativa, cidadã e democrática dos/as moradores/as e do desenvolvimento de competências essenciais para a vida, os/as participantes do projeto, sentem que juntos/as conseguiram mudar a vida e a situação da Urbanização de S. Lázaro. Os/as participantes estiveram bastante empenhados/as e envolvidos/as neste focus group.</p> <p>Através deste envolvimento dos/as participantes foi possível partilhar e identificar momentos importantes do desenvolvimento do projeto, bem como reconhecer alguns aspetos que ainda são necessários mudar e dar resposta. Porém, todos/as os/as participantes expressaram que este projeto foi, acima de tudo, comunicação, partilha, debate, diálogo, respeito e convívio o que, por sua vez, lhes permitiu, em conjunto, procurar dar resposta aos seus problemas. Além disso, consideram que o facto de o projeto se ter direccionado para as ações de auto-capacitação e capacitação foi uma mais-valia, visto que lhes permitiu desenvolver competências essenciais para a vida, bem como abrir as portas da Urbanização para o exterior.</p> <p>Neste pequeno focus group, foi possível refletir sobre a importância dos debates e do mapa das limpezas, sobre a mobilização dos parceiros do Município, sobre novas estratégias de auto-organização mas, acima de tudo, sobre o grupo de moradores/as que criaram, onde se puderam conhecer, partilhar, conviver e aprender. Além disso, refletiram sobre aquilo que ainda falta fazer, nomeadamente sobre a necessidade de a estrutura da CMA ter uma presença mais ativa na Urbanização, apesar de já se ter conseguido induzir mudança com o desenvolvimento do projeto.</p>
------------------	--

	<p>Em síntese, foi possível concluir que, de facto, todos/as juntos/as conseguimos mudar e transformar S. Lázaro, bem como permitir que os/as moradores/as se conhecessem de uma forma mais verdadeira o que, por sua vez, permitiu os debates, a procura de soluções conjuntas, os convívios e as partilhas, bem como caminhar em direção a uma comunidade mais ativa, coesa e democrática.</p>
--	--

*Tabela 2 - Análise do focus group com os/as participantes do projeto*

## APÊNDICE K. RESULTADOS DO INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

### Complexo habitacional

40 respostas

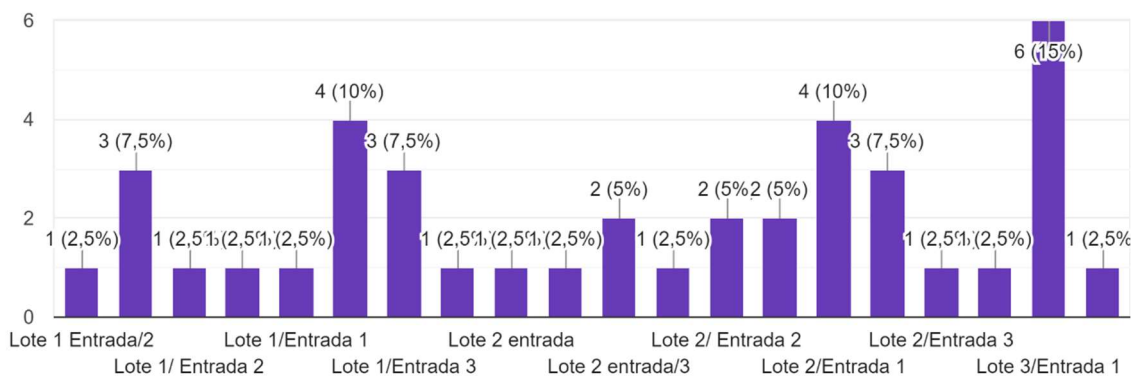


Gráfico 1 – Complexo habitacional

### Ano de entrada na habitação

40 respostas

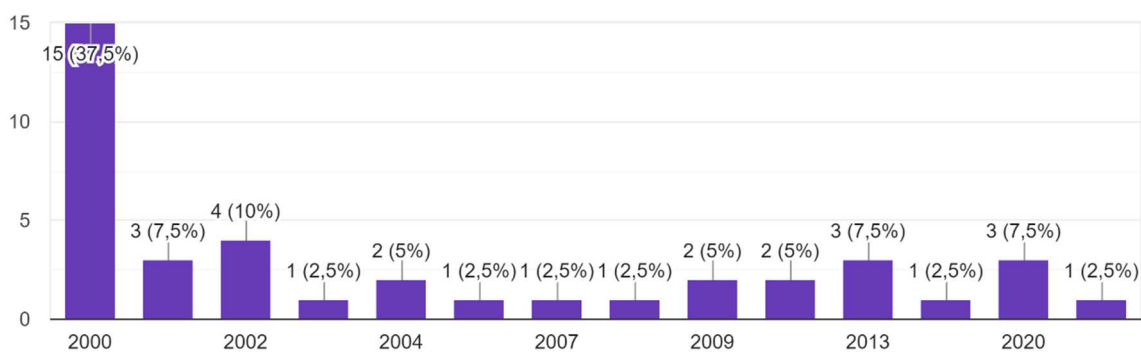


Gráfico 2 – Ano de entrada na habitação

### Motivos para integrar habitação social

40 respostas

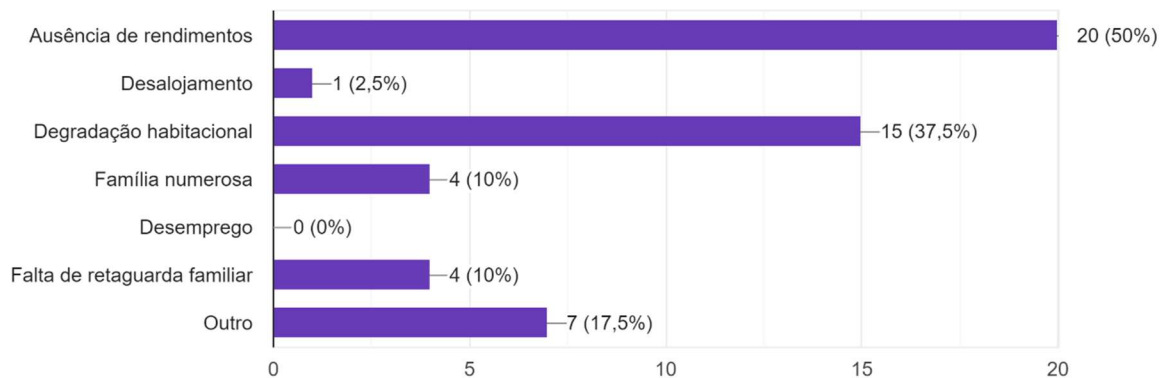


Gráfico 3 – Motivos para integrar habitação social

### Qual?

10 respostas

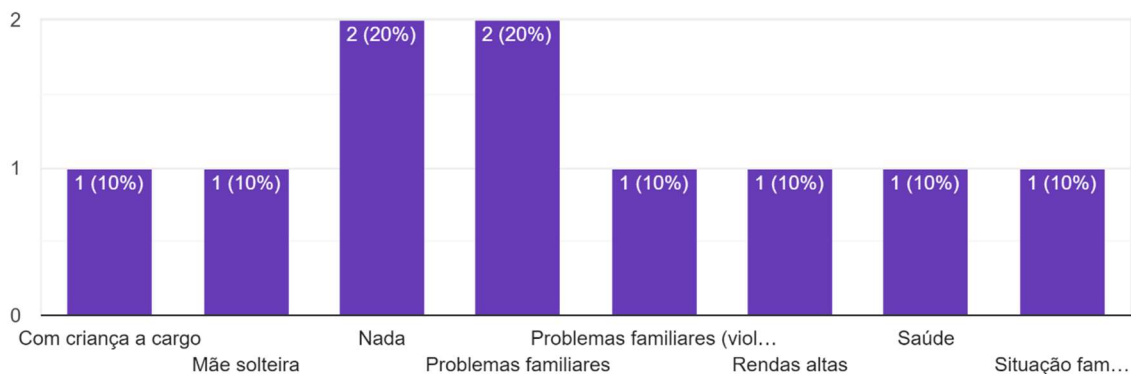


Gráfico 4 – Qual?

Para si, quais os aspetos a melhorar no seu atual quadro de vida?
Saúde
Nada
Nada

Nada em especial
Quero trabalho
Gosto de onde estou e do que faço
Proximidade geográfica dos filhos
Saúde e estar mais perto da família
Ter uma vida melhor, um trabalho estável
Ter uma casa independente
Saúde e sair do bairro de habitação social
Vamos vivendo
A minha vida não melhora mais
A minha vida não melhora mais
Ter saúde
Sair o euromilhões
Desemprego do filho e o baixo salário
Saúde e trabalho
Ter mais saúde
Ter trabalho
Ter uma vivenda
Se pudesse mudava, mas não posso
Os vizinhos
Não sei, acho que está tudo bem
Se eu pudesse melhorar era sair dali
Olhe, era principalmente preciso saúde e gostava de conseguir arranjar um seguro para ter um futuro garantido
A minha vida não melhora mais
Ter saúde

Sair o euromilhões
Desemprego do filho e o baixo salário
Saúde e trabalho
Ter mais saúde
Ter trabalho
Ter uma vivenda
Se pudesse mudava, mas não posso
Os vizinhos
Não sei, acho que está tudo bem
Se eu pudesse melhorar era sair dali
Olhe, era principalmente preciso saúde e gostava de conseguir arranjar um seguro para ter um futuro garantido
A minha vida não melhora mais

Tabela 3 – Respostas à questão “para si, quais os aspetos a melhorar no seu atual quadro de vida?”

## 1. Educação

### 1.1 - Nível de escolaridade

40 respostas

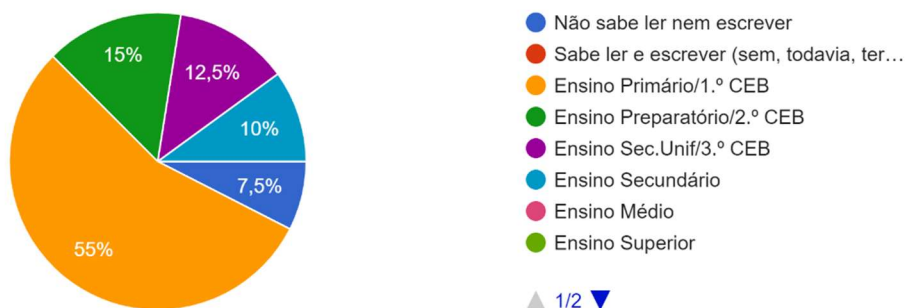


Gráfico 5 – Nível de escolaridade

## 2. Situação Económica e Profissional

### 2.1 - Condição perante a atividade

40 respostas

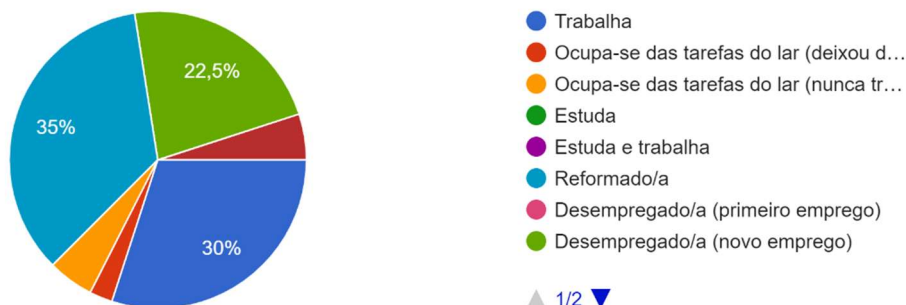


Gráfico 6 – Condição perante a atividade

## 2.2. Caracterização da situação de desemprego (para desempregados/as)

2.2.1 – Última profissão
Limpezas
Trabalho ocupacional
Auxiliar de ação direta
Pecuária
Talhante
Nada
Tudo um pouco
Lar de idosos
Costureira de fábrica

Tabela 4 – Respostas à questão "última profissão"

### 2.2.2 - Tempo de desemprego

9 respostas

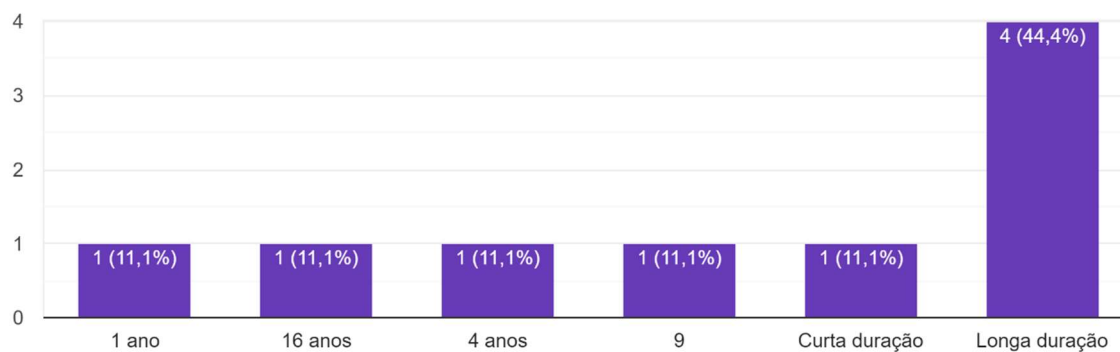


Gráfico 7 – Tempo de desemprego

### 2.2.3 - Mótivo de desemprego

9 respostas

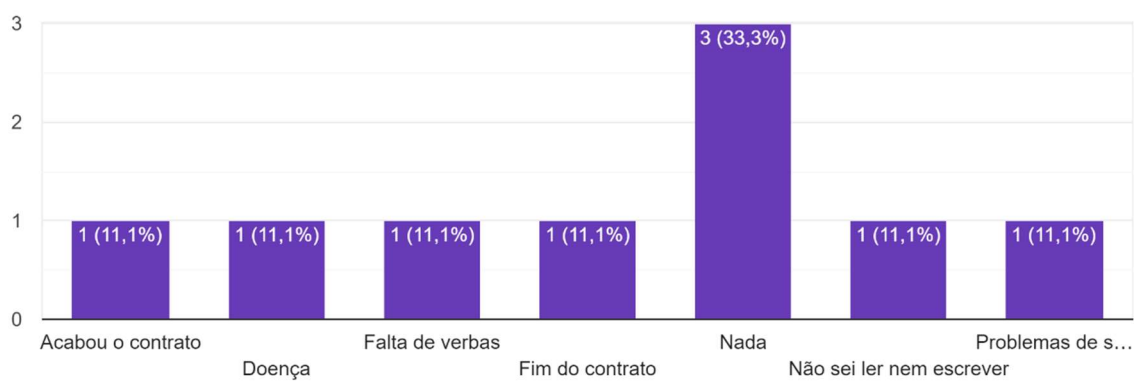


Gráfico 8 – Motivo de desemprego

### 2.2.4 - Inscrito no IEFP

10 respostas

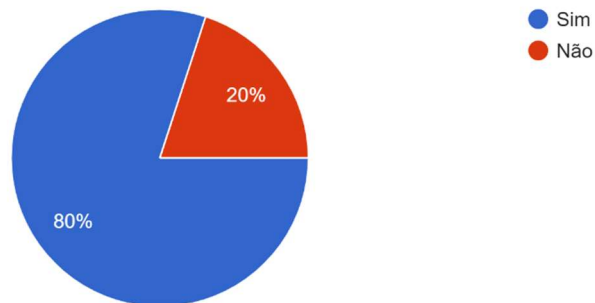


Gráfico 9 – Inscrito no IEFP

## 3. Habitação

### 3.2. Satisfação Residencial

#### 3.1 - Há quantos anos vive nesta casa?

40 respostas

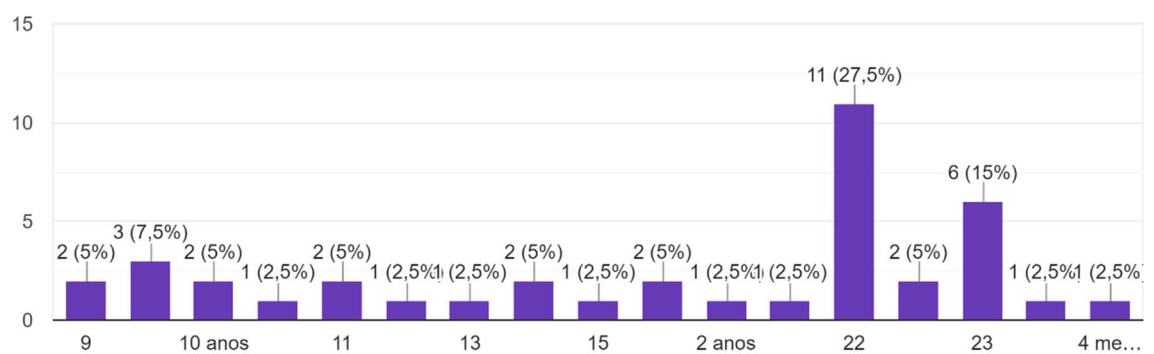


Gráfico 10 – Há quantos anos vive nesta casa?

### 3.2.2 - Disposição das divisões

40 respostas

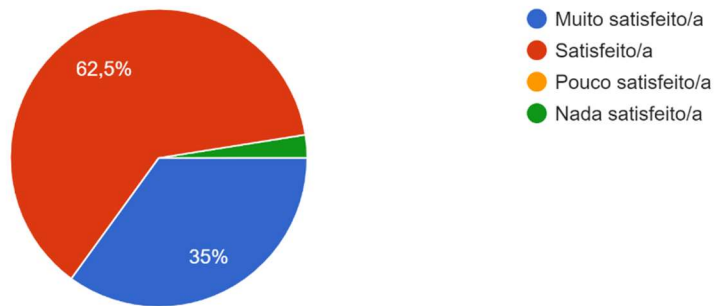


Gráfico 11 – Disposição das divisões

### 3.2.3 - Materiais de construção

40 respostas

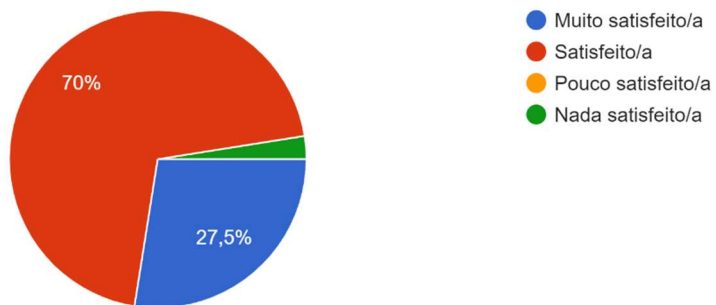


Gráfico 12 – Materiais de construção

### 3.2.4 - Instalações elétricas

40 respostas

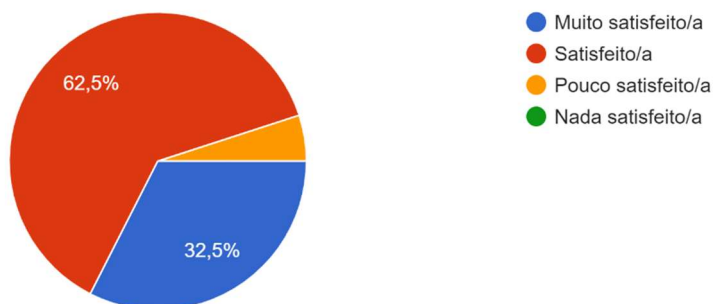


Gráfico 13 – Instalações elétricas

### 3.2.5 - Instalações sanitárias

40 respostas

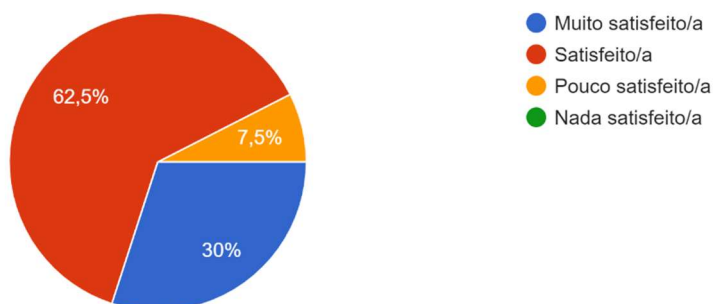


Gráfico 14 – Instalações sanitárias

3.3 – Liste três aspetos positivos na habitação
Nada
Nada
Vizinhança e a limpeza nas escadas, não há muita limpeza
Humidade
Não, a casa está em condições. Já teve humidade
Estou bem
Teto está a ter problemas e ter muitas escadas para subir
Não tenho razão de queixa
Pintura principalmente na sala, desentupimento do lavatório e humidade
Humidade num quarto, fichas elétricas estragadas
Humidade na sala, pintura na casa de banho e falta de varanda
Escadas, falta de aquecimento e chuveiro
Casa de banho (mudar para chuveiro)
Porblemas na sala (esta a rachar e a pintura)
Só uma casa-de-banho, falta de janelas duplas e cozinha pequena

Não tem
Dispensa, casa de banho e base da banheira
Porta principal, os móveis serem inverinizados e não haver espaço para socorrismo
Casa de banho, não gosto da banheira
Isolamento
Divisões muito pequenas e desenquadradas, espaços mortos e não há dispensas, falta de garagem e de varanda
Casa de banho pequena e não ter varanda
Infiltrações de água, ter muitas escadas para subir
Gosto de tudo
Teto do quarto
Não ter elevador
Nenhum
Muito fria, mesmo com o capoto. Pode ser da humidade
Problemas na casa de banho (deita água a torneira)
Havia de ter, aquelas casas haviam de ter salamandras
Cozinha
Não tenho gavetas e tenho as portas todas partidas. Podia ser mais quentinha, gostava de um salamandra
Nada
Nada
Vizinhança e a limpeza nas escadas, não há muita limpeza
Humidade
Não, a casa está em condições. Já teve humidade
Estou bem
Teto está a ter problemas e ter muitas escadas para subir

Não tenho razão de queixa

Tabela 5 – Respostas à questão “liste três aspetos positivos na sua habitação”

3.5 - Presentemente, gostaria de mudar de casa?

40 respostas

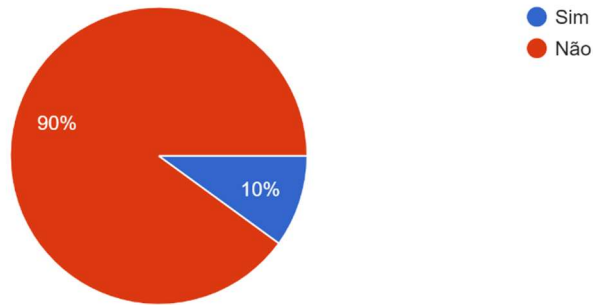


Gráfico 15 – Presentemente, gostaria de mudar de casa?

### 3.5.1 – Se sim, para onde e porquê?

Para uma casa mais pequena

Gostaria de mudar de casa se tivesse dinheiro. Pra onde? Qualquer sítio. Pelas questões já referidas da casa e pela vizinhança, há pessoas que não sabem estar

Nada

Nada

Queria uma vivenda

Gostava mesmo, por causa de algumas pessoas, olhe para aliviar a cabeça, sair dali para fora

Tabela 6 – Respostas à questão “se sim, para onde e porquê?”

## 4. A Urbanização e a Comunidade

### 4.1 - Gosta de viver nesta urbanização?

40 respostas

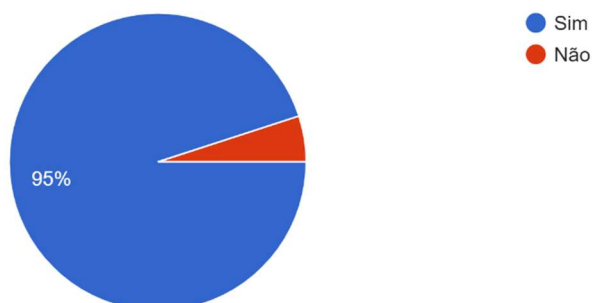


Gráfico 16 – Gosta de viver nesta Urbanização?

4.1.1 – Se sim, porquê?
É perto de tudo
Gosto da minha entrada, mas as outras são mais sossegadas que a minha
Gosto da casa e da localização
Localização, estamos perto de tudo, não precisamos de andar de carro
Pela localização e pelos vizinhos
Dou-me bem com os vizinhos todos, ninguém me chateia
Localização e vizinhos, os vizinhos são tudo
Gosto de lá e estou perto de tudo
Ali estou perto do supermercado
Porque a minha casa tem exposição solar
Estou pertinho de tudo
Deixou de haver conflitos
Estar perto de tudo
Gosto de lá estar

Pela localização, é perto de tudo e é sossegado
Sim, desde que cada um esteja na sua vida
Não me meto na vida de ninguém e estou perto de tudo
Perto do local de trabalho e a existência de equipamentos e serviços
Pela localização
Pela localização, quero lá morrer
Estar perto de tudo e estar habituado
Sim, pela localização e pelos vizinhos
É pertinho de tudo
É calma
Nada
É perto de tudo
Localização
Por estar perto da cidade
Por ter uma casa boa e pela localização
Porque sim
Muita gente não tem noção, mas temos tudo a beira. E do sítio em si. Gosto de morar aqui
É sossegadinho, faço a minha vida normal e vizinhos são boas pessoas
A maioria das famílias pronto são famílias simples e decentes. Mas há duas ou três que estragam tudo mas já nos habituamos. A minha entrada é muito boa, não podíamos ter vizinhos melhores. Atrevo-me a dizer que a minha entrada é a melhor da Urbanização
A minha vida é casa trabalho e trabalho e casa
É perto de tudo

*Tabela 7 – Respostas à questão “se sim, porquê?”*

#### **4.1.2 – Se respondeu não, procurou outra alternativa?**

Não gosto muito, mas tenho de me contentar
Não, não tenho direito

Tabela 8 – Respostas à questão “se respondeu não, procurou outra alternativa?”

#### 4.2 - Considera-se globalmente satisfeito/a com...

40 respostas

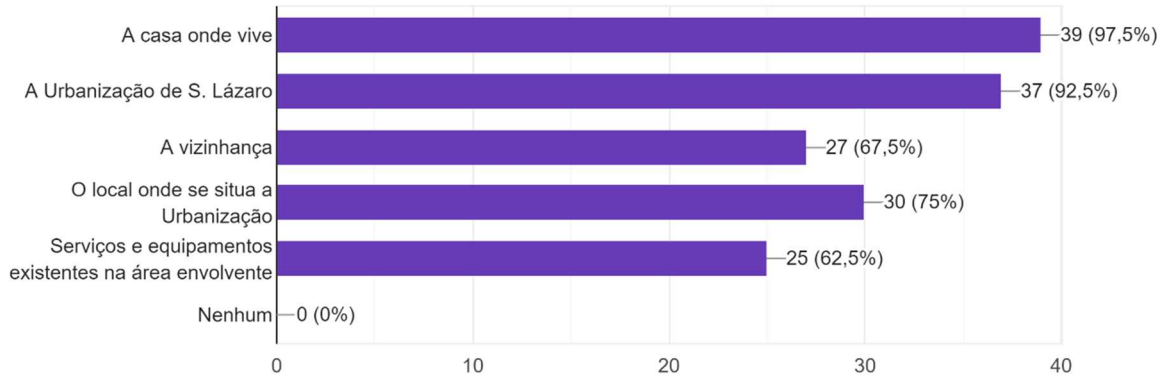


Gráfico 17 – Considera-se globalmente satisfeito/a com...

4.3 – Três aspetos que valoriza na sua Urbanização
Localização
Localização
Ser perto de tudo
Tudo
Gosto das outras entradas que estão limpas e gosto da localização
Tudo, não vejo nada que não gosto
Eu gosto de tudo, é sossegado, tem uma boa localização
Vizinhos e o convívio
É mesmo a localização e a casa
Vizinhança e convívio
Perto dos serviços essenciais, localização

Vista da urbanização, localização
Comunidade, alojamento e localização
Localização, serviços que existem
Casa e localização
Lojas existentes, restauração e organização
Localização, vizinhança e sossego
Localização, transporte perto e comércio
Espaçosa, recheada de tudo e ao nível de comércio estou perto de tudo
Gosto de tudo
Ambiente não é mau, principalmente no lote em que vivo
Relação com os vizinhos, tenho quem me ajude
Proximidade com os equipamentos e serviços, facilidade em deslocar-me a pé
A vizinhança, a localização e a entreatajuda entre os vizinhos
Boa localização
Nada
Localização, não tenho problemas com os vizinhos
Do sossego
Os acessos e a localização
Localização, os vizinhos, estou perto do supermercado quando preciso, da farmácia, do emprego também é perto para ir a pé
A localização
Localização é ótimo, estamos a beirinha de tudo
Gosto que estar bem situada, estamos perto de basicamente de tudo
Localização
Localização
Ser perto de tudo

Tudo
Gosto das outras entradas que estão limpas e gosto da localização
Tudo, não vejo nada que não gosto
Eu gosto de tudo, é sossegado, tem uma boa localização

*Tabela 9 – Respostas à questão “três aspetos que valoriza na sua Urbanização”*

<b>4.4 – Três aspetos que melhoraria na sua Urbanização</b>
Nada
Nada
Tudo
Mudava alguns vizinhos, limpeza nas escadas
Limpeza nas escadas, não há quem faça nada no prédio, ninguém cumpre a escala
Entretenimento para as crianças, local para as crianças brincarem, existem alguns conflitos e falta de limpeza
O barulho
Para agora está tudo bem
Ambiente complicado, há conflitos, chamam a GNR, metem-se na vida nos outros
Bancos para convívio
Limpeza nas escadas
Vizinhança, falta de limpeza das escadas
Não vejo grandes coisas a fazer
Estacionamento de carros, convívio e a relação com os outros moradores
Paruque de estacionamento e vigilância (em termos de estragos)
Estacionamento, luz na entrada do prédio e falta de limpeza por parte de alguns moradores
As bermas do lado da casa
Na nossa rua, na que eu moro, é a borda da estrada e dos passeios, nunca são limpos

Escadas, falta de limpeza e de organização, caixa do correio
Educação social na vizinhança, as pessoas deviam ser rastreadas (pessoas conflituosas). Quem realmente precisa e se sabe comportar em sociedade, os moradores deviam ser escolhidos
Sítio para as crianças brincarem, sala de estudo e atividades
Limpeza das escadas e a organização das limpezas
Vizinhança
Luz nas escadas
Por mim está tudo bem
A nível de limpeza, haver um projeto diferente
Acho que não
Há coisas que não dá para mudar que é a mentalidade das pessoas. A falta de respeito das pessoas. Mas pronto.. também não ligo
Eu muitas vezes vou lavar a roupa aos tanques do campo da feira e aqui devia haver um sítio para lavar essas peças grossas e para secar
Mais negativos.. pronto.. não tenho grande coisa a dizer
Não sei
Só mudava ali aquele bocadinho, ter mais um banquinho e mais duas mesas e uma churrasqueira
Nada
Nada
Tudo
Mudava alguns vizinhos, limpeza nas escadas
Limpeza nas escadas, não há quem faça nada no prédio, ninguém cumpre a escala
Entretenimento para as crianças, local para as crianças brincarem, existem alguns conflitos e falta de limpeza
O barulho

Para agora está tudo bem

Tabela 10 – Respostas à questão “três aspetos que melhoraria na sua Urbanização”

4.5 - Das seguintes frases, escolha aquela que melhor descreve a Urbanização S. Lázaro

40 respostas

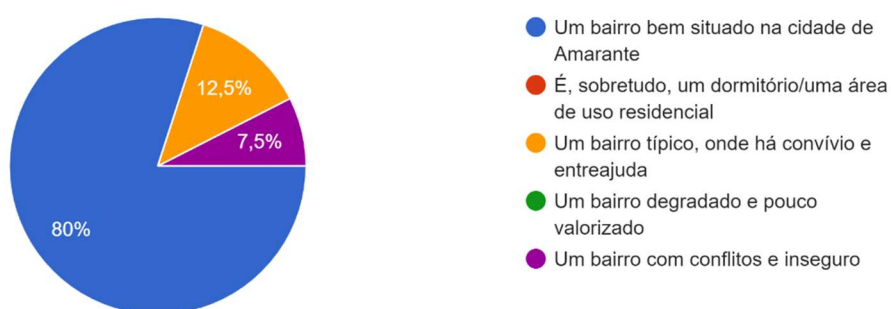


Gráfico 18 – Das seguintes frases, escolha aquela que melhor descreve a Urbanização de S. Lázaro

4.6. Escolha a frase que descreve melhor o que sente

4.6.1

40 respostas

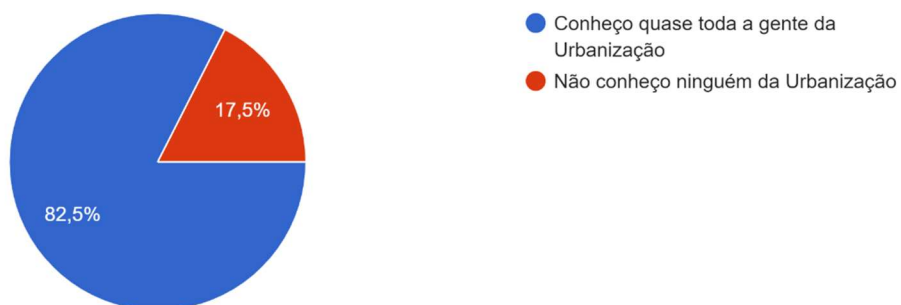


Gráfico 19 – Conheço quase toda a Urbanização/Não conheço ninguém da Urbanização

#### 4.6.2

40 respostas



Gráfico 20 – A Urbanização mudou muito nos últimos anos/A Urbanização mal mudou nos últimos anos

#### 4.6.3

40 respostas

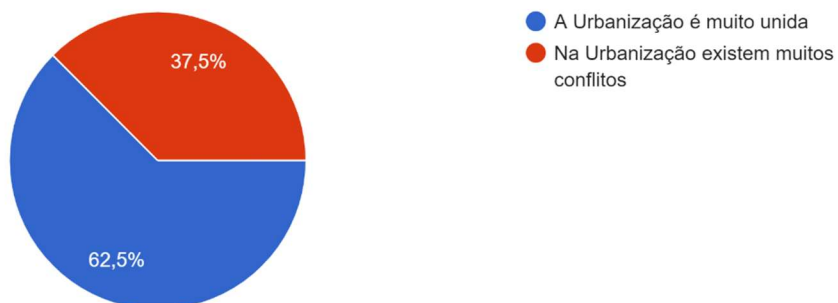


Gráfico 21 – A Urbanização é muito unida/ Na Urbanização existem muitos conflitos

#### 4.6.4

40 respostas

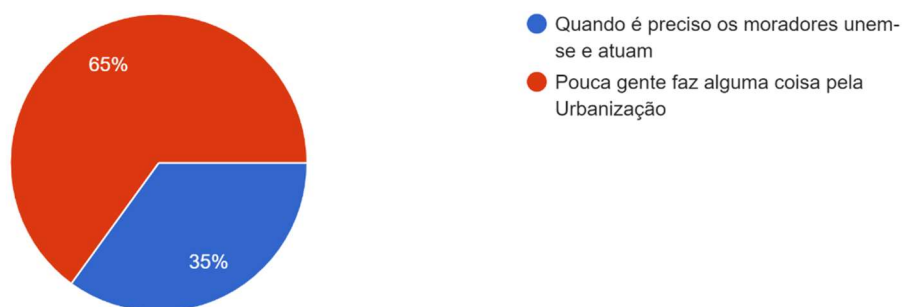


Gráfico 22 – Quando é preciso os/as moradores/as unem-se e atuam/Pouca gente faz alguma coisa pela Urbanização

4.7 – Como caracteriza a sua relação com os vizinhos?
Boa
Uma boa relação
Muito boa
Não sou pessoa de discutir, digo o que tenho que dizer, não ando cá com problemas
Depende dos vizinhos
Boa
Os vizinhos são como família
Boa, somos unidos
São tudo para mim
É muito positiva, dou-me bem com toda a gente
Boa relação, são queridos comigo
É “bom dia” e “boa tarde”
Mais ao menos
Dou-me bem com todos
Há sempre problemas, há pessoas solitárias, mas a relação é boa, apesar de algumas conversas levarem a conflitos

Relação é mais ao menos, custa-me dizer
Boa relação
Uma boa relação com alguns vizinhos, mas existem alguns conflitos com outros
Razoável
Com os meus vizinhos é boa
Não há relação, é bom dia e boa tarde
Tenho uma boa relação, quando preciso de algum coisa ajudam
É ótima
É boa.
Boa relação
Saudável
Ótima porque não me meto na vida dos outros
Pacífica, porque tenho que gerir. Temos que gerir o que dizemos. As pessoas são eu posso e mando.
A minha é boa, não estou aqui muito tempo, saiu para dar um passeio.. é um por si, como digo. Não se pode conviver, uns sentem-se superiores e outros são umas linguarudas
Neste momento é boa, não convívio muito, não tenho tempo
Boa, mesmo com os meus filhos, sempre os criei ali. Dizem que gostam de mim porque sempre ajudei todos. Quem me bater a porta a pedir ajuda, eu ajudo. Já dei o último quilo de arroz e os últimos cinco euros
Boa
Uma boa relação
Muito boa
Não sou pessoa de discutir, digo o que tenho que dizer, não ando cá com problemas
Depende dos vizinhos
Boa
Os vizinhos são como família

Boa, somos unidos

*Tabela 11 – Respostas à questão “como caracteriza a sua relação com os vizinhos?”*

<b>4.8 - Como é que se organiza com os restantes moradores/as para a resolução de problemas e de necessidades comuns?</b>
Não se organizam
Não
Bem
Cada um por si
Não me organizo
Não me organizo
Organizam-se quando há conflitos
Organizo-me
Só com ajuda da GNR, infelizmente
Não se organizam
Ninguém se organiza, a não ser nas reuniões sobre limpeza
Normalmente, na minha entrada, organizamo-nos
Somos muito independentes
Não me organizo com ninguém
É cada um por si, cada um resolve o seu problema
Organizam-se todos juntos, na minha estrada
Antigamente sim, agora não, cada um puxa a brasa para a sua sardinha
Se for preciso, juntam-se e ajudam
Sim
Por vezes sim, quando posso ajudar

Não me organizo, apesar de tentar ajudar na medida em que posso. Colaboro em algumas situações
Dentro da mesma entrada, organizamo-nos. Há uma pessoa mais responsável
Nunca me juntei com ninguém
Não
Normal
Nada
Nada
Ultimamente não
Não
Quando há conflitos tento ver os dois lados. Mas as vezes não dá. Não posso tomar partido de ninguém. Sou representante da minha entrada.
É mais cada um por si
Sim. Bem aqui, como trabalho na câmara é quase como se tivesse sempre de serviço, até ao sábado e domingo. Vem-me sempre bater a porta e tento sempre agilizar com os meus colegas das respetivas profissões
Se cada um poder lixar o outro é isso que fazem. Metem-se na vida dos outros e é isso que gostam
Não se organizam
Não
Bem
Cada um por si
Não me organizo
Não me organizo

*Tabela 12 – Respostas à questão “como é que se organiza com os restantes moradores/as para a resolução de problemas e de necessidades comuns?”*

4.9 - Já se organizou com os outros moradores para solicitar serviços da Câmara Municipal?  
40 respostas

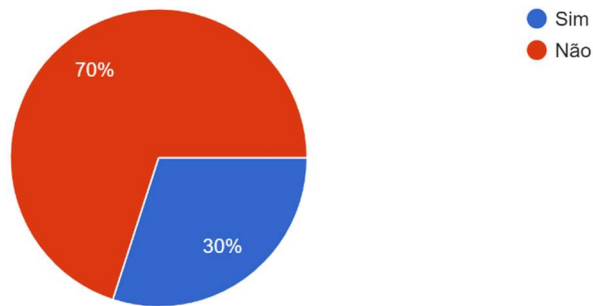


Gráfico 23 – Já se organizou com os/as outros/as moradores/as para solicitar serviços da Câmara Municipal?

4.10 - Gostaria de fazer parte de uma Comissão de Moradores?  
40 respostas

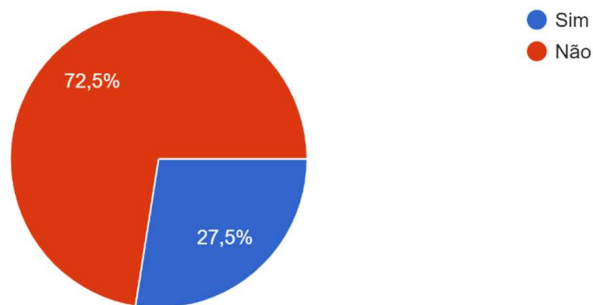


Gráfico 24 – Gostaria de fazer parte de uma Comissão de Moradores?

4.10.1 – Justifique a sua resposta
Nada
Ia dar muitos problemas
Gosto de resolver os meus problemas
Desde que não seja para me chatear
Para ver se dava para pôr as coisas mais direitas, deixar de haver conflitos.

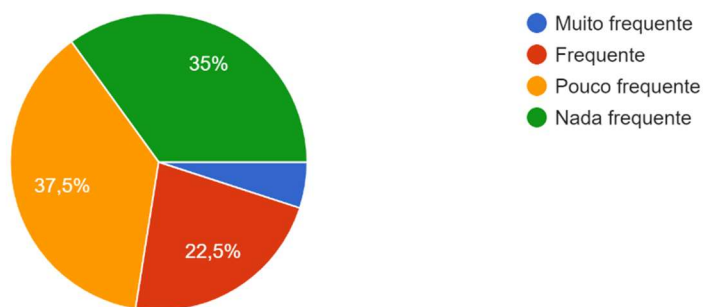
Não posso, não tenho tempo
Pela saúde
Era uma forma de resolver alguns problemas
Não dá para mim
Não quero nada disso, não tenho tempo
Já não tenho idade
Gostava, mas já temos uma pessoa que resolve os problemas
Seria uma mais valia para o lote
Porque não, não estou para me chatear, não concordo com nada
Não tenho idade
Já fiz, mas agora não gostaria porque lá não resulta
Para haver problemas não
Porque as pessoas não cumpre, nem tenho saúde
Não tenho tempo
Não quero disso
Não é nada comigo
Porque uma pessoa se puder ajuda toda a gente
As pessoas não respeitam as regras
Já funcionou, só não sei se nas outras entradas ia funcionar. Na minha ia funcionar
Era muito complicado, sei há pessoas que não respeitam
Não tenho idade para isso.
Nada disso não
Nada a referir
Não tenho interesse
Não tenho paciência para issi

Não sei até que ponto. As pessoas não cumprem e depois quem está a frente às pessoas enervam-se. Já combinamos com uma doutora e nem assim as pessoas cumpriam.
Não me importava, mas é complicado
Não saiu de casa
Por mim queria, mas vai dar muita dor de cabeça. As pessoas não cumprem o mapa, é muita confusão. As pessoas não respeitam e eu acho que o respeito é a base de tudo
Era mais convívio
Nunca pensei nisso, mas até gostava
Não dá
Por muito que alguém tente há quem não goste e depois há conflitos
Nada
la dar muitos problemas

*Tabela 13 – Respostas à questão “justifique a sua resposta”*

#### 4.11 - Grau de participação em atividades locais e culturais organizadas pela Câmara Municipal ou outras associações?

40 respostas



*Gráfico 25 – Grau de participação em atividades locais e culturais organizadas pela Câmara Municipal ou outras associações?*

<b>4.12 - Ocupação dos tempos livres/lazer?</b>
Passear

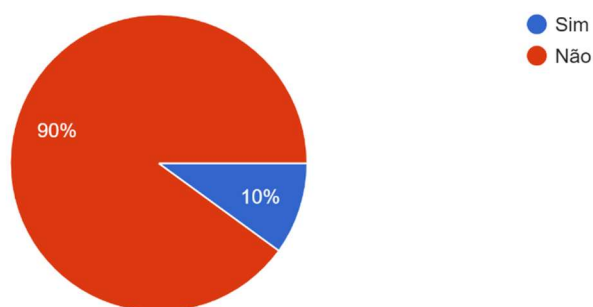
Caminhadas
Fazer caminhadas
Nada de mais
Faço caminhadas, convívio com as vizinhas e às vezes fazemos uma festa pequena
Gostava de estar mais ocupada
Não faço nada de especial
Convívio
Gostava de ser voluntaria
Conviver
1 vez por semana vou fazer visitas a um lar
Passear, fazer umas caminhadas
Caminhar
Atividades em casa
Passear, ir à pesca
Nada em especial
O que faço é tratar, sempre que posso, de mim
Piqueniques
Não
Passo muito em casa, faço as tarefas domésticas; tomo café com amigos; vou a sede do sporting
Passear cá fora
Faço voluntariado, gosto de ler, escrever e ver filmes, passear na natureza e faço desporto. Gosto de animais
Nada em especial. Mas neste momento gosto de ler artigos sobre a infância, por causa do meu filho
Não faço nada
Nada

Ver televisão
Descansa
Salgadinhos
Passeia
Caminhadas e passeios na natureza
Passear ao ar livre
Caminhar
Estar em casa
.
Dar um passeio, ou vou ao supermercado
Sou dirigente sindical e participo em ações cívicas, em defesa de tudo
Não tenho tempo
Tomo conta dos meus netinhos
Passear
Caminhadas

*Tabela 14 – Respostas à questão “ocupação dos tempos livres/lazer?”*

#### 4.13 - Atividade Associativa:

40 respostas



*Gráfico 26 – Atividade associativa*

## 5. Expectativas e Necessidades

5.1 - Das seguintes frases, qual descreve melhor o seu sentimento/expectativa relativamente ao seu futuro pessoal?

40 respostas

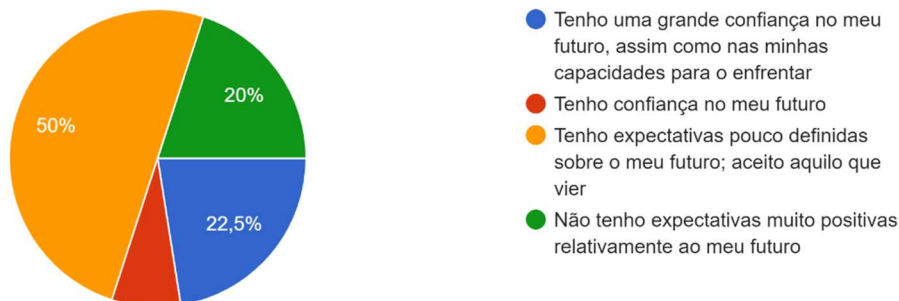


Gráfico 27 – Das seguintes frases, qual descreve melhor o seu sentimento/expectativa relativamente ao seu futuro pessoal?

5.2 – Gostaria de indicar alguma potencialidade, recurso, fragilidade ou necessidade do seu bairro que não foi indicada anteriormente?
.
Nada
Nada
Era preciso reunir as pessoas, mudar a situação, falar das coisas. Reuniões mensalmente, pois as pessoas cumprem as regras
Não é fácil alterar grande coisa
Gostava de algumas atividades, como jardinagem
Possibilidade de igualdade para todos, no âmbito de obras. Reformulação e ajustamento nos apartamentos
Ter uma sala de estudo, desenvolvimento de atividades para adultos e para crianças, formações para adultos. Uma sala de estudo para todas as faixas etárias
Não
Voltar haver reuniões, é uma maneira das pessoas pagarem e haver limpeza. A câmara levar mais na renda e esse dinheiro das para alguém limpar. Mas se os outros souberem, ninguém quer. Tem que ser incluído na renda. Ser para condomínio. Já tivemos problemas na entrada e há pessoas que não quiseram pagar. Isto é de nós todos não é. Tem que ser todos. Se todos

<p>contribuírem, não custa nada. Há pessoas que pensam que isto é nosso e há outras que dizem que é da câmara e que podemos estragar a vontade. Gostava de mais atividades, como era antes. Chegou se a fazer teatro e assim, mas acabaram com isso tudo. E a pandemia acabou com tudo. Queria participar e contribuir, ajudar até. Fazer uma festa muito bonita, quem quis participar.</p>
<p>O pessoal não faz nada e mete-se na vida das pessoas. Mais atividades para os idosos. Aqui é um bocado complicado. Ajudar algumas mães que são novas. As reuniões de condomínio quando havia, havia mais limpeza e bom senso das pessoas. Era importante</p>
<p>Bem, o problema que sinto que contrariamente aos meus filhos, que é difícil mas sempre fiz um esforço, noto que as crianças de lá, principalmente na pandemia, ficaram um passo atrás de toda a gente por causa da falta de internet, dos telemóveis e computadores. Quando me sair o euromilhões a primeira coisa que vou fazer é meter um computador e internet aquelas crianças do meu bairro</p>
Nada
Nada
Nada
.
.
.
Nada
Nada
Não
.
.
.
.
Nada
Nada
.

.
.
.
.
.
.
Nada
Nada
Nada
Nada
Nada
Nada

*Tabela 15 – Respostas à questão “gostaria de indicar alguma potencialidade, recurso, fragilidade ou necessidade do seu bairro que não foi indicada anteriormente?”*

## APÊNDICE L. GRELHA DE ANÁLISE DOS INQUÉRITOS POR QUESTIONÁRIO

<b>Data</b>	13 de janeiro de 2022
<b>Objetivo</b>	Caracterizar a comunidade da Urbanização de S. Lázaro
<b>Descrição</b>	
<b>Receção/dinâmica</b>	<p>A conversa começou com uma apresentação de quem sou eu, onde estudo e qual o objetivo da minha presença. Expliquei, de seguida, no que consiste o inquérito por questionário, frisando que o mesmo é de carácter voluntário, indicando que é garantido o anonimado.</p> <p>Considero que fui bem recebida, sendo que todos/as os/as inquiridos/as demonstraram bastante interesse em participar, não só porque poderiam partilhar as suas opiniões em relação à Urbanização, mas também porque queriam contribuir para a concretização do projeto.</p>
<b>Habitação</b>	Grande parte dos/as moradores/as, habita na Urbanização S. Lázaro há mais de 10 anos, sendo que os principais motivos para integrar a habitação social decorreram da ausência de rendimentos e da degradação habitacional, seguindo-se o desalojamento, a falta de retaguarda familiar e o valor das rendas.

	<p>É plausível que os/as moradores/as estão satisfeitos/as com o número e com a disposição das divisões da casa, com os materiais de construção, sendo que com as instalações elétricas e com as instalações sanitárias há pouca satisfação.</p> <p>No entanto, a localização da Urbanização é um aspeto positivo, seguindo-se o sossego e a inexistência de conflitos. Como aspetos negativos da habitação, salienta-se a falta de isolamento e de aquecimento, as casas de banho e o facto de não existir espaço para o socorrismo caso seja necessário. É possível concluir que os/as moradores/as se sentem globalmente satisfeitos com a casa onde vivem.</p>
Dinâmica familiar	<p>Em relação à dinâmica familiar, através destes inquérito, não foi possível apurar grande informação. No entanto, é comum, o desejo de mais saúde como um aspeto a melhorar no quadro de vida.</p> <p>Existem famílias isoladas, famílias nucleares sem filhos e uma família nuclear com filhos. Os/as requerentes da habitação social que responderam ao inquérito neste dia detêm, sobretudo, o ensino primário e estão reformados/as, havendo apenas um requerente que se encontra a trabalhar.</p>
Urbanização e comunidade (sentimento em relação ao bairro, dinamização do bairro,	<p>Apesar de a maioria dos/as moradores/as indicar que se sentem globalmente satisfeito com a vizinhança, também referem que o melhor é “que cada um esteja na sua vida” (inquirido 2).</p> <p>Em relação aos aspetos que valorizam na Urbanização, estes são sobretudo a localização, as lojas e os serviços de transporte, havendo quem indique “relação com os vizinhos, tenho quem me ajude” (inquirido 7). Porém, referem que é necessário a construção de um parque de estacionamento privativo, bem como a existência de vigilância. Além disso, indicam que é</p>

<p>relacionamento entre moradores/as, etc)</p>	<p>necessário melhorar a limpeza e a organização dos espaços comuns, havendo quem afirme que se devia melhorar o “convívio e a relação com os outros moradores” (inquirido 1).</p> <p>Apesar de um/a ou outro/a morador/a indicar que a Urbanização de S. Lázaro é “um bairro típico, onde há convívio e entreajuda”, a maior parte afirma que é “um bairro bem situado na cidade de Amarante”.</p> <p>De um modo geral os/as moradores/as conhecem-se uns/as aos/às outros/as (isto dentro do próprio lote/prédio), indicam que a Urbanização mudou muito nos últimos anos (para melhor), mas também referem que apesar de não ser muito unida, também não existem conflitos, apesar de os moradores não se unirem em prol das suas necessidades e/ou problemas comuns. Neste sentido, afirmam que “é cada um por si” (inquirido 1) e “cada um puxa a brasa para a sua sardinha” (inquirida 3). Porém, caracterizam a relação entre a vizinhança como “boa” e “razoável”.</p> <p>É notório que os/as moradores/as não querem fazer parte de uma Associação de Moradores “porque lá não resulta” (inquirido 1), “para haver problemas não” (inquirido 2) e “porque as pessoas não cumprem” (inquirido 3). Porém, há quem indica que não tem tempo para uma Associação de Moradores.</p>
<p>Potencialidades e recursos</p>	<p>Espírito de entreajuda entre os/as moradores/as do mesmo prédio; vontade de participar em atividades com base nos seus gostos e experiências; localização da própria Urbanização.</p>

Fragilidades, necessidades e problemas	Algumas fragilidades que se notaram no decorrer dos discursos, foi a relação com a vizinhança em geral, visto que os/as moradores/as indicam que apenas convivem com os vizinhos do seu lote/prédio/entrada. Além disso, é notório que os/as moradores/as não participam em atividades locais e culturais desenvolvidas pela CMA ou por outras instituições, o que levanta a questão da participação e coesão social e territorial. Através de alguns discursos, pelas suas condições de vida, alguns/as moradores/as (auto)excluem-se em relação à restante sociedade.
Espaço físico (edifícios, espaço público, acessos, ligação com o envolvente)	Este é o ponto salientado por todos/as os/as moradores/as, sendo que os/as mesmos/as referem como aspetos positivos: a existência de lojas, de supermercados, de lavandaria e de take-way, bem como de acesso a meios de transporte e às vias de comunicação. Sentem que estão perto de tudo, principalmente do local de trabalho e de outros locais e/ou contextos que costumam frequentar. É possível concluir que os/as moradores/as se sentem globalmente satisfeitos com a localização e com os serviços e equipamentos existentes na área envolvente.
<b>Observações/Comentário</b>	
Através de alguns discursos, percebeu-se que a maioria dos/as moradores/as tem expectativas pouco definidas em relação ao seu futuro, indicando que “aceito aquilo que vier”. Esta questão, vai ao encontro do pensamento de Gonçalves e Pinto (2001, p.130), que indicam que, as pessoas que habitam em bairros de habitação social, pelas “as suas identidades estigmatizadas, as dificuldades de reflexão sobre o presente e a incapacidade de definição de caminhos de futuro são provas irrefutáveis de tais ligações” (Gonçalves & Pinto, 2001, p.130).	
<b>Data</b>	17 de janeiro de 2022

<b>Objetivos</b>	Caracterizar a comunidade da Urbanização de S. Lázaro
<b>Descrição</b>	
Receção/dinâmica	<p>A conversa começou com uma apresentação de quem sou eu, onde estudo e qual o objetivo da minha presença. Explique no que consiste o inquérito por questionário, frisando que o mesmo é de carácter voluntário, mas também indiquei que é garantido o anonimado.</p> <p>Considero que fui bem recebida, sendo que todos/as os/as inquiridos/as demonstraram bastante interesse em participar, não só porque poderiam partilhar as suas opiniões em relação à Urbanização, mas também porque queriam contribuir para a concretização do projeto. Porém, houve um morador que não quis responder ao inquérito, sendo que esse direito lhe foi concebido.</p> <p>A aplicação do inquérito decorreu no atendimento das atualizações de renda, com a presença da técnica da habitação social. Considero que a presença da técnica não interferiu com as respostas dos/as morados/as, pelo contrário.</p>
Habitação	<p>Relativamente à habitação, a maioria dos/as inquiridos/as, está satisfeito/a com as condições que a casa apresenta. Referem que as últimas obras realizadas melhoraram positivamente a sua opinião sobre a habitação. No entanto, há quem indique que as escadas são um handicap para alguns/as moradores/as.</p>

Dinâmica familiar	Existência de famílias monoparentais femininas e de famílias isoladas femininas. É de indicar a existência de um certo grau de abandono de uma moradora que, apesar de ser mais ao menos dependente, já necessita de algum acompanhamento.
Urbanização e comunidade (sentimento em relação ao bairro, dinamização do bairro, relacionamento entre moradores/as, etc)	<p>Através do discurso dos/as moradores/as é notória uma certa dualidade no que diz respeito às relações entre a vizinhança. Ou seja, por um lado temos quem indique que “os vizinhos são como família” (inquirido 12), mas por outro lado, há quem refira que “não sou muito de convívio (...) cada uma na sua casa” (inquirido 21). Ainda nesta temática, é perceptível que as pessoas apenas convivem com os moradores da sua entrada (“conheço as pessoas da minha entrada, de resto não me meto na vida dos outros” – inquirido 13), o que demonstra a necessidade de se melhorar as relações e de se aumentar os momentos de convívio e de conhecimento entre todos/as.</p> <p>Apesar de atualmente já não existirem tantos conflitos como antigamente (referido pelas técnicas da habitação social e por alguns/as moradores/as), ainda existem pequenos desentendimentos entre alguns/as moradores/as (“tanto de pressa andam a porrada como aos beijos – inquirido 15). Alguns destes desentendimentos advém da falta de limpeza e de organização dentro dos prédios.</p> <p>Contudo, apesar de ainda existir um longo caminho a percorrer, fruto de antigos conflitos e de afastamentos, os/as moradores/as verificam que a relação e a comunicação têm vindo a melhorar, apesar de sentirem que “é preciso mais convívio”, pois “há pessoas que se metem mais dentro de casa” (inquirido 11).</p>

<p>Potencialidades e recursos</p>	<p>O facto de os/as moradores/as identificarem problemas e revolta pela não resolução dos mesmos, é também uma potencialidade, dado que abre portas para a possibilidade de, em conjunto, resolverem os problemas. O interesse demonstrado por alguns/as moradores/as em constituírem uma Associação de Moradores, deixa em aberto a possibilidade da atividade associativa e a mobilização dos/as moradores/as para a auto-organização das urbanizações, nomeadamente no que atende às questões ligadas com a gestão dos espaços comuns, espaços circundantes e normalização da convivência vicinal.</p>
<p>Fragilidades, necessidades e problemas</p>	<p>Sabendo que a se avançou com a reabilitação física, neste momento, os/as moradores/as consideram premente uma reabilitação/ação mais imaterial, para se conseguir dar resposta a outras possíveis fragilidades e necessidades. Embora a limpeza, a organização e a higiene do espaço comum e partilhado sejam algumas necessidades sentidas, estas também já foram trabalhadas anteriormente e, de certa forma, são questões que as técnicas da habitação social tentam trabalhar com os/as moradores/as em atendimentos e/ou visitas na Urbanização e, portanto, neste momento, considerando-se as conversas informais com os/as moradores/as, as necessidades e fragilidades ultrapassam estas questões.</p> <p>Neste seguimento, baseando-me no discurso do inquirido 11, que refere que “as pessoas estão abandonadas”, mas também no discurso de todos/as os/as outros/as moradores/as, já foi possível identificar algumas fragilidades e possíveis caminhos participados para as resolver, nomeadamente: ações que promovam um estilo de vida ativo nos idosos, dada a alteração demográfica que se tem vindo a verificar; a criação de um espaço de convívio e de partilha entre os/as moradores/as e que também permita a ocupação positiva do tempo livre, dado que na Urbanização não existe nenhum local que permita o convívio e o lazer; ações relacionadas com a cidadania e com o sentido de grupo e de comunidade, tendo em conta que</p>

	<p>alguns/as moradores/as referem a existência de conflitos, indicam que “é cada um por si” (inquirido 1 e inquirido 11) e também pelo facto de não existirem relações sociais entre os/as moradores/as de todos os lotes; e a necessidade de criar um guia e/ou código de moradores/as (com regras, direitos e deveres). Concomitantemente, os/as moradores/as reforçam a importância de se criar um gabinete de apoio social da Câmara Municipal na Urbanização, que permita não só a resolução de alguns problemas, mas que também proporcione um espaço de desenvolvimento de diversas atividades, com base nos conhecimentos, nas experiências, nas memórias e nos gostos dos/as moradores/as. Paralelamente, tendo em conta que grande parte dos/as moradores/as não confia nas suas capacidades para enfrentar o futuro, indicando que aceitam aquilo que vier, mas também de alguns/as moradores/as mencionarem que “já não tenho idade nem possibilidades para sonhar” (inquirida 15), torna-se importante mobilizar e desenvolver a capacitação, a autonomia e a participação dos/as moradores/as, bem como outras competências pessoais e sociais necessárias para viver em sociedade.</p> <p>Como já foi sendo mencionado, nem todas as pessoas desenvolvem relações com os/as moradores/as da Urbanização e, por isso, é necessário fomentar nestes/as o sentido de grupo e de comunidade, mas também de pertença a estes, pois a construção e a pertença a uma comunidade são sinónimas de melhoramento dos níveis de coesão social em meios urbanos desfavorecidos (Sousa, 2019).</p>
<p>Espaço físico (edifícios, espaço público, acessos,</p>	<p>A localização da Urbanização de S. Lázaro é o ponto salientado por todos/as os/as moradores/as, como um aspeto que os/as mesmos/as valorizam na Urbanização. Ademais, os serviços e os equipamentos existentes são, de igual modo, um ponto basilar na Urbanização, visto que a existência de atividades económicas no interior da Urbanização contribui para “abrir” as portas do bairro para o exterior.</p>

<p>ligação com o envolvente)</p>	<p>Atendendo às respostas no inquérito por questionário, grande parte dos/as moradores/as não participa em atividades locais e culturais o que, de certa forma, prejudica a interação, a coesão e a participação em sociedade. No entanto, há moradores/as que referem que gostavam que se desenvolvem atividades com base na cultura, nomeadamente teatros, oficinas temáticas e clubes de leitura. A verdade é que a cultura se assume como um pressuposto de afirmação identitária, de promoção da inovação e de promoção de qualificações (Silva, 2000), sendo que, em bairros de habitação social, poderá permitir a afirmação social e o empoderamento, bem como permitir “demonstrar e de dar a conhecer as vivências, apropriações e implicações de ‘ser’ e ‘estar’ num bairro de cariz social” (Sousa, 2019, p.279).</p>
<p><b>Observações/Comentário</b></p>	
<p>De certa forma, através dos discursos, é notório que os/as moradores/as desvalorizam algumas das suas competências pessoais e sociais, em virtude da situação socioeconómica em que se encontram, referindo que “gostava de fazer mais, mas não tenho competências para isso” (como referido por um morador).</p> <p>As relações e as dinâmicas sociais, percebidas e expressas de forma diferente por cada um/a dos/as moradores/as, tem percecionado sentimentos de pertença diferentes. Nestas questões de relações sociais, é perceptível que apenas há convivência entre os/as moradores/as da mesma entrada, o que demonstra a necessidade de se melhorar as relações e de se aumentar os momentos de convívio e de conhecimento entre todos/as.</p> <p>Muitos (dos poucos) conflitos que existem entre os/as vizinhos/as é devido às limpezas e à organização do espaço partilhado, sendo que alguns/as moradores/as revelam um certo distanciamento devido a discussões ou a não identificação com outros/as moradores/as e, por isso, evitam envolver-se ou participar em algumas atividades e reuniões.</p>	

Denota-se, por parte dos/as moradores/as, uma crença negativa em relação às suas competências pessoais e sociais, bem como uma (auto)exclusão no acesso a serviços e equipamentos locais, devido ao território em que habitam.

*Tabela 16 – Análise dos inquéritos por questionário*

## APÊNDICE M. GRELHA DE OBSERVAÇÃO INDIVIDUAL DOS INQUÉRITOS POR QUESTIONÁRIO

Inquérito	Nome	Observação
1	Lote 1/Entrada 2	Diz que antigamente havia muitos conflitos, mas que, atualmente, é um bairro tranquilo, não há muito barulho. Mas, sente que é necessário mais “convívio e relação com os outros moradores” pois, no que diz respeito à resolução de problemas e necessidades comuns “é cada um por si, cada um resolve o seu problema”.
2	Lote 1/Entrada 2	Apenas fala com certos/as moradores/as da sua entrada; apesar de neste momento não conseguia participar em atividades locais, gostava de quando estas existiam, já tendo participado em algumas. Contudo, apesar de indicar que tem uma boa relação com os/as vizinhos/as da sua entrada, é notório falta de convívio com os/as outros/as moradores/as, pois a moradora indica que gosta de viver na urbanização “desde que cada um esteja na sua vida”.
3	Lote 1/Entrada 2	<p>“Não custa viver, custa saber viver”. “Todos falam, mas ninguém dá a cara”.</p> <p>Já se sentiu humilhada por certos/as vizinhos/as. Gostava que houvesse o desenvolvimento de algumas atividades no bairro, nomeadamente de jardinagem. Já fez parte de uma Associação de Moradores, mas indica que estas associações não resultam pela falta de responsabilidade de alguns/as moradores/as (“uns faziam tudo, outros diziam que iam fazer e depois não faziam”). É uma senhora que mora sozinha.</p>

		Indica que gosta de viver nesta urbanização porque “não me meto na vida de ninguém e estou perto de tudo”, mas a sua relação é “boa (...) com alguns vizinhos, mas existem conflitos com outros”.
4	Lote 1/Entrada 2	<p>No discurso deste moradora é visível que, para a mesma, a Urbanização é uma área de uso residencial, não demonstrando interesse em conviver com os/as outros/as moradores/as, sendo que caracteriza a relação com os/as vizinhos/as como “razoável”. Refere que gosta de viver na Urbanização pela proximidade geográfica com o seu local de trabalho, mas também pela existência de equipamentos e de serviços no próprio e à volta da Urbanização.</p> <p>Refere que devia existir mais controlo por parte dos serviços da Câmara Municipal, no que toca aos direitos e aos deveres dos/as moradores/as (existência de muito barulho em horário proibido).</p>
5	Lote 1/Entrada 3	Indica que gosta de viver na Urbanização pela sua localização e pela proximidade geográfica que tem com outros serviços, nomeadamente com um centro de dia. Afirma que tem uma boa relação com os/as vizinhos/as e que, por vezes, se organiza com certos/as moradores/as para resolver problemas e necessidades comuns.
6	Lote 1/Entrada 3	Para este morador a localização é o mais importante da Urbanização, referindo que, em relação à habitação, “quero lá morrer”. Gosta de lote em que vive, mas considera que no outro lote existem alguns conflitos e barulho. Apesar de ter uma relação saudável com os/as vizinhos/as, indica que não se costumam organizar para resolver problemas e/ou necessidades comuns.

7	Lote 2/Entrada 1	<p>No decorrer da conversa, foi notório que o morador, tendo em conta a sua condição física, desvaloriza as suas competências pessoais e sociais. No entanto, valoriza a relação com os vizinhos, afirmando “tenho quem me ajude” e que “uma pessoa se puder ajuda toda a gente” e, por isso, indica que gostava de fazer parte de uma Associação de Moradores. Porém, no lote em que vive, sente que existe falta de organização e de cuidado e/ou limpeza nos espaços comuns.</p>
<p>Observações gerais</p> <p>13 de janeiro de 2023</p>		<p>A localização e a existência de serviços e equipamentos perto da Urbanização, são pontos referidos por todos os/as moradores/as, como vantagens e aspetos positivos de se viver na Urbanização de S. Lázaro. Contudo, é comum a necessidade de um estacionamento privado de carros para os/as moradores/as. Além disso, de uma forma geral, alguns/as moradores/as indicam que gostavam que a Urbanização fosse mais dinamizada.</p> <p>Em termos de convívio e de relações sociais, é notório que não existem “misturas” entre os lotes, sendo que os/as moradores/as, quando se fala em “vizinhos”, apenas se referem aos que moram dentro do mesmo prédio.</p> <p>No que respeita à participação em atividades locais e culturais, estas não são frequentadas pelos/as moradores/as da Urbanização de S. Lázaro, o que suscita a necessidade de os envolver em atividades locais e culturais, que mobilizem e desenvolvam as suas competências sociais e pessoais, mas que também valorizem o património local de Amarante.</p>

		De um modo geral os/as moradores/as não gostavam de fazer parte de uma Associação de Moradores, “porque lá não resulta” (inquirido 1), “para haver problemas não” (inquirido 2) e “porque as pessoas não cumprem” (inquirido 3). Porém, há quem indica que não tem tempo para uma Associação de Moradores.
8	Lote 3/Entrada 1	<p>Através do discurso, é perceptível que esta moradora se isola dos/as restantes vizinhos/as, pois tal como a mesma afirma “não quero que ninguém se meta na minha vida”, “ora estou a trabalhar, ou então, quando chego a casa ninguém sabe que estou em casa”. Já fez parte de uma Associação de Moradores mas, neste momento, prefere tratar dos assuntos do prédio de forma individual.</p> <p>Refere que é uma Urbanização bem situada, visto estar perto tudo e de conseguir fazer tudo a pé. Porém, indica que, na Urbanização, existem pessoas conflituosas, que não sabem estar (principalmente no verão, devido aos ajuntamentos e ao álcool).</p> <p>Indica a necessidade de se desenvolverem ações vocacionadas para a cidadania, para a organização, para o sentido de grupo e de convivência em comunidade. Além disso, refere a necessidade de desenvolver uma espécie de código com regras para a Urbanização.</p> <p>Participava em ações, mas apenas com o responsável, não com os/as vizinhos/as.</p>
9	Entrada 3/Lote 2	Pelo discurso é perceptível que gosta da casa, visto afirmar “logo que vi a casa gostei dela, está decorada à minha maneira”. No entanto, não gosta da vizinhança, isto é, das pessoas que vivem no seu prédio, visto que existem

		bastantes conflitos, as pessoas não cumprem as regras e há falta de limpeza. Sente que há necessidade de se voltarem a fazer reuniões mensais.
10	Lote 2/Entrada 1	<p>Refere que não há limpeza no prédio, que ninguém se preocupa e, apesar de já terem feito uma escala de limpezas, ninguém cumpre a escala. Gosta de convívios onde haja comida. Indica que se tem de fazer alguma coisa em relação às limpezas.</p> <p>Apesar de ser a esposa a requerente da habitação social, é o marido que trata das questões relativas à habitação e à Urbanização nos serviços da Câmara Municipal de Amarante. Questionamos sobre a possibilidade de o Sr. frequentar a Universidade Sénior, mas o mesmo recusa pois “não é para mim”.</p>
11	Lote 2/Entrada 2	<p>Falta de limpeza em algumas entradas e alguns conflitos, principalmente à noite. É necessário desenvolver atividades para as crianças e criar um lugar para as mesmas brincarem. É “cada um por si”. Faz falta a sala de estudo, uma sala para se desenvolverem atividades, “as pessoas estão abandonadas”. Indica que participava no desenvolvimento de algumas atividades, como teatros (por exemplo). “Há pessoas que se metem mais dentro de casa, é preciso convívio”. Relativamente à casa, diz que “tenho muito gosto na minha casa”.</p> <p>Há falta de educação por parte de uma ou outra pessoa e falta de limpeza, organização e higiene.</p>
12	Lote 2/Entrada 2	“Os vizinhos são como família”.

		<p>É necessário fazer alguma coisa pelos conflitos. Gostava de participar em atividades, como oficinas de culinária e clubes de leitura. Trabalhar questões de limpeza e de organização. Não vale apenas criar guias de moradores, porque as pessoas não cumprem. Gostava de fazer convívios com todos os/as vizinhos/as.</p> <p>Há poucas crianças e por isso, a morada considera que as atividades devem ser dirigidas aos adultos.</p>
13	Lote 2/Entrada 1	<p>“Conheço as pessoas da minha entrada, de resto não me meto na vida dos outros”. Afirma que na entrada “somos muito unidos”. Recusou-se a fazer comentários em relação ao desenvolvimento de atividades. Para si, “gostava de ir a piscina”, era importante fazer um guia de moradores, atividades para a área da limpeza e da organização, fazer convívios entre todos os/as moradores/as. Atividades para os idosos. Às vezes há barulho, mas quando há ajuntamentos dentro de casa, indicando que “quando bebem há festa toda a noite”.</p>
14	Lote 2/Entrada 2	<p>Não foi possível retirar muita informação.</p>
15	Lote 2/Entrada 2	<p>“Sem convívio”.</p> <p>“Tanto de pressa andam a porrada como aos beijos”.</p> <p>“Já não tenho idade nem possibilidades para sonhar”.</p>

		Indica que não há grande disponibilidade por parte dos/as moradores/as para participar em atividades.
16	Lote 3/Entrada 1	Gostava de participar em atividades, mas sem confusão e sem barulho. Gosta dos/as vizinhos/as e confia nas decisões dos/as mesmos/as.
17	Lote 2/ Entrada 1	Indica que é uma Urbanização segura, “ninguém se mete comigo e eu não me meto com ninguém”. Gostava de participar em atividades na Urbanização, mediante a disponibilidade. Atividades direcionadas para a organização, limpeza e para o saber viver em comunidade.
18	Lote 3/Entrada 1	Não é possível retirar grande informação. As necessidades da moradora são essencialmente de obras no interior (pela humidade da sala).
19	Lote 3/Entrada 1	Não referiu nenhum aspeto em relação ao desenvolvimento de atividades na Urbanização. Refere apenas a necessidade da limpeza das escadas.
20	Lote 3/Entrada 2	Evita envolver-se em demasia com os outros, mas gosta de conviver com os/as vizinhos/as. Considera que tem uma boa relação com a vizinhança, sendo que aponta a comunidade como um aspeto positivo na Urbanização.
21	Lote 3/Entrada 1	“Não sou muito de convívio”.

		<p>“Cada um na sua casa”.</p> <p>“Haver mais respeito pelos outros”.</p> <p>Pelo discurso, é uma pessoa que não valoriza as suas competências pessoais e sociais. Não confia no futuro, nem nas suas capacidades para o enfrentar. Afirma não ter idade para sonhar nem para desejar uma vida melhor (59 anos).</p>
22	Lote 3/Entrada 1	A moradora não entrou em muitos pormenores, mas foi notório, através do discurso da mesma, que existem alguns conflitos entre os/as restantes moradores/as, pois refere que “a relação é mais ao menos, custa-me a dizer”.
	<p>Observações gerais</p> <p>17 de janeiro de 2023</p>	<p>A localização da Urbanização de S. Lázaro é o ponto salientado por todos/as os/as moradores/as, como um aspeto que os/as mesmos/as valorizam na Urbanização. Ademais, os serviços e os equipamentos existentes são, de igual modo, um ponto basilar na Urbanização, visto que a existência de atividades económicas no interior da Urbanização contribui para “abrir” as portas do bairro para o exterior.</p> <p>Através do discurso dos/as moradores/as é notória uma certa dualidade no que diz respeito às relações entre a vizinhança. Ou seja, por um lado temos quem indique que “os vizinhos são como família” (inquirido 12), mas por outro lado, há quem refira que “não sou muito de convívio (...) cada uma na sua casa” (inquirido 21). Ainda nesta temática, é perceptível que as pessoas apenas convivem com os/as moradores/as da sua entrada (“conheço as</p>

“pessoas da minha entrada, de resto não me meto na vida dos outros” – inquirido 13), o que demonstra a necessidade de se melhorar as relações e de se aumentar os momentos de convívio e de conhecimento entre todos.

Apesar de atualmente já não existirem tantos conflitos como antigamente (referido pelas técnicas da habitação social e por alguns/as moradores/as), ainda existem pequenos desentendimentos entre alguns/as moradores/as (“tanto de pressa andam a porrada como aos beijos – inquirido 15). Alguns destes desentendimentos advém da falta de limpeza e de organização dentro dos prédios.

Contudo, apesar de ainda existir um longo caminho a percorrer, fruto de antigos conflitos e de afastamentos, os/as moradores/as verificam que a relação e a comunicação têm vindo a melhorar, apesar de sentirem que “é preciso mais convívio”, pois “há pessoas que se metem mais dentro de casa” (inquirido 11).

Sabendo que a se avançou com a reabilitação física, neste momento, os/as moradores/as, consideram premente uma reabilitação/ação mais imaterial, para se conseguir dar resposta a outras possíveis fragilidades e necessidades. Embora a limpeza, a organização e a higiene do espaço comum e partilhado sejam algumas necessidades sentidas, estas também já foram trabalhadas anteriormente e, de certa forma, são questões que as técnicas da Habitação Social tentam trabalhar com os/as moradores/as em atendimentos e/ou visitas na Urbanização e, portanto, neste momento, considerando-se as conversas informais com os/as moradores/as, as necessidades e fragilidades ultrapassam estas questões.

Neste seguimento, baseando-me no discurso do inquirido 11, que refere que “as pessoas estão abandonadas”, já foi possível identificar algumas fragilidades e possíveis caminhos participados para as resolver, nomeadamente: ações que promovam um estilo de vida ativo nos idosos, dada a alteração demográfica que se tem vindo a verificar; a criação de um espaço de convívio e de partilha entre os/as moradores/as e que também permita a ocupação positiva do tempo livre, dado que na urbanização não existe nenhum local que permita o convívio e o lazer; ações relacionadas com a cidadania e com o sentido de grupo e de comunidade, tendo em conta que alguns/as moradores/as referem a existência de conflitos, indicam que “é cada um por si” (inquirido 1 e inquirido 11) e também pelo facto de não existirem relações sociais entre os/as moradores/as de todos os lotes; e a necessidade de criar um guia e/ou código de moradores (com regras, direitos e deveres). Concomitantemente, os/as moradores/as reforçam a importância de se criar um gabinete de apoio social da Câmara Municipal na Urbanização, que permita não só a resolução de alguns problemas, mas que também proporcione um espaço de desenvolvimento de diversas atividades, com base nos conhecimentos, nas experiências, nas memórias e nos gostos dos/as moradores/as. Paralelamente, tendo em conta que grande parte dos/as moradores/as não confia nas suas capacidades para enfrentar o futuro, indicando que aceitam aquilo que vier, mas também de alguns/as moradores/as mencionarem que “já não tenho idade nem possibilidades para sonhar” (inquirida 15), torna-se importante mobilizar e desenvolver a capacitação, a autonomia e a participação dos/as moradores/as, bem como outras competências pessoais e sociais necessárias para viver em sociedade.

Como já foi sendo mencionado, nem todos as pessoas desenvolvem relações com os/as moradores/as da Urbanização e, por isso, é necessário fomentar o sentido de grupo e de comunidade, mas também de pertença a

		<p>estes, pois a construção e a pertença a uma comunidade são sinónimas de melhoramento dos níveis de coesão social em meios urbanos desfavorecidos (Sousa, 2019).</p> <p>Por fim, atendendo às respostas no inquérito por questionário, grande parte dos/as moradores/as não participa em atividades locais e culturais o que, de certa forma, prejudica a interação, a coesão e a participação em sociedade. No entanto, há moradores/as que referem que gostavam que se desenvolvem atividades com base na cultura, nomeadamente teatros, oficinas temáticas e clubes de leitura. A verdade é que a cultura se assume como um pressuposto de afirmação identitária, de promoção da inovação e de promoção de qualificações (Silva, 2000), sendo que, em bairros de Habitação Social, poderá permitir a afirmação social e o empoderamento, bem como permitir “demonstrar e de dar a conhecer as vivências, apropriações e implicações de ‘ser’ e ‘estar’ num bairro de cariz social” (Sousa, 2019, p.279).</p>
23	Lote 2/Entrada 2	<p>A residente, ao longo do seu discurso, ressalva, várias vezes, a sua relação com os/as vizinhos/as, indicando que “quando há algum problema, as pessoas se virem, ajudam”. Refere que apesar de nem “sempre ser um mar de rosas”, pois por vezes “há aqueles conflitos como qualquer vizinhança”, não existem “discussões frequentes”.</p> <p>Além disso, compara os bairros das grandes cidades aos bairros de Amarante, indicando que “cresci num bairro de Matosinhos e sei o que é realmente viver num bairro e em Amarante não é assim”.</p> <p>Relativamente à Urbanização, gostava que esta fosse mais dinâmica, que se desenvolvessem não só atividades individuais, como também atividades em família, como por exemplo passeios em família. Refere que,</p>

		antigamente, quando existia a sala de estudo, esta era uma mais-valia, era uma sala não só dedicada às crianças, como também aos outros residentes que, simultaneamente, possibilitava “uma ligação mais direta com a Câmara, a sala era uma ponte de ligação com a Câmara, as próprias técnicas apercebiam-se das próprias necessidades do bairro. Afirma que existiam formações que permitiam “o desenvolvimento das nossas competências”.
24	Lote 1/ Entrada 3	Já viveu noutra bairro de habitação social, no concelho de Amarante. Mudou de bairro, por motivos de degradação habitacional. Apesar de gostar da localização da Urbanização de S. Lázaro, preferia a vizinhança e o convívio que havia no bairro anterior, indicando que “gosto mais desta casa, mas deixou-me pena os vizinhos”.  “Sou uma pessoa que me meto no meu canto, sei o que é viver em bairros sociais”.
	Observações gerais  22 de janeiro de 2023	De facto, a localização é, mais uma vez, o ponto salientado pelas moradoras como ponto positivo da Urbanização. Porém, a relação com a vizinhança é uma relação razoável de “bom dia/boa tarde”, havendo pouco tempo para a sociabilidade comunitária.  Um ponto interessante a salientar foi a importância que uma das moradoras concebeu ao antigo gabinete da CMA que existia na Urbanização, uma vez que, para a residente, este era um canal direto de contacto e de flexibilidade entre os/as moradores/as e os/as profissionais da CMA. Desta forma, indica que este gabinete era uma mais-valia para a Urbanização e para todos/as os/as moradores/as.

25	Lote 1/ Entrada 1	<p>A inquirida encontra-se muito satisfeita com a casa (“não quero sair desta casa”) e com os/as vizinhos/as, indicando que “alguns são unidos”, desde que “cada um esteja na sua vida” – não quis entrar em grandes pormenores sobre a relação com a vizinhança.</p> <p>Em relação a sai própria e à sua vida pessoal, refere que “agora não vale apenas mudar nada, estou aqui e por aqui vou ficar até morrer”.</p>
26	Lote 3/ Entrada 2	<p>Ao longo do discurso deste morador foi notório uma revolta interior pelo falecimento da sua mãe, mas também por todo o processo que advém do mesmo em termos de questões burocráticas. Não foi possível retirar muita informação. Apenas indicou que “alguns vizinhos são bons, outros tirava daqui para fora”.</p>
27	Lote 3/ Entrada 2	<p>Esta inquirida e o seu agregado familiar são os que vivem há menos tempo na Urbanização, sendo que a inquirida apesar de “ser um sítio como outro qualquer”, não estava à espera de encontrar tão boas condições. Assim sendo, a nível geral, refere que “a câmara tem bons alojamentos” e que, em relação ao seu prédio” é o melhor prédio que existe”, “tive sorte de vir para esta entrada”.</p> <p>No que concerne à relação com os/as vizinhos/as, indica que tem uma boa relação e que não existem conflitos “é como se não morasse ninguém”.</p>
28	Lote 2/ Entrada 2	<p>A inquirida diz que “quero viver aqui até morrer”, quando se refere à sua casa e à entrada em que vive. Ao longo do seu discurso compara a Urbanização com o presente e com o que era antigamente, referindo que “isto já foi pior”.</p>

		Indica que gosta de viver na Urbanização, principalmente pela entrada em que vive. Denota-se uma grande amizade e companheirismo com algumas vizinhas, bem como um sentido de união e entreajuda.
29	Lote 2/ Entrada 3	<p>A moradora, apesar de não ter entrado em muitos pormenores, demonstra o desejo de participar em atividades e o gosto que teria em que a Urbanização fosse dinamizada (“eu gostava de participar em atividades na Urbanização, sair mais de casa”).</p> <p>Relativamente à sua entrada, afirma gostar dos/as vizinhos/as (“gosto dos vinhos da minha entrada, de resto, mais ao menos”) e, em relação à Urbanização em geral, indica que “não tenho inimigos, não sou de andar em discussões”, “quero é sossego”. Porém, pelas suas expressões e retenções a falar da vizinhança, foi notório um certo receio em abordar o assunto.</p>
30	Lote 2/ Entrada 3	Deste inquérito não foi possível retirar muita informação. Contudo, percebeu-se que a residente tem uma boa relação com os/as vizinhos/as da sua entrada, sendo que, em relação aos restantes menciona que “não tenho que dizer, mas só de alguns vizinhos”. Denota-se um grande sentido de companheirismo com uma das suas vizinhas, sendo que a inquirida declara “quando há problemas eu e a minha comadre unimo-nos”.
31	Lote 1/ Entrada 2	A moradora expõe que gosta de viver na casa e na entrada em que se encontra mas que, apesar das condições de habitabilidade, há uma zona no interior da casa que tem humidade. No que concerne à relação com os/as vizinhos/as, cita que “comigo tudo bem, conheço mais ao menos a Urbanização”. Indica que gostava de participar

		<p>em projetos comunitários, que dinamizassem não só a Urbanização, mas que também contribuíssem para as próprias pessoas.</p>
<p>Observações gerais</p> <p>23 de fevereiro de 2023</p>		<p>Estes inquéritos tiveram de decorrer na própria Urbanização sendo que, para tal, foi necessário bater porta a porta. Claro que, muitas pessoas não estavam em casa e, outras, apesar de se encontrarem em casa, não abriram as portas ou então estavam com pressa o que, por sua vez, dificultou a aplicação e a obtenção de alguma informação mais coesa e pormenorizada. Mesmo assim, foi possível criar condições para o estabelecimento de uma relação que permitisse a partilha significativa de informações.</p> <p>Porém, o facto de ter os inquéritos terem ocorrido no ambiente das próprias pessoas apesar de dificultar o fluxo de alguma informação, pelo receio de serem ouvidos/as por outros/as residentes, também fomentou um certo grau de conhecimento da minha parte para com a Urbanização. Além disso, alguns/as moradores/as demonstraram curiosidade em perceber mais da minha presença e mais do projeto de educação e intervenção social, tendo manifestado vontade de serem coautores/as do mesmo.</p> <p>Ao longo da aplicação e da própria visita à Urbanização, foi perceptível que grande parte das entradas se encontram limpas e organizadas, sendo que, apenas o Lote 2/Entrada 3 demonstrava alguma falta de limpeza. Concomitantemente, o Lote 1/Entrada 2, embora com um grau satisfatório de limpeza, não tem luz nas escadas o que, para os/as moradores/as é um handicap.</p>

		<p>Mais concretamente em relação às repostas dos inquéritos, os/as residentes encontram-se satisfeitos/as com a habitação e com a Urbanização sendo que, as relações de amizade são, sobretudo, entre pessoas da mesma entrada. Neste âmbito, entre os/as moradores/as da mesma entrada, é evidente um sentimento e um sentido de união, de entreaajuda e, em alguns casos, de companheirismo e amizade.</p> <p>Foi, ainda, visível que algumas tipologias de apartamentos não se adequam ao agregado familiar (por exemplo, uma família isolada a viver num T4) mas, os/as residentes reforçam que não querem mudar de casa pelo repositório de memórias pessoais e familiares que a habitação lhes transmite e pelos investimentos materiais e afetivos.</p> <p>Para os/as moradores/as a Urbanização não é um bairro social e, muito menos, um contexto material e simbolicamente degradado.</p>
32	Lote 1/Entrada 2	A inquirida encontra-se satisfeita com a habitação e com a Urbanização. Em relação aos/às vizinhos/as, indica que “gosto de estar na minha vida” e, por isso mesmo, refere que não tem relação de proximidade com as pessoas que habitam na urbanização. Menciona que no lote 1 não existem conflitos.
33	Lote 1/Entrada 1	Foi notório, ao longo do discurso da moradora, que sente falta do sentido de comunidade que já existiu na Urbanização. Ressalvou, várias vezes, a necessidade de se “recuperar as memórias” e de as tornar vivas atualmente. Indica que, antigamente, “chegamos a fazer festas todos juntos”, “o meu marido uma vez até chamou um amigo dele da música e tocaram para todos”. Sente saudades dos momentos de convívio e de partilha entre

		<p>os/as moradores/as, indicando que “há bairros que fazem até o S. João e assim, podíamos fazer isso”. Durante todo o discurso, recuperou imensas memórias, tendo enumerado algumas atividades que já ocorreram na Urbanização: churrasco partilhado, “até fizemos um teatro e veio gente de Lisboa, fechamos a rua e fizemos mesmo na rua”. Portanto, “gostava de mais atividades, como era antes. Chegou se a fazer teatro e assim, mas acabaram com isso tudo. E a pandemia acabou com tudo. Queria participar e contribuir, ajudar até. Fazer uma festa muito bonita, quem quis participar”.</p> <p>Em relação à vizinhança e à organização e gestão dos espaços comuns, mencionou que é necessário “voltar a haver reuniões, é uma maneira das pessoas pagarem e haver limpeza. A câmara levar mais na renda e esse dinheiro das para alguém limpar. Mas se os outros souberem, ninguém quer. Tem de ser incluído na renda. Ser para condomínio. Já tivemos problemas na entrada e há pessoas que não quiseram pagar. Isto é de nós todos não é. Tem de ser todos. Se todos contribuírem, não custa nada. Há pessoas que pensam que isto é nosso e há outras que dizem que é da câmara e que podemos estragar a vontade”.</p> <p>Contudo, quando se fala da possibilidade de se criar uma Associação de Moradores, afirma que “não sei até que ponto. As pessoas não cumprem e depois quem está a frente às pessoas enervam-se. Já combinamos com uma doutora e nem assim as pessoas cumpriam”.</p>
--	--	---

34	Lote 2/Entrada 3	<p>Não foi possível retirar muita informação deste inquérito. Todavia, foi possível perceber que ainda “há muitos conflitos” em algumas entradas, sendo que os/as moradores/as são “cada um por si”. Indica que tem uma ótima relação com os/as vizinhos/as porque “não me meto na vida dos outros”.</p>
35	Lote 2/Entrada 3	<p>Este foi um inquérito difícil de aplicar, visto que não foi possível construir uma relação de confiança com a inquirida. As respostas foram curtas e breves e com um certo grau de desconfiança por parte da moradora. Foi perceptível que a moradora é bastante reservada e que não sai de casa e, como tal, não conhece a vizinhança.</p>
36	Lote 1/Entrada 1	<p>Quem respondeu ao inquérito foi a filha que, até foi uma mais-valia, visto que a mesma é representante da entrada o que, por sua vez, possibilitou uma caracterização da entrada e da Urbanização mais detalhada e mais sistémica.</p> <p>Em relação à Urbanização indica que “muita gente não tem noção, mas temos tudo a beira. E do sítio em si. Gosto de morar aqui”. No entanto, salienta que “há coisas que não dá para mudar que é a mentalidade das pessoas. A falta de respeito das pessoas. Mas pronto.. também não ligo”, quando se refere à vizinhança.</p> <p>No que concerne à sua relação com os/as vizinhos/as, a mesma é “pacífica, porque tenho de gerir. Temos de gerir o que dizemos. As pessoas são eu posso e mando”, sendo que quando há conflitos, como representante de entrada (“sou representante da minha entrada”) “tento ver os dois lados. Mas às vezes não dá. Não posso tomar partido de ninguém”. Neste seguimento, refere que gosta de fazer parte de uma Associação de Moradores, “mas</p>

		<p>vai dar muita dor de cabeça. As pessoas não cumprem o mapa, é muita confusão. As pessoas não respeitam e eu acho que o respeito é a base de tudo”.</p> <p>Alude para a importância de “mais atividades para os idosos. Aqui é um bocado complicado. Ajudar algumas mães que são novas. As reuniões de condomínio quando havia, havia mais limpeza e bom senso das pessoas. Era importante”.</p>
37	Lote 1/Entrada 1	<p>Para a moradora, os aspetos que valorizam a Urbanização são a “localização, os/as vizinho/as s, estou perto do supermercado quando preciso, da farmácia, do emprego também é perto para ir a pé”, porém, sente falta de um espaço comum com tanques e estendais, referindo que “eu muitas vezes vou lavar a roupa aos tanques do campo da feira e aqui devia haver um sítio para lavar essas peças grossas e para secar”.</p> <p>Relativamente à relação com os/as vizinhos/as, afirma que “a minha é boa, não estou aqui muito tempo, saiu para dar um passeio.. é um por si, como digo. Não se pode conviver, uns sentem-se superiores e outros são umas linguarudas” e, por isso mesmo, as pessoas não se organizam para a resolução de problemas comuns, sendo “cada um por si”. Refere que “já existirão mais conflitos na parte de cima, agora está muito sossegadinho”.</p> <p>Ao longo do discurso da moradora, foi perceptível que a mesma desacredita nas suas capacidades pessoais e sociais para enfrentar o seu futuro, visto que a mesma afirma que “não me importo de morrer, já vivi muito”.</p>

38	Lote 1/Entrada 3	<p>No discurso deste morador, que se centrou sobretudo na relação com a vizinhança, foi notório que é uma pessoa que ajuda os/as outros/as e no qual existe espírito de entre ajuda. Indica que gostava de viver na Urbanização porque “a maioria das famílias pronto são famílias simples e decentes. Mas há duas ou três que estragam tudo mas já nos habituamos. A minha entrada é muito boa, não podíamos ter vizinhos melhores. Atrevo-me a dizer que a minha entrada é a melhor da Urbanização”.</p> <p>Em relação à organização entre moradores/as para a resolução de problemas e necessidades comuns, expõe que “bem aqui, como trabalho na câmara é quase como se tivesse sempre de serviço, até ao sábado e domingo. Vem-me sempre bater a porta e tento sempre agilizar com os meus colegas das respetivas profissões”. De facto, é perceptível o espírito de entreajuda.</p> <p>É dos únicos moradores com atividade associativa.</p> <p>Sente que o grande problema na Urbanização é a falta das novas tecnologias da informação: “bem, problema que sinto que contrariamente aos meus filhos, que é difícil mas sempre fiz um esforço, noto que as crianças de lá, principalmente na pandemia, ficaram um passo atrás de toda a gente por causa da falta de internet, dos telemóveis e computadores. Quando me sair o euromilhões a primeira coisa que vou fazer é meter um computador e internet aquelas crianças do meu bairro”.</p> <p>Ao longo do discurso, o morador pensa sempre nos outros, em ajudar os outros e em fazer mais pelos outros.</p>
----	------------------	---

39	Lote 2/Entrada 3	Esta moradora indica que gostava de mudar de casa “por causa de algumas pessoas, olhe para aliviar a cabeça, sair dali para fora”, apesar de referir que gosta de viver na urbanização. Menciona que a relação com a vizinhança “neste momento é boa, não convívio muito, não tenho tempo (...) a minha vida é casa trabalho e trabalho e casa”.
40	Lote 2/Entrada 1	<p>No que diz respeito a Urbanização, a moradora menciona que “gosto que estar bem situada, estamos perto de basicamente de tudo” mas, indica a necessidade da reabilitação do único espaço de convívio existente (“só mudava ali aquele bocadinho, ter mais um banquinho e mais duas mesas e uma churrasqueira”).</p> <p>A relação com os/as vizinhos/as é “boa, mesmo com os meus filhos, sempre os criei ali. Dizem que gostam de mim porque sempre ajudei todos. Quem me bater a porta a pedir ajuda, eu ajudo. Já dei o último quilo de arroz e os últimos cinco euros”. Contudo, expõe que com alguns/mas vizinhos/as a relação é mais complicada, pois “se cada um puder lixar o outro é isso que fazem. Metem-se na vida dos outros e é isso que gostam”.</p> <p>Em relação à Associação de Moradores, especifica que “por muito que alguém tente há quem não goste e depois há conflitos”.</p>
<p>Observações gerais</p> <p>24 de fevereiro de 2023</p>		Os inquéritos aplicados no dia de hoje ocorreram de duas formas: uns foram aplicados na própria urbanização, às pessoas que se encontravam em casa e, outros, não sendo possível contactar diretamente com as pessoas, dado que as mesmas trabalham, tiveram que ser aplicados via telefónica. Contudo, considero que, o facto de não ter

estado presencialmente com alguns/as dos/as moradores/as, não foi um *handicap* para a aplicação dos inquéritos, nem mesmo para a construção de uma relação baseada no respeito, no interesse e na confiança.

Tal como ocorreu no dia anterior, quando cheguei à Urbanização, procurei identificar me e explicar o motivo da minha presença. Logo de seguida, alguns/as moradores/as que se encontravam na rua, foram bastante atenciosos e prestáveis, tendo-nos ajudado a encontrar os lotes e as entradas e a identificar o andar e a porta das pessoas. Ao longo da manhã e do início da tarde, tive a oportunidade de me cruzar com alguns/as moradores/as aos quais já tinha aplicado o inquérito, conviver e conversar com eles o que se constituiu como uma via para a construção de uma relação baseada na escuta, no respeito, no interesse e na confiança. Além disso, através de algumas conversas informais, foi perceptível que algumas pessoas e estão bastante disponíveis e abertas para a co construção de um projeto com base nas suas potencialidades, recursos, necessidades e fragilidades.

Apesar de grande parte da aplicação dos inquéritos ter corrido como esperado, tivemos situações nas quais as pessoas não quiseram responder ao inquérito, sendo que esse direito lhes foi concebido mas também, ocorreu uma situação na qual desconfiaram da nossa presença, tendo sido necessário mostrar a nossa identificação, bem como a identificação do município. Contudo, de forma geral, considero que fomos bem recebidas.

No que diz respeito às respostas dos inquéritos, grande parte da população encontra-se satisfeita com a habitação e com a urbanização. Há quem tenha uma relação de maior proximidade com os/as vizinhos/as e quem prefira manter distanciamento por causa de alguns conflitos que já existiram na urbanização.

	<p>Na sua maioria, os/as habitantes da urbanização sentem que é necessário voltar a proporcionar espaços de convívio e de partilha entre os/as moradores/as e fomentar o sentido de grupo e de pertença ao grupo que já existiu antigamente. Há quem indique que é urgente resgatar memórias. Neste seguimento, há alguns/mas moradores/as gostariam de criar condições para a constituição de uma Associação de Moradores, dada a falta de organização por parte de algumas entradas e o respeito e o dever cívico de alguns/mas habitantes.</p> <p>Grande parte das pessoas indica que, neste momento, não existem conflitos mas, que os mesmos já existiram principalmente em determinadas entradas.</p> <p>De facto, foi notório o espírito de entreaajuda e de companheirismo de alguns/as moradores/as, principalmente entre os que habitam na mesma entrada, sendo que, ao longo do discurso de alguns/as destes moradores/as, os/as mesmos/as se referem mais aos outros e às necessidades dos outros, do que às suas próprias necessidades.</p>
--	--

*Tabela 17 - Observação individual dos inquéritos por questionário*

## APÊNDICE N. TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA À TÉCNICA DA HABITAÇÃO SOCIAL

Legenda:

A – aluna

T – técnica habitação social

A – Antes de começarmos esta entrevista, gostaria que me respondesse à seguinte questão: considerando a apresentação feita, e sabendo que pode a qualquer momento cessar livremente a sua participação, autoriza a realização da entrevista, para fins exclusivamente académicos e garantida que está a confidencialidade das informações recolhidas?

T – Sim, claro

A – Vamos então começar por alguns dados sociodemográficos.. qual a sua idade?

T – Tenho 41 anos

A – Quais são as suas habilitações académicas?

T – Tenho licenciatura em Sociologia

A – E como tem sido o seu percurso profissional?

T – Tenho vínculo ao Município de Amarante desde 2003, aquando realização de estágio curricular e tese de licenciatura na área da educação; posteriormente realizei estágio profissional, seguindo-se 5 anos de contrato de trabalho a termo e ingressei em 2011 o contrato de trabalho por tempo indeterminado.

A – Então... desempenha funções de socióloga há quanto tempo?

T – Há 19 anos

**A** – Agora, em relação à Divisão de Desenvolvimento e Coesão Social, que prioridades de intervenção definiria como mais relevantes presentemente?

**T** – Atualmente defino como prioritária a dinamização de programas de apoio ao acesso à habitação.

**A** – E que recursos e potencialidades destacaria na estrutura e ação da divisão?

**T** – Consolidação de medidas de intervenção social nas diferentes áreas, a realização de um trabalho planeado e coeso. Abrangência de áreas diversificadas, como infância e juventude, terceira idade, igualdade e violência doméstica, habitação, defesa do consumidor, apoio económico e apoio psicológico.

**A** – E, na sua opinião, que aspetos condicionam a ação da Divisão de Desenvolvimento e Coesão Social?

**T** – Principalmente questões de foro orçamental e conseqüente falta de pessoal, sobretudo administrativo.

**A** – Por último, ainda sobre a Divisão de Desenvolvimento e Coesão Social, como caracteriza a articulação entre as várias medidas e respetivos profissionais no seio da Divisão?

**T** – Considero que existe uma eficaz articulação entre as medidas e equipa técnica da DDCS.

**A** – Vamos agora passar a questões mais relacionadas com a medida da habitação social e claro, com a própria Urbanização de S. Lázaro. Há quanto tempo está integrada na Habitação Social?

**T** – Desde 2008.

**A** – E que recursos e potencialidades destacaria na Habitação Social?

**T** – A principal vantagem da Habitação social é o regime de renda apoiada, sendo as rendas adequadas à situação familiar e económica dos inquilinos, o que, confere também estabilidade habitacional e conseqüentemente familiar.

**A** – Garantindo o anonimato das pessoas, é possível caracterizar os moradores que estão abrangidas pela medida?

**T** – Atualmente, os residentes nos empreendimentos de habitação social é uma população envelhecida, com prevalência do sexo feminino. Um elevado número de pensionistas/reformados. A % de famílias acompanhadas noutras medidas, como a CPCJ e RSI, é residual. Há um elevado número de famílias isoladas ou monoparentais.

**A** – Estive a ler alguns documentos disponibilizados, como o Diagnóstico Social e a Estratégia Local de Habitação e conclui que as mulheres são o grupo social que mais recorrem às medidas de apoio social do concelho. Concorda com a afirmação?

**T** – Sim, contudo no que concerne aos pedidos de habitação social e relação contratual, não será tão linear. Há tanto homens como mulheres.

**A** – E em relação à Urbanização de S. Lázaro? Como a descreveria?

**T** – Considero que o bairro está bem localizado e próximo de serviços e comércio essenciais para os moradores; dispõe também de proximidade com rede de transportes; no que concerne a sentimento de pertença, considero que as pessoas se identificam com o espaço, no entanto não existe uma identidade coletiva, pois as relações entre moradores, salvo um grupo restrito, são fugazes. Não existe uma organização coletiva entre os moradores e também não vislumbro essa vontade.

**A** – Mais concretamente em relação aos moradores que habitam na Urbanização de S. Lázaro, o que me pode dizer sobre a realidade destes?

**T** – Considero que na generalidade são famílias funcionais e perfeitamente integradas socialmente. São identificadas alguns indivíduos mais frágeis, em virtude da idade ou doença de foro mental e que carecem de apoio.

**A** – Que potencialidades identifica nos moradores da Urbanização de S. Lázaro, que podem ser mobilizadas para o desenvolvimento do projeto?

**T** - Uma vez que se trata de um público, maioritariamente, sem atividade profissional, a maior potencialidade que consigo identificar é a disponibilidade. Existe num grupo restrito de moradores (lote 2) um sentimento de partilha e interajuda.

**A** - Sabendo que, recentemente, ocorreu uma reabilitação física na Urbanização de S. Lázaro, neste momento, que necessidades imateriais identifica que poderão ser minorizadas através do desenvolvimento do projeto?

**T** - Identifico a necessidade de um projeto de intervenção comunitária que promova relações de proximidade entre os moradores, desenvolvimento de competências pessoais e sociais, tendo por base uma componente social/ convívio. Organização dos moradores para limpeza e reparações dos espaços comuns.

**A** - E, em relação aos recursos, que recursos humanos, materiais e comunitários considera que poderiam ser mobilizados para o desenvolvimento do projeto?

**T** - Técnica de intervenção social e comunitária; desenvolvimento de projetos/ atividades de inclusão pela arte, de animação sociocultural. Espaço físico para dinamização de encontros dos moradores.

**A** - Para terminar, que ações julga que seria importante o Município apoiar ou desenvolver na Urbanização de S. Lázaro, visando o desenvolvimento comunitário?

**T** - Ações de intervenção comunitária, adequadas a pessoas com mais de 65 anos, nos âmbitos acima referidas.

**A** - Obrigada. Gostaria de complementar alguma questão ou acrescentar algo mais? Ou julga pertinente abordar mais algum tema que não esteja presente neste guião? (acenou que não) Muito obrigada pela sua disponibilidade e pelas informações prestadas.

## APÊNDICE O. TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA À RE1

**Legenda:**

**A – aluna**

**R1 – representante 1**

**A –** Antes de começarmos esta entrevista, gostaria que me respondesse à seguinte questão: considerando a apresentação feita, e sabendo que pode a qualquer momento cessar livremente a sua participação, autoriza a realização da entrevista, para fins exclusivamente académicos e garantida que está a confidencialidade das informações recolhidas?

**R1 –** Sim, claro

**A –** Vamos então começar com algumas questões relativamente aos dados sociodemográficos (acenou com a cabeça que sim). Qual a sua idade?

**R1 –** 43 anos.

**A –** Quais são as suas habilitações académicas?

**R1 –** Tenho o 12.<sup>o</sup> ano.

**A –** E, como tem sido o seu percurso profissional?

**R1 –** O meu percurso profissional? Trabalho aqui no município já há quase 20 anos. Comecei pela dinamização local, lá em baixo, com os transportes escolares, com o voluntariado jovem. Já passei também pelos projetos sociais e trabalhei no museu, na vigilância, e no posto de turismo. Participei também em eventos culturais promovidos pelo município. Depois vim para aqui para cima. Já estive também na parte.. na educação e continuei nos transportes escolares, universidade júnior, voluntariado jovem, pre´ocupate, portanto nas medidas da juventude. Desde 2011 estou mais na parte do desporto, na gestão desportivo e de eventos, associativismo desportivo e pronto, é isso basicamente.

**A** – Está bastante presente em projetos que são dinamizados na comunidade.

**R1** – Sim, a parte disso também estive na área social, porque nós damos sempre uma ajuda a área social, nomeadamente nas questões da habitação social. Antigamente havia uma comissão de moradores, foi o doutor Abel que estabeleceu essa comissão de moradores, em que havia reuniões vastas aqui na Portela com todos os moradores de forma a organizar e de forma a civilizar as pessoas a morarem em comunidade. Acho que esse projeto resultou bastante. Depois foi água abaixo como tudo... Já vivo ali há quase 15 anos e penso que essa foi a melhor fase. A melhor fase ali da Urbanização, a nível habitacional.

**A** – Já me respondeu a próxima questão (risos). E qual é a sua entrada? O que me pode dizer sobre a entrada, a dinâmica da entrada, a relação entre vizinhos...

**R1** – É assim, eu na minha entrada não tenho que dizer, é tudo basicamente mulheres, já com uma certa idade. Além de mim, há uma pessoa que trabalha, as outras pessoas estão aposentadas ou a receber algum rendimento social de inserção. Eu não tenho de dizer.. hum.. é certo que há sempre alguns conflitos, mas quando há conflitos, as pessoas têm a mania de me bater a porta para tentar organizar. E aí está, já vem dessa comissão de moradores que um dia foi instaurada. Acho que as pessoas estão contentes pelo facto de eu lá estar para gerir estes conflitos que às vezes as pessoas explodem por nada. A nível de limpezas do espaço, algumas limpam e outras não e vêm fazer queixa que estas não limpam e eu limpo mas aí está eu prefiro pegar e ir limpar e amenizar as coisas do que ir à bater porta das pessoas e mandar vir com elas não é?

**A** – E assim de um modo geral enquanto representante da entrada quais são as suas funções se pudesse assim definir?

**R1** – As minhas funções ah.. (ficou a pensar por breves segundo) ai esta, é ajudar as pessoas naquilo que elas precisam quer a nível profissional quer a nível pessoal ou trazer documentos para o município, pedir-me alguma informação ou até ir a casa delas e chegar no sei lá fazer qualquer coisa lá em casa. Pronto, ajudar em alguma coisa. Às vezes estas vizinhas vêm ter comigo para lhe compor o telefone que não estão a conseguir, outras para me dar apoio a nível de medicação como aconteceu esta noite, que às quatro e meia da manhã me

acordarem para ir abrir um frasco de medicação. Mas pronto, eu lido bem com isto e gosto de ajudar.

**A** – E considera que os moradores reconhecem os representantes de entrada como algo útil e benéfico para a Urbanização?

**R1** – Eu não conheço as outras entradas. Eu confesso que há pessoas lá que eu não sei como é que eles se chamam. Sei que moram lá porque me cruzo assim ocasionalmente com elas. Eu não conheço as outras entradas. Posso falar da minha mas também é assim eu saio de manhã às oito da manhã e chego a casa às seis ou sete portanto não estou lá durante o dia e ao fim-de-semana pronto estou mais não é? Mas nada de especial.

**A** – Vamos falar agora do que tem o bairro e os moradores de melhor e que possa ser mobilizado para o projeto.

**R1** - É assim, na minha opinião, as pessoas que lá estão e falo também na minha entrada não é? Com as outras não sei hum são pessoas que pronto que não têm assim grandes ocupações. Eu acho que era importante ocupá-las a fazer qualquer coisa ou em regime de voluntariado ou alguma coisa que que elas gostassem de fazer para ocupar o tempo. Hum.. de resto disponíveis as pessoas estão, elas sempre em casa não é? Disponibilidade ali não falta. Mas, falta é aqui alguma sei lá.. mudança de mentalidades hum hum de forma a conviverem em comunidade e saber o lugar que ocupam não é? Tipo aquela aquilo não é só delas têm que se preocupar mais com os outros com os vizinhos, por exemplo, eu vou-te só dar aqui um exemplo: o meu filho tem dezoito anos mora lá é é um jovem que mora ali no meio das pessoas que já estão reformadas e eu estou sempre a chamá-la à atenção para não fazer barulho depois das dez da noite, porque há pessoas que querem descansar, há pessoas que não gostam de ouvir barulho, há muitos idosos lá e então se todos de todas as entradas ali tivessem a mesma atitude se calhar era melhor não é? Eu não havia tantos conflitos, não havia tantas zangas às vezes. E, as pessoas, também têm que, e agora estou a falar mais do exterior, as pessoas também têm que ter cuidado e preocuparem-se mais com os outros, não olharem só para o umbigo. Eu só vou dar um exemplo, foi lá colocado um estendal comunitário para que toda a gente com falta de espaço dentro de casa possam estender a roupa cá fora e há pessoas que não têm a mínima noção. Há pessoas que têm

ali a roupa quinze dias, até quando está um sol abrasador. Ou seja, não dão oportunidade para os outros também estenderem a sua roupa ali, não é? E depois parece que têm ali lugares marcados.. Não sei se têm ali a roupa para marcar lugar, não sei se têm muitos afazeres que não têm tempo para apanhar a roupa, mas aí está, eu vejo isto como egoísmo, não olha para as outras pessoas. É isto e por exemplo os lugares dos carros quando estacionam, eles não olham para as outras pessoas, eles são capazes de ocupar três lugares para estacionar o seu carro, desde que o seu carro esteja bem os outros que se entendam, não se importam. Quer dizer, se todas as pessoas ocupassem os seu espacinho, haveria lugar para toda a gente.

**A** – Já foi indicando alguns problemas e necessidades e estas necessidades, de certa forma, até puderam vir a ser minorizadas pelo projeto, por algumas ações, até no âmbito da educação para a cidadania, educação comunitária..

**R1** – Sim, sim! Mas aí está, isso tem haver com inculcar nas pessoas o dever de responsabilidade e de civismo, não é?

**A** – Eu, como sabe, já fiz os inquéritos anteriormente e já estive a analisar e, identifiquei tanto recursos, potencialidades, problemas e necessidades, através daquilo que os moradores me disseram. Identifiquei que na Urbanização há: espírito de ajuda entre alguns/as moradores, convívio entre alguns moradores, vontade e disponibilidade de voltar a dinamizar a Urbanização, identificação de problemas comuns, desejo de recuperar memórias antigas, algumas pessoas falaram de atividades que já existiram, e alguma predisposição de alguns moradores para a auto-organização das entradas, da Urbanização.. Sobre isto que identifiquei, o que me pode dizer?

**R1** – Concordo, concordo. Espírito de ajuda sim há. Por exemplo, na minha entrada, quando as pessoas me procuram eu ajudo, quando consigo, conforme. Convívio? Eu não tenho grande convívio social com as pessoas lá. Primeiro, porque eu sou uma pessoa muito reservada, sempre fui (risos). E, depois, pronto... na entrada de cima, naquela que fica de frente para o pavilhão, que as pessoas depois de almoço e depois de jantar, mais no verão, elas juntam-se ali, fazem um basqueiro enorme, bebem e depois não se sabem comportar. É preciso chamar a GNR, perturbam os vizinhos e dá mau aspeto e mau ambiente ali, não é?

**A** – Ou seja, poderia haver mais convívio se fosse..

**R1** – Se as pessoas soubessem estar. Se soubessem ser, não é? Agora não me parece que seja muito agradável que, num sítio como aquele, onde as pessoas passam e onde as pessoas vêm, um sítio central, não me parece muito agradável verem as pessoas estendidas no chão, com garrafas de cerveja, totalmente bêbedas, a discutirem e a oferecerem porrada. Aí esta, as pessoas não sabem conviver entre si de forma saudável, há limites. Quando eu vejo ali alguns churrascos eu alto, já vai haver m. E depois é assim, os barulhos à noite, naqueles edifícios ouve-se tudo. E, depois as pessoas têm cães lá dentro que não devem estar e arrastam correntes e arrastam moveis, depois são as crianças que não são educadas e fazem barulho. É normal as crianças fazerem barulho, mas também temos que as educar para que só podem fazer barulho até aquela hora, depois vão para a cama, vão descansar. Mas, ali as crianças, mesmo em tempo de aulas, andam a fazer barulho até à meia noite/uma da manhã. Pronto, isso parte também um bocado da educação que os pais ou as pessoas que estão com elas lhes dão.

**A** – Agora mais em relação aos problemas que possam existir, eu identifiquei problemas na comunicação dos moradores, desaparecimento do sentido de grupo e de comunidade, falta de equipamentos e de espaços comuns de convívio, até para se organizar projetos comunitários, sentimento de desânimo em relação à mudança e ao futuro quer da Urbanização, quer das próprias pessoas e falta de atividade associativa e de participação social por parte dos moradores. Concorda com estes problemas? Acha que os poderíamos vir a minorizar? Como?

**R1** – Aqui, onde diz os problemas na comunicação é precisamente isso. As pessoas não sabem estar e depois criam mau ambiente e andam sempre a discutir uns com os outros. Ahm, depois o desaparecimento de grupo e de comunidade, uma coisa leva a outra. Falta de equipamentos e de espaço... ai está. Esse espaço que foi criado, lá da churrascaria, há um grupo de pessoas que se apoderam daquilo. Ou seja, aquilo é para toda a gente. Se eu quiser ir para lá e levar uma cadeira ou sentar-me no muro e ler um livro, não posso. É que depois fazem churrascos e não limpam, que é o pior. Mas, é um espaço que fica apoderado, tal como acontece com a roupa, um espaço que fica apoderado por aquele grupo de pessoas, sem dar aos outros oportunidade de usufruírem. Há equipamentos que faltam, a roupa. Já ouvi dizer que falta roupa, a mim nunca me aconteceu, prefiro estender em casa, mas já ouvi dizer que tiram de lá roupa, quer dizer, não faz sentido não é? Aí está, esses tais sítios comuns, esses espaços comuns que deveriam de ser para todos, são apoderados por um grupo de pessoas que vão para lá e que não sabem estar e fazem barulho e

fazem coisas mal feitas, até se agridem e pronto, isso é mau para as pessoas que lá moram que não têm culpa nenhuma. E o bairro fica com má fama.

**A** – E que ações e que atividades considera que seriam importantes de se desenvolver na Urbanização, tendo em conta o desenvolvimento comunitário e de que forma é que poderíamos chamar as pessoas para estas atividades?

**R1** – É assim, primeiro as pessoas têm de estar dispostas e não creio que estejam dispostas, poi estão de tal maneira acomodadas... A ideia que tenho dali é... que as pessoas se acomodam com os rendimentos que recebem do Estado, não trabalham, estão habituadas a receber aquilo e acomodam-se assim. Ou seja, as pessoas até nem têm assim uma má qualidade de vida. Não sei como as pessoas têm dinheiro para certas coisas sem um salário. Agora, elas estão dispostas realmente a fazer algum voluntariado ou que lhes preencha o tempo? Acho que não. Acho que a boa vida é boa.

**A** – Tendo em conta isto que disse, que estratégias pensa serem importantes e necessárias para que a participação da população na Urbanização e na comunidade seja mais ativa? Como é que podemos chamar as pessoas para se envolverem na comunidade em geral?

**R1** – Pois, como? (risos) Não sei, mas talvez tentar inculcar ali alguma, sei lá, isto tem haver com as mentalidades das pessoas, elas ainda têm uma mentalidade de se acomodarem a não fazer nada e quanto menos, menos. Agora, se houvesse algumas palestras ou reuniões com essas pessoas, até sistematicamente para ver se conseguiríamos mudar alguma coisa, um projeto em que elas se sintam úteis e em que elas se sintam bem.

**A** – Talvez atividades e um projeto em que as pessoas pudessem ser ouvidas e, de certa forma, sentissem que estão a contribuir para fazer mais por elas e pelos outros?

**R1** – Sim, exatamente.

**A** – Já estamos a terminar. Gostava de lhe perguntar se considera que era importante envolver instituições ou parceiros locais para o desenvolvimento do projeto?

**R1** – Acho que sim. É sempre uma mais-valia. Por exemplo, os centros de dia. Ali há idosos que se cuidam deles próprios que não têm ninguém, não têm retaguarda ou se têm retaguarda não está ali. Nem que fosse ouvi-los porque às vezes estas pessoas sentem-se tão sozinhas ali que às vezes uns ouvidos fazia bem.

**A** – Talvez juntar o projeto ao voluntariado?

**R1** – Pessoas mais jovens até. Os jovens têm muito aprender com estas pessoas, com os séniores. Atividades intergeracionais, por exemplo, são vantajosas tanto para os séniores como para os jovens e, além disso, os idosos sentem-se muito sozinhos. Por exemplo, às vezes as minhas vizinhas procuram-me para bla bla bla e às vezes eu tenho que ir fazer isto e aquilo, mas estou ali a ouvi-las porque elas têm necessidade de falar. Passam o dia sozinhos, não têm que fazer.

**A** – E agora até há o projeto “Acompanhar e Reparar”, no Município, quem sabe...

**R1** – Exatamente, tornar as pessoas voluntárias e irem lá voluntários. Irem lá, conversar, ajudar, virem cá fora.. Porque não?

**A** – Pronto, não sei se gostaria de acrescentar mais alguma coisa? Da minha parte...

**R1** – O que eu gostaria de acrescentar? É que as pessoas não olhassem só para elas, que as pessoas comecem a pensar que vivemos em comunidade e que precisamos todos uns dos outros, que há pequenos detalhes que as pessoas fazem e que dá para ver como elas são. As pessoas não se preocupam com os outros. E dos exemplos que dei, há muitos mais. Acho que as pessoas têm também de se preocupar com os outros, não olhar só para o próprio umbigo para que todos vivam bem em comunidade. E não andarem no diz que disse. (risos) Isto depois nunca traz bons resultados e andam todos aos conflitos, para que? Só isso..

**A** – Muito obrigada

**R1** – De nada, foi um prazer.

## APÊNDICE P. TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA À RE2

Legenda:

A – aluna

R2 – representante 2

A – Antes de começarmos esta entrevista, gostaria que me respondesse à seguinte questão: considerando a apresentação feita, e sabendo que pode a qualquer momento cessar livremente a sua participação, autoriza a realização da entrevista, para fins exclusivamente académicos e garantida que está a confidencialidade das informações recolhidas?

R2 – Sim, claro

A – Vamos então começar com algumas questões relativamente aos dados sociodemográficos (acenou com a cabeça que sim). Qual a sua idade?

R2 – 36.

A – Quais são as suas habilitações académicas?

R2 – Tenho o 12.º ano.

A – E, como tem sido o seu percurso profissional?

R2 – Muito bom, está excelente agora.

A – E há quanto tempo é que vive em São Lázaro?

R2 – Há 22 anos.

A – E onde é que vivia antes e como é que veio para a Urbanização de S. Lázaro?

**R2** – Eu antes morava em Gondar. Qual é a próxima?

**A** – Como veio para S. Lázaro?

**R2** – Como é que eu vim? Como assim?

**A** – O motivo de ter vindo viver para S. Lázaro.

**R2** – Eu vim viver porque fomos obrigados a sair de lá, porque a casa foi a segurança social que arranjou. A minha mãe sofreu violência doméstica e a renda era paga através da segurança social e assim, e então fomos obrigados. Obrigados não, a Câmara arranja uma... (não sabia qual a palavra a utilizar)

**A** – Uma oportunidade? (acenou que sim com a cabeça). Agora, assim, umas perguntas mais destinadas à urbanização de S. Lázaro e à sua ação enquanto representante da entrada. Qual é a sua entrada? O que é que me pode dizer sobre a mesma? Como é que são as relações de vizinhança?

**R2** – A minha entrada é o número 51. Entrada do lote 1. Como é que é a relação entre os vizinhos? Não há relação. Basicamente não há relação nenhuma. Não há mesmo relação nenhuma.

**A** – Nem na mesma entrada?

**R2** – Não. Porque as pessoas ali em geral... As pessoas... Como é que eu ia dizer? Não tem com o que se ocupar, sabes? E estão sempre a falar mal da vida dos outros, inventam coisas que não existem. Portanto, não há relação nenhuma.

**A** – E há quantos anos é que desempenha funções de representante de entrada?

**R2** – Sete/oito anos.

**A** – Muito. Já é há muito tempo. (acenou que sim e sorriu).

**R2** – Mas, sinceramente, representar, fazer, não faz nada. Porque assim, vou te ser sincera, não tenho problema nenhum. A Câmara também não quer saber de nada, para começar. A Câmara é tipo, é o representante e passam a pasta para o representante. O representante é que tem que resolver... Tu como representante, tipo, tens que resolver a situação de limpeza, tens que ir falar com os vizinhos, tens que tentar entrar na cabeça deles porque eles acham que... Basicamente não há respeito, percebes? Eu não vou dizer a uma pessoa que já é avó ou mãe, olhe, limpe as escadas. Entende?

**A** – Então, talvez funcionassem os representantes de entrada se por de trás houve alguma ação...?

**R2** – Haver a ação e haver a prática. Porque em antes da ação, havia a ação também, tínhamos reuniões e tudo, mas as pessoas por trás também se calhar não tinham muito interesse. Porque a pasta era passada para nós, estás a entender? Basicamente é isso.

**A** – E, assim, enquanto representante de entrada, tem alguma função específica?

**R2** – O representante? Não percebi a tua questão.

**A** – Enquanto representante de entrada, a Vera, tem alguma função?

**R2** – A minha função? Neste momento? Fiquei representante, mas... Está parado, é como não existisse nada ali.

**A** – Eu ai perguntar que estratégias é que utiliza para ouvir as pessoas e as suas necessidades, mas...

**R2** – A minha estratégia é ouvir, não dar opinião, porque ali não se pode ter opinião. Tu não podes dar opinião à pessoa, porque a pessoa já está a defender o outro, a isto e aquilo, estás a entender? Porque ali as pessoas pensam que são mais que os outros, estão sempre a criticar os outros, tu não podes dar opinião.

**A** – E considera que os moradores conhecem os representantes em entrada como algo útil para si próprios e para a urbanização?

**R2** – Que não querem aprender nada e não conseguem entender com é útil o representante. Se tiveres algum problema, alguma coisa, dizes ao representante e ele transmite, tipo ao município, a quem é de direito, estás a perceber? Deveria ser essa a ideia. Mas eles não, eles estão mais focados noutras coisas. Por acaso já participaste em alguma reunião? (acenei que não) Mas as reuniões eram mais tipo, fazer queixa do vizinho, isto e aquilo, estás a entender? É algo que, pronto, não é toda a gente igual, mas a maioria era isso. Agora, o que é o principal? O que era mesmo preciso? As pessoas não têm essa capacidade de ver.

**A** – Agora algumas questões sobre a possibilidade de ações a serem desenvolvidas neste projeto. Eu, através do inquérito por questionário, identifiquei como potencialidades que na Urbanização há espírito de entreaajuda entre alguns moradores..

**R2** – Alguns sim, poucos, mas sim.

**A** – O convívio entre alguns moradores.

**R2** – Sim.

**A** – Até naquele espaço comum de convívio.

**R2** – Queres que comente isso?

**A** – Sim, a ideia...

**R2** – O pessoal que está lá cima no larguinho é... não é a questão de ser reformado nem nada, é já é a questão da educação que tiveram. O pessoal que está lá é não ter nada para fazer de útil e estão ahm a criticar as pessoas que fazem alguma coisa da vida, é o que eles fazem ali, mais nada.

**A** – E a vontade e a disponibilidade para voltar a dinamizar a Urbanização, por parte também de alguns moradores, que falaram até em recuperar memórias antigas. Falaram que se fez um teatro, se faziam churrascos, atividades na sala.

**R2** – Sim sim. Foi as duas melhores atividades, foi o churrasco e o teatro que houve lá no palco. Foram as melhores, sim.

**A** – O facto das pessoas também identificarem problemas comuns também pode ser algo que seja útil?

**R2** – Na minha opinião, quando havia as reuniões de representantes, não é? E existia tipo mais controle nas próprias pessoas de falar, no setor da limpeza também. As pessoas limpavam mais, existia o mapa, tínhamos aquelas reuniões, não é? Basicamente é isso.

**A** – E em relação aos problemas, identifiquei problemas na comunicação entre os moradores, o desaparecimento do sentido de grupo e de comunidade, a falta de equipamentos e de espaços de comuns de convívio, um sentimento de desânimo em relação à mudança e ao futuro quer da Urbanização mas também das pessoas.

**R2** – Sabes que a mudança tem que vir das pessoas, certo? E as pessoas que estão lá cima no largo são as tóxicas, entendes? É a realidade, eu tenho que dizer... As pessoas que estão em cima não são aquelas pessoas que querem união e mudança.. É tudo igual.

**A** – E, também identifiquei, falta de atividade associativa e de participação social.

**R2** – Sim, é isso. Mas, quando há atividades para fazer, eu falo do projeto em que estive inserida lá a trabalhar, o PPI que era do Escolhas, eu era a dinamizadora lá. Havia atividades, mas ninguém aparecia. Tinhas que andar atrás deles, tipo a quase ajoelhar para ir às atividades. Isso aí é tudo teórico. E eles falam para parecer bonito. Mas... depois na prática, é como os políticos, é igual.

**A** – Assim em síntese, o que considera que o bairro e os moradores têm de melhor que possa ser mobilizado para o projeto e que necessidades, que já fomos falando, é que podem ser confrontadas pelo projeto ou melhorado?

**R2** – Eu sou sincera, o que é que eu acho que devia ser melhorada? Acho que devia de haver mais formações de saber estar perante a sociedade, de educação para a cidadania. Sim, não é questão de idade, é das pessoas quererem aprender, porque a maioria lá não sabe. Não sabem o que é respeito, não sabem o que é estar em sociedade. Entendes? Isso era uma das atividades. Mas o problema aí é que as pessoas... Para aparecer...

**A** – Também vamos falar disso.

**R2** – Não vão aparecer.

(risos)

**R2** – É a realidade, é isto.

**A** – Era isso que ia perguntar: que estratégias considera serem importantes para que a participação da população na comunidade, na Urbanização seja mais ativa?

**R2** – Isso é uma pergunta que eu também queria ter uma resposta para lhe dar. Neste momento não tenho mesmo.

**A** – E acha que seria importante envolver instituições, entidades, parceiros locais para o desenvolvimento do projeto?

**R2** – Sim.

**A** – Alguma em concreto?

**R2** – Não.

**A** – Envolver a comunidade?

**R2** – Logo que envolva a comunidade é bom. Até pode ir uma pessoa só, mas já é bom. Já, já é bom. Sabes porque é que eles falaram do churrasco? Porque comem e bebem, é o que eles gostam de fazer. Não, mas podes ter uma ideia, é tudo tranquilo, porque lá é assim, agora vai começar a época do calor, não é? Vai haver churrascada e há álcool, e depois há aquelas festas dos excessos, de haver aquelas confusões, não é? Mas isso sabemos que é que vai acontecer, é todos os dias. Mas ali acentua-se, porque o pessoal ali é muito engraçado e é muito bonito.

**A** – E, para terminar, ainda não falei, mas em princípio vou fazer uma sessão na Casa da Portela dia 5 de abril, na quarta. Estamos a espera das convocatórias e do convite. Pronto e a ideia, além do lanche, é..

**R2** – Há lanche? Então é capaz de aparecer alguém (risos)

**A** – E a ideia é devolver aos moradores o que identifiquei com os inquiridos por questionário, trabalhar a educação para a cidadania, trabalhar direitos e deveres para se construir um Guia de Morador, que foi algo que alguns representantes falaram. E, pronto, eu queria saber o que é que acha que pode ser feito para envolver as pessoas nesta iniciativa a nas iniciativas do projeto a começar por esta?

**R2** – Queres uma boa ideia? Olha haver sempre lanche vai aparecer sempre alguém estás a perceber? Já é uma estratégia para começar a cativar o resto. É um bocado estúpido que eu estou a dizer não é? Ali funciona assim está bem? Mas olha vamos vais realizar a sessão certo?

**A** – Certo.

**R2** – Eu vou vir e depois tu vais confirmar o que eu te estou a dizer. A maioria não vai aparecer depois desta ação, mas é importante o que estas a fazer, mas depois vais ver a realidade do que te estou a dizer, é isso.

**A** – É preciso ser persistente.

**R2** – É. tem que se andar tipo para levá-los ao colo como se fosse um bebe.

**A** – A ideia desta sessão é, lá está, depois formar um grupo para o projeto.

**R2** – Formar o grupo vai ser um bocado difícil. Ali o pessoal todo parece que estás a ver quando é a eletricidade o positivo e negativo estás a ver que quando as outras positivo com positivo dá choque daí aquilo vai abaixo estás a ver? Mas tudo bem, vamos tentar. Tentar já é um bom começo, atenção. Mas é assim que funciona. Nós também no projeto tipo era complicado às vezes tinha uma duas três pessoas mas é sempre é sempre as mesmas pessoas sabes? Prontos... mas se tu em 10 conseguires mudar a mentalidade de 1 já é uma vitória, estas a ver? Mas prontos. Tudo bem..

**A** – Não sei se gostaria de acrescentar algo mais...

**R2** – Acrescentar? Vou voltar à câmara outra vez... Eu acho que a câmara devia ter mais interesse. Demonstrar mais interesse. Eu não estou a dizer mudar a mentalidade das pessoas. Porque eu eu acho isso que é impossível. Porque muitas vezes ah as doutoras não fazem nada. Mas tu é que és adulto. É que tens que mudar. Certo? A a doutora não vai meter não vai tirar uma um vai meter uma pena na cabeça das pessoas para elas conseguirem fazer tudo direito certo? Certo. Estás a perceber? E é isso. A câmara devia se envolver mais e eu acho que devia ser mais mais rígidas em certas coisas. Percebes? Porque por deixar assim ao abandono aquilo está abandonado. Eles até podem dizer que não. Mas está porque ninguém quer saber. Ninguém quer saber. Acontece alguma coisa. Ninguém quer saber. Eu posso te contar umas do tipo uma senhora lá tinha uma, uma de muitas porque lá tinha muitos problemas e ninguém queria saber. Ninguém quer saber. Sabes quando querem saber quando acontece uma desgraça mas aí dizem que não sabem, mas sabem foram alertados. Prontos é só isto.

**A** – Pronto, da minha parte está tudo. Muito obrigada.

**R2** – Está obrigado. Depois eu apareço aí na sessão.

## APÊNDICE Q. TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA À RE3

Legenda:

A – aluna

R3 – representante 3

A – Antes de começarmos esta entrevista, gostaria que me respondesse à seguinte questão: considerando a apresentação feita, e sabendo que pode a qualquer momento cessar livremente a sua participação, autoriza a realização da entrevista, para fins exclusivamente académicos e garantida que está a confidencialidade das informações recolhidas?

R3 – Sim.

A – Vamos então começar com algumas questões relativamente aos dados sociodemográficos (acenou com a cabeça que sim). Qual a sua idade?

R3 – A minha idade? 69. Faço 70 dia 10 de maio.

A – E quais são as suas habilitações académicas?

R3 – 6.º ano.

A – E como é que tem sido assim o seu percurso profissional?

R3 – Trabalhar aqui na Casa da Portela. Trabalhei aqui 13 anos, já faço parte da família. E fora daqui também trabalhei.

A – E há quanto tempo é que vive na Urbanização de S. Lázaro?

R3 – Tanto tempo que o meu trabalho aqui. Há 13 anos.

A – E onde é que vivia antes e como é que veio parar a S. Lázaro?

**R3** – Vivia no Salto. Pronto, eu deixei o meu marido e vim para ali aluguei ali um apartamento e ali foi que o meu filho faleceu. E depois quando vim trabalhar para aqui, que a renda lá era muito alta, e então pedi para vir para S. Lázaro.

**A** – Agora vamos passar a umas questões sobre a tua ação enquanto representante de entrada. Qual é a sua entrada e como são as relações entre vizinhos?

**R3** – A minha entrada é a 3. A minha relação com os vizinhos é boa tarde e bom dia e pouca confiança, falar o que é necessário não é?

**A** – E assim entre os vizinhos em geral?

**R3** – É isso, não dou confiança porque não se pode. Pelo menos ali na minha entrada não se pode fazer.

**A** – E os restantes vizinhos? Têm relações uns com os outros?

**R3** – É igual, é como eu a quase. Bom dia, boa tarde, olá. Há outros que se portam mal lá, há uma pelo menos então...

**A** – E há quantos anos é que desempenha funções de representante da entrada?

**R3** – Eles puseram-me ali desde que fui para lá.

**A** – Então desde que mora ali?

**R3** – Sim, desde que fui para lá. Fazia os inquéritos, punha no papel das limpezas e tudo. Não adiantava. Não cumprem.

**A** – E atualmente quais são as suas funções enquanto representante da entrada?

**R3** – Ora bem, até divulgar o que se passa lá aqui na Câmara e a única coisa que me queixo mais é a limpeza.

**A** – E que estratégias é que utiliza para ouvir as pessoas, os problemas... são as pessoas que a procuram ou a D. Alfredina é que procura?

**R3** – É assim, as pessoas quando me vêm falar comigo, outras vezes, sou eu que calho de ouvir e reporto. Mas preocupa-me lá mais é a limpeza, que não há nenhuma e uma moradora que, a meu ver, não devia estar lá. Está a pôr aquilo muito feio e depois passamos todas por ser iguais.

**A** – E considera que os moradores reconhecem os representantes de entrada como algo útil e benéfico?

**R3** – Não.

**A** – Agora vamos falar um bocadinho sobre possibilidades de ações que se possam vir a desenvolver. Eu através do inquérito questionário identifiquei que na urbanização há espírito entreajuda entre alguns moradores...

**R3** – Sim.

**A** – Convívio entre alguns moradores, vontade e disponibilidade de voltar a dinamizar a urbanização, houvesse quem falassem em recuperar memórias antigas, sobre um churrasco, a sala que existia...

**R3** – Sim, já lá existiu uma sala e não sei porquê desistiram. E o churrasco há sempre e há pancadaria e insultos. Não resultava. Todos os fins de semana e agora vem o verão. É que eles continuam a fazer lá o churrasco, só que depois bebem demais e depois é preciso chamar a GNR. Eu estou em minha casa e ouve-se tudo.

**A** – Então...

**R3** – Trabalhar algumas questões de cidadania. Trabalhar direitos e deveres. É complicado. É muito complicado

**A** – Em relação à Urbanização também identifiquei alguns problemas, como problemas na comunicação entre alguns moradores...

**R3** – Sim, sim.

**A** – O desaparecimento o sentido grupo e de comunidade, a falta de equipamentos e de espaços comuns, o sentimento de desânimo em relação à mudança e ao futuro quer da própria urbanização e das pessoas e falta de atividade associativa e de participação social.

**R3** – Concordo com tudo. E o barulho também.

**A** – E, em síntese, o que é que acha que a urbanização e os moradores melhor têm e que possa ser mobilizado para o desenvolvimento do projeto e que necessidades principais é que podemos minorizar com o projeto?

**R3** – O que eu pensava para ali era mais espaço. Era um jardim para os miúdos brincarem. Agora andarem ali na rua, a jogar a bola e essas coisas... ter um espaço para eles brincarem.

**A** – E que atividades é que podíamos fazer?

**R3** – Olhe é ir lá ver a tal sala que foi fechada, voltar abrir e tentar fazerem ali alguma coisa, para ver se aquelas pessoas abriam mais a cabeça.

**A** – Até formações nos mais variados temas, que fosse ao encontro das necessidades das pessoas...

**R3** – Sim...

**A** – Fazer um Guia de Morador?

**R3** – Sim, era isso. A gente quando faz o contrato no contrato diz não fazer barulho ou limpeza das escadas, mas não é nada feito e ninguém quer saber. Devia haver uma ação mais ativa por parte da Câmara. Mais vigilância, pronto. Qualquer coisa que as pessoas dissessem “se eu fizer isso vão me cair em cima”, que os assustasse. Assim, não vejo...

**A** – E considera que seria importante envolver instituições, entidades e parceiros locais para o desenvolvimento do projeto?

**R3** – Sim. Devia-se formar as pessoas para serem mais civilizadas, não sei. Terem mais higiene, mesmo nas casas, não têm nenhuma. Deviam ir vigiar de vez em quando. Isso já aconteceu, antes entravam dentro das casas para ver se estavam limpas ou não e isso faz falta.

**A** – Antes de terminar, vou realizar uma ação aqui na Casa da Portela, no dia 5 de abril

**R3** – Sim.

**A** – E a ideia é devolver aos moradores os problemas e as potencialidades que identifiquei, falar de direitos e deveres para construirmos todos juntos um Guia de Morador. Ou seja, uma ação no âmbito da educação para a cidadania. E, gostaria de saber como podemos envolver as pessoas para estas iniciativas.

**R3** – Não sei, eu sei lá... São pessoas tão difíceis... Não quer dizer que seja tudo igual, há pessoas que são um espetáculo. Mas há outras que meu amigo, é um bocadinho complicado de lidar com elas. Não sei, não sei dizer...

**A** – Para esta ação vamos deixar um panfleto e uma convocatória da Câmara.

**R3** – Parece-me bem, ver se aparecem. E pode ser que com um pequeno lanche, diga lá que com um lanche eles aparecem. Meta assim qualquer coisa que os cative e que eles pensem “temos que ir”.

**A** – Da minha parte está tudo, não sei se quer acrescentar alguma coisa...

**R3** – Eu querer, quero mas a história é sempre a mesma. O pior é a minha entrada, porque se formos as outras as entradas são impecáveis. Estão limpas e há vasos. Nós ali não podemos ter nada, nem as escadas limpas conseguimos. Há gente que nunca vi a limpar a entrada.

**A** – Muito obrigada.

## APÊNDICE R. TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA À RE4

Legenda:

A – aluna

R4 – representante 4

A – Antes de começarmos esta entrevista, gostaria que me respondesse à seguinte questão: considerando a apresentação feita, e sabendo que pode a qualquer momento cessar livremente a sua participação, autoriza a realização da entrevista, para fins exclusivamente académicos e garantida que está a confidencialidade das informações recolhidas?

R4 – Sim.

A – Vamos então começar com algumas questões relativamente aos dados sociodemográficos (acenou com a cabeça que sim). Qual a sua idade?

R4 – Tenho 54 anos.

A – Quais são as suas habilitações académicas?

R4 – Nada. Não tenho.

A – Como tem sido o seu percurso profissional, pessoal?

R4 – Altos e baixos.

A – E há quanto tempo é que vive em S. Lázaro?

R4 – Ai já vivo aqui em S. Lázaro, há vinte anos? Há vinte não é? Eu vim estrear a casa.

A – E onde é que vivia antes e como é que veio para cá?

**R4** – Estava na Régua, mas eu depois vim para cá. E com o ex-marido vim para cá tínhamos um café e ficámos cá. Depois aquilo deu mal entregámos. E portanto vim para aqui. O meu filho é Amarantino, mas a minha filha nasceu em Lamego.

**A** – E qual é a sua entrada? E o que é que me pode dizer sobre a entrada sobre as relações entre os vizinhos?

**R4** – É da entrada não tenho de dizer. Somos muito amigos uns dos outros. Quando precisam das coisas uns os outros ajudámos uns aos outros. Não tenho nada a dizer da minha entrada.

**A** – E em relação às relações de vizinhança da Urbanização?

**R4** – Relação? Não há. Eu tenho relação com gente que me dou bem com as pessoas. Agora o quando há conflitos é com os outros. Não é comigo.

**A** – E há quantos anos é que desempenha funções representante da entrada?

**R4** – Ai já ando há um bom bocado, um bom tempo.

**A** – Há mais de cinco anos?

**R4** – Ai sim. Sim.

**A** – E, enquanto representante de entrada, quais são as suas funções?

**R4** – A ver se tem alguma coisa estragada. Chamaram a atenção para se compor. Quando os tapetes e tudo nas entradas estão sujados ou estão estragados, a gente compra. Uma vez uma fechadura avariou nós, eu fui comprar uma fechadura e entre os meus vizinhos todos pusemos a fechadura.

**A** – Então organiza a entrada?

**R4** – Organizo. Não foi preciso ir à Câmara pedir nada.

**A** – E tem assim alguma estratégia que utilize para ouvir as pessoas as necessidades e os problemas das pessoas?

**R4** – Sim, as pessoas procuram-me e eu ouço-as. As pessoas que vivem sozinhas, por exemplo, eu ajudo. A gente o que precisa ajuda. O que for preciso compor, o meu filho vai lá e ajuda, por exemplo. As pessoas vêm conversar comigo e eu não me dou mal com ninguém, dou-me bem com toda a gente. Quando as pessoas precisam eu sou amiga de toda a gente.

**A** – E considera que os moradores reconhecem os representantes da entrada como algo benéfico para a Urbanização e para si próprios?

**R4** – Na minha entrada sim. Agora aos outros não sei.

**A** – Então, na sua entrada, as pessoas conhecem que o seu papel enquanto representante da entrada é útil...

**R4** – Ainda na outra vez, quando a doutora fez a outra candidatura e nós fomos a reunião, os meus vizinhos da minha entrada disseram logo fica a D. Paula outra vez. Quiseram que eu ficasse e eu fiquei.

**A** – Agora vamos falar um bocadinho sobre o que podemos fazer.

**R4** – Diga.

**A** – Eu através do inquérito que fiz aos moradores...

**R4** – Sim...

**A** – Identifiquei que na Urbanização há espírito de entreaajuda entre alguns moradores, convívio, uma vontade e uma disponibilidade dos moradores para dinamizar a Urbanização, o facto das pessoas identificarem problemas em comum também é bom e desejo de recuperar memórias antigas. Até me falaram do teatro e...

**R4** – Sim, também andei no teatro.

**A** – E o que me tem a dizer sobre isto que identifiquei? Existe, não existe?

**R4** – Acho sim, que se as pessoas quiserem é bom, porque as pessoas também não estão sempre metidas dentro de casa. Eu quando houve isto do teatro e da sala, eu andei.

**A** – E acha que há espírito de entreajuda e convívio?

**R4** – Lá está. Há pessoas que o fazem, há outras que é como eu digo, nós estamos aqui meia dúzia delas, aos fins de semana fizemos churrasco, se for preciso comer aqui fora, comemos. Isto está sujo e uma pessoa limpa. Depois lá está, a gente também não pode mandar nas pessoas que não querem. Quem sou eu para chegar aqui e dizer? Mas também não vou também andar sempre aqui a limpar porque as pessoas outro dia vai aí atrás está tudo cheio de lixo as pessoas. Tomam café deitam para ali, fumam e deitam no chão. Já é do espírito da pessoa não é? A pessoa se não quer ter as coisas limpas não tem.

**A** – E agora, eu identifiquei que existe problemas na comunicação entre alguns moradores, o desaparecimento sentido grupo e de comunidade, a falta de equipamentos e de espaços comuns convívio, um sentimento de desânimo em relação à mudança e ao futuro e a falta de atividade associativa e de participação social. E o que eu identifiquei está correto, identifica mais algum?

**R4** – Está, está, está. Há pessoas que são pobres, mas também são pobres de espírito. Eu sou pobre mas eu quero sempre melhorar. A gente nunca nunca se quer deitar ao fundo. Quer sempre subir para cima. E há pessoas que não é bem assim.

**A** – E, na sua opinião, o que é que os moradores e a Urbanização têm de melhor que pode ser mobilizado para o projeto?

**R4** – Nós aqui estamos num sítio bom. Nós aqui não podemos estar num sítio melhor. Estamos o modelo. Estamos no Continente. A localização. Tudo nós pudemos ir ao centro de saúde a pé. Estamos nós estamos aqui no sítio espetacular. As pessoas não dão valor ao que tem é porque querem. É que estamos num sítio... Agora o hospital está mais longe porque primeiro não, mas agora também há o Via para ir ao hospital. Nós não estamos como as pessoas da aldeia, que estão longe.

**A** – E que problemas considera que podemos minorizar com o projeto?

**R4** – Começar por pôr algumas cabeças a funcionar de algumas pessoas, porque há pessoas que não saem de casa não querem vir para aqui para o convívio.

**A** – Combater o isolamento?

**R4** – Sim, há pessoas que estão muito sozinhas e eu ajudo no que precisam. Pronto, há pessoas que se metem dentro de casa e são como os bichos, não querem saber se o vizinho do lado precisa de um prato de comida, por exemplo.

**A** – E trabalhar as questões dos direitos e deveres, fazer um Guia de Morador? Alguns representantes de entrada falaram-me disso.

**R4** – Sim sim, era importante.

**A** – E tem alguma atividade que julga que seria importante desenvolver?

**R4** – Era atender estas pessoas que estão mais isoladas em casa. Eu pronto, vou ao trabalho não é? Mesmo quando eu não trabalhava nunca estava isolada em casa. Eu vinha para aqui ou ia para outras coisas. Mas há pessoas que estão em casa e que não, às vezes nem a porta abrem para para conversar com ninguém.

**A** – E que estratégias é que acha que podemos utilizar para que as pessoas participem mais na comunidade e que sejam mais ativas?

**R4** – É o que eu digo, é cada um é a cabeça de casa um. Quem sou eu ou a menina para virar a cabeça das pessoas? Se as pessoas não quiserem... A gente no S. João, juntamo-nos aqui todos e comemos aqui todos. Há pessoas que não querem, pessoas que até nos criticam, “olha para ali” ... O convívio é muito bonito, se não tivermos convívio com as pessoas morremos ali à porta fechada. Eu não sei se esta senhora está doente, não sei se aquele senhor precisa de ajuda, não é? Quando há qualquer coisa, ao sábado, a gente está junta aqui, junta ali, as outras pessoas ainda me censuram, “oh que vergonha oh”, então vamos fazer o quê? Estar em casa e ficar mais deprimidas? Cada um tem a sua forma de ver as coisas.

**A** – Considera que seria importante envolver instituições, parceiros locais para o desenvolvimento do projeto?

**R4** – Nós, quando tinha ali a sala de estudo aberta, os os miúdos tinham para lá fazer os trabalhos, nós íamos para lá fazer as coisas, era a cozinhar do Natal, da Páscoa estávamos ali entretidos, pronto e agora..

**A** – Agora, antes de terminar, gostaria de perguntar... Vamos fazer uma iniciativa, que está nessas cartas, na próxima semana, no dia 5 de abril na Casa da Portela, que é para conviver com todos os moradores, devolver o que eu identifiquei com a os inquéritos.

**R4** – Sim...

**A** – Como acha que podemos chamar as pessoas para estas atividades?

**R4** – Olhe, eu vou ser franca... Vai ver que há pessoas que não vão ligar a isto. Há pessoas que não vão ligar a isto. Eu se puder ir, é como lhe digo, saiu às 10h dali e se puder ir, eu vou. Posso chegar um bocadinho mais atrasada porque eu estou a trabalhar. E e vou. Mas é o que eu digo. Você vai ver as pessoas que vão aparecer.

**A** – Mas há alguma estratégia que possamos utilizar para cativar mais as pessoas?

**R4** – É o que eu digo, há pessoas que se for preciso nem ligam, rasgam e deitam fora, nem ligam as cartas. E, depois, se for preciso dizem que a Câmara não faz nada, que não quer saber disto para nada, é assim.

**A** – Gostaria de acrescentar algo mais?

**R4** – Gostava que isto melhorasse melhor do que está, que houvesse um parque para os miúdos e que isto ficasse melhor para a gente estar aqui mais... a gente tem aqui uma mesa que é uma vergonha. A gente vai limpar mas as pessoas se for preciso não têm respeito nenhum. É o que eu digo, o povo é que faz ter as coisas limpas. Mas é o que digo, as pessoas também não vai limpar para depois deitar as coisas, para complicar. É o que eu digo, não vamos mudar a cabeça de toda

a gente. Nós, agora vocês vai ver, deus queira que aparece muita gente, mas vai haver muita gente que não vai aparecer...

**A** – Pronto, da minha parte está tudo. Muito obrigada.

**R4** – Eu no que puder ajudar, eu ajudo.

## APÊNDICE S. GRELHA DE ANÁLISE DA ENTREVISTA À TÉCNICA DA HS

**Intervenientes:** aluna de mestrado e técnica da habitação social

**Data:** 20 de fevereiro de 2023

**Local da realização:** Casa da Portela

**Hora da realização:** 10h às 10:15h

**Duração:** 15 minutos

<b>Tema</b>	<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Registo e síntese interpretativa</b>	<b>Contexto/Discurso do entrevistado</b>
	<b>I.Dados sociodemográficos</b>	a. Idade	41 anos.	
		b. Habilitações académicas	Licenciatura em sociologia.	

<p><b>Experiência profissional e atuação da Divisão de Desenvolvimento e Coesão Social</b></p>	<p><b>II.Divisão de Desenvolvimento e Coesão Social</b></p>	<p>c. Percurso profissional</p>	<p>Vínculo ao Município de Amarante desde 2003 e desempenha funções de socióloga há 19 anos.</p>	<p>“Tenho vínculo ao Município de Amarante desde 2003, aquando realização de estágio curricular e tese de licenciatura na área da educação; posteriormente realizei estágio profissional, seguindo-se 5 anos de contrato de trabalho a termo e ingressei em 2011 o contrato de trabalho por tempo indeterminado”</p>
		<p>a. Prioridades de intervenção</p>	<p>Dinamização de programas de apoio de acesso à habitação.</p>	<p>“Atualmente defino como prioritária a dinamização de programas de apoio ao acesso à habitação”</p>
		<p>b. Recursos e potencialidades</p>	<p>Como recursos e potencialidades destaca a abrangência de medidas e de áreas de intervenção existentes, bem como o trabalho planeado e coeso.</p>	<p>“Consolidação de medidas de intervenção social nas diferentes áreas, a realização de um trabalho planeado e coeso.</p>

				Abrangência de áreas diversificadas, como infância e juventude, terceira idade, igualdade e violência doméstica, habitação, defesa do consumidor, apoio económico e apoio psicológico”
		c. Aspetos que condicional a ação	Contudo, os aspetos que salienta como condicionantes da ação da DDCS são: as questões financeiras e a falta de recursos humanos.	“Principalmente questões de foro orçamental e conseqüente falta de pessoal, sobretudo administrativo”
		d. Articulação entre as várias medidas e respetivos profissionais	Uma articulação eficaz entre as várias medidas e projetos existentes, mas também entre os diversos profissionais.	“Considero que existe uma eficaz articulação entre as medidas e equipa técnica da DDCS”

Urbanização de S. Lázaro	I.Habitação Social	a. Medida habitação social	A técnica está inserida na medida da habitação social desde 2008, destacando como potencialidades desta a renda. Ou seja, o facto de a renda além de ser apoiada, também ser adequada à situação sociofamiliar e socioeconómica do agregado familiar.	“A principal vantagem da Habitação social é o regime de renda apoiada, sendo as rendas adequadas à situação familiar e económica dos inquilinos, o que, confere também estabilidade habitacional e consequentemente familiar”
	II.Urbanização S. Lázaro	a. Caracterização dos/as moradores/as	Relativamente às 208 pessoas que são abrangidas por esta medida, indica que é sobretudo uma população idosa, do sexo feminino, em situação de reformados/pensionistas e famílias isoladas ou famílias monoparentais. Além disso, são pessoas multiassistidas, ou seja, que se	“Atualmente, os residentes nos empreendimentos de habitação social é uma população envelhecida, com prevalência do sexo feminino. Um elevado número de pensionistas/reformados. A % de famílias acompanhadas noutras medidas,

			<p>encontram ao abrigo de outras medidas como a CPCJ e o RSI.</p> <p>Apesar de concordar que, em grande escala, são as mulheres são o grupo social que mais recorrem às medidas de apoio social do concelho, menciona que, na habitação social, não é assim tão linear.</p>	<p>como a CPCJ e RSI, é residual. Há um elevado número de famílias isoladas ou monoparentais”</p> <p>“(..) se trata de um público, maioritariamente, sem atividade profissional”</p> <p>“(..) contudo no que concerne aos pedidos de habitação social e relação contratual, não será tão linear. Há tanto homens como mulheres!</p>
		b. Urbanização e comunidade	<p>Caracteriza a Urbanização de S. Lázaro como um bairro de habitação social bem localizado e próximo de serviços, equipamentos e de redes de transporte.</p>	<p>“(..) está bem localizado e próximo de serviços e comércio essenciais para os moradores; dispõe também de proximidade com rede de transportes; no que</p>

			<p>Relativamente aos/às moradores/as, afirma que os/as mesmos/as estão integrados socialmente na sociedade, apesar de algumas pessoas se encontrarem em situação de maior fragilidade, quer por motivos de idade, quer por motivos de saúde.</p> <p>Embora indique que as pessoas se identificam com o espaço, não existe uma identidade coletiva, uma vez que as relações entre moradores/as são quase inexistentes, salvo um grupo restrito. Indica, ainda que, não existe a auto-organização dos/as moradores/as em prol de necessidades e problemas comuns, nem verifica essa vontade nos/as moradores/as.</p>	<p>concerne a sentimento de pertença, considero que as pessoas se identificam com o espaço, no entanto não existe uma identidade coletiva, pois as relações entre moradores, salvo um grupo restrito, são fugazes. Não existe uma organização coletiva entre os moradores e também não vislumbro essa vontade”</p> <p>“(..) na generalidade são famílias funcionais e perfeitamente integradas socialmente. São identificadas alguns indivíduos mais frágeis, em virtude da idade ou doença de foro mental e que carecem de apoio”</p>
--	--	--	--	--

		c. Potencialidades e recursos	<p>Identifica como potencialidades a disponibilidade das pessoas e um sentimento de partilha e interajuda entre alguns/mas moradores/as.</p> <p>Como recursos, para o desenvolvimento do projeto, indica: uma técnica de intervenção social e comunitária, desenvolvimento de projetos/ atividades de inclusão pela arte, de animação sociocultural e o espaço físico para dinamização de encontros dos/as moradores/as.</p>	<p>“(..) a maior potencialidade que consigo identificar é a disponibilidade”</p> <p>“(..) existe num grupo restrito de moradores (lote 2) um sentimento de partilha e interajuda”</p> <p>“Técnica de intervenção social e comunitária; desenvolvimento de projetos/ atividades de inclusão pela arte, de animação sociocultural. Espaço físico para dinamização de encontros dos moradores”</p>

		<p>d. Problemas e necessidades</p>	<p>Refere que, neste momento, tendo em conta que já ocorreu uma reabilitação física na Urbanização, é necessário o desenvolvimento de um projeto de intervenção comunitária que fomente a proximidade e as relações entre moradores/as, mas que também possa trabalhar as competências pessoais e sociais dos mesmos. Concomitantemente, indica que é necessário que os/as moradores/as se organizem para a limpeza e manutenção dos espaços comuns.</p> <p>Considera que seria importante o Município desenvolver ações de intervenção comunitária, adequadas também a pessoas com mais de 65 anos.</p>	<p>“Identifico a necessidade de um projeto de intervenção comunitária que promova relações de proximidade entre os moradores, desenvolvimento de competências pessoais e sociais, tendo por base uma componente social/ convívio. Organização dos moradores para limpeza e reparações dos espaços comuns”</p> <p>“Ações de intervenção comunitária, adequadas a pessoas com mais de 65 anos, nos âmbitos acima referidas”</p>
<p><b>Conclusão</b></p>	<p>As repostas da técnica vão ao encontro dos resultados obtidos no inquérito por questionário e, por isso mesmo, as potencialidades, os recursos, os problemas e as necessidades identificadas pela técnica, são também identificadas pelos/as moradores/as.</p>			

Em relação à DDCCS, de facto, a técnica refere a existência de uma diversidade e uma abrangência de medidas e serviços, mas também de articulação entre os mesmos e entre os/as profissionais. Contudo, indica que há falta de recursos humanos para se dar resposta a todas as problemáticas. Reforça a existência de um trabalho coeso, planeado e articulado.

No que diz respeito à medida da habitação social, menciona que a principal vantagem é o facto de a renda ser apoiada, mas também de ter em conta a situação familiar e económica do agregado familiar o que, de certa forma, confere estabilidade habitacional e familiar. Caracteriza a população dos bairros de habitação social, como uma população mais idosa, maioritariamente do sexo feminino e reformada/pensionista., sendo que, as famílias são, sobretudo, famílias isoladas e famílias monoparentais Indica uma percentagem de famílias acompanhadas por outras medidas, como pela CPCJ e pelo RSI, o que, por sua vez, demonstra a existência de famílias multiassistidas. Apesar de alguns documentos institucionais aludirem para o facto de serem as mulheres o grupo social que mais recorre às medidas de apoio social do concelho, a técnica concorda com a afirmação, embora afirme que na habitação social não é assim tão linear.

Mais concretamente, em relação à Urbanização de S. Lázaro, caracteriza as famílias como funcionais e integradas na sociedade, embora indique que hajam moradores/as mais frágeis devido à idade ou a problemas de saúde.

Destaca como potencialidades a disponibilidade das pessoas, mas também o sentimento de partilha e interajuda entre alguns/as moradores/as. Porém, sente que é necessário a existência de projetos de intervenção comunitária e de desenvolvimento comunitário, assentes na questão da educação para a cidadania, mas também ligados à promoção de relações de sociabilidade e de proximidade entre os/as moradores/as, de desenvolvimento de competências pessoais e sociais e de organização dos/as moradores/as em prol de problemas e necessidades comuns (limpezas e manutenção do espaço comum

	<p>e reparações). Sente, ainda, que é necessário o desenvolvimento de ações de intervenção comunitária para pessoas com mais de 65 anos.</p> <p>Como recursos, identifica a técnica de intervenção social e comunitária, o desenvolvimento de projetos/ atividades de inclusão pela arte, de animação sociocultural, tendo em conta os gostos dos/as moradores/as e um espaço físico para dinamização de encontros dos/as moradores/as.</p>
--	---

*Tabela 18 - Análise da entrevista à técnica da HS*

## APÊNDICE T. GRELHA DE ANÁLISE DA ENTREVISTA À RE1

**Intervenientes:** aluna de mestrado e representante de entrada 1

**Data:** 24 de março de 2023

**Local da realização:** Casa da Portela

**Hora da realização:** 11h às 11:22h

**Duração:** 22 minutos

<b>Tema</b>	<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Registo e síntese interpretativa</b>	<b>Contexto/Discurso do entrevistado</b>
	<b>I.Dados sociodemográficos</b>	a. Idade	43 anos.	"43 anos"
		b. Habilitações académicas	12.º ano.	"Tenho o 12.º ano"

<b>Dados sociodemográficos</b>		c. Percurso profissional	A moradora trabalha no Município de Amarante há quase 20 anos, sendo que esteve, sempre, bastante envolvida na comunidade e na dinamização local. Já trabalhou em projetos sociais e em projetos da área da Educação e Juventude, no museu e no posto de turismo e, mais recentemente, colabora na área do desporto, estando presente em diversos projetos.	<p>“Trabalho aqui no município já há quase 20 anos. Comecei pela dinamização local”</p> <p>“Já passei também pelos projetos sociais e trabalhei no museu, na vigilância, e no posto de turismo. Participei também em eventos culturais promovidos pelo município”</p> <p>“Já estive também na parte.. na educação e continuei nos transportes escolares, universidade júnior, voluntariado jovem, pré-ocupate, portanto nas medidas da juventude”</p> <p>“Desde 2011 estou mais na parte do desporto, na gestão desportivo e de eventos, associativismo desportivo”</p>
	<b>II. Local de residência</b>	a. Tempo que vive na	Vive na Urbanização há quase 15 anos e considera que a melhor fase da Urbanização foi	“Antigamente havia uma comissão de moradores (...) em que havia reuniões vastas aqui na Portela com todos os moradores de

		Urbanização S. Lázaro	quando se estabeleceu uma Associação de Moradores que, recentemente não existe, uma vez que permitia uma melhor organização entre todos.	forma a organizar e de forma a civilizar as pessoas a morarem em comunidade. Acho que esse projeto resultou bastante. Depois foi água abaixo como tudo... Já vivo ali há quase 15 anos e penso que essa foi a melhor fase. A melhor fase ali da Urbanização, a nível habitacional”
<b>Urbanização de S. Lázaro</b>	<b>I. Ação enquanto representante de entrada</b>	a. Entrada e relações de vizinhança	<p>É representante da entrada 1 do lote 3. Indica que, nesta entrada, moram, sobretudo, mulheres já reformadas.</p> <p>Refere que existem alguns conflitos, principalmente em relação à limpeza e organização do espaço comum, mas que tenta resolver da melhor forma.</p>	<p>“(…) na minha entrada não tenho que dizer, é tudo basicamente mulheres, já com uma certa idade”</p> <p>“(…) é certo que há sempre alguns conflitos, mas quando há conflitos, as pessoas têm a mania de me bater a porta para tentar organizar. E aí está, já vem dessa comissão de moradores que um dia foi instaurada. Acho que as pessoas estão contentes pelo facto de eu lá estar para gerir estes conflitos que às vezes as pessoas explodem por nada. A nível de limpezas do</p>

				<p>espaço, algumas limpam e outras não e vêm fazer queixa que estas não limpam e eu limpo mas aí está eu prefiro pegar e ir limpar e amenizar as coisas do que ir à bater porta das pessoas e mandar vir com elas não é?”</p>
		<p>b. Funções enquanto representante de entrada</p>	<p>As funções, enquanto representante de entrada, passam não só pela resolução de conflitos, mas também por ajudar naquilo que os/as vizinhos/as precisam, quer a nível pessoal ou social. Ou seja, tanto ajuda a resolver problemas na casa, nos telefones ou na medicação, como também a levar documentos para a CMA.</p>	<p>“(..)é ajudar as pessoas naquilo que elas precisam quer a nível profissional quer a nível pessoal ou trazer documentos para o município, pedir-me alguma informação ou até ir a casa delas e chegar no sei lá fazer qualquer coisa lá em casa. Pronto, ajudar em alguma coisa (...) Mas pronto, eu lido bem com isto e gosto de ajudar”</p>

		c. Estratégias utilizadas para ouvir as pessoas	Não referiu.	
	<b>II. Urbanização e comunidade</b>	a. Potencialidades e recursos	<p>Considera que as pessoas estão disponíveis para participar em projetos/ações comunitárias, uma vez que não têm nenhuma ocupação.</p> <p>Refere que existe espírito de entre ajuda em algumas entradas, como na entrada que representa.</p>	<p>“(…)Hum.. de resto disponíveis as pessoas estão, elas sempre em casa não é? Disponibilidade ali não falta”</p> <p>“Espírito de entre ajuda sim há. Por exemplo, na minha entrada, quando as pessoas me procuram eu ajudo, quando consigo, conforme”</p>
		b. Necessidades e problemas	<p>Como problemas, menciona: os conflitos, a falta de respeito e o incumprimento de horários para se fazer barulho. Deu alguns exemplos como: o facto de</p>	<p>“Mas, falta é aqui alguma sei lá.. mudança de mentalidades hum hum de forma a conviverem em comunidade e saber o lugar que ocupam não</p>

			<p>alguns/as moradores/as fazerem barulho depois das 22h da noite e não respeitarem as pessoas idosas, o ocuparem mais que um lugar de estacionamento apenas para um carro e o facto de não terem cuidado com o estendal comunitário.</p> <p>Além disso, em relação aos espaços comuns de convívio, indica que as pessoas não se sabem comportar nem respeitar, nem dar oportunidade para os/as outros/as moradores/as usufruírem do espaço. Ou seja, fala de</p>	<p>é? Tipo aquela aquilo não é só delas têm que se preocupar mais com os outros com os vizinhos”</p> <p>“Eu só vou dar um exemplo, foi lá colocado um estendal comunitário para que toda a gente com falta de espaço dentro de casa possam estender a roupa cá fora e há pessoas que não têm a mínima noção. Há pessoas que têm ali a roupa quinze dias, até quando está um sol abrasador. Ou seja, não dão oportunidade para os outros também estenderem a sua roupa ali, não é? E depois parece que têm ali lugares marcados..”</p> <p>“É isto e por exemplo os lugares dos carros quando estacionam, eles não olham para as outras pessoas, eles são capazes de ocupar três lugares para estacionar o seu carro, desde que o seu carro esteja bem os outros que se entendam, não se importam”</p>
--	--	--	---	--

			<p>apoderamento dos espaços por parte de algumas pessoas.</p> <p>Menciona, ainda, problemas na comunicação entre moradores/as o que, por sua vez, gera conflitos desnecessários.</p> <p>Outro problema identificado pela representante é o facto de as pessoas se acomodarem com os apoios que recebem do Estado.</p>	<p>“(..).na entrada de cima, naquela que fica de frente para o pavilhão, que as pessoas depois de almoço e depois de jantar, mais no verão, elas juntam-se ali, fazem um basqueiro enorme, bebem e depois não se sabem comportar. É preciso chamar a GNR, perturbam os vizinhos e dá mau aspeto e mau ambiente ali”</p> <p>“(..). Aí esta, as pessoas não sabem conviver entre si de forma saudável, há limites”</p> <p>“(..). E, depois as pessoas têm cães lá dentro que não devem estar e arrastam correntes e arrastam moveis, depois são as crianças que não são educadas e fazem barulho. É normal as crianças fazerem barulho, mas também temos que as educar para que só podem fazer barulho</p>
--	--	--	---	--

				<p>até aquela hora, depois vão para a cama, vão descansar.”</p> <p>“Aqui, onde diz os problemas na comunicação é precisamente isso. As pessoas não sabem estar e depois criam mau ambiente e andam sempre a discutir uns com os outros. Ahm, depois o desaparecimento de grupo e de comunidade, uma coisa leva a outra. Falta de equipamentos e de espaço... ai está. Esse espaço que foi criado, lá da churrascaria, há um grupo de pessoas que se apoderam daquilo (...)Mas, é um espaço que fica apoderado, tal como acontece com a roupa, um espaço que fica apoderado por aquele grupo de pessoas, sem dar aos outros oportunidade de usufruírem.”</p> <p>“(..) Aí está, esses tais sítios comuns, esses espaços comuns que deveriam de ser para todos, são apoderados por um grupo de</p>
--	--	--	--	---

				<p>peças que vão para lá e que não sabem estar e fazem barulho e fazem coisas mal feitas, até se agredem e pronto, isso é mau para as pessoas que lá moram que não têm culpa nenhuma. E o bairro fica com má fama.”</p> <p>“(…) A ideia que tenho dali é... que as pessoas se acomodam com os rendimentos que recebem do Estado, não trabalham, estão habituadas a receber aquilo e acomodam-se assim.”</p>
		<p>c. Ações necessárias a ser desenvolvidas</p>	<p>A representante de entrada refere que, a nível de todos/as os/as moradores/as, seria necessário desenvolver ações de educação para a cidadania e de educação comunitária, para desenvolver com as pessoas o</p>	<p>“É assim, na minha opinião, as pessoas que lá estão e falo também na minha entrada não é? Com as outras não sei hum são pessoas que pronto que não têm assim grandes ocupações. Eu acho que era importante ocupá-las a fazer qualquer coisa ou em regime de voluntariado ou alguma coisa</p>

			<p>dever de responsabilidade e de civismo.</p> <p>Indica ser necessário desenvolver palestras e formações, nos mais variados temas.</p> <p>Além disso, menciona que se deveriam recuperar as reuniões entre moradores/as ou entre representantes de entrada, uma vez que estas permitiam o debate de assuntos do interesse dos/as moradores/as, bem como a organização entre todos/as.</p>	<p>que que elas gostassem de fazer para ocupar o tempo”</p> <p>“(..) tem haver com inculir nas pessoas o dever de responsabilidade e de civismo, não é?”</p>
		d. Estratégias que possam ser utilizadas para	Para a representante de entrada, as estratégias para envolver as pessoas nas	“Agora, se houvesse algumas palestras ou reuniões com essas pessoas, até sistematicamente para ver se conseguiríamos

		<p>envolver as pessoas nas iniciativas do projeto</p>	<p>iniciativas do projeto, deveriam ser estratégias ativas, que ouvissem as pessoas.</p> <p>Concomitantemente, considera que seria interessante envolver instituições ou parceiros locais para o desenvolvimento do projeto, como centros de dia ou o voluntariado (tornar as pessoas da Urbanização voluntárias, mas também irem voluntários à Urbanização, para se combater o isolamento de algumas pessoas que se encontram em situação de isolamento).</p>	<p>mudar alguma coisa, um projeto em que elas se sintam úteis e em que elas se sintam bem”</p> <p>“(..) Atividades intergeracionais, por exemplo, são vantajosas tanto para os séniores como para os jovens e, além disso, os idosos sentem-se muito sozinhos”</p> <p>“Exatamente, tornar as pessoas voluntárias e irem lá voluntários. Irem lá, conversar, ajudar, virem cá fora.. Porque não?”</p>
--	--	---	--	--

<b>Conclusão</b>	<p>A moradora é representante da entrada 1 do lote 3, entrada esta constituída, na sua maioria, por famílias isoladas e por mulheres, já reformadas. Enquanto representante de entrada, além de tentar resolver alguns conflitos, também ajuda os/as vizinhos/as naquilo que consegue.</p> <p>É uma moradora e representante bastante participativa na comunidade, uma vez que coopera com o Município nas mais variadas medidas e projetos, desde a área social, à área da educação e juventude.</p> <p>Vive na Urbanização há mais de 15 anos e considera que a melhor fase da Urbanização e da comunidade, foi quando existia uma Associação de Moradores, uma vez que esta, ao ter como obrigatoriedade reuniões na Casa da Portela, permitia o debate de interesses para os/as moradores/as, bem como a organização e a resolução de problemas e necessidades comuns.</p> <p>Apesar de mencionar que os/as moradores/as da Urbanização de S. Lázaro têm disponibilidade para participar em projetos comunitários, simultaneamente, considera que os/as mesmos/as não estão interessados e que, por esse motivo, é necessário recorrer-se a estratégias ativas e participativas, que permitam que os/as moradores/as sejam ouvidos, mas que também lhes permita um sentimento de autorrealização.</p> <p>Contudo, indica que existem conflitos, falta de respeito e incumprimento de horários para se fazer barulho na Urbanização, bem como uma espécie de apoderamento, por um grupo de pessoas, dos espaços comuns de convívio. Além disso, menciona a existência de problemas de comunicação e de acomodação por parte dos/as moradores/as.</p>
------------------	---

	<p>Assim, indica ser necessário desenvolverem-se ações no âmbito da educação para a cidadania e educação comunitária, bem como palestras nos mais variados temas e reuniões para a auto-organização dos/as moradores/as. Julga, ainda, ser interessante envolver a comunidade de S. Lázaro no voluntariado, mas também envolver algumas instituições e parceiros locais no desenvolvimento das ações do projeto.</p> <p>Por fim, é de salientar uma parte do discurso da representante: “é que as pessoas não olhassem só para elas, que as pessoas comecem a pensar que vivemos em comunidade e que precisamos todos uns dos outros, que há pequenos detalhes que as pessoas fazem e que dá para ver como elas são. As pessoas não se preocupam com os outros. E dos exemplos que dei, há muitos mais. Acho que as pessoas têm também de se preocupar com os outros, não olhar só para o próprio umbigo para que todos vivam bem em comunidade.”</p>
--	---

*Tabela 19 – Análise da entrevista à RE1*

## APÊNDICE U. GRELHA DE ANÁLISE DA ENTREVISTA À RE2

**Intervenientes:** aluna de mestrado e representante de entrada 2

**Data:** 27 de março de 2023

**Local da realização:** Urbanização S. Lázaro

**Hora da realização:** 11h às 11:15h

**Duração:** 15 minutos

Tema	Categoria	Subcategoria	Registo e síntese interpretativa	Contexto/Discurso do entrevistado
	I.Dados sociodemográficos	a. Idade	36 anos.	"36"
		b. Habilitações académicas	12.º ano.	"Tenho o 12.º ano"

<b>Dados sociodemográficos</b>		c. Percurso profissional	Não referiu.	
	<b>II. Local de residência</b>	a. Tempo que vive na Urbanização S. Lázaro	Vive na Urbanização há 22 anos, sendo que o motivo que a levou a morar em S. Lázaro, foram problemas familiares.	<p>"Há 22 anos"</p> <p>"Eu vim viver porque fomos obrigados a sair de lá, porque a casa foi a segurança social que arranjou. A minha mãe sofreu violência doméstica e a renda era paga através da segurança social e assim, e então fomos obrigados. Obrigados não, a Câmara arranja uma"</p>
<b>Urbanização de S. Lázaro</b>	<b>I. Ação enquanto representant e de entrada</b>	a. Entrada e relações de vizinhança	A moradora representa a entrada 1 do lote 1, sendo que a mesma considera que não existem laços sociais nem relação entre os/as moradores/as.	<p>"A minha entrada é o número 51. Entrada do lote 1. Como é que é a relação entre os vizinhos? Não há relação. Basicamente não há relação nenhuma. Não há mesmo relação nenhuma"</p> <p>"As pessoas... Como é que eu ia dizer? Não tem com o que se ocupar, sabes? E estão sempre a falar mal da vida dos outros, inventam coisas"</p>

				que não existem. Portanto, não há relação nenhuma.”
		b. Funções enquanto representante de entrada	<p>Desempenha funções de representante de entrada há 7/8 anos apesar de, neste momento, o seu papel é mais teórico do que prático. Contudo, embora não seja frequente, tenta resolver alguns conflitos e alguns problemas relativos à falta de limpeza e à falta de organização.</p> <p>Considera que não existe a vertente prática do representante de entrada, porque também não há incentivo por parte dos serviços da Câmara e, por isso, afirma ser necessário recuperar algumas dinâmicas, como as</p>	<p>“Mas, sinceramente, representar, fazer, não faz nada. Porque assim, vou te ser sincera, não tenho problema nenhum. A Câmara também não quer saber de nada, para começar. A Câmara é tipo, é o representante e passam a pasta para o representante. O representante é que tem que resolver... Tu como representante, tipo, tens que resolver a situação de limpeza, tens que ir falar com os vizinhos, tens que tentar entrar na cabeça deles porque eles acham que... Basicamente não há respeito, percebes?”</p> <p>“Haver a ação e haver a prática”</p> <p>“A minha função? Neste momento? Fiquei representante, mas... Está parado, é como não existisse nada ali.”</p>

			<p>reuniões. Além disso, afirma ser necessário um maior envolvimento por parte da Câmara na Urbanização.</p>	<p>“Na minha opinião, quando havia as reuniões de representantes, não é? E existia tipo mais controle nas próprias pessoas de falar, no setor da limpeza também. As pessoas limpavam mais, existia o mapa, tínhamos aquelas reuniões, não é? Basicamente é isso”</p> <p>“(..) A câmara devia se envolver mais e eu acho que devia ser mais mais rígidas em certas coisas. Percebes? Porque por deixar assim ao abandono aquilo está abandonado. Eles até podem dizer que não. Mas está porque ninguém quer saber. Ninguém quer saber. Acontece alguma coisa. Ninguém quer saber”</p> <p>“Vou voltar à câmara outra vez... Eu acho que a câmara devia ter mais interesse. Demonstrar mais interesse”</p>
--	--	--	--	---

		c. Estratégias utilizadas para ouvir as pessoas	<p>A representante apesar de ouvir as pessoas, tenta não dar opinião.</p> <p>Menciona que os/as moradores/as não consideram os representantes de entrada como algo útil e benéfico quer para a Urbanização, quer para eles próprios e, neste sentido, afirma ser necessário trabalhar estas questões com os/as moradores/as.</p>	<p>"A minha estratégia é ouvir, não dar opinião, porque ali não se pode ter opinião. Tu não podes dar opinião à pessoa, porque a pessoa já está a defender o outro, a isto e aquilo, estás a entender?"</p> <p>"Que não querem aprender nada e não conseguem entender com é útil o representante. Se tiveres algum problema, alguma coisa, dizes ao representante e ele transmite, tipo ao município, a quem é de direito, estás a perceber? Deveria ser essa a ideia. Mas eles não, eles estão mais focados noutras coisas (...) Agora, o que é o principal? O que era mesmo preciso? As pessoas não têm essa capacidade de ver."</p>
	<b>II. Urbanização e comunidade</b>	a. Potencialidades e recursos	<p>Indica que existe algum espírito de entreajuda em alguns/as moradores/as e até convívio.</p>	<p>"(...) As pessoas que estão em cima não são aquelas pessoas que querem união e mudança.. É tudo igual"</p>

			Afirma que as melhores atividades que ocorreram na Urbanização foram o teatro e o churrasco entre todos/as.	“Sim sim. Foi as duas melhores atividades, foi o churrasco e o teatro que houve lá no palco. Foram as melhores, sim.”
		b. Necessidades e problemas	Contudo, refere que não existe respeito, nem vontade de mudar por parte de algumas pessoas. Além disso, falta de participação por parte dos/as moradores/as em atividades e/ou em projetos que tenham existido na Urbanização.	“(…) Mas, quando há atividades para fazer, eu falo do projeto em que estive inserida lá a trabalhar, o PPI que era do Escolhas, eu era a dinamizadora lá. Havia atividades, mas ninguém aparecia. Tinha que andar atrás deles, tipo a quase ajoelhar para ir às atividades. Isso aí é tudo teórico. E eles falam para parecer bonito. Mas... depois na prática”
		c. Ações necessárias a ser desenvolvidas	A representante de entrada refere ser necessário desenvolver ações e atividades no sentido da educação para a cidadania, para os direitos e deveres e para o respeito entre todos, bem como	“Eu sou sincera, o que é que eu acho que devia ser melhorada? Acho que devia de haver mais formações de saber estar perante a sociedade, de educação para a cidadania”  “(…) Não sabem o que é respeito, não sabem o que é estar em sociedade. Entendes? Isso era

			para o sentido de comunidade e de viver com os outros.	uma das atividades. Mas o problema aí é que as pessoas... Para aparecer”
		d. Estratégias que possam ser utilizadas para envolver as pessoas nas iniciativas do projeto	<p>Porém, a representante, apesar de afirmar que é necessário desenvolver projetos de educação e intervenção comunitária na Urbanização, não tem resposta para que estratégias utilizar para tornar as pessoas mais ativas na comunidade envolvente. Considera que se deve envolver a sociedade nestes projetos.</p> <p>Indica, ainda, que se houver lanche as pessoas aparecem.</p>	<p>“Isso é uma pergunta que eu também queria ter uma resposta para lhe dar. Neste momento não tenho mesmo”</p> <p>“Logo que envolva a comunidade é bom. Até pode ir uma pessoa só, mas já é bom. Já, já é bom.”</p> <p>“Queres uma boa ideia? Olha haver sempre lanche vai aparecer sempre alguém estás a perceber? Já é uma estratégia para começar a cativar o resto. É um bocado estúpido que eu estou a dizer não é? Ali funciona assim está bem”</p>
<b>Conclusão</b>	A moradora é representante da entrada 1 do lote 1, há 7/8 anos. De forma geral, através do seu discurso, é notório a inexistência de laços sociais e de relações de sociabilidade comunitária entre os/as moradores/as de S. Lázaro. Em relação ao papel do representante de entrada, indica que este apenas existe na teoria, porque na prática, nos últimos anos, nada se			

tem feito. Considera que este “congelamento” do papel dos representantes de entrada, advêm não só do facto de as pessoas não verem o representante de entrada como algo útil e benéfico para eles e para a Urbanização, mas também porque os serviços da Câmara, com o passar do tempo, acabaram por se afastar destas questões. Assim sendo, julga ser necessário voltar a envolver a Câmara e os/as moradores/as nestas questões, recuperando-se algumas dinâmicas, como as reuniões.

No que diz respeito às potencialidades, refere que existe algum espírito de entre ajuda, entre um grupo restrito de moradores/as, e algum convívio. Porém, menciona que nem sempre este convívio é positivo, uma vez que, por vezes leva a conflitos e à intervenção da GNR. Por isso mesmo, menciona que não existe respeito entre moradores/as nem sentido de grupo e/ou comunidade, visto que as pessoas não sabem viver em comunidade. Além disso, indica que existe pouca adesão por parte dos/as moradores/as a projetos comunitários e à atividade associativa. Desta forma, considera ser necessário o desenvolvimento de projetos que trabalhem as questões de cidadania, de direitos e deveres, de saber ser, saber estar e saber aprender a viver juntos e a viver com os outros. Concomitantemente, julga ser importante envolver a comunidade envolvente no desenvolvimento do projeto.

Apesar de considerar que poderá vir a existir pouca adesão dos moradores/as no desenvolvimento do projeto, menciona que “(...) mas é importante o que estas a fazer, mas depois vais ver a realidade do que te estou a dizer, é isso.” Isto porque, “(...) tentar já é um bom começo, atenção. Mas é assim que funciona. Nós também no projeto tipo era complicado às vezes tinha uma duas três pessoas mas é sempre é sempre as mesmas pessoas sabes? Prontos... mas se tu em 10 conseguires mudar a mentalidade de 1 já é uma vitória, estas a ver”. Afirmo, várias vezes que, “sabes que a mudança tem que vir das pessoas, certo?”

## APÊNDICE V. GRELHA DE ANÁLISE DA ENTREVISTA À RE3

**Intervenientes:** aluna de mestrado e representante de entrada

**Data:** 27 de março de 2023

**Local da realização:** Casa da Portela

**Hora da realização:** 14:40h às 15h

**Duração:** 20 minutos

Tema	Categoria	Subcategoria	Registo e síntese interpretativa	Contexto/Discurso do entrevistado
	I.Dados sociodemográficos	a. Idade	69 anos.	"A minha idade? 69"
		b. Habilitações académicas	6.º ano.	"6.º ano"

<b>Dados sociodemográficos</b>		c. Percurso profissional	A representante de entrada, trabalhou muitos anos na Casa da Portela.	"Trabalhar aqui na Casa da Portela. Trabalhei aqui 13 anos, já faço parte da família. E fora daqui também trabalhei"
	<b>II. Local de residência</b>	a. Tempo que vive na Urbanização S. Lázaro	Vive na Urbanização de S. Lázaro há 13 anos e, foi para lá viver, por motivos familiares.	"Tanto tempo que o meu trabalho aqui. Há 13 anos"  "Pronto, eu deixei o meu marido e vim para ali aluguei ali um apartamento e ali foi que o meu filho faleceu. E depois quando vim trabalhar para aqui, que a renda lá era muito alta, e então pedi para vir para S. Lázaro"
<b>Urbanização de S. Lázaro</b>	<b>I. Ação enquanto representante de entrada</b>	a. Entrada e relações de vizinhança	A moradora é representante da entrada 3 do lote 2 e, indica, que não relação entre os/as vizinhos/as. É, sobretudo, uma relação cidadina, de "bom dia e boa tarde".	"É isso, não dou confiança porque não se pode. Pelo menos ali na minha entrada não se pode fazer"  "É igual, é como eu a quase. Bom dia, boa tarde, olá"

		b. Funções enquanto representante de entrada	Desempenha funções de representante de entrada desde que foi para a Urbanização de S. Lázaro, sendo que já contribui na aplicação de inquéritos de satisfação, na organização das limpezas e na transmissão de problemas à Câmara. Atualmente, divulga os problemas existentes à Câmara.	<p>“Sim, desde que fui para lá. Fazia os inquéritos, punha no papel das limpezas e tudo. Não adiantava. Não cumprem”</p> <p>“Ora bem, até divulgar o que se passa lá aqui na Câmara e a única coisa que me queixo mais é a limpeza”</p>
		c. Estratégias utilizadas para ouvir as pessoas	Não utiliza nenhuma estratégia para ouvir os/as moradores/as indicando que, na maioria das vezes, são as pessoas que a procuram.	“É assim, as pessoas quando me vêm falam comigo, outras vezes, sou eu que calho de ouvir e reporto”
	<b>II. Urbanização e comunidade</b>	a. Potencialidades e recursos	Refere que existe alguma convívio e alguma entreaajuda entre alguns/mas moradores/as.	

		<p>b. Necessidades e problemas</p>	<p>Como problemas, indicou a existência de conflitos (com consequência de intervenção da GNR), a falta de respeito e de comunicação entre os/as moradores/as. Além disso, refere que existe barulho, o desaparecimento do sentido de grupo e de comunidade e falta de equipamentos e espaços comuns de convívio.</p>	<p>“E o churrasco há sempre e há pancadaria e insultos. Não resultava. Todos os fins de semana e agora vem o verão. É que eles continuam a fazer lá o churrasco, só que depois bebem demais e depois é preciso chamar a GNR.”</p>
		<p>c. Ações necessárias a serem desenvolvidas</p>	<p>Julga ser necessário o desenvolvimento de ações de educação para a cidadania, de se trabalharem os direitos e deveres e, ainda, de se criar um Guia de Morador.</p> <p>Além disso, considera ser necessário a construção de um espaço para as crianças brincarem e de se voltar a</p>	<p>“Trabalhar algumas questões de cidadania. Trabalhar direitos e deveres”</p> <p>“O que eu pensava para ali era mais espaço. Era um jardim para os miúdos brincarem. Agora andarem ali na rua, a jogar a bola e essas coisas... ter um espaço para eles brincarem.”</p>

			<p>abrir a sala, que funcionava como um gabinete de proximidade entre os/as moradores/as e a Câmara. Isto porque, do ponto de vista da representante de entrada, é necessária e urgente uma intervenção mais ativa por parte dos serviços da Câmara.</p>	<p>“Olhe é ir lá ver a tal sala que foi fechada, voltar abrir e tentar fazerem ali alguma coisa, para ver se aquelas pessoas abriam mais a cabeça”</p> <p>“Sim, era isso. A gente quando faz o contrato no contrato diz não fazer barulho ou limpeza das escadas, mas não é nada feito e ninguém quer saber. Devia haver uma ação mais ativa por parte da Câmara. Mais vigilância, pronto. Qualquer coisa que as pessoas dissessem “se eu fizer isso vão me cair em cima”, que os assustasse. Assim, não vejo”</p>
		<p>d. Estratégias que possam ser utilizadas para envolver as pessoas nas</p>	<p>Como estratégias que possam ser utilizadas para envolver as pessoas nas iniciativas do projeto, indica a utilização de convocatórias e de um</p>	<p>“Parece-me bem, ver se aparecem. E pode ser que com um pequeno lanche, diga lá que com um lanche eles aparecem. Meta assim qualquer coisa que os cative e que eles pensem “temos que ir”</p>

		iniciativas do projeto	espaço, no final as ações, para o convívio e para um pequeno lanche.	
<b>Conclusão</b>	<p>A moradora é representante da entrada 3 do lote 2. Considera que não existe relação quase nenhuma entre os vizinhos e, por isso, a relação que existe é uma relação muito próxima da relação cidadina, não existindo espaço para a sociabilidade comunitária.</p> <p>Enquanto representante de entrada, antigamente, colaborava na aplicação de inquéritos de satisfação, na organização das limpezas e na transmissão de informações da Câmara para os/as moradores/as e vice-versa. Atualmente, indica que não existe, na prática, o papel de representante de entrada e, por isso, apenas divulga alguns problemas da Urbanização à Câmara.</p> <p>Relativamente às potencialidades e recursos existentes na Urbanização, menciona a existência de algum convívio e entreajuda entre alguns/mas moradores/as, embora refira que, na sua entrada, não é possível. Em relação aos problemas, indica a existência de conflitos, a falta de respeito e de comunicação entre os/as moradores/as, o barulho, o desaparecimento do sentido de grupo e de comunidade e falta de equipamentos e espaços comuns de convívio. Por isso mesmo, considera ser necessário o desenvolvimento de ações no âmbito da educação para a cidadania, dos direitos e deveres e de se criar um Guia de Morador, bem como da necessidade de a Câmara ter uma ação mais ativa na Urbanização. Fala de se recuperar a sala que existia na Urbanização, uma vez que era um elo de ligação entre os/as moradores/as e a Câmara.</p>			

*Tabela 21 - Análise da entrevista à RE3*

## APÊNDICE W. GRELHA DE ANÁLISE DA ENTREVISTA À RE4

**Intervenientes:** aluna de mestrado e representante de entrada

**Data:** 29 de março de 2023

**Local da realização:** Urbanização S. Lázaro

**Hora da realização:** 10:30h às 10:45h

**Duração:** 15 minutos

<b>Tema</b>	<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Registo e síntese interpretativa</b>	<b>Contexto/Discurso do entrevistado</b>
	<b>I.Dados sociodemográficos</b>	a. Idade	54 anos.	"Tenho 54 anos"
		b. Habilitações académicas	Sabe ler e escrever.	"Nada. Não tenho"

<b>Dados sociodemográficos</b>		c. Percurso profissional	Não referiu.	
	<b>II. Local de residência</b>	a. Tempo que vive na Urbanização S. Lázaro	A representante de entrada vive na Urbanização há cerca de 20 anos. Veio para S. Lázaro por motivos familiares. Já viveu na Régua.	“Ai já vivo aqui em S. Lázaro, há vinte anos? Há vinte não é? Eu vim estrear a casa”
<b>Urbanização de S. Lázaro</b>	<b>I. Ação enquanto representante de entrada</b>	a. Entrada e relações de vizinhança	A moradora é representante da entrada 2 do lote 2 e afirma que na sua entrada há relação entre os/as vizinhos/as e convívio, bem como a organização dos espaços comuns. Contudo, indica que na Urbanização existem conflitos.	“É da entrada não tenho de dizer. Somos muito amigos uns dos outros. Quando precisam das coisas uns os outros ajudámos uns aos outros. Não tenho nada a dizer da minha entrada”  “Relação? Não há. Eu tenho relação com gente que me dou bem com as pessoas. Agora o quando há conflitos é com os outros. Não é comigo”

		<p>b. Funções enquanto representante de entrada</p>	<p>Como representante de entrada, papel este que desempenha há mais de cinco anos, as suas funções passam por ouvir os/as vizinhos/as e os seus problemas, ajudar naquilo que pode e organizar a entrada. Considera que os/as vizinhos/as reconhecem o seu papel como benéfico quer para eles próprios, quer para a Urbanização.</p>	<p>“A ver se tem alguma coisa estragada. Chamaram a atenção para se compor. Quando os tapetes e tudo nas entradas estão sujos ou estão estragados, a gente compra”</p> <p>“Organizo. Não foi preciso ir à Câmara pedir nada”</p> <p>“Ainda na outra vez, quando a doutora fez a outra candidatura e nós fomos a reunião, os meus vizinhos da minha entrada disseram logo fica a D. Paula outra vez. Quiseram que eu ficasse e eu fiquei”</p>
		<p>c. Estratégias utilizadas para ouvir as pessoas</p>	<p>Normalmente, são os/as moradores/as que procuram a representante de entrada para dar conta dos problemas.</p>	<p>“Sim, as pessoas procuram-me e eu ouço-as. As pessoas que vivem sozinhas, por exemplo, eu ajudo. A gente o que precisa ajuda. O que for preciso compor, o meu filho vai lá e ajuda, por exemplo. As pessoas vêm conversar comigo e eu não me dou mal com</p>

				ninguém, dou-me bem com toda a gente. Quando as pessoas precisam eu sou amiga de toda a gente”
	<b>II. Urbanização e comunidade</b>	a. Potencialidades e recursos	<p>Concorda que existe espírito de entreajuda entre alguns/as moradores/as, convívio, uma vontade e uma disponibilidade dos/as moradores/as para dinamizar a Urbanização, bem como identificação de problemas comuns. Ao longo do seu discurso recordou, várias vezes, o teatro que houve na Urbanização, e no qual participou, e a sala comunitária que existia na Urbanização.</p> <p>Além disso, refere a localização da Urbanização como uma mais-valia.</p>	<p>“Há pessoas que o fazem, há outras que é como eu digo, nós estamos aqui meia dúzia delas, aos fins de semana fizemos churrasco, se for preciso comer aqui fora, comemos”</p> <p>“Nós aqui estamos num sítio bom. Nós aqui não podemos estar num sítio melhor”</p>

		<p>b. Necessidades e problemas</p>	<p>No que diz respeito aos problemas, a representante de entrada, identifica a falta de organização e conservação dos espaços comuns de convívio, a falta de comunicação e participação na vida comunitária. Refere, várias vezes, a falta de convívio, mas também a falta de predisposição de alguns/mas moradores/as para a sociabilidade comunitária. Além disso, ao longo do seu discurso, alude para o isolamento de alguns/mas moradores/as.</p>	<p>“(…) Depois lá está, a gente também não pode mandar nas pessoas que não querem. Quem sou eu para chegar aqui e dizer? Mas também não vou também andar sempre aqui a limpar porque as pessoas outro dia vai aí atrás está tudo cheio de lixo as pessoas. Tomam café deitam para ali, fumam e deitam no chão. Já é do espírito da pessoa não é? A pessoa se não quer ter as coisas limpas não tem”</p> <p>“Há pessoas que são pobres, mas também são pobres de espírito. Eu sou pobre mas eu quero sempre melhorar. A gente nunca nunca se quer deitar ao fundo. Quer sempre subir para cima. E há pessoas que não é bem assim”</p> <p>“Sim, há pessoas que estão muito sozinhas e eu ajudo no que precisam. Pronto, há</p>
--	--	--	--	--

				<p>peessoas que se metem dentro de casa e são como os bichos, não querem saber se o vizinho do lado precisa de um prato de comida, por exemplo”</p> <p>“É o que eu digo, é cada um é a cabeça de casa um. Quem sou eu ou a menina para virar a cabeça das pessoas? Se as pessoas não quiserem... A gente no S. João, juntamos aqui todos e comemos aqui todos. Há pessoas que não querem, pessoas que até nos criticam, “olha para ali”...”</p>
		<p>c. Ações necessárias a ser desenvolvidas</p>	<p>A representante de entrada, tal como os/as outros/as representantes considera ser necessário co-construir um Guia de Morador e trabalhar as questões relacionadas com o saber viver em comunidade e com os outros.</p>	<p>“Era atender estas pessoas que estão mais isoladas em casa”</p>

			Concomitantemente, na sua opinião, é necessário e urgente combater o isolamento de alguns/mas moradores/as, incentivando-os ao convívio e a ter uma participação mais ativa quer o convívio com os/as vizinhos/as, quer na comunidade envolvente.	
		d. Estratégias que possam ser utilizadas para envolver as pessoas nas iniciativas do projeto	Não refere estratégias. Indica apenas que algumas pessoas não estão interessadas em participar nas ações que poderão vir a ser desenvolvidas.	<p>“Olhe, eu vou ser franca... Vai ver que há pessoas que não vão ligar a isto. Há pessoas que não vão ligar a isto”</p> <p>“É o que eu digo, há pessoas que se for preciso nem ligam, rasgam e deitam fora, nem ligam as cartas. E, depois, se for preciso dizem que a Câmara não faz nada, que não quer saber disto para nada, é assim”</p>
<b>Conclusão</b>	A moradora é representante da entrada 2 do lote 2. Vive na Urbanização de S. Lázaro há 20 anos e desempenha funções de representante de entrada há mais de 5 anos. Os/as seus/as vizinhos/as, reconhecem o seu papel como útil e benéfico para			

eles e para a Urbanização, sendo que, a moradora, como representante de entrada, tenta ouvir os/as vizinhos/as e os seus interesses e necessidades, bem como tenta organizar a entrada, em termos de limpezas e de necessidades comuns. Além disso, afirma que, tanto como representante, como vizinha, ajuda as pessoas naquilo que pode.

Em relação à Urbanização, salienta a localização da mesma como uma mais-valia. Refere que existe espírito de entreajuda entre alguns/as moradores/as, convívio, uma vontade e uma disponibilidade dos/as moradores/as para dinamizar a Urbanização. Contudo, identifica alguns problemas, como: a falta de organização e conservação dos espaços comuns de convívio, a falta de comunicação e participação na vida comunitária.

Ao longo do seu discurso, menciona, várias vezes, a situação de isolamento em que se encontram alguns/as moradores/as, mas também o facto de outros/as moradores/as criticarem os convívios que existem na Urbanização. Assim sendo, a representante, considera ser necessário desenvolver ações para o saber viver com os outros e em comunidade, de se construir um Guia de Morador e, de através destes ações, se tentar combater o isolamento, bem como fomentar o espírito de grupo e de comunidade. Porém, também refere que alguns/as moradores/as não estão predispostos para estas mudanças – “(...) o convívio é muito bonito, se não tivermos convívio com as pessoas morremos ali à porta fechada. Eu não sei se esta senhora está doente, não sei se aquele senhor precisa de ajuda, não é? Quando há qualquer coisa, ao sábado, a gente está junta aqui, junta ali, as outras pessoas ainda me censuram, “oh que vergonha oh”, então vamos fazer o quê? Estar em casa e ficar mais deprimidas? Cada um tem a sua forma de ver as coisas”.

*Tabela 22 - Análise da entrevista à RE4*

## APÊNDICE X. DADOS DEMOGRÁFICOS DO MUNICÍPIO DE AMARANTE

IDADE	GÉNERO		
	Masculino	Feminino	Total
0-14 anos	3097	3075	6172
15-64 anos	16499	17865	34364
Mais de 65 anos	5144	6436	11580
<b>Total</b>	<b>24740</b>	<b>27376</b>	<b>52116</b>

Tabela 23 – Dados sociodemográficos dos municípios por idade e género

NÍVEL DE ESCOLARIDADE	GÉNERO		
	Masculino	Feminino	Total
Sem nível de escolaridade	1232	2353	3585
1.º CEB	6632	7323	13955
2.º CEB	2768	1981	4749
3.º CEB	4024	3859	7883
Ensino Secundário	4502	4809	9311
Ensino Médio	267	169	436
Ensino Superior	2218	3807	6025
<b>Total</b>	<b>21643</b>	<b>24301</b>	<b>45944</b>

Tabela 24 – Dados do nível de escolaridade dos municípios por género

EMPREGO E MERCADO DE TRABALHO	GÉNERO		
	Masculino	Feminino	Total
População ativa	12528	10.859	23387
População inativa	9115	13442	22557
População desempregada	741	1462	2203
População empregada	11787	9397	21184

Tabela 25 – Dados do emprego e mercado de trabalho dos municípios por género

## APÊNDICE Y. CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE AMARANTE

Amarante é conhecida como a terra onde distintas personalidades da cultura se destacaram a nível nacional e internacional. Nomes como Agustina Bessa-Luís, Amadeo de Souza-Cardoso, António Nobre, António Carneiro, Acácio Lino e Teixeira de Pascoaes, os quais partilham a dinâmica da sociabilidade e o desenvolvimento cultural, socioeconómico e social-urbano, não ficam indiferentes aos habitantes, nem a quem visita Amarante. O seu património histórico e cultural, rico e diversificado, são testemunho do papel de relevo que este território desempenhou na história da nobreza e das ordens religiosas em Portugal interioridade (Castro et al., 2014). Todavia, apesar de o Município de Amarante, possuir uma história rica e peculiar, de ser terra de tradições, de criatividade, de literatura e de pintura, também é possível identificar algumas problemáticas decorrentes, quer da estrutura, da conjuntura económica e social do país.

O concelho de Amarante está integrado na Região Norte e pertence à sub-região do Tâmega, no distrito do Porto, estabelecendo limites com os distritos de Braga e de Vila Real. A Oeste faz fronteira com os concelhos de Felgueiras, Lousada e Penafiel; a Sul com Marco de Canaveses e Baião; a Este com Santa Marta de Penaguião, Vila Real e Mondim de Basto; e finalmente a Norte com Celorico de Basto. Encontra-se integrado na Comissão Intermunicipal do Tâmega e Sousa, sendo este composto por: Baião, Castelo de Paiva, Celorico de Basto, Cinfães, Felgueiras, Lousada, Marco de Canaveses, Paços de Ferreira, Paredes, Penafiel e Resende.

Em 2013, o território de Amarante sofreu uma reorganização administrativa no que diz respeito às freguesias, acarretando, desta forma, a agregação de algumas das freguesias do concelho, nomeadamente: União das Freguesias de Aboadela, Sanche e Várzea; União das Freguesias de Amarante (São Gonçalo), Madalena, Cepelos e Gatão; União das Freguesias de Bustelo, Carneiro e Carvalho de Rei; União das Freguesias de Figueiró (Santiago e Santa Cristina); União das Freguesias de Freixo de Cima e de Baixo; União das Freguesias de Olo e Canadelo; União das Freguesias de Real, Ataíde e Oliveira; União das Freguesias de Vila Garcia, Aboim e Chapa.

Porém, para um melhor conhecimento e análise das dinâmicas intraterritoriais de Amarante, sempre que possível, adota-se um modelo no qual, o concelho de Amarante é dividido em quatro áreas, a saber: Centro Urbano de Amarante (composto por 3 freguesias), Centro Urbano de Vilã Meã (composto por 5 freguesias), Margem Direita (comporta por 12 freguesias) e Margem

Esquerda (composta por 20 freguesias). De acordo com o Diagnóstico Social de Amarante (Rede Social, 2013), os critérios utilizados para a definição deste modelo foram a proximidade geográfica, as atividades económicas de base e as características geográficas.

Como já foi possível de contestar, o Município de Amarante é o mais populoso da sub-região do Baixo Tâmega, com 52.116 habitantes, sendo que 24.740 são do sexo masculino e 27.376 do sexo feminino. O desenvolvimento da estrutura demográfica do concelho tem sido marcada por uma diminuição da população jovem, face a um aumento da população idosa, sendo que em 2021, de acordo com os Censos (INE, 2021), 6172 tinham idade compreendida entre 0 e 14 anos (11.84%); 6053 entre 15 e 24 anos (11.57%); 28311 entre 25 e 64 anos (54.36%) e 11580 com 65 e mais anos (22.22%). Contrastando com a sub-região do Tâmega e Sousa, a população amarantina, apresenta-se mais envelhecida (Seródio, Matias, Serra, Borges & Mano, 2023).

Nos últimos anos, tem-se assistido a uma maior “urbanização” e um esvaziamento dos espaços rurais, logo a mudanças nos hábitos e comportamentos dos amarantinos, nomeadamente ao nível dos consumos, que se tornam mais urbanos, com a conseqüente desvalorização do meio rural, da cultura e tradições locais. Concomitantemente, tem-se verificado uma diminuição da população mais jovem, sendo que, mais de metade das freguesias do território apresentam uma variação negativa da população em idade ativa. Neste prisma, denota-se que a taxa de natalidade e de fecundidade decresceu na última década, devido a entrada mais “tardia dos jovens no mercado de trabalho, permanecendo de forma prolongada na dependência da família, casamentos ou uniões de facto e fecundidade cada vez mais tardias e planeados, fruto da conciliação entre a vida familiar e profissional” (Rede Social, 2013, p.10).

Em termos de tipologias familiares verifica-se um aumento das famílias isoladas e monoparentais, representadas essencialmente pelo sexo feminino sendo que, a Carta Social do Município de Amarante (Seródio et al., 2023), declara que contrariamente ao continente e à região Norte, as famílias monoparentais cuja mulher tem o papel parental, aumentaram significativamente mais do que as que têm o homem nesse papel. No âmbito supraconcelhio, esta perspetiva familiar está mais presente nos centros urbanos, visto que é nestes territórios que a mulher detém mais presença. Porém, à data dos Censos de 2021, os núcleos familiares com filhos eram o tipo de núcleo familiar mais representando em Amarante (Seródio et al., 2023).

Do ponto de vista socioeconómico, na última década, verifica-se uma diminuição global do número de pessoas desempregadas registadas no Centro de Emprego de Amarante, sendo que a população local desempregada tem idade igual ou superior a 55 anos. Até 2017, a maioria dos trabalhadores por conta de outrem de Amarante não tinha cumprido a atual escolaridade obrigatória, sendo que as diferenças salariais se devem, essencialmente, à profissão principal que desempenham, ao seu nível de habilitações e ao escalão de empresa na qual trabalham (Seródio et al., 2021).

Atualmente, 2203 cidadãos encontram-se desempregados, dos quais 714 são do sexo masculino e 1462 do sexo feminino, o que, tal como já constatado em algumas documentos institucionais, demonstra o peso do desemprego feminino (INE, 2021). De acordo com os Censos (INE, 2021), a média anual de pessoas inscritas nos Centros de Emprego e de Formação Profissional é de 2546,3.

É certo que, em termos económicos, a crescente terciarização da economia e a forte aposta no setor da construção em detrimento das atividades de produção primária e transformadora têm colocado em causa o equilíbrio económico do aparelho produtivo local e o potencial de criação de emprego (Rede Social, 2013).

No que diz respeito à habitação, esta dimensão é um “forte indicador para analisar os fenómenos de pobreza e exclusão social, nomeadamente no que se refere a problemas de sobrelotação, insalubridade, ausência de infraestruturas básicas e condições de segurança” (Rede Social, 2013, p.13). Reportando os Censos de 2021 (INE, 2021), foram identificados no concelho de Amarante cerca de 29.443 alojamentos dos quais, 29.428 são alojamentos familiares e 15 são alojamentos coletivos. Destes 29.443 alojamentos clássicos 66,7% são de residência habitual, 20,5% de residência secundária e 12,7% encontram-se vagos. Contudo, neste temática, importa debruçarmo-nos sobre a medida Habitação Social.

Atualmente, o Município de Amarante possui seis complexos habitacionais, dos quais cinco se localizam no Centro Urbano de Amarante (Bairro do Barracão, Bairro da Bouça do Pombal, Bairro Cancela Abreu, Bairro da Chentuada e Bairro de S. Lázaro) e as frações restantes em Louredo e Padronelo. À exceção da Urbanização de S. Lázaro e da Bouça do Pombal, todos os edifícios são anteriores a 1974, apesar de já terem sido efetuadas algumas obras de reabilitação. Esta resposta

social apoia 204 famílias, sendo que na sua maioria são representadas por elementos do sexo feminino, verificando-se a existência de 43 agregados familiares monoparentais femininos (Seródio et al., 2021). Apesar da possibilidade de se expandir esta capacidade de resposta, na qual o Município já se encontra a trabalhar,

é considerável o número de agregados familiares que são atualmente integrados em habitação social” e, portanto “a existência de um parque habitacional público com a atual capacidade é uma mais-valia para o Município que, assim, pode dar resposta às carências e vulnerabilidades dos seus cidadãos (Seródio et al., 2021, p.69).

No que concerne à educação e a formação profissional, no Município de Amarante, estas procuram romper com os ciclos viciosos de abandono escolar e insucesso escolar, sendo que os processos de educação e formação na população amarantina têm registado transformações significativas na última década. Muitas destas transformações devem-se, sobretudo, às políticas sociais e de educação, nomeadamente a projetos e/ou respostas como as Comissões de Proteção de Crianças e Jovens, PIEF, os cursos de Educação e Formação, Rendimento Social de Inserção, o Programa Escolhas, os Contratos Locais de Desenvolvimento Local, entre outros. Portanto, enquanto em 2011, 13% da população não possuía nenhum nível de escolaridade, 34,3% o 1.ºCEB, 13,1% o 2.ºCEB, 18,3% o 3.º CEB, 12,2% o secundário, 0,7 o ensino médio e 8,5% o ensino superior, atualmente, cerca de 7,8% da população não possui nível de escolaridade, 30,4% possui o 1.º CEB, 10,3% o 2.º CEB, 17,2% o 3.º CEB, 20,3% o secundário, 0,9% o ensino médio e, por fim, 13,1% o ensino superior (INE, 2021). Verifica-se, então, um aumento generalizado dos níveis literários da população.

Por fim, em termos de ação social, esta tem como objetivo “a proteção social de grupos mais vulneráveis, nomeadamente crianças, jovens, pessoas com deficiência e idosos, bem como outras pessoas em situação de carência económica ou social, disfunção ou marginalização social” (Rede Social, 2013, p.109). O Sistema de Ação Social é desenvolvido por medidas e programas administrados diretamente por Acordos de Cooperação com as Instituições Particulares de Solidariedade Social do Concelho e por via da parceria com outros Organismos da Administração Central do Estado, da Administração Regional e Local e/ou Entidades Privadas desde que devidamente licenciadas. Em Amarante, existem 21 instituições com estatuto de IPSS e ainda existem associações de cariz social.

Na tabela que se segue, podem-se observar algumas medidas e programas, referidos no Diagnóstico Social de Amarante (Rede Social, 2013), que remota a 2013, promovidos pela Ação Social da Segurança Social e projetos promovidos pela autarquia, sendo que alguns já terminaram:

	<b>Medidas e programas promovidos pela Ação Social da Segurança Social</b>	<b>Projetos promovidos pela autarquia</b>
<b>Infância e Juventude</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Amas</li> <li>• Creche</li> <li>• Estabelecimento de educação pré-escolar</li> <li>• Centro de atividades de tempos livres</li> <li>• Centro de acolhimento temporário</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Projeto_Percursos Integrados</li> <li>• Comissão de Proteção de Crianças e Jovens</li> </ul>
<b>População em situação de dependência</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Serviço de apoio domiciliário</li> <li>• Apoio domiciliário integrado</li> <li>• Unidade de apoio integrado</li> <li>• Acolhimento familiar para pessoas idosas e pessoas adultas com deficiência</li> </ul>	
<b>População idosa</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Centro de convívio</li> <li>• Centro de dia</li> <li>• Lar de idosos</li> </ul>	
<b>População adulta com deficiência</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Centro de atividades ocupacionais</li> <li>• Lar residencial</li> </ul>	

<b>Família e comunidade (intervenção comunitária)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Atendimento/acompanhamento social</li> <li>• Rendimento social de inserção</li> <li>• Centro de apoio familiar e aconselhamento parental</li> <li>• Ajuda alimentar</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Gabinete de informação e apoio a jovens – 100 Porquês</li> <li>• Gabinete de informação e apoio a vítimas de violência doméstica – Bem-me-quer</li> <li>• Educação parental – Conversas de Pais</li> <li>• Apartamentos protegidos de transição</li> <li>• Universidade Sénior</li> <li>• A Par e Par</li> <li>• Projeto 100 Diferenças</li> <li>• Projeto TEIA+ - (2013-2015)</li> </ul>
---	---	--

*Tabela 26 - Medidas e programas promovidos pela Ação Social da Segurança Social e projetos promovidos pela autarquia*

*Fonte: Diagnóstico Social de Amarante 2013  
Elaboração Própria*

Assim, analisando este município, através da dimensão da caracterização sociodemográfica, da dimensão da habitação, da dimensão da caracterização socioeconómica, da dimensão da educação e formação profissional e da dimensão da ação social, é possível aferir um conjunto de problemas e/ou obstáculos, a ver na tabela seguinte:

Dimensão	Problemas/obstáculos
Caracterização Sociodemográfica	Diminuição da população residente, diminuição das taxas de fecundidade e natalidade, segregação espacial/territorial, envelhecimento da população (evidência na margem esquerda), despovoamento das freguesias ruralizadas (evidência na margem esquerda), famílias isoladas

	femininas e monoparentalidade feminina em situação de vulnerabilidade social.
Habitação	Parca oferta habitacional, segregação espacial e habitacional, fraca reabilitação urbana e concentração de famílias multiproblemáticas e multiassistidas em habitação social.
Caracterização Socioeconómica	Reduzida taxa de satisfação da oferta de trabalho, desajustamento entre sistema de qualificação e necessidades do mercado de bens e serviços, parca orientação do sistema produtivo para mercados externos, parca cultura empreendedora nos jovens e nos potenciais empresários, excessiva terciarização da economia local e desemprego de longa duração com incidência no género feminino.
Educação e formação profissional	Insucesso escolar, significativo abandono escolar no ensino secundário, baixos níveis de qualificação de adultos e elevada assimetria de informação relativa à tipologia e áreas de cursos profissionalmente qualificantes.
Ação Social	Famílias monoparentais femininas em situação de desemprego, violência doméstica, aumento do número de crianças e jovens em perigo sinalizadas, distribuição desequilibrada dos equipamentos/respostas sociais, fraca capacidade de gestão organizativa por parte de algumas instituições, dificuldade de sustentabilidade das entidades e fragmentação das respostas sociais associadas à desresponsabilização nas parcerias.

*Tabela 27 – Análise do Município de Amarante através da dimensão da caracterização sociodemográfica, da dimensão da habitação, da dimensão da caracterização socioeconómica, da dimensão da educação e formação profissional e da dimensão da ação social*

*Fonte: Diagnóstico Social de Amarante 2013*

*Elaboração Própria*

Neste seguimento, tendo por base o Plano de Desenvolvimento Social Supraconcelhio do Tâmega e Sousa (2020), atualmente, existe uma maior dificuldade em assegurar o crescimento económico, o emprego e a proteção social, o que leva à necessidade de desenvolver esforços coerentes e eficazes no âmbito da prevenção e erradicação da pobreza e da exclusão social. Tem-se verificado, no concelho de Amarante, um elevado nível de desemprego e uma menor participação da população no mercado de trabalho o que, por sua vez, leva a um elevado aumento da exposição dos indivíduos e dos agregados familiares a situações de pobreza e exclusão social.

## APÊNDICE Z. MEDIDAS DA DIVISÃO DE DESENVOLVIMENTO E COESÃO SOCIAL

DIMENSÃO	MEDIDA/PROJETO	OBJETIVO/FINALIDADES
Dinamizar políticas de intervenção social no combate a situações de pobreza e exclusão social	Clube de Férias	Tem como finalidade assegurar a alimentação e proporcionar a ocupação de tempos livres, de forma lúdica e pedagógica, a crianças e jovens do ensino básico, durante o período de pausa letiva do Natal, Páscoa e Verão. As crianças e jovens, são referenciadas através de outras medidas sociais, de forma a minimizar a existência de situações de fragilidade social e pobreza e exclusão.
	Resposta de Apoio à Comunidade – RAC – Apoio Alimentar	É uma medida que surgiu pela situação pandémica do Covid-19 e que tem como objetivo colmatar as necessidades alimentares de famílias em situação de fragilidade social e económica.
	Fundo Municipal de Emergência Social	É um apoio financeiro e temporário (apoio pontual) a agregados familiares em situação de grande vulnerabilidade e em situação de carência económica. Pretende responder às necessidades básicas e permanentes de agregados familiares em risco de pobreza e/ou exclusão social, bem como agilizar mecanismos que possa garantir a reorganização sociofamiliar em articulação com os diferentes agentes no domínio da habitação, educação, emprego e saúde.

	Comissão de Proteção de Crianças e Jovens	A Comissão de Proteção de Crianças e Jovens, é uma instituição oficial, não judiciária, com autonomia que procura promover os Direitos e Proteção das crianças e jovens em perigo, no sentido de garantir o seu bem-estar e desenvolvimento integral.
	Balcão Social	É uma resposta complementar às intervenções de carácter social dirigidas aos agregados carenciados. Esta resposta procura rentabilizar os recursos disponibilizados pela sociedade através da doação, ao mesmo tempo que, contribui para a satisfação das necessidades de famílias que se encontrem em situações de vulnerabilidade económica e social.
	H. Sarah Trading	Protocolo de cooperação com a empresa H. Sarah Trading, com o objetivo de recolher roupa, calçado e brinquedos novos e/ou usados para, após a recolha, os mesmos serem tratados e reencaminhados, de forma a se diminuir a quantidade de resíduos destinados aos aterros. Além disso, neste protocolo, também são estabelecidos donativos.
Promover o desenvolvimento social e local através da rede de parceiros	Rede Social	Surgiu no contexto de afirmação de novas políticas sociais ativas, fundamentadas na responsabilização e mobilização da sociedade e de cada pessoa para o esforço da erradicação da pobreza e da exclusão social. Assim, a Rede Social, incentiva os organismos do setor público, as instituições solidárias e outras entidades da área da coesão social a unirem esforços para prevenir, atenuar ou erradicar as situações de pobreza e exclusão e promover o desenvolvimento social local.

		<p>Os eixos prioritários de intervenção são:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Eixo I – Educação</li> <li>• Eixo II – Empregabilidade</li> <li>• Eixo III – Comunidades e Território</li> </ul>
Implementar/gestir medidas sociais de combate às carências habitacionais	Habitação Social	Destina-se a prover alternativa habitacional, temporária e transitória, a agregados familiares em situação de grave carência que não lhes permita outra situação habitacional.
	Subsídio de Arrendamento	É uma atribuição de apoio económico ao arrendamento de habitações a estratos sociais desfavorecidos, por períodos máximos de 5 anos.
Fomentar medidas/ações de combate à violência doméstica e de género	Apartamentos Protegidos de Transição	Surgem como uma medida de atuação e de proteção a vítimas de violência doméstica, garantindo-lhes o acolhimento temporário, as condições básicas de sobrevivência e o acompanhamento psicossocial dos agregados que se enquadrem na condição de beneficiários.
	Gabinete Bem-me-quer	É uma resposta de apoio psicológico, que assegura, de forma confidencial e contínua no tempo, o atendimento, o apoio psicológico e o encaminhamento personalizado de vítimas de violência doméstica, com o objetivo da sua proteção.

	<p>Campanha de Sensibilização</p> <p><i>Amarante de Igual para Igual</i></p>	<p>É uma campanha de sensibilização, implementada nos últimos três meses do ano, na qual se promovem atividades relativas às temáticas da igualdade, saúde, violência nas relações de intimidade e deficiência. Esta campanha procura promover uma reflexão e o diálogo a toda a sociedade civil para as diferentes representações sociais e formas de discriminação que existem na sociedade.</p>
<p>Dinamizar respostas de promoção da saúde mental e emocional da população</p>	<p>Respostas de Apoio Psicológico</p>	<p>São um conjunto de respostas específicas de psicologia dirigidas a crianças, jovens e adultos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Apoio Psicológico a Adultos: resposta de avaliação e acompanhamento psicológico adultos socialmente vulneráveis, com o propósito de prevenir e reduzir situações de risco psicológico, emocional e social, promovendo a qualidade de vida;</li> <li>• Gabinete 100Porquês: serviço de apoio psicológico dirigido a crianças e jovens e às suas famílias em situação de crise emocional, cooperando para a promoção do seu ajustamento psicológico, para a sua plena integração e para o estabelecimento de relações saudáveis;</li> <li>• Intervenção em crise: é uma resposta que tem como principal objetivo intervir o mais precocemente possível, prestando os primeiros socorros psicológicos a qualquer pessoa ou família que esteja perante um evento de crise e potencialmente traumático;</li> <li>• Conversa de Pais: programa de educação parental que procura promover competências parentais e estratégias educativas positivas, bem como promover momentos de partilha,</li> </ul>

		<p>informação e suporte para favorecer a relação entre pais e filhos e entre irmãos, criando um espaço de interajuda entre a família e a escola;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Espaço Jovem: é um espaço onde os jovens podem esclarecer dúvidas, partilhar opiniões e ideias e aprofundar conhecimentos de diferentes temas, ao mesmo tempo que, se pode dar apoio psicológico em grupo, desenvolver competências pessoais e sociais, fomentar hábitos e estilos de vida saudáveis, prevenindo a adoção de comportamentos de risco e promover uma vivência afetiva positiva.</li> </ul>
	<p>Cuidar de Quem Cuida</p>	<p>Pretende criar e dar respostas de apoio especializado junto dos/as cuidadores/as informais, tendo como missão melhorar a saúde mental e a qualidade de vida das pessoas dependentes e dos seus Cuidadores Informais. Este projeto, de intervenção especializada, é dinamizado por uma equipa multidisciplinar, no qual são abordados temas como (auto)cuidados (cuidados de saúde diário, mobilidade, enfermagem, terapia ocupacional), apoio emocional/psicológico e rede de apoio social (direitos sociais e legais, nomeadamente o Estatuto do Cuidador Informal).</p>
<p>Promover a cidadania através da</p>	<p>Centro de Informação Autárquico ao Consumidor</p>	<p>Tem como objetivo informar e aconselhar os munícipes sobre os seus direitos e deveres, enquanto consumidores, de forma a prevenir conflitos de consumo e/ou efetuar a mediação.</p>

informação aos consumidores		
Promover a qualidade de vida da população sénior	Acompanhar e Reparar	Pretende apoiar os idosos no combate ao isolamento e na melhoria das condições de habitabilidade, através do voluntariado de cidadãos e de empresas, sendo promovido pelo Município de Amarante em parceria com 8 entidades com valências na terceira idade.
	Aproximidade	Procura promover ações de convívio e partilha, no sentido de combater a solidão e o isolamento dos idosos e, por isso, tem como missão promover uma vida saudável, ativa e plena nos idosos sinalizados.
	Universidade Sénior	Promove a melhoria da qualidade de vida da população idosa, através da realização de atividades sociais, culturais, de ensino, de formação, de desenvolvimento social e pessoal, de solidariedade social, de convívio e de lazer.
	Serviço Municipal de Apoio ao Idoso	Tem como objetivo manter os idosos em segurança no seu meio natural de vida, evitar/retardar a integração em lar e ajudar as famílias cuidadoras a conciliarem a sua vida familiar com a profissional.
Promover a qualidade de	Frutificar	É uma medida municipal que se destina às crianças do pré-escolar da Rede Pública, que tem como finalidade promover hábitos de alimentação saudável e combater a obesidade infantil.

vida, saúde e bem-estar	Medida Infantil de Monitorização Antropométrica	É um projeto que pretende monitorizar o estado de saúde das crianças, de forma a combater a obesidade infantil e implementar políticas de saúde, através da medição antropométrica.
	Ementa Municipal	Consiste no fornecimento de uma alimentação adequada ao nível nutricional e variada, privilegiando os produtos da época. A Ementa Municipal tem como objetivos uniformizar a oferta alimentar e garantir uma alimentação completa, variada e saudável.
	Regime Fruta Escolar	É uma iniciativa que procura promover hábitos saudáveis e uma dieta equilibrada entre as crianças, através da distribuição de fruta ou hortícolas duas vezes por semana e na realização de atividades em meio escolar relacionadas com a aquisição de hábitos saudáveis, com a educação alimentar e com a saúde em contexto escolar.
Medidas da Autarquia/ Medidas protocoladas com a Autarquia	Serviço de Atendimento e Acompanhamento Social	É uma medida de política social, que constitui um espaço privilegiado de manifestação e interpretação diagnóstica das necessidades e dos problemas da população que, pela sua natureza, necessitam de uma intervenção continuada e global. Esta medida assegura o atendimento e o acompanhamento social, de pessoas e famílias em situação de vulnerabilidade e exclusão social e o acompanhamento da componente de inserção aos beneficiários de Rendimento Social de Inserção (RSI).
	Balcão da Inclusão	Pretende prestar às pessoas com deficiência/incapacidade um atendimento especializado na temática da deficiência/incapacidade, abrangendo informação global e integrada sobre os seus direitos e

		benefícios, bem como os recursos existentes. O Balcão Social, foi criado através de um protocolo de cooperação entre o Município de Amarante e o Instituto Nacional para a Reabilitação.
	Tarifa Social da Água	É um regime que permite a aplicação de um tarifário social que procura assegurar a acessibilidade económica aos serviços de águas, a utilizadores com baixos rendimentos.
	Construção e Reparação de Habitações - Habitat	Protocolo de cooperação institucional entre a Fundação Manuel António da Mota, a Associação Humanitária Habitat e a Câmara Municipal de Amarante, com o objetivo de estabelecer formas de colaboração para possibilitar a construção de raiz ou a recuperação de habitações para famílias carenciadas do concelho de Amarante.

*Tabela 28 – Medidas da Divisão de Desenvolvimento e Coesão Social*

## APÊNDICE AA. REGISTOS FOTOGRÁFICOS DA URBANIZAÇÃO DE S. LÁZARO



*Figura A1 – Urbanização de S. Lázaro*



*Figura A2 – Lote 1*



*Figura A3 – Lote 2*



*Figura A4 – Lote 3*



*Figura A5 – Espaço exterior de convívio*



*Figura A6 – Pavilhão Desportivo Municipal de Amarante*



*Figura A 7 - Placa de identificação do Rodolfo (cão da Urbanização de S. Lázaro)*



*Figura A 8 - Rodolfo*



*Figura A 9 - Vista do interior da Urbanização de S. Lázaro*



*Figura A 10 - Algumas atividades comerciais no interior da Urbanização de S. Lázaro*

## APÊNDICE AB. DADOS DA TIPOLOGIA DOS APARTAMENTOS DA URBANIZAÇÃO DE S. LÁZARO

TIPOLOGIA	N.º DE APARTAMENTOS	N.º DE MORADORES/AS
T1	2	2
T2	18	35
T3	21	46
T4	6	16
<b>Total</b>	<b>47</b>	<b>99</b>

*Tabela 29 – Dados da tipologia dos apartamentos por n.º de apartamentos e n.º de moradores/as*

TIPOLOGIA APARTAMENTO	TIPOLOGIA FAMILIAR					Total
	Isolada	Alargada	Monoparental	Nuclear com filhos	Nuclear sem filhos	
T1	2	0	0	0	0	2
T2	8	4	4	1	1	18
T3	5	3	6	3	4	21
T4	2	0	2	1	1	6
<b>TOTAL</b>	<b>17</b>	<b>7</b>	<b>12</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>47</b>

*Tabela 30 – Dados da tipologia dos apartamentos por tipologia familiar*

## APÊNDICE AC. ANÁLISE DE CADA LOTE DA URBANIZAÇÃO DE S. LÁZARO

O lote 1, encontra-se à esquerda da Urbanização existindo, no seu interior, equipamentos e serviços, nomeadamente uma loja de eletrodomésticos e um ginásio. É constituído, sobretudo, por população em idade ativa e população idosa, por famílias monoparentais femininas e famílias nucleares com filhos. Para os/as moradores/as deste lote, a degradação habitacional, a ausência de rendimentos, o desalojamento, a família numerosa, a situação familiar e a falta de retaguarda familiar, foram os motivos que os/as levaram a integrar a habitação social.

É um lote sossegado, no qual não existem grandes conflitos entre os/as vizinhos/as, sendo que na sua maioria, existe entreajuda. No entanto, em algumas entradas, existem certos sentimentos de “a minha entrada é a melhor”. Existe apenas uma representante de entrada, nas três entradas que constituem este lote, sendo que alguns/mas moradores/as afirmam não querer constituir uma Associação de Moradores, por não terem tempo ou porque não acreditam na mudança, dados alguns conflitos anteriores.

Através das várias conversas informais, da observação e dos inquéritos por questionário, foi possível concluir como potencialidades a existência de uma representante de entrada, entreajuda entre moradores/as, vontade de (re)criar redes de relações com os/as outros/as moradores/as e a disponibilidade para se dinamizar a Urbanização. Contudo, também é notório a falta de organização em prol de problemas comuns, a perda do sentimento de “bairrismo” e a existência do argumento “a minha entrada é a melhor”.

Já, no lote 2, que se situa à direita da Urbanização, de frente para o Pavilhão Desportivo Municipal de Amarante, também existem equipamentos e serviços, como dois restaurantes, uma lavandaria e uma cabeleireira. É um lote constituído, essencialmente, por pessoas do sexo feminino e em idade ativa. As famílias são, sobretudo, famílias monoparentais femininas, famílias isoladas e famílias alargadas. Os motivos que levaram as pessoas a integrarem a habitação social foram: degradação habitacional, ausência de rendimentos, falta de retaguarda familiar e problemas familiares.

A relação com a vizinhança deste lote é saudável, sendo o lote onde existe mais espaço para a sociabilidade comunitária e, por isso, algumas relações, entre moradores/as específicos/as, são de entreajuda e de companheirismo. Ainda no decorrer deste prisma, é notório o convívio destes/as moradores/as no final de almoço e ao final do dia aproveitando, várias vezes, para fazerem pequenos churrascos. Todavia, apesar de existirem representantes de entrada nas três entradas, os/as moradores/as, na sua maioria, indicam que não gostariam de voltar a pertencer a uma Associação de Moradores, pela falta de responsabilidade e de civismo de algumas pessoas.

É um lote onde existem representantes de entrada em todas as entradas, onde há identificação de problemas comuns, disponibilidade de voltar a dinamizar a Urbanização, vontade de intensificar os contactos, redes e os laços sociais, convívio e espírito de entreajuda. Contudo, ainda existe falta de organização em prol de problemas comuns, a perda do sentimento de “bairrismo” e comunicação entre todos/as os/as moradores/as.

Por fim, o lote 3, contrariamente aos outros dois lotes, tem apenas duas entradas. Situa-se entre o lote 1 e 2, sendo que, no seu interior existe um veterinário. É um lote constituído essencialmente por uma população em idade ativa do sexo feminino. As famílias são, na sua maioria, isoladas, havendo apenas 1 família nuclear sem filhos, 2 famílias monoparentais femininas e 2 famílias alargadas. A ausência de rendimentos e a degradação habitacional foram os motivos que levaram os/as moradores/as à recorrerem à habitação social.

Apesar de os/as moradores/as não se organizarem para a resolução de problemas comuns, sentem que têm uma boa relação com os/as vizinhos/as, havendo convivência entre as duas entradas. No entanto, há também um/a ou outro/a morador/a que prefere manter o distanciamento social, preferindo estar mais por casa. Tal como acontece nos outros lotes, os/as moradores/as não querem fazer parte de uma Associação de Moradores, pela falta de tempo e por desacreditarem nos seus resultados, tendo em conta experiências anteriores. Porém, existem representantes de entrada nas duas entradas deste lote.

Por um lado é uma entrada onde existe a identificação de problemas comuns e vontade de alguns/mas moradores/as em dinamizarem a Urbanização mas, por outro lado, existe falta de organização em prol de problemas comuns, a perda do sentimento de “bairrismo” e pouca existência da sociabilidade comunitária.

## APÊNDICE AD. ANÁLISE DE CADA ENTRADA DOS LOTES DA URBANIZAÇÃO DE S. LÁZARO

ENTRADA	LOTE		
	Lote 1	Lote 2	Lote 3
<b>Entrada 1</b>	<p>Na entrada 1 do lote 1, vivem 6 agregados familiares, nomeadamente 2 famílias isoladas, 1 alargada, 1 monoparental feminina e 2 nucleares com filhos. Os requerentes da habitação social desta entrada, têm o 1.ºCEB e o ensino secundário sendo que, na sua maioria, encontram-se empregados. Os motivos que levaram estas famílias a recorrer a habitação social foi, sobretudo, a degradação habitacional das casas anteriores e ausência de rendimentos.</p>	<p>Na entrada 1, vivem famílias essencialmente famílias monoparentais femininas, seguindo-se a existência de uma família nuclear sem filhos, uma família largada e uma família isolada. Neste entrada, grande parte dos/as requerentes/as tem o 1.º CEB, trabalha, sendo que, apenas um dos requerentes da habitação social é do sexo masculino. A degradação habitacional, a ausência de rendimentos e a falta de retaguarda familiares foram os principais motivos que levaram estas famílias a integrar a habitação social.</p>	<p>A entrada 1 do lote 3 é constituída na sua maioria por famílias isoladas existindo, apenas, uma família monoparental feminina. Tal como acontece noutras entradas, as titulares da habitação são mulheres que, por motivos de ausência de rendimentos, degradação habitacional e problemas familiares, tiveram que recorrer a habitação social. Nesta entrada, vive apenas uma pessoa do sexo masculino.</p> <p>Ainda no que concerne às requerentes e às suas habilitações académicas, estas</p>

<p>Relativamente à Urbanização, os/as moradores/as estão globalmente satisfeitos/as não só com a habitação, como também com a Urbanização, a sua localização e a vizinhança. Apesar de terem uma boa relação com os/as vizinhos/as e de existir uma representante de entrada, enquanto grupo, não se costumam organizar para resolver necessidades e problemas comuns. Porém, alguns dos/as residentes, sentem a necessidade de se resgatar memórias e de se recuperar o sentido de bairrismo (“gostava de mais atividades, como era antes” – inquirida 33).</p> <p>O facto de existir uma representante de entrada, facilita a resolução de conflitos e o fluxo de informação. Porém, a maioria</p>	<p>No que concerne à Urbanização, os/as moradores/as estão globalmente satisfeitos/as não só com a habitação, como também com a Urbanização, a sua localização, a vizinhança e os serviços e equipamentos existentes na área envolvente. Contudo, existe uma certa discrepância em relação aos/às vizinhos. Ou seja, para alguns/as moradores/as, a relação com os/as vizinhos/as é boa, pois indicam que “tenho quem me ajude, uma pessoa se puder ajuda toda a gente” (inquirido 7) mas, para outros/as, a relação já depende dos vizinhos/as.</p> <p>Nesta entrada, alguns habitantes, referem a necessidade de os/as mesmos/as se organizarem em prol das limpezas das escadas e de se criar um guia de moradores.</p>	<p>vão desde o não saber ler nem escrever, ao 1.ºCEB e ao ensino secundário. São mulheres reformadas sendo que, apenas duas mulheres, é que se encontram a trabalhar.</p> <p>Na sua maioria, os/as moradores/as desta entrada estão globalmente satisfeitos/as a casa, a Urbanização, a localização e os serviços e equipamentos que existem na área envolvente. Contudo, existem discrepâncias no que toca à relação com a vizinhança. Há quem tenha uma boa relação e como relação saudável, mas também há quem afirme que não existe relação e que, por esse motivo, os/as moradores/as não se organizam em prol das necessidades comuns. Apesar destes fatores, existe uma</p>
--	--	--

	não gostava de fazer parte de uma Associação de Moradores.		representante de entrada, na qual os/as moradores/as confiam para tratar de assuntos comuns a todos/as.  Os/as residentes desta entrada, sentem que é preciso trabalhar as questões de cidadania e de convivência em comunidade, de se criar um guia de morador e de se construírem mais espaços de convívio no interior da Urbanização.
<b>Entrada 2</b>	Nesta entrada, constituída por 2 famílias isoladas, 1 família monoparental feminina, 1 família nuclear sem filhos e 2 famílias nucleares com filhos, os/as titulares da habitação social são, na sua maioria, mulheres com o 1.º CEB, sendo que, algumas estão desempregadas, outras trabalham e há também quem já esteja	A entrada 2, composta por 2 famílias alargadas, 2 famílias isoladas, 1 família monoparental feminina e 1 família nuclear, tem como requerentes da habitação social apenas mulheres. Algumas mulheres têm o 1.º CEB, outras o 2.º CEB e o ensino secundária havendo, porém, quem não saiba ler nem escrever. A maioria encontra-se	Na entrada 2 vivem 6 famílias, mas só foi possível falar com 3 famílias, visto que 3 famílias não quiseram responder ao inquérito, tendo-lhes sido concedido esse direito.  Mesmo assim, é possível indicar que nesta entrada vivem famílias alargadas, famílias isoladas e duas família

	<p>reformada. Estas famílias procuraram a habitação social pela ausência de rendimentos, pela degradação habitacional e pela família ser numerosa.</p> <p>Os/as moradores/as encontram-se globalmente satisfeitos/as com a casa, a Urbanização e com a sua localização, com a vizinhança e com os serviços e equipamentos que existem na área envolvente. Apesar de caracterizarem a relação com os/as vizinhos/da mesma entrada como boa e saudável, não se organizam com os mesmos para a resolução de problemas comuns, nem querem pertencer a uma Associação de Moradores (“uns faziam tudo, outros diziam que iam fazer e depois não faziam”</p>	<p>desempregada. Os motivos que levaram estas famílias a procurar a habitação social foram a ausência de rendimentos e a falta de retaguarda familiar.</p> <p>De um modo geral, os/as moradores/as encontram-se globalmente satisfeitos/as com a casa, a Urbanização e com a sua localização, com a vizinhança e com os serviços e equipamentos que existem na área envolvente. Aqui a relação com os/as vizinhos/as da mesma entrada é bastante próxima, sendo que algumas pessoas afirmam que os/as vizinhos/as “são como família” (inquirida 12) e que “são tudo para mim” (inquirida 14). Uma moradora refere ainda o espírito de entreatajuda que existe nesta entrada. Contudo, não se costumam organizar para resolver problemas comuns. Sentem que é necessário um espaço para as crianças</p>	<p>nucleares sem filhos. Os/as requerentes são tanto do sexo feminino como do sexo masculino, sendo que há quem não saiba ler nem escrever, quem tenha o 1.º CEB e quem tenha o ensino secundário. Alguns/mas requerentes trabalham, outros/as estão desempregados/as e outros/as reformados/as. Os motivos para integrarem a habitação social foram a degradação habitacional, a ausência de rendimentos e a situação familiar.</p> <p>Na sua generalidade, os/as moradores/as estão satisfeitos/as com a casa, a Urbanização e com a sua localização, com a vizinhança havendo, também, quem esteja satisfeito/a com os serviços e equipamentos existentes na área envolvente. Uma moradora</p>
--	---	--	---

	<p>– inquirida 3). Além disso, não existe um representante de entrada.</p> <p>Sentem que é necessário mais convívio e relação com os/as outros/as moradores/as, mas também mais controlo por parte da CMA no que toca aos direitos e deveres dos/as moradores/as.</p>	<p>brincarem, um gabinete da CMA dentro da própria Urbanização e atividades para todas as pessoas que lá habitam.</p>	<p>refere que “é o melhor prédio que existe” (inquirida 27).</p> <p>Os/as moradores/as indicam que têm uma relação boa com a vizinhança, mas que não se organizam com os/as outros/as moradores/as para a resolução de problemas comuns.</p> <p>Sentem que é necessário trabalhar algumas questões na relação com os/as vizinhos/as e com o sentido de comunidade.</p>
<b>Entrada 3</b>	<p>Contrariamente às outras entradas, esta entrada tem 5 famílias, das quais 1 é monoparental masculina, 2 são isoladas e 2 são nucleares sem filhos. Além disso, a maioria dos seus requerentes é do sexo masculino e, apenas dois dos requerentes é que trabalham, sendo que os outros já se</p>	<p>Tal como na entrada 2, esta entrada tem como requerentes mulheres, com o 1.º CEB e o 3.ºCEB, havendo quem não sabe ler nem escrever sendo que, na sua maioria, são mulheres que se encontram em situação de desemprego ou na reforma. São, sobretudo, famílias monoparentais femininas (3),</p>	

	<p>encontram reformados (as habilitações académicas são, sobretudo, o 1.ºCEB). A degradação habitacional, o desalojamento e a situação familiar foram os motivos que levaram estas famílias a recorrer à habitação social.</p> <p>De forma geral, os/as moradores/as estão globalmente satisfeitos/as com a casa, a Urbanização e com a sua localização, com a vizinhança e com os serviços e equipamentos que existem na área envolvente. Por norma, alguns/mas destes moradores/as organizam-se para resolver problemas comuns mas, na sua maioria, não gostavam de fazer parte de uma Associação de Moradores.</p>	<p>segundo-se 1 família isolada, 1 família alargada e 1 família monoparental com filhos. A ausência de rendimentos e a degradação habitacional foram os motivos que levaram estas famílias a integrar este bairro de habitação social.</p> <p>Globalmente, os/as moradores/as estão satisfeitos/as com a casa onde vivem, a Urbanização de S. Lázaro e a vizinhança. Estes/as moradores/as referem que têm uma boa relação com a maioria da vizinhança, mas que não se organizam para resolver problemas e necessidades comuns.</p> <p>Tendo em conta algumas visitas realizadas à Urbanização, foi notório que esta entrada é a que se encontra em menores condições de organização e limpeza, sendo que, alguns/mas moradores/as da entrada</p>	<p>N/A</p>
--	---	---	------------

		<p>indicam a necessidade de um maior grau de limpeza no prédio. Porém, indicam que não há espaço para se resolver certos problemas por via da comunicação saudável. Apenas uma moradora estaria interessada em fazer parte de uma Associação de Moradores, apesar de haver quem refira que seria importante recuperar as reuniões mensais.</p> <p>Através de algumas conversas informais com alguns/mas vizinhos/as, os mesmos referem que esta é a entrada mais complicada da Urbanização.</p>	
--	--	---	--

*Tabela 31 - Análise de cada entrada dos lotes*

## APÊNDICE AE. DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS DA URBANIZAÇÃO DE S. LÁZARO

### TODOS OS/AS MORADORES/AS

IDADE	GÉNERO		
	Masculino	Feminino	Total
0-14 anos	5	5	10
15-64 anos	23	44	67
Mais de 65 anos	8	14	22
<b>Total</b>	<b>36</b>	<b>61</b>	<b>99</b>

SITUAÇÃO PROFISSIONAL	GÉNERO		
	Masculino	Feminino	Total
População empregada	8	15	23
População desempregada	7	18	25
Ocupa-se das tarefas do lar (nunca trabalhou fora)	0	1	1
Ocupa-se das tarefas do lar (deixou de trabalhar)	0	2	2
Reformados/as	10	18	28
Estudantes	9	7	16
Incapacitado/a permanente	1	0	1
<b>Total</b>	<b>35</b>	<b>59</b>	<b>96</b>

Tabela 32 – Dados sociodemográficos de todos/as moradores/as

## REQUERENTES

IDADE	GÉNERO		
	Masculino	Feminino	Total
0-14 anos	0	0	0
15-64 anos	4	31	35
Mais de 65 anos	3	9	12
<b>Total</b>	<b>7</b>	<b>39</b>	<b>47</b>

NÍVEL DE ESCOLARIDADE	GÉNERO		
	Masculino	Feminino	Total
Sem nível de escolaridade	0	4	4
1.º CEB	5	22	27
2.º CEB	0	6	6
3.º CEB	1	4	5
Ensino Secundário	1	3	4
Ensino Médio	0	0	0
Ensino Superior	0	0	0
<b>Total</b>	<b>7</b>	<b>39</b>	<b>47</b>

SITUAÇÃO PROFISSIONAL	GÉNERO		
	Masculino	Feminino	Total
População empregada	1	14	15
População desempregada	1	11	12
Reformados/as	5	12	17
Ocupa-se das tarefas do lar (nunca trabalhou fora)	0	1	1
Ocupa-se das tarefas do lar (deixou de trabalhar)	0	2	2
<b>Total</b>	<b>7</b>	<b>39</b>	<b>47</b>

*Tabela 33 – Dados sociodemográficos dos/as moradores/as*

<b>POPULAÇÃO DESEMPREGADA</b>	
<b>Duração</b>	Dos/as 11 requerentes desempregados/as, 10 são de longa duração (mais de um ano) e, apenas, 1 é de curta duração
<b>Motivo</b>	Termino do contrato, saúde, falência e falta de habilitações académicas
<b>Última profissão</b>	Limpezas, auxiliar de ação direta, trabalho ocupacional, pecuária, talhante, lar de idosos, costureira de fábrica, entre outros - trabalho por conta de outrem
<b>Inscrito/a no IEFP</b>	Dos/as 11 requerentes desempregados/as, apenas 8 estão inscritos/as no IEFP

*Tabela 34 – Dados dos/as moradores/as desempregados/as*

## APÊNDICE AF. DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS DOS LOTES DA URBANIZAÇÃO DE S. LÁZARO

### LOTE 1

IDADE	GÉNERO		
	Masculino	Feminino	Total
0-14 anos	2	0	2
15-64 anos	9	16	25
Mais de 65 anos	5	5	10
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>21</b>	<b>37</b>

SITUAÇÃO PROFISSIONAL	GÉNERO		
	Masculino	Feminino	Total
População empregada	4	6	10
População desempregada	3	5	8
Ocupa-se das tarefas do lar (nunca trabalhou fora)	0	1	1
Ocupa-se das tarefas do lar (deixou de trabalhar)	0	1	1
Reformados/as	6	7	13
Estudantes	3	1	4
Incapacitado/a permanente	0	0	0
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>21</b>	<b>37</b>

*Tabela 35 – Dados sociodemográficos do lote 1*

## LOTE 2

IDADE	GÉNERO		
	Masculino	Feminino	Total
0-14 anos	3	4	7
15-64 anos	11	20	31
Mais de 65 anos	2	4	6
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>28</b>	<b>44</b>

SITUAÇÃO PROFISSIONAL	GÉNERO		
	Masculino	Feminino	Total
População empregada	4	6	10
População desempregada	2	11	13
Ocupa-se das tarefas do lar (nunca trabalhou fora)	0	1	1
Ocupa-se das tarefas do lar (deixou de trabalhar)	0	0	0
Reformados/as	2	4	6
Estudantes	6	4	10
Incapacitado/a permanente	1	0	1
<b>Total</b>	<b>15</b>	<b>26</b>	<b>41</b>

*Tabela 36 – Dados sociodemográficos do lote 2*

**LOTE 3**

IDADE	GÉNERO		
	Masculino	Feminino	Total
0-14 anos	0	1	1
15-64 anos	3	8	11
Mais de 65 anos	1	5	6
<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>12</b>	<b>18</b>

SITUAÇÃO PROFISSIONAL	GÉNERO		
	Masculino	Feminino	Total
População empregada	0	3	3
População desempregada	2	2	4
Ocupa-se das tarefas do lar (nunca trabalhou fora)	0	0	0
Ocupa-se das tarefas do lar (deixou de trabalhar)	0	0	0
Reformados/as	2	7	9
Estudantes	0	2	2
Incapacitado/a permanente	0	0	0
<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>12</b>	<b>18</b>

*Tabela 37 – Dados sociodemográficos do lote 3*

## APÊNDICE AG. DIÁRIO DE BORDO 27/01/2023 - VISÃO DOS COMERCIANTE SOBRE A URBANIZAÇÃO DE S. LÁZARO

Na Urbanização de S. Lázaro existem serviços e equipamentos, nomeadamente: dois restaurantes, uma clínica veterinária, uma lavandaria, um salão de cabeleireiro, um ginásio, uma loja de eletrodomésticos e um Pavilhão Desportivo.

Todos os/as lojistas/as identificam a Urbanização de S. Lázaro como calma e tranquila (“é um bairro calmo”, “a parte de baixo é muito sossegada, são amigáveis e ajudam” – loja de eletrodomésticos), indicando que os/as moradores/as frequentam os serviços existentes no interior da mesma. Porém, referem diferenças entre os lotes, indicando que um dos lotes é mais conflituoso, apesar de nunca terem tido problemas com ninguém.

Alguns/as lojistas salientam o sentido de entreaajuda dos/as moradores/as para com as pessoas e os serviços e equipamentos existentes no interior da Urbanização, havendo quem indique que “quando deixo as luzes do carro acesas, quando me esqueço, os moradores vêm-me dizer” (cabeleireira).

É de salientar o discurso de uma senhora que tem uma loja na Urbanização: “quando disse às pessoas que vinha para aqui disseram que fazia mal, que ia ser perigoso por ser num bairro. Mas quer que lhe seja sincera? Nunca tive problemas e quase todas as minhas clientes moram aqui e dou-me bem com todas”.

Neste seguimento, indicam que os/as residentes da Urbanização costumam recorrer aos serviços que existem no seu interior, sendo que ressaltar que uma moradora trabalha numa destas lojas de comércio. De certa forma, a existência de equipamentos e serviços de comércio no interior do bairro e a existência de relações entre os/as moradores e os/as lojistas demonstra, segundo Carreiras (2018), diversidade e qualidade de espaços que proporcionam vivências e satisfação de necessidades básicas dos/das residentes.

## APÊNDICE AH. TABELA SÍNTESE DOS PROBLEMAS E NECESSIDADES

PROBLEMAS	INDICADORES	NECESSIDADE
Problemas na comunicação entre alguns/mas moradores/as.	<p>Alguns/mas moradores/as no seu discurso tendem a referir a existência de falta de respeito por parte de outros/as moradores/as;</p> <p>Críticas nos/as discursos/as dos moradores/as em relação a outros moradores/as.</p>	<p>Criar espaços de convívio e de partilha entre moradores/as;</p> <p>Fomentar o conhecimento entre moradores/as;</p> <p>Desenvolver as redes de vizinhança;</p> <p>Criar laços sociais, coesão social e territorial e a promover contextos de convivência e interação positiva, construtiva e sustentável;</p> <p>Co-construir um Guia de Morador, com direitos e deveres, para que se possa não só respeitar as regras em relação à Urbanização, mas também as regras do civismo e da boa vizinhança.</p>

<p>Desaparecimento do sentido de grupo e de comunidade.</p>	<p>No discurso dos/as moradores/as, quando se referem à vizinhança, apenas se dirigem aos/às vizinhos/as da sua entrada;</p> <p>Falta de relação e de convívio entre as várias entradas;</p> <p>Alguns/mas moradores/as referem falta de tempo e falta de vontade para a sociabilidade comunitária;</p> <p>Existência de argumentos como: “atrevo-me a dizer que a minha entrada é a melhor da Urbanização”;</p> <p>Muitos discursos dos/as moradores/as pautam-se pelo “é cada um por si”;</p> <p>A não organização em prol de problemas e necessidades comuns, como por exemplo em solicitar serviços da CMA ou em fazerem uma escala para as limpezas do prédio;</p> <p>Falta de reuniões de condomínio ou reuniões mensais.</p>	<p>Criar estratégias que permitam a construção de relações assentes no diálogo, na partilha, na confiança e no respeito entre todos/as;</p> <p>Dinamizar ações e/ou atividades que promovam o convívio e o interconhecimento entre os moradores/as;</p> <p>Maior envolvimento dos/as moradores/as para o bem-estar pessoal e social da comunidade;</p> <p>Construir representações positivas em relação à Urbanização para que, em conjunto, se possa desenvolver uma identidade coletiva;</p> <p>Mobilizar os/as moradores/as para a auto-organização da Urbanização, nomeadamente no que atende às questões ligadas com a gestão dos espaços comuns, espaços circundantes e normalização da convivência vicinal;</p> <p>Recuperar as reuniões mensais em cada entrada.</p>
---	---	--

<p>Falta de equipamentos e de espaços comuns de convívio.</p>	<p>Os/as moradores/as no seu discurso lamentam que a Urbanização não tenha mais espaços de convívio;</p> <p>Falta de um espaço para as crianças brincarem, em segurança;</p> <p>Falta de mais mesas e bancos num espaço comum que existe entre os lotes.</p>	<p>Criar mais espaços de convívio e de partilha;</p> <p>Manutenção e requalificação do espaço que já existe;</p> <p>Criar um sala de convívio.</p>
<p>Sentimento de desânimo em relação à mudança e ao futuro quer da Urbanização, quer das próprias pessoas.</p>	<p>Alguns/mas moradores/as acreditam que não é possível mudar nem transformar a Urbanização, tendo em conta algumas situações já vivenciadas;</p> <p>Existência de discursos como: “já não tenho idade nem possibilidades para sonhar”.</p>	<p>Promover o reforço e a valorização das potencialidades e competências dos/as moradores/as;</p> <p>Promover uma requalificação simbólica e imaterial da Urbanização;</p> <p>Identificar e valorizar recursos culturais e identitários endógenos.</p>
<p>Monotonia no quotidiano dos/as moradores/as.</p>	<p>O facto de os/as moradores/as passarem a maioria do seu tempo em casa e/ou na Urbanização;</p> <p>Dias rotineiros e monótonos;</p> <p>Através dos inquéritos os/as moradores/as mencionaram que</p>	<p>Participar em atividades de ocupação do tempo livre;</p> <p>Desenvolver as redes de vizinhança;</p> <p>Dinamizar atividades educativas de capacitação e auto-</p>

	não têm vontade de sair de casa, nem vontade de conviver.	capacitação – oficinas de promoção e desenvolvimento de competências essenciais para a vida.
Falta de atividade associativa e de participação social.	<p>Não existe uma Associação de Moradores;</p> <p>Os/as moradores/as, na sua maioria, não querem fazer parte de uma Associação de Moradores;</p> <p>Alguns/mas moradores/as apesar de indicarem que gostavam de criar uma Associação de Moradores, referem que não ia ser possível porque as pessoas não cumprem o que se define;</p> <p>Não existem representantes de entrada em todas as entradas;</p> <p>O papel dos representantes de entrada é mais teórico do que prático;</p> <p>Na sua maioria os/as moradores/as não têm atividade associativa, nem participam em atividades locais.</p>	<p>Eleger um representante de entrada para aquelas entradas que não têm;</p> <p>Fomentar nos representantes o espírito associativo;</p> <p>Criar estratégias de ação e de comunicação com os representantes de entrada;</p> <p>Mobilizar e envolver a população para uma maior participação nas decisões coletivas referentes à Urbanização;</p> <p>Promover a valorização dos recursos locais e identitários disponíveis no Município de Amarante.</p>
Pouca relação dos/as	Inexistência de reuniões entre os/as responsáveis e as técnicas	Estimular reuniões periódicas entre a estrutura da CMA

<p>moradores/as com as instituições públicas.</p>	<p>da CMA com os/as moradores/as da Urbanização;</p> <p>No discurso dos/as moradores/as é notório um sentimento de abandono;</p> <p>Os/as moradores/as expressam a necessidade de mais visitas por parte da CMA na Urbanização;</p> <p>Desconhecimento, por parte dos/as moradores/as, dos recursos exógenos do Município;</p> <p>Pouca abertura das portas da Urbanização para o exterior e vice-versa.</p>	<p>(responsáveis e técnicas) com os/as moradores/as;</p> <p>Religar a CMA aos seus bairros;</p> <p>Promover, nos/as moradores/as, a capacidade de aturem juntos dos poderes públicos em favor dos interesses comuns;</p> <p>Aumentar o conhecimento dos/as moradores/as sobre as diferentes ofertas associativas do Município.</p>
---	--	--

*Tabela 38 – Síntese dos problemas e necessidades*

## APÊNDICE AI. DESCRIÇÃO DAS AÇÕES

<b>Data/Atividade</b>	5 de abril – Sessão Casa da Portela
<b>Descrição</b>	<p>A sessão começou com uma apresentação do Vice-Presidente e da Chefe de Divisão, seguindo-se a apresentação, do projeto. Isto é, a devolução aos/às moradoras/as e aos/às responsáveis e técnicas da CMA aquilo que tinha identificado com os inquéritos, com as idas à Urbanização e com as entrevistas.</p> <p>Ao longo da sessão, houve espaço para a comunicação, para o debate e para a discussão sobre temas importantes da vida e situação da Urbanização, sendo que os/as moradores/as se uniram para falarem e debaterem os seus problemas e as suas necessidades, foram ouvidos e puderam ouvir.</p> <p>Como problemas, os/as moradores/as identificaram:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Falta de luz numa das entradas;</li><li>• Falta de civismo e de responsabilidade por parte dos/as moradores/as – “outro problema é que as pessoas vão sacudir e depois caem coisas na minha varanda. Eu se não atiro para os outros, também não quero que atirem para mim”;</li><li>• Estendais – utilizar os estendais comunitários;</li><li>• Falta de visitas ao bairro por parte da CMA – “antigamente de X em X tempo passava lá alguém, agora raramente vai lá alguém”;</li></ul> <p>Além disso, em conjunto com os/as responsáveis e técnicas da CMA, partilharam algumas ideias que, de certa forma, podem ser considerados direitos e deveres da convivência social, como:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Pensar no silêncio quando entramos dentro do prédio;</li><li>• Em limpar os espaços comuns;</li></ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Respeitar e cumprir a organização das limpezas dos espaços comuns;</li> <li>• Ter cuidado com as portas e as persianas;</li> <li>• Civismos entre os/as moradores/as;</li> <li>• Cuidados com os animais;</li> <li>• Estendais comuns;</li> </ul> <p>De seguida, após a partilha e debate de algumas questões, realizou-se a dinâmica da “Caixa de Partilha”, na qual participaram todos/as os/as moradores/as e sobre a qual a Chefe de Divisão referiu que “a ideia da caixa é uma boa estratégia para ouvir os/as moradores/as e que, de facto, os/as moradores/as participam e unem-se”.</p> <p>No final da dinâmica da “Caixa de Partilha”, em conjunto com os/as moradores/as, decidimos que as sessões iriam ocorrer às quartas-feiras, da parte de tarde, no Pavilhão Desportivo.</p> <p>Para terminar a sessão na Casa da Portela, houve um momento de convívio e de partilha, entre todos/as, através de um pequeno lanche.</p>
<p><b>Avaliação</b></p>	<p><b>Avaliação de progresso</b></p> <p><u>Indicadores quantitativos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Número de participantes: 17 moradores/as e a estrutura da CMA (Vice-Presidente, Chefe de Divisão e técnica da habitação social);</li> <li>• Participação de 3 das 4 representantes de entrada;</li> <li>• Assiduidade de cada participantes: foram todos/as assíduos/as, tendo comparecido antes do horário marcado.</li> </ul> <p><u>Indicadores qualitativos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 1.º espaço de encontro e debate coletivo entre moradores/as e responsáveis e técnicos da CMA, onde houve diálogo, partilha e interação;</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A qualidade da participação, do envolvimento e da interação dos/as moradores/as no desenvolvimento das ações e das suas atividades;</li> <li>• Demonstração de disponibilidade, por parte dos/as responsáveis e técnicas da CMA para participarem no desenvolvimento do projeto;</li> </ul>
	<p><b>Avaliação de resultados</b></p> <p><u>Indicadores qualitativos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Reconhecimento, ao longo do debate, da importância dos representantes de entrada e de se recuperar as reuniões na CMA;</li> <li>• Houve interação e comunicação entre a estrutura da CMA e os/as moradores/as, sendo que os/as moradores/as expuseram os seus problemas e necessidades (uniram-se e debateram as questões do seu interesse);</li> <li>• Procura de soluções conjuntas entre os/as moradores/as e os/as responsáveis e técnicas da CMA para os problemas;</li> <li>• Há muito tempo que não havia um encontro para debate, da vida e da situação da Urbanização entre os/as moradores/as e a estrutura da CMA;</li> <li>• Religação da CMA aos bairros de habitação social.</li> </ul>
<p><b>Testemunhos dos/as moradores/as e dos responsáveis e técnicos da CMA</b></p>	<p><u>Vice-Presidente:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “Das sessões que se querem levar a cabo, pode-se trabalhar o saber viver em comunidade, vivermos em grupo”</li> <li>• “Por muita fiscalização que haja, se vocês não forem os primeiros a fiscalizarem, os primeiros a ter interesse e a colaborar para terem as condições, diria, mais condignas, as coisas nunca vão funcionar. Os/as moradores/as têm que ser os primeiros a ter o interesse e a serem pró-ativos para que estas coisas não aconteçam”</li> </ul> <p><u>Chefe de Divisão:</u></p>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Ser cidadão significa cada um fazer a sua parte. Se cada um fizer a nossa parte, estamos a construir um exemplo de cidadania”</li> <li>• “Eu acho que esta sessão é importante. Já foi importante porque indicarem uma série de problemas, de constrangimentos”</li> <li>• “Aquilo que depende do comportamento, que é uma questão de comportamento, de atitude de cada um, o que eu acho é que todos temos que melhorar e não fazer aquilo que não gostamos que nos façam a nós. Se todos nós tivermos esta forma de pensar e agir, obviamente que teremos uma sociedade mais equilibrada e melhores condições de vida para todos”</li> </ul> <p><u>Técnica da HS:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “Quando saímos da porta do nosso apartamento começamos a viver em conjunto, quer a gente converse quer não e temos de saber respeitar. Se queremos ser respeitados, também tem de partir de nós, respeitar os outros”</li> <li>• “O município está aqui para ajudar”</li> <li>• “Se nós começarmos a respeitar os aos outros, a não fazer aquilo que não queremos que nos façam a nós, as coisas começam a correr bem”</li> </ul> <p><u>Moradores/as:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “Está tudo bem o que disse, mas temos lá 7/8 crianças e não temos espaço para elas brincarem. Está-se lá bem e tudo, mas falta-nos um espaço para as crianças brincarem. Faz-nos falta mesmo”</li> </ul>
--	--

*Tabela 39 – Descrição da sessão na Casa da Portela (5 de abril)*

<b>Data/Atividade</b>	19 de abril – Chuva de ideias sobre o projeto; 1.º encontro entre moradores/as e mestrandas
-----------------------	---

<b>Descrição</b>	<p>A atividade começou com uma breve apresentação entre a mestranda e os/as moradores/as, tendo aparecido 13 moradores/as, dos quais, 2 homens e 11 mulheres. Algumas destas moradoras eram representantes de entrada e outras já tinha exercido estas funções e, portanto, eram moradoras com um vasto conhecimento dos problemas e das necessidades de todos/as os/as moradores/as.</p> <p>Apesar de alguns/as participantes, terem comparecido à sessão de 5 de abril, havia moradores/as que a estavam a aparecer pela primeira vez e, por isso mesmo, considerou-se importante fazer uma breve apresentação do projeto e do caminho que já tinha sido percorrido. Nesta primeira interação gerou-se logo um debate em torno das necessidades sentidas pelos/as participantes que assentavam, sobretudo, na melhoria da comunicação e interação entre todos/as, de repostas por parte da CMA e de organização e de limpeza das escadas. Recordaram, ainda, com saudade, algumas atividades que se realizaram, há mais de dez anos, na Urbanização como: oficinas de capacitação e auto capacitação, encontros entre moradores/as, atividades festivas, entre outros.</p> <p>Já decorria a sessão quando apareceu um morador, ex-representante de entrada, bastante indignado com a situação da Urbanização que, passado pouco tempo, acabou por ir embora.</p> <p>A conversa e a interação foi recorrendo naturalmente e, quando senti que já tinha espaço para abordar os/as moradores/as, sugeri que se fizesse uma dinâmica de grupo em torno das expectativas para o projeto e sobre aquilo que cada participante pode contribuir para o desenvolvimento do mesmo. Contudo, apesar de ter sugerido realizar esta dinâmica em grupos de três e, no final, cada grupo partilhar para o coletivo, os/as participantes referiram que se sentiam mais confortáveis em realizar a dinâmica em grande grupo, visto que alguns/as tinham dificuldades em escrever e ler e, outros/as eram mais envergonhados/as. Assim sendo, foi dado o poder de voz a cada</p>
------------------	--

participante e, em conjunto, além de terem elegido aquilo que para eles/as seria a finalidade para o projeto (“melhorar a qualidade de vida dos/as moradores/as enquanto grupo”), também foi possível identificar problemas e necessidades, bem como algumas atividades e ações possíveis de serem realizadas, tendo sido construído um quadro com as seguintes ideias:

**Expectativas para o projeto:**

- Melhorar a qualidade de vida dos/as moradores/as enquanto grupo;
- Melhorar o ambiente;
- Sermos amigos uns dos outros;
- Mais limpeza e organização;
- Mais convivência;
- Respostas por parte da CMA face aos problemas.

**Problemas:**

- Falta de resposta por parte da CMA;
- Falta de limpeza e organização em algumas entradas;
- Falta de comunicação;
- Falta de representantes de entrada;
- Falta de encontros de partilha para debates;
- “As pessoas deviam aparecer todas. Isto é de todos. A Urbanização não somos só nós aqui. Devíamos de vir todos. Como? Não sei, mas devíamos” (I-RE5).

**Necessidades/Atividades:**

- Guia de Morador;
- Mapa de limpezas – assinaturas;
- Celebrar o Dia do Vizinho – 26 de maio;
- Conhecimento sobre o outro;

- Sensibilização para a organização das entradas;
- Reuniões com os representantes de entrada;
- Reuniões de X em X tempo entre moradores/as e representantes de entrada – 3 em 3 meses por exemplo.

Já quase a terminar a sessão, uma moradora referiu que se podiam recuperar os mapas de limpezas durante o mês de maio para que, no final, se pudesse identificar quem se organizou para manter a entrada limpa e quem não se organizou para, posteriormente, se realizar um trabalho de sensibilização junto daqueles/as que não valorizam esta auto-organização dos/as moradores/as. Assim, em conjunto, concordou-se que, na sessão de 26 de abril, se iriam colocar os mapas em cada entrada.

Concomitantemente, outra moradora referiu a importância de se afixar, em cada entrada, cartazes com as datas das sessões (que foram combinadas entre os/as participantes a ocorrer, no mínimo, uma vez por semana, às quartas-feiras de tarde) para os/as restantes moradores/as terem acesso, mas também para quem estava presente não se esquecer das datas. No entanto, apesar da mestrandia ter sugerido que os construíssem todos/as juntos/as, os/as participantes preferiram dar apenas as indicações para a realização dos mesmos e, sugerido que estes, fossem afixados, na semana seguinte.

Para terminar a sessão, ao longo das conversas que se foram gerando, tocou-se na temática do interconhecimento entre o grupo e, os/as participantes pediram para explicar melhor a questão do auto e do hétero conhecimento, ou seja, de como se poderia trabalhar estas questões. Dei algumas ideias de dinâmicas e, durante a explicação, gerou-se um silêncio e uma concentração extrema por parte dos/as participantes. No final, uma moradora disse “podíamos fazer essa dinâmica na próxima semana” (MJ), à qual os/as restantes participantes concordaram.

	<p>Terminou-se a sessão e, antes de irem embora, alguns/as moradores/as vieram agradecer aquilo que, todos juntos, estávamos a tentar fazer pela Urbanização. Referiram que, pela primeira vez, em muito tempo, voltaram a ser ouvidos/as.</p>
<p><b>Avaliação</b></p>	<p><b>Avaliação de progresso</b></p> <p><u>Indicadores quantitativos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 13 moradores/as;</li> <li>• Presença de 3 representantes de entrada;</li> <li>• Assiduidade de cada participantes: foram quase todos/as assíduos/as/as, tendo comparecido antes do horário marcado;</li> <li>• Parceiros: Divisão de Educação, Juventude e Desporto (Pavilhão Desportivo Municipal de Amarante)</li> </ul> <p><u>Indicadores qualitativos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Entusiasmo pela ideia de se festejar o dia 26 de maio, o dia do vizinho;</li> <li>• Os participantes, ao longo das conversas informais, têm-me agradecido pelo projeto, pelos espaços de encontro e de partilha e por conseguirem expressar os seus problemas e necessidades;</li> <li>• Alguns/as moradores/as sentem que o estarem ali presentes, nas sessões, já é um passo para a mudança. Uma moradora referiu que “nem todos querem mudar, mas os que queremos, podemos fazer alguma coisa” (G);</li> <li>• Procura de soluções para a resolução participada e coletiva dos problemas.</li> </ul> <hr/> <p><b>Avaliação de resultados</b></p> <p><u>Indicadores quantitativos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Na entrada 2 do lote 3, uma moradora assumiu o papel de representante de entrada.</li> </ul> <p><u>Indicadores qualitativos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Os/as moradores/as quiserem colocar um cartaz em cada entrada com as datas das sessões, para não se esquecerem, e também</li> </ul>

	<p>colocar o mapa das limpezas. Consideram que, apesar de anteriormente, em algumas entradas, estes mapas não terem funcionado, querem voltar a tentar. Os/as moradores/as querem perceber quem não faz a limpeza das escadas para, posteriormente, se sensibilizar esses/as moradores/as para estas questões;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Os/as moradores/as referiram que seria interessante terem algumas sessões de capacitação e auto capacitação, em que se abordassem temas que pudessem contribuir para o melhoramento da Urbanização.</li> </ul>
<b>Testemunhos dos/as moradores/as</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Bairro não. Eu não vivo num bairro, vivo numa rua” (A-RE3)</li> <li>• “Nem todos querem mudar, mas os que queremos, podemos fazer alguma coisa” (C)</li> <li>• “As pessoas deviam aparecer todas. Isto é de todos. A Urbanização não somos só nós aqui. Devíamos de vir todos. Como? Não sei, mas devíamos” (I-RE5)</li> </ul>

*Tabela 40 – Descrição da sessão do 1.º encontro entre mestrandas e moradores/as*

<b>Data/Atividade</b>	26 de abril – Trajetórias de Vida Coletivas da Urbanização de S. Lázaro
<b>Descrição</b>	<p>A sessão começou com uma breve apresentação, visto que havia participantes que estavam ali pela primeira vez e, por isso, foi necessário fazer uma breve introdução ao projeto. Nesta sessão, participaram 12 moradores/as, sendo que apenas um morador era do sexo masculino.</p> <p>Esta atividade, intitulada de “Trajetórias de Vida Coletivas da Urbanização de S. Lázaro”, começou com uma breve síntese da sessão anterior, visto que havia novos/as participantes e os/as mesmos/as sentiram a necessidade de perceber no que estava a consistir o desenvolvimento do projeto. Assim, uma participante voluntariou-se, tendo explicado que “temos estado aqui a debater problemas da Urbanização, a falar do que não gostamos e do que</p>

está mal. Temos vindo para aqui falar e conhecermo-nos” (G). De seguida, envolvidos no diálogo, os/as participantes começaram por manifestar que estas sessões têm sido importantes, principalmente porque que criam um debate entre todos/as, sobre os problemas da Urbanização, sendo que uma moradora referiu que “não é preciso chamar as pessoas, elas têm que vir” (I-RE5).

De seguida, demos início a sessão propriamente dita, com a partilha de momentos da história de vida de alguns/as moradores/as, através de um cartaz intitulado “Trajetórias de Vida Coletivas da Urbanização de S. Lázaro”, sendo que os/as participantes preferiram manter os seus nomes para que, no final, fosse mais fácil de associar os momentos às pessoas.

Porém, inicialmente, estavam um pouco reticentes nesta partilha, mas depois, após a uma moradora original de S. Lázaro ter referido alguns momentos da sua vida, já todos/as quiseram participar. Assim, começaram por partilhar as datas de nascimento, através das quais, foi possível perceber quem tinha nascido antes e depois do 25 de abril de 1974 e quais as implicações deste marco histórico na vida das pessoas. Através desta partilha, também foi possível discutir as questões relacionadas com o direito ao voto, com os direitos e deveres dos/as participantes enquanto cidadãos/ãs. No seguimento dos aniversários, os/as participantes perceberam que, quase todos, nasceram em maio e que, por isso, deveriam fazer uma festa. Por mais simples que pareça, já se denota o incentivo ao convívio e à interação, algo que, já há muito tempo, não existia, nem sequer era ponderado.

Além disso, houve partilha de momentos mais delicados o que, demonstrou, que os/as elementos do grupo começam a confiar uns/as nos/as outros/as. Partilharam datas de nascimento de filhos/as e de netos/as, locais onde viveram antes de virem para Amarante, a data de quando vieram para a Amarante e, mais concretamente, de quando vieram para a

Urbanização de S. Lázaro. Contaram, inclusive, motivos de terem vindo para Amarante, evoluíram-se nas suas histórias, nas histórias dos/as outros/as, partilharam emoções e tristezas e, acima de tudo, respeitaram a história do/a outro/a. Refletiram sobre a vida como um espaço de aprendizagem. Foi ainda possível, pensar sobre a história de Amarante e sobre as invasões francesas.

- “Conquistei Amarante”; “conquistei o direito ao voto”.

Pela primeira vez, nesta sessão, os/as moradores/as falaram dos direitos deles e não apenas dos seus deveres enquanto residentes da Urbanização. Falaram do direito de reivindicarem por melhores condições de vida e do direito de serem ouvidos/as, refletiram sobre a história da Urbanização de S. Lázaro e defenderam as entradas uns/as dos/as outros/as, procurando soluções para os problemas que iam sendo expostos.

No final, tal como tem acontecido, houve espaço para um debate entre todos/as, no qual os/as moradores/as puderam partilhar os seus problemas e necessidades: falta de limpeza em algumas entradas, número exagerado de animais dentro de casa, falta de visitas por parte da CMA e barulho até tarde. Os problemas e as necessidades são, praticamente, as mesmas. A diferença é que as pessoas estão a aprender a dialogar umas com as outras, a interagir e, acima de tudo, a expor os problemas e a procurar soluções em conjunto.

Terminamos a sessão com dois questões: “se tivessem que escolher o melhor ano da Urbanização qual seria?” e “se tivessem que escolher o ano que menos gostaram da Urbanização qual seria?”. As respostas foram diversas e permitiram perceber aquilo que os/as moradores/as valorizam e o que menos valorizam na Urbanização e quem eram os/as moradores/as originais e os/as moradores/as mais recentes de S. Lázaro. As respostas foram diversas e, permitiram perceber, além do que os/as moradores/as valorizam e o que menos valorizam na Urbanização, quem

	<p>eram os/as moradores/as originais e os/as moradores/as mais recentes de S. Lázaro. Estas duas questões permitiram que os/as moradores/as refletissem sobre a vida e a dinâmica da Urbanização e partilhassem, principalmente os/as moradores/as originais, a evolução da mesma. Definiram, então:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 2000: início atribulado;</li> <li>• 2010: Espaço Mais – Gabinete de Mediação Comunitária – a Urbanização estava bem;</li> <li>• 2022-2023: a Urbanização está mais ao menos, podemos melhorar.</li> </ul>
<p><b>Avaliação</b></p>	<p><b>Avaliação de progresso</b></p> <p><u>Indicadores quantitativos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 12 moradores/as;</li> <li>• Presença de 3 representantes de entrada;</li> <li>• Assiduidade de cada participantes: foram todos/as assíduos/as, tendo comparecido antes do horário marcado;</li> <li>• Parceiros: Divisão de Educação, Juventude e Desporto (Pavilhão Desportivo Municipal de Amarante).</li> </ul> <p><u>Indicadores qualitativos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• A qualidade do espaço de encontro e debate coletivo;</li> <li>• A participação constante de todos/as os/as participantes, bem como o envolvimento e interação uns/as com os/as outros/as ao longo da sessão;</li> <li>• A discussão sobre a vida e a situação da Urbanização que, por sua vez, demonstra a articulação entre os/as participantes na construção de ações conjuntas e na resolução participada e coletiva dos problemas.</li> </ul>
	<p><b>Avaliação de resultados</b></p> <p><u>Indicadores qualitativos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Os/as moradores/as estão a começar a interagir com moradores/as de outras entradas, algo que não acontecia com</li> </ul>

	<p>frequência, tanto que até falam em fazer convívios, festejar aniversários, entre outros;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Houve partilha de acontecimentos da vida de alguns/as moradores/as, apesar de inicialmente ter havido constrangimento;</li> <li>• No final, os/as moradores/as uniram-se para debater questões da Urbanização, tanto que se defenderam uns aos outros, ou seja, moradores/as de diferentes entradas acabaram por se apoiar. Afirmam que é preciso mais espaços e encontros entre os/as moradores/as e entre a CMA, referindo a necessidade de se recuperarem reuniões entre as entradas;</li> <li>• Refletiram sobre a história da Urbanização.</li> </ul>
<p><b>Testemunhos dos/as moradores/as</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Deviam reunir as pessoas. Cada dia uma entrada durante todos os meses, como faziam primeiro. Reunir as pessoas lá e cada um falar do que se passava, à frente uns dos outros. Com as pessoas patentes, ali quem manda” (A-RE3)</li> <li>• “As pessoas que deviam ir não vêm” (M)</li> <li>• “Temos que ter respeito e não fazer barulho até às tantas” (A-RE3)</li> <li>• “Ou cada um que vai fazer barulho deixar um papel na porta a dizer que vai fazer barulho de X em X horas” (CL)</li> <li>• “Seremos tipo família, devíamos ser família” (I-RE5)</li> <li>• “No início foi atribulado” (C)</li> <li>• “De primeiro não é como é agora, jesus (...) nós agora estamos num sítio bem bom” (P-RE4)</li> <li>• “Era andar no terreno mais vezes, eles deviam andar no terreno” (A-RE3)</li> </ul>

*Tabela 41 – Descrição da sessão “Trajetórias de Vida Coletivas” (26 de abril)*

<b>Data/Atividade</b>	3 de maio - A nossa história de vida: espaço de aprendizagens e conhecimentos
<b>Descrição</b>	<p>Esta sessão não correu como o esperado, mas teve um desenrolar bastante satisfatório e produtivo. Apesar de inicialmente se ter pensado trabalhar as questões da comunicação, apenas apareceram 4 moradoras que consideraram que, a dinâmica inicialmente pensada, deveria ser adiada para quando estivessem mais moradores/as presentes. Assim sendo, questionei as moradoras sobre o que gostavam de trabalhar na sessão, as quais me responderam que queriam falar sobre a sua história de vida e refletir sobre algumas situações que tinham vivenciado.</p> <p>Porém, antes de darmos início à dinâmica sobre as histórias de vida, as moradoras quiseram debater as questões relacionadas com o Guia de Morador, tendo-me pedido para ler aquilo que tínhamos construído até à data. Refletiram sobre o facto de os/as moradores/as não terem aparecido à sessão e que, por esse motivo, numa próxima sessão, se deveria ler o Guia de Morador aos/às restantes participantes. Ao longo da conversa, falaram sobre o facto de as férias de verão estarem a chegar e de não terem como entreter as crianças e que, por isso, consideravam importante ter algumas atividades para realizar com os filhos, netos e sobrinhos. Além disso, no seguimento desta conversa, as participantes falaram sobre se auto-organizarem para irem à CMA solicitar a construção de um parque infantil na Urbanização.</p> <p>Após este pequeno debate, demos início à mesa-redonda sobre as histórias de vida, intitulada de: "a nossa história de vida: espaço de aprendizagens e conhecimentos". Para começar, lancei o seguinte mote: "o que nos trouxe até aqui" e, a partir destas frases, as moradoras começaram uma discussão à volta da sua história de vida. Houve partilha de vários momentos, dos mais felizes aos mais dramáticos, mas acima de tudo, houve a criação de um espaço de partilha, diálogo, respeito e confiança. As moradoras puderam conhecer-se melhor e respeitar a história de vida de cada uma delas. Falaram sobre os vários papéis sociais que assumem na sua vida.</p>

	<p>Além disso, ao longo da conversa, como é natural, surgiu a Urbanização de S. Lázaro e, por isso, ainda houve espaço para se debaterem questões relacionadas com os problemas e com a auto-organização dos/as moradores/as. Referiam que, em algumas entradas, o mapa das limpezas está a ser cumprido.</p> <p>Terminamos a sessão com uma última reflexão, sobre a vida como um espaço de aprendizagens, de conhecimento e de formação e de que, apesar dos vários obstáculos que a vida lhes colocou, as moradoras foram resilientes para chegarem onde chegaram.</p>
<p><b>Avaliação</b></p>	<p><b>Avaliação de progresso</b></p> <p><u>Indicadores quantitativos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 4 moradoras;</li> <li>• Presença de 1 representante de entrada;</li> <li>• Assiduidade de cada participantes: foram todas assíduas, tendo comparecido antes do horário marcado;</li> <li>• Parceiros: Divisão de Educação, Juventude e Desporto (Pavilhão Desportivo Municipal de Amarante).</li> </ul> <p><u>Indicadores qualitativos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Houve comunicação ativa e efetiva;</li> <li>• Participação, envolvimento e interação das participantes ao longo da sessão;</li> <li>• Espaço de encontro que foi, sobretudo, um espaço de partilha que, conseqüentemente, permitiu que as participantes refletissem sobre a sua história como um espaço de aprendizagem, de formação e de conhecimento.</li> </ul> <hr/> <p><b>Avaliação de resultados</b></p> <p><u>Indicadores qualitativos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Partilha de histórias de vida, de acontecimentos, experiências, situações e pessoas significativas.</li> </ul>

<b>Testemunhos dos/as moradores/as</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Devíamos falar sempre assim, era importante para nós todos, a comunicação devia ser assim” (F)</li> <li>• “Obrigada, precisamos de mais momentos assim” (G)</li> <li>• “Isto faz-nos bem, faz respeitar a outra pessoa e perceber o porquê de ela ser assim. Eu gostei, fez-me bem falar e ouvir” (G)</li> </ul>
--	--

*Tabela 42 – Descrição da sessão “A nossa história de vida: espaço de aprendizagens e conhecimentos” (3 de maio)*

<b>Data/Atividade</b>	10 de maio – Palestra de informação CIAC: Planeamento do orçamento familiar
<b>Descrição</b>	<p>No dia de hoje ocorreu a palestra de informação com o CIAC, com a presença da Dr.<sup>a</sup> Rosa Sampaio.</p> <p>Quando chegamos ao Pavilhão Municipal, já lá estava uma moradora que no informou que, infelizmente, por motivos de saúde não poderia comparecer até ao final da sessão. Entretanto, fomos preparar a sala e começaram a chegar mais moradoras que, desde logo, começaram a interagir umas com as outras. Demos 15 minutos de tolerância, por assim dizer e, depois, a Dr.<sup>a</sup> Rosa deu início à sessão que se dividiu em dois momentos: primeiramente, mais focada no planeamento do orçamento familiar e, de seguida, em dicas de poupança no quotidiano. Para tal, a Dr.<sup>a</sup> Rosa recorreu a uma apresentação em PowerPoint, para ser mais fácil de acompanhar aquilo que ia referindo. Contudo, recorreu não só ao método expositivo, mas também ao método interrogativo (técnica das perguntas), para que a sessão fosse mais dinâmica, ativa, dialógica e participativa, mas também para ter feedback constante das participantes.</p> <p>Assim, ao longo da sessão, além da Dr.<sup>a</sup> Rosa informar as participantes sobre estratégias para fazer o planeamento familiar, de dar dicas de como poupar na água, luz e gás, de falar dos direitos e deveres dos consumidores e das tarifas sociais, também houve espaço para as participantes exporem</p>

	<p>as suas dúvidas. Posso afirmar que, mais de como uma palestra de informação, foi um encontro de partilha de estratégias e dicas de poupança, visto que tanto a Dr.<sup>a</sup> Rosa, como as moradoras, foram partilhando situações do quotidiano e situações vivenciadas quer por elas, quer por pessoas próximas, o que permitiu trabalhar as temáticas a partir dos próprios contextos das participantes.</p> <p>Apesar de, durante toda a sessão, haver comunicação fluída e horizontal entre todas, através da qual as participantes foram expondo as suas dúvidas e inquietações, no final houve ainda espaço para esclarecer algumas situações em concreto.</p> <p>Esta sessão foi fulcral, visto que algumas moradoras desconheciam a existência deste Gabinete de Apoio ao Consumidor na Casa da Portela sendo que, no final, algumas participantes até marcaram um atendimento individual para analisarem situações mais concretas. No final, as participantes vieram agradecer a presença da Dr.<sup>a</sup> Rosa, expondo a importância destas sessões para elas, visto que desconheciam alguns direitos que, enquanto consumidoras, têm. Concomitantemente, uma moradora referiu que, mais do que um espaço para apenas se debater problemas e necessidades da Urbanização, também é importante criar mais espaços de aprendizagens.</p>
<p><b>Avaliação</b></p>	<p><b>Avaliação de progresso</b></p> <p><u>Indicadores quantitativos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 11 moradoras (2 nunca tinham participado);</li> <li>• Participação de 2 representantes de entrada;</li> <li>• Articulação com as medidas existentes na DDCS: CIAC;</li> <li>• Assiduidade de cada participantes: foram quase todos/as assíduos/as, tendo comparecido antes do horário marcado; duas moradoras chegaram a meio da sessão;</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Parceiros: Divisão de Educação, Juventude e Desporto (Pavilhão Desportivo Municipal de Amarante).</li> </ul> <p><u>Indicadores qualitativos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• As participantes começam, cada vez mais, a interagir com moradoras de outras entradas e não apenas da mesma entrada;</li> </ul>
	<p><b>Avaliação de progresso</b></p> <p><u>Indicadores qualitativos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Partilha, interação e comunicação:</li> <li>• Partilha de ideias que, apesar de serem relacionadas com o espaço familiar privado, contribuem para à vida comum.</li> </ul>
<b>Testemunhos dos/as moradores/as</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Eu achei importante, há coisas que não sabia e outras que sabia, mas agora vou usar aquilo que aprendi hoje” (G)</li> <li>• “Depois disto, vou lá a Câmara falar com a Doutora para me ajudar num problema que tenho... É isso, vou lá” (MJ)</li> <li>• “Estamos a conhecer coisas que não sabíamos que existia para nós” (F)</li> <li>• “Estas palestras são importantes porque vivemos em grupo, mas também para nós” (G)</li> </ul>

*Tabela 43 – Descrição da sessão “Planeamento do Orçamento Familiar” (3 de maio – CIAC)*

<b>Data/Atividade</b>	17 de maio – Organização do Dia do Vizinho e avaliação intermédia do projeto
<b>Descrição</b>	<p>A sessão de hoje pautou-se por dois momentos: organização do Dia do Vizinho e avaliação intermédia do projeto, através de uma dinâmica de grupo.</p> <p>Após já termos decidido, em sessões anteriores, que o Dia do Vizinho se ia festejar no 30 de maio, por ser a última terça-feira do mês (dia em que se festeja este dia a nível europeu), começamos por pensar no local em que se iria realizar o convívio. Sugeri que se realizasse na Urbanização de S. Lázaro,</p>

para se fomentar a questão da identidade local. Porém, as moradoras referiram que não existem condições para tal e, por isso, sugeriram algumas ideias como: à beira do rio, num espaço existente na Urbanização, ou no exterior do Pavilhão Desportivo (que fica virado para a Urbanização de S. Lázaro). Mas, ficou decidido o Pavilhão Desportivo por ser o local onde as sessões do projeto têm vindo a desenvolver, mas também por se situar na Urbanização de S. Lázaro. Assim sendo, fiquei de reservar o Pavilhão para este dia.

Posteriormente, as moradoras começaram a organizar-se sobre o lanche para o convívio, ou seja, a debater sobre o que cada uma levava. De seguida, em debate, decidiram que este momento de partilha e convívio se devia realizar às 15h, tendo em conta a disponibilidade de cada, com a condição de às 14:30h aparecermos todas para organizar o espaço.

Porém, as moradoras afirmaram que, apesar de quererem que os/as outros/as moradores/as também apareçam, estes/as também teriam de contribuir para o convívio, demonstrando descontentamento por saber que, “quando há convívio e comida todos aparecem, quando temos que falar dos problemas, só vimos nós” (MJ). Além disso, demonstraram descontentamento pelo facto de alguns/as vizinhos/as não aparecerem (“se a câmara não faz nada resmungam, se faz, também não aparecem” - C). Assim sendo, no decorrer desta conversa, surgiu a importância de se motivar os/as outros/as moradores/as a aparecerem em futuras reuniões, para se organizarem e para começaram a conviver mais e melhor uns/as com os/as outros/as. Assim, uma moradora, teve a ideia do “Pote dos Vizinhos”. A ideia deste pote, a colocar no Dia do Vizinho, é que o mesmo contenha frases e/ou sugestões, direitos e deveres dos vizinhos/as para que, cada morador/a, que apareça neste convívio, possa levar uma sugestão para casa de como melhorar a vida na Urbanização. As frases foram elaboradas em conversa entre as moradoras:

- Sempre que passar por um vizinho, cumprimente-o;
- Assine o mapa de limpeza;
- Quando não gostar de alguma coisa, fale educadamente com o seu vizinho;
- Temos de reunir para resolver os nossos problemas;
- Evite fazer barulho, tenha atenção ao horário;
- Vamos começar a festejar dias importantes;
- Quando vir um vizinho, vá ter com ele e convivam juntos;
- Sempre que vir um vizinho, pergunte-lhe como está ou se precisa de ajuda;
- Vamos unir-nos por uma melhor qualidade de vida:
- Temos de manter os espaços comuns limpos e bem conservados;
- Participar ativamente na vida da Urbanização;
- Participar na construção de soluções para a melhoria da nossa qualidade de vida enquanto grupo;
- Participar nas reuniões e nos encontros entre moradores;
- Respeitar as regras do civismo, da boa educação e da boa vizinhança;
- Criar espaços de partilha, interação e convívio com os/as moradores/as;
- Comunicar com os vizinhos;

De seguida, em conversa, as moradoras também falaram sobre o mapa das limpezas, tendo indicado que, em algumas entradas, está a resultar bastante bem, mas que, noutras entradas nem por isso, visto que as pessoas não se preocupam com estas questões. Assim, pediram para elaborarmos um mapa mais complexo que tivesse o andar do prédio, o nome do titular da habitação, a data e a assinatura, uma vez que, consideram que poderá resultar melhor se tiver o nome de cada titular. Neste seguimento, foram partilhando algumas situações menos agradáveis que vivenciaram em relação à organização das entradas procurando, em conjunto, soluções para as resolver, como: recolher

assinaturas, fazer abaixo-assinados e ir à CMA, em conjunto, quando tiverem algum problema. Uma moradora indicou que, na sua entrada, sensibilizou os/as vizinhos/as para a questão da limpeza e do mapa da limpeza.

Após este debate sobre questões que, para as moradoras, são fundamentais de serem resolvidas e de, juntas, procurarem soluções, demos início a avaliação intermédia do projeto, através de uma dinâmica de grupo.

Assim, solicitei as moradoras que se movimentassem pelo Pavilhão de forma aleatória, segundo a questão: “encontrem no vosso pensamento o que, antes do projeto começar, gostariam de mudar na Urbanização”, tendo surgido frases como:

- “mais relação com os vizinhos” (G)
- “gostava que a minha entrada tivesse mais limpa” (MJ);
- “aquelas reuniões que antes havia lá em cima” (A-RE3);
- “que houvesse mais respeito pelos vizinhos” (F);
- “nós vizinhos devíamos-nos de dar todos juntos” (C);
- “devia haver diálogo, respeito como nos outros sítios, coisa que aqui não há” (I-RE5);
- “mais visitas e reuniões com a Câmara, que fossemos todos, que fosse obrigatório (M)”.

De seguida, voltou-se a repetir o mesmo processo, mas com a seguinte frase: “ao longo do projeto, o que sentem que mudou na Urbanização”. Ao início, as participantes não perceberam bem a questão, mas depois de explicar melhor, surgiram diversas ideias como:

- “nós aqui criamos um grupo de amigas” (G);
- “começamos a conviver mais” (F);
- “somos mais unidas e temos um grupo mais coeso” (G);

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “apesar de na minha entrada haver uma pessoa que não limpa, o mapa das limpezas está a resultar” (A-RE3);</li> <li>• “fomos à Câmara e falamos dos nossos problemas” (M).</li> </ul> <p>Esta dinâmica, além de ter permitido realizar uma avaliação intermédia do projeto, também possibilitou que as participantes, enquanto grupo, trabalhassem questões como a comunicação, o ouvir o outro, o respeitar a perspetiva do outro e a coesão grupal, sendo que, através desta dinâmica, gerou-se, novamente, um debate à volta de algumas inquietações sentidas pelas moradoras.</p> <p>No final, em conversa, as moradoras começaram a indicar que gostavam de realizar mais encontros, mesmo após terminar o projeto. Uma moradora sugeriu que se podia começar por fazer uma caminhada no Trilho das Azenhas e, em conjunto, as moradoras organizaram-se para dia 24 de maio às 9:45h, sendo que me convidaram a estar presente.</p>
<p><b>Avaliação</b></p>	<p><b>Avaliação de progresso</b></p> <p><u>Indicadores quantitativos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 7 participantes (têm participado ao longo do projeto);</li> <li>• Presença de 3 representantes de entrada;</li> <li>• Assiduidade de cada participantes: foram todas assíduos/as, tendo comparecido antes do horário marcado;</li> <li>• Parceiros: Divisão de Educação, Juventude e Desporto (Pavilhão Desportivo Municipal de Amarante).</li> </ul> <p><u>Indicadores qualitativos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• As moradoras organizaram-se, em conjunto, para o convívio do Dia do Vizinho: decidiram o local, a hora e o lanche que cada uma ia levar, o que demonstra o aumento da qualidade da participação, do envolvimento e da interação dos/as moradores/as no desenvolvimento das ações e das suas atividades;</li> <li>• As ideias das participantes para o Dia do Vizinho: o Pote dos Vizinhos e a caixa de sugestões;</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O facto de as moradoras querem continuar, após o projeto, a marcar espaços de encontro e de convívio, o que revela o aumento da qualidade dos espaços de encontro e debate coletivo.</li> </ul>
	<p><b>Avaliação de resultados</b></p> <p><u>Indicadores qualitativos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• O facto de as moradoras sensibilizarem os/as outros/as moradores/as para a questão da limpeza e do mapa da limpeza;</li> <li>• As participantes consideram que, ao longo do projeto, conseguiram criar um grupo mais coeso;</li> <li>• As representantes de entrada, presentes na sessão, salientaram, diversas vezes, a necessidade de se organizar uma reunião entre representantes de entrada e estrutura da CMA;</li> <li>• A identificação de aspetos que se melhoraram com o projeto e de aspetos que ainda se podem vir a melhorar;</li> <li>• As participantes salientarem a relação entre a Urbanização e a CMA.</li> </ul>
<b>Testemunhos dos/as moradores/as</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Eu disse-lhe: olhe quando limpas as escadas meta ali o seu nome, eu acho que isto é uma falta de respeito para nós e para quem meteu ali o papel, é uma falta de respeito pelo trabalho que se teve” (C)</li> <li>• “Quando há convívio e comida todos aparecem, quando temos que falar dos problemas, só vimos nós” (MJ)</li> <li>• “Se a Câmara não faz nada resmungam, se faz, também não aparecem” (C)</li> </ul>

*Tabela 44 – Descrição da sessão de avaliação intermédia do projeto (17 de maio)*

<b>Data/Atividade</b>	24 de maio – 1.ª Caminhada dos Vizinhos
<b>Descrição</b>	A 1.ª Caminhada do Vizinho, foi organizada por um grupo de 5 moradoras que têm vindo a participar nas sessões do projeto. Esta caminhada ocorreu da parte da manhã, entre as 9:45h e as 11:45h, no Trilho das Azenhas.

	<p>Porém, só apareceram 3 das 5 moradoras, visto que uma adoeceu e a outra teve um imprevisto de última hora.</p> <p>Começamos por nos dirigir ao Trilho das Azenhas, mas como estava bastante calor, decidimos que o melhor seria atravessar o Rio Tâmega para a outra margem. Para uma das moradoras, foi a primeira vez que atravessou o Rio pelo caminho de pedras. Quando chegamos à outra margem, uma das moradoras indicou que deveríamos tirar fotografias para recordar este momento e, assim, pediu a um caminhante para nos tirar a fotografia que, mais tarde, publicou no Facebook, com o título “Caminhada dos Vizinhos”. Aproveitei este momento para questionar as moradoras sobre se poderia colocar a fotografia no relatório, sendo que as moradoras confirmaram que sim.</p> <p>De seguida demos início à caminhada. Ao longo do trilho, envolvidas no espírito de partilha, fomos contando um ou outro momento da nossa história de vida, conversando sobre o desenvolvimento do projeto, sobre aquilo que se tem vindo a melhorar e sobre aquilo que se poderia melhorar. As moradoras partilharam, ainda, algumas inquietações sobre a vida da Urbanização.</p> <p>No final da caminhada, as moradoras verbalizaram o interesse em manter este hábito entre elas e, ainda, em organizar uma Caminhada dos Vizinhos para toda a Urbanização.</p>
<p><b>Avaliação</b></p>	<p><b>Avaliação de progresso</b></p> <p><u>Indicadores quantitativos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 3 moradoras;</li> <li>• Presença de 1 representante de entrada:</li> <li>• Assiduidade de cada participantes: foram quase todas assíduas, tendo comparecido antes do horário marcado.</li> </ul>

	<p><u>Indicadores qualitativos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Foi um momento de convívio organizado pelas moradoras;</li> <li>• Espírito de partilha, respeito e confiança;</li> <li>• Organização das moradoras para futuras caminhadas.</li> </ul>
	<p><b>Avaliação de resultados</b></p> <p><u>Indicadores qualitativos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Partilha de experiências, ideias e sentimentos relativos à vida em comum, ao longo da caminhada.</li> </ul>

*Tabela 45 – Descrição da 1.ª Caminhada dos Vizinhos*

<b>Data/Atividade</b>	24 de maio – Preparação do Dia do Vizinho
<b>Descrição</b>	<p>A sessão de hoje decorreu da anterior, da organização para o Dia do Vizinho, visto que as participantes tinham verbalizado que seria interessante ter alguns elementos de decoração. Assim, levei materiais para a sessão para, em conjunto, construirmos os cartazes, o pote com as frases e a caixa das sugestões. Comecei por perguntar quem gostava mais de pintar, recortar e colar e, as moradoras, entre elas, organizaram-se conforme aquilo que cada uma tinha mais aptidões para fazer. Assim, umas participantes ficaram a desenhar e a pintar os cartazes e outras, a recortar as frases, a colocar fita e a preparar a caixa das sugestões.</p> <p>Ao longo da sessão e, envolvidas nos trabalhos manuais e no diálogo, as participantes foram recordando alguns ateliês que tinham existido na Urbanização, sendo que uma moradora até explicou algumas técnicas que conhecia sobre trabalhos manuais. Além disso, ao longo das conversas, também se refletiu sobre a Urbanização, através das quais as moradoras demonstraram o seu descontentamento por alguns/as vizinhos/as não aparecerem nestas sessões.</p>

	<p>Posteriormente, questionei as participantes sobre o título a dar ao nosso Pote e, uma moradora indicou logo: “tem que ser o Pote dos Vizinhos, já que somos vizinhos e é para o Dia dos Vizinhos”. Todas concordaram e assim ficou: Pote dos Vizinhos.</p> <p>No decorrer da sessão, ainda apareceu uma moradora que se juntou a nós, já na reta final dos preparativos, mas que, mesmo assim, ajudou a construir os cartazes.</p> <p>Uma das moradoras que participou na caminhada da parte da manhã, aproveitou para contar as vizinhas sobre a caminhada o que, por sua vez, entusiasmou as que não tinham participado a vir a participar, futuramente.</p> <p>Terminamos a sessão após termos concluído os cartazes, o Pote do Vizinho e a caixa das sugestões. As participantes ficaram de sensibilizar os/as restantes vizinhos/as a participarem no Dia do Vizinho.</p> <p>É de referir que, antes da sessão começar, duas moradoras ligaram a pedir desculpa por não puderem ir à sessão, por motivos pessoais.</p>
<p><b>Avaliação</b></p>	<p><b>Avaliação de progresso</b></p> <p><u>Indicadores quantitativos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 6 moradoras;</li> <li>• Presença de 1 representante de entrada;</li> <li>• Assiduidade de cada participantes: foram quase todas assíduas, tendo comparecido antes do horário marcado;</li> <li>• Parceiros: Divisão de Educação, Juventude e Desporto (Pavilhão Desportivo Municipal de Amarante).</li> </ul> <p><u>Indicadores qualitativos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• A qualidade da participação, do envolvimento e da interação dos/as moradores/as no desenvolvimento da ação: construíram os cartazes, o “Pote dos Vizinhos” e a caixa das sugestões;</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A articulação entre os/as participantes na construção de ações conjuntas: a auto-organização na preparação do Dia do Vizinho.</li> </ul>
	<p><b>Avaliação de resultados</b></p> <p><u>Indicadores qualitativos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• A participação e envolvimento dos/as moradores/as em expressar e partilhar experiências, ideias e sentimentos relativos à vida em comum: a partilha, o diálogo, interação e a união ao longo da sessão.</li> </ul>
<b>Testemunhos dos/as moradores/as</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Tem mais significado se formos nós a fazer” (G)</li> </ul>

*Tabela 46 – Descrição da sessão de preparação do Dia do Vizinho (24 de maio)*

<b>Data/Atividade</b>	30 de maio – Dia do Vizinho
<b>Descrição</b>	<p>O dia de hoje ficou marcado pela celebração do Dia do Vizinho, que se pautou por um momento de partilha e de convívio entre as moradoras da Urbanização de S. Lázaro.</p> <p>Tal como tínhamos combinado, na última sessão, aparecemos todas por volta das 14:30h, sendo que, quando cheguei ao Pavilhão Desportivo já lá estavam três moradoras a organizar o espaço e as mesas. À medida que o tempo foi passando, foram aparecendo mais moradoras, cada vez mais entusiasmadas com este momento e com vontade de serem elas a organizar tudo sozinhas. Enquanto umas iam preparando as mesas, outras iam decorando o espaço, colando os cartazes e colocando a caixa das sugestões e o Pote dos Vizinhos.</p> <p>Até à chegada dos/as responsáveis e técnicas da CMA, as moradoras aproveitaram para colocar a conversa em dia, para falar sobre o decorrer do projeto e para discutir os próximos passos. Aproveitaram para solicitar a</p>

colocação dos mapas de limpeza, referentes ao mês de junho, na 1.ª semana do respetivo mês. Ao longo das várias conversas que se foram estabelecendo e das partilhas referentes ao projeto, houve quem demonstrasse descontentamento pelo facto de alguns/as vizinhos, estarem em casa, e não quererem aparecer. Porém, também demonstraram que estão cada vez mais unidas para contribuir para a melhoria da vida e da situação da Urbanização tendo salientado, várias vezes, alguns dos momentos que viveram com o desenvolvimento do projeto, como: a ida à CMA, a Caminhada do Vizinho, a auto-organização com o mapa das limpezas, as palestras de informação e, acima de tudo, o facto de terem conseguido criar um espaço onde foram ouvidas e onde puderam debater os seus problemas.

Aproveitei, este momento de partilha e diálogo, para questionar as moradoras sobre aquilo que ainda poderíamos a vir desenvolver ao longo do projeto. As ideias foram várias, como: palestras de informação, caminhadas e “algo que contribua para o bem-estar de todos” (P-RE-4). Assim, em conjunto, chegamos às seguintes sessões: 2.ª Caminhada dos Vizinhos, Movimento de Limpeza da Urbanização e palestras/sessões de informação e sensibilização sobre Gestão Doméstica e Habitacional e Direitos e Deveres da Convivência Social (relações interpessoais e gestão de conflitos).

Entretanto, chegaram os/as responsáveis e técnicas da CMA (Vice-Presidente, Chefe de Divisão e as técnicas da Habitação Social) e demos início ao lanche partilhado. Ao longo deste momento, entre mim (mestranda), moradoras e estrutura da CMA, foi possível fazer algumas partilhas em relação à Urbanização e ao projeto, bem como expor algumas conquistas, sugestões, problemas e necessidades. Além disso, antes da estrutura da CMA ir-se embora, aproveitamos para cantar os parabéns a uma moradora que fazia anos.

	<p>De seguida, as moradoras quiserem entregar uma frase/sugestão do Pote dos Vizinhos ao Vice-Presidente, à Chefe de Divisão e as técnicas da habitação social, por sentirem que eles também fazem parte da vida e da situação da Urbanização.</p> <p>Após o lanche, chegou um dos momentos mais esperados: a aula de zumba. Quando os voluntários da Casa da Juventude chegaram, apesar das dificuldades linguísticas, as moradoras entenderam-se logo com eles e convidaram-nos para lanchar antes da aula de zumba. A aula de zumba, que se seguiu, foi um momento que as moradoras já ansiavam há bastante tempo. Entre danças e gargalhadas, denotou-se, sem dúvida, a união que se criou entre este grupo de mulheres.</p> <p>Durante a aula de zumba apareceram mais 2 moradores que, desde logo, se juntaram anos neste momento.</p> <p>No final do convívio, as moradoras organizaram-se para deixar tudo arrumado e limpo, dividiram o lanche que sobrou entre elas e começaram a sugerir fazer estes lanches partilhados mais vezes.</p>
<p><b>Avaliação</b></p>	<p><b>Avaliação de progresso</b></p> <p><u>Indicadores quantitativos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 12 moradores/as;</li> <li>• Presença de 3 representantes de entrada;</li> <li>• A presença dos/as responsáveis e técnicas da CMA;</li> <li>• Assiduidade de cada participantes: foram quase todas assíduas, tendo comparecido antes do horário marcado;</li> <li>• Articulação com as entidades parceiras do Município: Casa da Juventude;</li> <li>• Parceiros: Divisão de Educação, Juventude e Desporto (Pavilhão Desportivo Municipal de Amarante).</li> </ul> <p><u>Indicadores qualitativos:</u></p>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O envolvimento, a participação e a presença dos/as moradores/as e das técnicas da HS na planificação e no desenvolvimento do projeto</li> </ul>
	<p><b>Avaliação de resultados</b></p> <p><u>Indicadores qualitativos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Auto-organização das moradoras ao longo de todo o convívio;</li> <li>• A partilha de ideias, sugestões, problemas e necessidades entre todos;</li> <li>• O facto de as participantes verbalizarem que, cada vez mais, se sentem ouvidas;</li> <li>• Contacto próximo entre as moradoras e a estrutura da CMA.</li> </ul>
<b>Testemunhos dos/as moradores/as</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Vamos repetir este lanche no final, mas agora só nós, nós que vimos sempre” (I-RE5)</li> <li>• “Mesmo depois de terminar vamos continuar a fazer estes lanches, cada um traz uma coisa e não custa, assim às vezes” (G)</li> <li>• “Vamos esperar que eles que mandem cheguem, não podemos começar sem eles, isto é para nós e para eles” (P-RE4)</li> </ul>

*Tabela 47 – Descrição do Dia do Vizinho*

<b>Data/Atividade</b>	31 de maio – Workshop Primeiros-Socorros
<b>Descrição</b>	<p>O workshop de Primeiros-Socorros, ocorreu da parte da tarde, entre as 14:30h e às 16:30h, no qual participaram 10 moradores/as. Este workshop foi dinamizado pelos Bombeiros Voluntários de Amarante, mais concretamente pela Equipa de Intervenção Permanente, da qual faz parte o Comandante.</p> <p>Antes da chegada da equipa dos Bombeiros, as primeiras cinco moradoras que apareceram no Pavilhão Desportivo, por iniciativa própria e por considerarem esta iniciativa uma mais-valia para a Urbanização, foram</p>

	<p>chamar alguns/as moradores/as para participarem e, no final, tiveram presentes 10 moradores/as.</p> <p>O workshop começou com uma apresentação da equipa dos Bombeiros, seguindo-se uma apresentação mais teórica dos conteúdos, bem como alguns momentos de prática dos mesmos. Ao longo da sessão, os/as moradores/as foram colocando algumas questões, bem como foram partilhando algumas experiências no âmbito dos primeiros socorros.</p> <p>Neste workshop, os/as moradores/as além de aprenderem a posição lateral de segurança e o suporte básico de vida, também aprenderam como reagir em situações específicas, como: hemorragias, feridas, queimaduras, fraturas, intoxicação, desmaio, hipoglicemia, convulsão, entre outros.</p> <p>No final, houve espaço para os/as moradores/as tirarem as suas dúvidas.</p>
<p><b>Avaliação</b></p>	<p><b>Avaliação de progresso</b></p> <p><u>Indicadores quantitativos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 10 moradores/as;</li> <li>• 3 representantes de entrada;</li> <li>• Articulação com as entidades parceiras do Município: Bombeiros Voluntários de Amarante;</li> <li>• Assiduidade de cada participantes: foram quase todos/as assíduos/as, tendo comparecido antes do horário marcado;</li> <li>• Parceiros: Divisão de Educação, Juventude e Desporto (Pavilhão Desportivo Municipal de Amarante).</li> </ul> <p><u>Indicadores qualitativos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• A qualidade da participação, do envolvimento e da interação dos/as moradores/as no desenvolvimento das ações e das suas atividades.</li> </ul> <hr/> <p><b>Avaliação de resultados</b></p> <p><u>Indicadores qualitativos:</u></p>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mobilização de 5 moradoras para convidarem outros/as moradores/as a participarem neste workshop;</li> <li>• Aquisição de competências no âmbito dos primeiros-socorros;</li> <li>• Grande envolvimento e participação dos parte dos/as participantes no workshop;</li> <li>• A identificação e procura, por parte dos/as moradores/as, de formas de colmatar a necessidade do desenvolvimento de competências essenciais para a vida.</li> </ul>
<b>Testemunhos dos/as moradores/as</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Os bombeiros foi muito bons” (I-RE5)</li> <li>• “Eu também gostei dos bombeiros, foi importante” (G)</li> <li>• “Isto é importante para nós e para os vizinhos, até o meu marido deve vir. Ainda no outro dia fomos passear e um rapaz ia-se atirar da ponte abaixo se não fosse o meu marido e outro homem. E também, no outro dia, o meu marido ajudou um senhor que teve um acidente de mota, não saiu de lá até virem os bombeiros e até me ligou para levar um guarda-chuva. Portanto, isto é importante. A qualquer hora ou dia podemos ter de ajudar alguém” (C)</li> <li>• “Eu já tinha feito uma formação na ADESCO, mas já foi há muito tempo. Não me lembrava já daquilo, sabe? Aquilo que temos que fazer as compressões” (MJ)</li> <li>• “Quando vem cá a GNR? Eles também deviam cá vir, também era importante” (P-RE4)</li> <li>• “Estas palestras são importantes, eu estou a gostar e as pessoas vêm mais até” (G)</li> </ul>

*Tabela 48 – Descrição do Workshop “Primeiros-Socorros” (31 de maio – BVA)*

<b>Data/Atividade</b>	7 de junho – Movimento de Limpeza da Urbanização
-----------------------	--

<b>Descrição</b>	<p>Para o dia 7 de maio, estava combinado, com as moradoras o Movimento de Limpeza da Urbanização, mas este não se realizou, por motivos meteorológicos. Antes de dar início à sessão propriamente dita, as moradoras indicaram que “deve vir pouca gente por ser o movimento de limpeza, as pessoas não querem limpar para os outros e têm razão, eu também não quero limpar e depois andarem a fazer pouco de mim” (I – RE5) e que “eu acho bem esta sessão, todos podemos aprender mais coisas e contribuir, mas não sei se limpar vai fazer alguma coisa” (G). Assim sendo, dei espaço às participantes para decidirem se queriam, ou não, iniciar o Movimento de Limpeza, ao qual ficou decidido que “não, queremos estar na sessão e ouvir os voluntários, depois podemos ficar só nós a falar, mas limpar achamos melhor não, o tempo está de chuva não vai dar” (I – RE5). E, assim foi, decidiu-se, então, manter apenas a ação de sensibilização e, por isso, foi necessário encontrar outras vias para o desenvolvimento da ação.</p> <p>Neste âmbito, em conjunto, através de uma apresentação em PowerPoint que, serviu apenas de guia, começamos a debater aquilo que, enquanto cidadãos poderíamos alterar no nosso quotidiano, mas também aquilo que, enquanto grupo, se poderia mudar na Urbanização para sermos, cada vez mais, sustentáveis. Falamos e debatemos, sobretudo, sobre projetos de educação ambiental, sobre políticas para a preservação do meio ambiente, do comportamento individual e de mudança de atitudes individuais. Ao longo deste debate, apesar de os voluntários da Casa da Juventude falarem, sobretudo inglês, foi possível que os mesmos participassem na discussão, através da minha tradução.</p> <p>De seguida, os voluntários propuseram apresentar alguns dos projetos que estão inseridos e que, de cerra forma, promovem a consciência ambiental em escala local e global. As moradoras, desde logo, demonstraram bastante entusiasmo e curiosidade por estes projetos, nomeadamente pela Horta Urbana e pelo <i>Greendex</i> (<a href="#">Home - Greendex</a>), mas também pela própria</p>
------------------	--

visão da Casa da Juventude que passa, sobretudo, pela promoção de atitudes ambientais e por comportamentos pró-ambientais. Apesar das diferenças linguísticas, foi possível estabelecer um diálogo entre as moradoras e os voluntários da Casa da Juventude, sendo que, as moradoras demonstraram vontade de serem participantes da Horta Urbana.

Efetivamente apesar desta sessão não ter corrido como o esperado, foi possível debater temas importantes para o quotidiano das participantes e da Urbanização, bem como promover as atitudes ambientais e os comportamentos pró-ambientais. Além disso, foi fundamental para as moradoras conhecerem os recursos exógenos associativos do Município de Amarante, como a Casa da Juventude, que promove uma diversidade de projetos para a comunidade, e a Horta Urbana que tem como objetivo promover práticas sustentáveis de cultivo e consumo responsável, fomentar a utilização da compostagem e sensibilizar para as questões da redução do desperdício.

Após a ação de sensibilização e apresentação dos projetos da Casa da Juventude uma moradora que, é representante de entrada, sugeriu que “podíamos ficar agora aqui a falar das questões da Urbanização, nós aqui tivemos uma ideia e queremos partilhar consigo para nos ajudar” (I – RE5). Assim sendo, ficamos mais tempo no Pavilhão Desportivo, para poder ouvir as moradoras, mas também para elas próprias discutirem a melhor solução para as suas ideias.

Então, questionei as moradoras sobre essa tal ideia, à qual me responderam: “é assim, nós temos ali aquela sala de vago e podíamos utilizar. A gente passava ali o tempo, ocupadas, cada uma com as suas ideias, ajudávamo-nos umas as outras e fazíamos os nosso trabalhos. E depois, elas as doutoras, podiam fazer uma exposição com os nosso trabalhos. Porque elas têm ali as salas e a fazer o quê? Uma tem coisas mas as outras não. Eu quando andei no TEIA+, que andei muito tempo, já

	<p>estivemos ali e elas têm ali as salas vazias e podiam-nos dispensar uma, não estragávamos nada (...) aquela senhora tem uns dons maravilhosas, a outra senhora ali também e eu dou uns toques no linho e faço coisas e a gente podia juntar-se e sair de casa, uma dá uma ideia e outra dá outra ideia” (I-RE5). Daqui, depois da apresentação das ideias, as moradoras sugeriram marcar uma reunião com as técnicas da Habitação Social, na Casa da Portela, sendo que uma moradora indicou, desde logo, “mas temos que ir todas, não pode ser só uma, temos que ir todas as interessadas, para nos ouvirem” (F). Assim, ficou decidido tentar marcar uma reunião na Casa da Portela, com os responsáveis e com as técnicas da Habitação Social (“diga-lhes que nós falamos disto e depois nós vamos lá e falamos – I/RE5).</p> <p>Falamos, por fim da Caminha dos Vizinhos, visto que uma moradora sugeriu que se voltasse a repetir (“da Caminhada dos Vizinhos podíamos fazer, eu não fui, mas desta vez vou – F). As moradoras ficaram de se organizar, entre todas, para marcarem uma data para a 2.ª Caminha dos Vizinhos. Além disso, falamos sobre o horário das próximas sessões, nomeadamente sobre a sessão de Gestão de Conflitos e Relações Interpessoais e a sessão de Gestão Doméstica e Habitacional (“nós gestão é muito boa, temos que apertar as mãos para ele não fugir de nós, mas temos que saber mais, é importante – I/RE5), sendo que duas moradoras solicitaram que as sessões das últimas semanas de junho ocorressem da parte da manhã, para estarem presentes, visto que iam começar uma formação durante a tarde.</p>
<p><b>Avaliação</b></p>	<p><b>Avaliação de progresso</b></p> <p><u>Indicadores quantitativos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 7 moradoras (uma teve de se ausentar durante a sessão, por motivos de saúde);</li> <li>• Participação de 2 representantes de entrada;</li> <li>• Assiduidade de cada participantes: foram todas assíduas, tendo comparecido antes do horário marcado;</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Articulação com as entidades parceiras do Município: Casa da Juventude;</li> <li>• Parceiros: Divisão de Educação, Juventude e Desporto (Pavilhão Desportivo Municipal de Amarante).</li> </ul> <p><u>Indicadores qualitativos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• A articulação entre os/as participantes na construção de ações conjuntas e na resolução participada e coletiva dos problemas: esta sessão teve uma dimensão de autogestão, no sentido que as participantes demonstraram a sua auto-organização em prol das suas sugestões e necessidades;</li> </ul>
	<p><b>Avaliação de resultados</b></p> <p><u>Indicadores qualitativos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Dar a conhecer os recursos existentes no Município às moradoras e, as mesmas, demonstraram interesse em aderir – Horta Urbana;</li> <li>• O facto de ter havido ações, no passado, e as pessoas continuarem interessadas nessas sessões, recordando essas mesmas iniciativas feitas anteriormente – Teia+ e Espaço Mais;</li> <li>• Evidência que a dinamização dos encontros e reuniões entre a CMA e moradores/as está a dar frutos, visto que as moradoras mostraram interesse em marcar uma reunião para debater e apresentar as suas sugestões;</li> <li>• A identificação e procura, por parte dos/as moradores/as, de formas de colmatar a necessidade do desenvolvimento de competências essenciais para a vida.</li> </ul>
<p><b>Testemunhos dos/as moradores/as</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Deve vir pouca gente por ser o movimento de limpeza, as pessoas não querem limpar para os outros e têm razão, eu também não quero limpar e depois andarem a fazer pouco de mim” (I – RE5)</li> <li>• “Eu acho bem esta sessão, todos podemos aprender mais coisas e contribuir, mas não sei se limpar vai fazer alguma coisa” (G)</li> <li>• “Não, queremos estar na sessão e ouvir os voluntários, depois podemos ficar só nós a falar, mas limpar achamos melhor não porque só estamos nós” (I – RE5)</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Podíamos ficar agora aqui a falar das questões da Urbanização, nós aqui tivemos uma ideia e queremos partilhar consigo para nos ajudar” (I – RE5)</li> <li>• “É assim, nós temos ali aquela sala de vago e podíamos utilizar. A gente passava ali o tempo, ocupadas, cada uma com as suas ideias, ajudávamo-nos umas as outras e fazíamos os nosso trabalhos. E depois, elas as doutoras, podiam fazer uma exposição com os nosso trabalhos. Porque elas têm ali as salas e a fazer o quê? Uma tem coisas mas as outras não. Eu quando andei no TEIA+, que andei muito tempo, já estivemos ali e elas têm ali as salas vazias e podiam-nos dispensar uma, não estragávamos nada (...) aquela senhora tem uns dons maravilhosas, a outra senhora ali também e eu dou uns toques no linho e faço coisas e a gente podia juntar-se e sair de casa, uma dá uma ideia e outra dá outra ideia” (I-RE5)</li> <li>• “Sim, concordo com ela. Nós precisamos desta sala, precisamos de falar, aprender umas com as outras, conviver. Se não for assim, vai-se embora e ninguém vai querer saber mais” (G)</li> <li>• “Mas temos que ir todas, não pode ser só uma, temos que ir todas as interessadas, para nos ouvirem” (F)</li> <li>• “Marque a reunião lá na Câmara e depois diga-nos o dia que nós vamos lá pedir a sala” (I-RE5)</li> <li>• “Da Caminhada dos Vizinhos podíamos fazer, eu não fui, mas desta vez vou” (F)</li> <li>• “Nós pedimos para a formação ser de manhã, mas não deu. Mas também queríamos vir aqui ao projeto, nós gostamos disto e queríamos que fosse de manhã, se der, para nós virmos” (G)</li> <li>• “O que era bom era que aparecesse toda gente. Com uns prédios tão grandes e tanta gente, só vem meia dúzia de pessoas, não há.. não há.. há pessoas que podiam vir. Quem trabalha não, mas quem está em casa podia vir” (P-RE4)</li> <li>• “A Doutora Célia podia cá vir falar connosco, como era antes, eu conheço-a bem” (I-RE5)</li> </ul>
--	--

--	--

*Tabela 49 – Descrição do Movimento de Limpeza da Urbanização (7 de junho – CI)*

<b>Data/Atividade</b>	13 de junho – Sessão de informação “Gestão de Conflitos e Relações Interpessoais”
<b>Descrição</b>	<p>A sessão que ocorreu no dia de hoje, sobre Gestão de Conflitos e Relações Interpessoais, foi uma das sessões mais esperadas pelas participantes do projeto, visto que, ao longo das várias sessões, foram demonstrando interesse em perceber como resolver alguns conflitos de forma saudável e, acima de tudo, através da escuta e do diálogo. Esta sessão, por motivos profissionais da oradora, ocorreu a uma terça-feira, durante a parte da tarde. Apesar de se ter alterado o dia da sessão, compareceram 13 moradoras, das quais 2 moradoras foi a primeira vez.</p> <p>A sessão começou por uma breve apresentação entre a oradora e as moradoras, sendo que, a oradora referiu, várias vezes, que estava ali não para assumir um controlo social e/ou materialista e paternalista, mas sim para ouvir e escutar as pessoas, para partir das próprias experiências das mesmas e, acima de tudo, para criar um espaço de diálogo e partilha sobre um tema que as moradoras consideraram importante quer para a sua vida intra, quer extra à Urbanização. Considero que esta reflexão inicial sobre aquilo que viria a ser a sessão foi essencial para as participantes se sentirem não só à vontade, mas também para perceberem que estavam num espaço seguro de partilha e reflexão sobre aquilo que elas considerassem importante.</p> <p>Assim, de seguida, através de várias reflexões, trabalhou-se temáticas como: as emoções, a importância de gerir as emoções, as relações interpessoais, a gestão criativa de problemas e a gestão de conflitos. Falou-</p>

	<p>se, ainda, sobre a resiliência, a empatia, a assertividade, a importância da escuta e de perceber a perspectiva do outro.</p> <p>Do ponto de vista das moradoras, o mais interessante, nesta sessão, foi o facto de se recorrer a situações concretas da vida e da situação da Urbanização para se trabalhar os temas em causa. Além disso, em casos concretos, como os conflitos que existem em relação às limpezas, foi possível, em conjunto, debater e procurar formas de resolver esses mesmo conflitos de forma comunicativa, reflexiva e assertiva.</p> <p>Concomitantemente, no decorrer da sessão, as moradoras foram referindo algumas conquistas que conseguiram com o projeto (momentos de partilha de debate, mapas de limpeza, o Dia do Vizinho e a Caminhada dos Vizinhos) e, neste seguimento, um grupo mais restrito de moradoras, aproveitaram para contar ao grande grupo que se estavam a organizar para solicitarem, à Câmara Municipal de Amarante, uma sala de convívio.</p> <p>No final da sessão, as moradoras, em conjunto, ainda estiveram a debater formas e estratégias para resolver alguns conflitos. Foi, efetivamente, uma sessão centrada nas participantes, o que promoveu a autoaprendizagem, bem como o trabalho e a aprendizagem colaborativa.</p>
<p><b>Avaliação</b></p>	<p><b>Avaliação de progresso</b></p> <p><u>Indicadores quantitativos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 13 moradoras (2 moradoras novas);</li> <li>• Participação de 2 representantes de entrada;</li> <li>• Assiduidade de cada participantes: foram todas assíduas, tendo comparecido antes do horário marcado;</li> <li>• Articulação com as entidades parceiras do Município: AGIR CLDS 4G;</li> <li>• Parceiros: Divisão de Educação, Juventude e Desporto (Pavilhão Desportivo Municipal de Amarante).</li> </ul>

	<p><u>Indicadores qualitativos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Procura de soluções para a resolução participada e coletiva dos problemas;</li> <li>• Trabalho colaborativo na procura de soluções para a resolução de alguns conflitos específicos.</li> </ul> <hr/> <p><b>Avaliação de resultados</b></p> <p><u>Indicadores qualitativos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Reflexão partilhada e participativa sobre a gestão de conflitos na vida e na situação da Urbanização;</li> <li>• Utilização de experiências de vida das moradoras e da própria Urbanização para debate;</li> <li>• O facto de as moradoras, ao longo da sessão, se identificarem com as temáticas abordadas procurando, sempre que possível, dar exemplos concretos da vida da Urbanização;</li> <li>• A identificação e procura, por parte dos/as moradores/as, de formas de colmatar a necessidade do desenvolvimento de competências essenciais para a vida.</li> </ul>
<p><b>Testemunhos dos/as moradores/as</b></p>	<p><u>Técnica do AGIR CLDS 4G:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “Não estou aqui para obrigar nem impor nada, mas para alertar e sensibilizar para a questão de conflitos. A ideia é partir das vossas experiências e exemplos concretos e, juntas, procurarmos soluções. Queremos é um espaço de partilha e de diálogo, são vocês que, de certa forma, vão conduzir a sessão”</li> <li>• “Temos que ser o mais correto possível connosco, mas também com os outros”</li> <li>• “Não podemos ficar presos ao passado, temos de olhar para o futuro. Acreditar que as coisas vão mudar e fazer por isso”</li> </ul> <p><u>Moradoras:</u></p>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Quando marcamos a próxima caminhada? Ainda há pouco fomos lá para baixo, faz bem e é saudável, vamos no nosso passo” (M)</li> <li>• “Devíamos fazer com mais frequência aquilo que toda a gente gosta, um bailarico. Eu e o meu marido até já ganhamos uma taça” (R)</li> <li>• “Às vezes não adianta, temos que deixar a pessoa a falar sozinha para se acalmar” (A – RE3)</li> <li>• “Olhe é dar meia-volta, não adianta discutir. Às vezes a solução é não responder, depende da pessoa” (F)</li> <li>• “Também podemos acalmar a pessoa, perguntar olhe o que se passa, ou então perguntar se não se quer acalmar antes de falar” (M)</li> <li>• “Alguns aceitam ajuda e outros não. Portanto quando vemos que a pessoa não aceita a ajuda... oh meu filho, descarrega o caminhão” (R)</li> <li>• “Às vezes queremos fazer a coisa certa mas a pessoa não aceita” (A-RE3)</li> <li>• “Nós temos que negociar as limpezas, mas as lâmpadas, os estacionamento por exemplo... são tantos que temos que negociar” (R)</li> <li>• “Eu acho que é falta de educação o que fazem. Tiram tudo, rasgam as coisas. Na minha entrada não, mas há uma que fazem isso. É falta de respeito. A pessoa chega lá, rasga e vai para o lixo. Devia-se obrigar a pessoa a colocar lá novamente” (P-RE4)</li> <li>• “Podíamos fazer todos um abaixo-assinado, isso ajuda. Íamos todos lá” (G)</li> <li>• “Não posso ir lá só eu falar. Temos que ir todos para tentar fazer alguma coisa” (A-RE3)</li> <li>• “Há coisas que a gente aprende aqui e que temos que passar lá para fora. É importante” (R)</li> </ul>
--	---

*Tabela 50 – Descrição da sessão “Gestão de Conflitos e Relações Interpessoais” (13 de junho – AGIR CLDS 4G)*

<b>Data/Atividade</b>	20 de junho – 2.ª Caminha dos Vizinhos
<b>Descrição</b>	<p>A pedido das moradoras da 1.ª Caminha dos Vizinhos, voltou-se a organizar a 2.ª Caminhada dos Vizinhos, no trilho das Azenhas. Contudo, esta caminhada não teve a adesão esperada pelas mesmas, tendo participado apenas 4 moradoras, sendo de mencionar que, algumas mulheres que têm comparecido ao longo do desenvolvimento do projeto não puderam participar na caminhada por motivos de saúde, tendo avisado previamente.</p> <p>Ao longo desta caminhada, as moradoras foram partilhando algumas histórias de vida, mas também questões relacionadas com a situação e a vida da Urbanização. Porém, foi mais um momento de partilha do que propriamente de debate em torno de questões relacionadas com a Urbanização e os aspetos a melhorar.</p> <p>É de mencionar que, as moradoras que participaram nesta caminhada, referiram que, a longo prazo, gostavam de manter estes momentos, nem que fosse uma vez por mês. Indicaram, ainda, a importância de organizarem espaços de encontro e convívio, como lanches partilhados, caminhadas e churrascos, para fomentar não só o espírito de grupo e de comunidade, mas também para se promover uma melhor comunicação e partilha entre todos/as.</p> <p>Ao longo da caminhada e, como tem vindo a ser perceptível com as várias sessões, o fator de maior conflito em algumas entradas é a falta de limpeza e organização por parte de alguns/as moradores/as e, conseqüentemente, a necessidade que os/as mesmos/as sentem de uma maior presença da CMA na Urbanização. Concomitantemente, demonstraram</p>

	descontentamento em relação ao facto de os/as outros/as moradores/as não aderirem a estes momentos de encontro, partilha e convívio.
<b>Avaliação</b>	<b>Avaliação de progresso</b> <u>Indicadores quantitativos:</u> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 4 moradoras;</li> <li>• Presença de 1 representante de entrada;</li> <li>• Assiduidade de cada participantes: foram quase todas assíduas, tendo comparecido antes do horário marcado.</li> </ul> <u>Indicadores qualitativos:</u> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Foi um momento de convívio organizado pelas moradoras;</li> <li>• Espírito de partilha, respeito e confiança;</li> <li>• Organização das moradoras para futuras caminhadas.</li> </ul>
	<b>Avaliação de resultados</b> <u>Indicadores qualitativos:</u> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Partilha de experiências, ideias e sentimentos relativos à vida em comum, ao longo da caminhada.</li> </ul>
<b>Testemunhos dos/as moradores/as</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Eu acho que devíamos fazer isto mais vezes, pelo menos uma vez por mês” – G</li> <li>• “Está a ver? Só vimos nós, parece que só morámos nós na Urbanização” – F</li> </ul>

*Tabela 51 – Descrição da 2.ª Caminhada dos Vizinhos*

<b>Data/Atividade</b>	21 de junho – Sessão de informação e partilha “Viver em Comunidade”
-----------------------	---

<b>Descrição</b>	<p>A sessão de hoje, com a GNR, intitulada de “Viver em Comunidade” foi dos encontros mais esperados pelos/as moradores/as. Tendo em conta a disponibilidade das algumas moradoras que, recentemente, integraram uma formação da parte da tarde, alteramos o horário da sessão para as 10h da manhã, para que todas as moradoras que têm vindo a participar ao longo do projeto, também pudessem comparecer nesta sessão. Assim, ação ocorreu entre as 10h e as 12:30h da manhã, tendo estado presente 15 moradores/as, dos quais 4 destes/as foi a primeira vez que participaram.</p> <p>O grupo de GNR's começou por questionar os/as moradores/as sobre aquilo que, para eles/as, seria viver em comunidade. As respostas foram diversas e, de certa forma, complementares umas às outras e, neste sentido, os/as participantes, em conjunto com a GNR, definiram que viver em comunidade é: “ouvir o outro, respeitar o outro e o direito alheio, comunicar com o outro, proteger a natureza, colaborar com as autoridades e proteger o património público e pessoal”.</p> <p>De seguida, através da experiência dos/as próprios/as moradores/as, bem como de alguns problemas e necessidades identificados antecipadamente, os GNR's apresentaram algumas ideias sobre o ruído de vizinhança e as obras, os animais de companhia, os estacionamento na via pública, a limpeza pública, as burlas e a violência. Estes temas aqui abordados, foram identificados pelos/as moradores/as ao longo das várias sessões e conversas informais, mas também identificados pela própria equipa da GNR que intervém no terreno.</p> <p>Falou-se de questões em relação à identificação de burlas, à comunicação entre vizinhos/as para uma melhor convivência entre todos/as, sobre questões relacionadas com os representantes de entrada, das situações em que se deve chamar ou não a GNR e na forma de abordar as pessoas quando não se concorda com as atitudes das mesmas. Além disso, em</p>
------------------	--

conjunto, partilhou-se a importância da CMA estar mais envolvida na vida e na situação da Urbanização.

Ao longo da sessão, os/as moradores/as foram partilhando algumas situações que já vivenciaram, referindo a importância da presença da GNR na Urbanização, quer para eles, quer para as pessoas de fora da Urbanização. Concomitantemente, um ponto relevante que se discutiu foi a diferença entre as responsabilidades inerentes à GNR e as responsabilidades inerentes à CMA.

No final da sessão, vários/as participantes verbalizaram que se sentiram ouvidos/as e que conseguiram refletir, em conjunto, sobre algumas questões, como por exemplo: as diferenças entre as responsabilidades da Câmara e as responsabilidades da GNR, a importância da comunicação e do respeito para se viver em comunidade, a forma como devemos abordar o/a outro/a para não gerar conflitos, aquilo que poderá ser uma situação de burla, a forma de reivindicar por direitos junto dos órgãos de poder, mas também a importância de termos consciência dos nossos deveres para viver em comunidade, entre outros.

Após o término da sessão, alguns/as moradores/as ficaram a esclarecer dúvidas mais pessoais com a equipa da GNR. Além disso, foi possível identificar alguns casos de isolamento de alguns/as moradores/as para a equipa da GNR, posteriormente, intervir de forma mais contínua, com projetos específicos já existentes, no sentido de combater a solidão e o isolamento destas pessoas. Esta identificação foi possível, visto que a GNR apresentou aos/às moradores/as os vários projetos que têm vindo a desenvolver e que os mesmos, com base nas suas características sociodemográficas, podem ter acesso. Foi, de facto, importante para que a população de S. Lázaro, que participou nesta sessão, ficasse a conhecer as respostas existentes no Município, desenvolvidas e promovidas pela GNR.

	<p>É ainda importante mencionar que, após o término da sessão, em conversa com a GNR, sobressaiu a necessidade e a importância de se desenvolver projetos comunitários que, mais do que resolvam os problemas e as necessidades da população, que também sejam assentes no diálogo, na escuta, na comunicação e na reflexão visto que, do ponto de vista do GNR, “as pessoas necessitam de se sentir ouvidas, precisam de proximidade e, de facto, é necessário criar estes projetos de proximidade”. Projetos que também promovam a coesão social e territorial, através da criação de oportunidades de participação educativa, social e cultural. Além disso, um ponto fundamental que se abordou foi a necessidade destes projetos mobilizarem uma rede de parceiros do Município sólida. Por fim, outra questão que abordamos, foi a necessidade de se envolver as comunidades, neste caso as pessoas que habitam nos aglomeradas da habitação social, mas também os seus representantes, de se trabalhar lado a lado com os seus representantes, nunca esquecendo a democracia participativa.</p>
<p><b>Avaliação</b></p>	<p><b>Avaliação de progresso</b></p> <p><u>Indicadores quantitativos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 15 moradoras (4 moradoras/es novos);</li> <li>• Participação de 3 representantes de entrada;</li> <li>• Assiduidade de cada participantes: foram todos/as assíduos/as/as, tendo comparecido antes do horário marcado;</li> <li>• Articulação com as entidades parceiras do Município: GNR;</li> <li>• Parceiros: Divisão de Educação, Juventude e Desporto (Pavilhão Desportivo Municipal de Amarante).</li> </ul> <p><u>Indicadores qualitativos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Procura de soluções para a resolução participada e coletiva dos problemas;</li> <li>• Indução de mudança na GNR: vontade demonstrada pelos/as GNR's em desenvolver um programa e uma ação contínua dirigida à população que habita nos bairros de habitação social.</li> </ul>

	<p><b>Avaliação de resultados</b></p> <p><u>Indicadores qualitativos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Debate em torno de questões fundamentais sobre a vida e a situação da Urbanização, o que demonstrou interação, envolvimento e diálogo entre todos/as;</li> <li>• O facto de os/as participantes, no final, sentirem que foram escutados;</li> <li>• A identificação e procura, por parte dos/as moradores/as, de formas de colmatar a necessidade do desenvolvimento de competências essenciais para a vida.</li> </ul>
<p><b>Testemunhos dos/as moradores/as</b></p>	<p><u>GNR:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “Falta viver em sociedade, que é todos falarem uns com os outros. Se vocês comunicarem uns com os outros as coisas vão funcionar melhor para vocês. Se vocês não comunicarem entre vocês, é natural que as coisas não funcionem” (GNR - S)</li> <li>• “Não nós podemos esquecer que não estão aqui os vizinhos todos, é verdade. Mas vocês que estão aqui podem contribuir para que as coisas melhorem” (GNR - P)</li> <li>• “Nós temos de começar por algum lado, têm que ser vocês a começar. Se vocês comunicarem uns com os outros, vão ver a diferença” (GNR-S)</li> </ul> <p><u>Moradores/as:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “Viver em comunidade é respeitar os outros” (M)</li> <li>• “É paz entre todos para vivermos bem” (P)</li> <li>• “Viver em comunidade é principalmente respeito uns pelos outros” (A-RE3)</li> <li>• “Se alguém precisar de ajuda é ir ajuda, isso é viver em comunidade” (P-RE4)</li> <li>• “Mas falta muita coisa para vivermos juntos, principalmente respeito” (A-RE3)</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Há coisas que também tem que ser a Câmara aturar a fazer alguma coisa, não podem ser só vocês” (A-RE3)</li> <li>• “Nós somos esquecidos, ninguém se importa... há pessoas a viver sozinhas, há dois senhores que não vêm e ninguém quer saber deles se não for eu. Agora temos este projeto, mas quando ela for embora, vai terminar tudo, já sabemos como é” (P-RE5)</li> <li>• “As crianças aqui não estão seguras por causa dos carros a passar aqui, temos que ver o que fazer. Passam aqui com uma velocidade meus deus... Ainda no outro dia a minha neta ia ser atropelada a porta de casa” (I-RE5)</li> <li>• “Vêm para aqui para a beira as tantas da noite, deitam lixo no chão e fazem barulho e depois ainda pensam que somos nós” (M)</li> <li>• “Se fizerem um abaixo-assinado para resolvermos algumas questões eu assino logo” (C)</li> <li>• “Vá lá que agora isto está melhor um bocadinho, porque de primeiro...” (A-RE4)</li> </ul>
--	---

Tabela 52 – Descrição da sessão “Viver em Comunidade” (21 de junho – GNR)

<b>Data/Atividade</b>	28 de junho – Sessão “vamos falar do espaço doméstico e habitacional?”
<b>Descrição</b>	<p>Ao longo das várias sessões as moradoras foram recordando algumas atividades realizadas, anteriormente, em S. Lázaro, bem como as técnicas que dinamizaram as mesmas. Assim, para ir ao encontro desta necessidade demonstrada pelas mesmas, no dia 28 de junho, realizou-se a sessão “vamos falar do espaço doméstico e habitacional?”, com a Dr.<sup>a</sup> Célia, do AGIR CLDS 4G. A Dr.<sup>a</sup> Célia, há cerca de 10 anos, era a técnica que estava presente, diariamente, através do <i>Espaço Mais</i>, gabinete de mediação comunitária, criado pelo Projeto TEIA, em parceria com os serviços de Habitação Social e com o Projeto Escolhas. Estas moradoras recordando,</p>

com bastante saudade este gabinete, visto que, além de ser um serviço de proximidade, atendimento e encaminhamento das famílias residentes era, de igual modo, um espaço de convívio e partilha que dinamizava diversas ações com vista à promoção do bem-estar físico e social das famílias.

Mas, retomando a sessão do dia 28 de junho, a mesma começou com o “matar de saudades” entre a Dr.<sup>a</sup> Célia e as moradoras, bem como com o relembrar das várias ações realizadas, sendo que, as moradoras, realçaram, várias vezes, a importância que o presente projeto tem vindo a ter para as mesmas. Isto porque, consideram que, a par do *Espaço Mais*, o projeto “Há Vida em S. Lázaro”, proporcionou, novamente, um espaço de convívio e partilha entre os/as moradores/as.

De seguida, antes de se iniciar a sessão propriamente dita, a Dr.<sup>a</sup> Célia relembrou a missão do projeto AGIR CLDS 4G e, através de uma dinâmica de quebra-gelo, solicitou às moradoras que se apresentassem, dizendo uma característica positiva. Foi bastante interessante, tendo surgido características como: “sou bondosa, o que tiver que dizer eu digo, sou honesta e sincera. Meto-me na minha vida” (A-RE3), “se puder ajudar o próximo eu ajudo, podem contar comigo. Se pudermos ajudar uns aos outros é isso que importa” (I-RE5), “sou uma pessoa humilde” (F), “também sou muito humilde, ser vir um pessoa mal, parece que fico mais mal que ela. Não posso ver ninguém a passar mal e não ajudar” (G), “também ajudo todos naquilo que eu posso” (P), “humilde, sou contra a mentira, muito a favor da verdade” (G), “eu acho que dou um bom ambiente à sociedade em que vivo, dou-me bem com toda a gente” (C) e “eu também dou um bom ambiente. Sou das primeiras. Nunca dei conflitos” (A). Apesar de parecer uma dinâmica simples, esta tem um grande objetivo por de trás, que é as pessoas conhecerem-se, para melhor se relacionarem uns/as com os/as outros/as e, de facto, o que as moradoras procuraram, foi identificar

características das mesmas que possam ser mobilizadas para o dia-a-dia da Urbanização.

Após este primeiro momento de quebra-gelo e descontração, demos início à temática. Contudo, tendo em conta que as moradoras, já tinham participado numa sessão de gestão do orçamento familiar e numa sessão de gestão de conflitos e relações interpessoais, a Dr.<sup>a</sup> Célia, considerou que, mais importante, do que ser ela a partilhar informações, seria interessante e relevante serem as própria moradoras a guiarem a sessão e, por isso, a partilharem um pouco do seu dia-a-dia, dentro da temática do espaço doméstico e habitacional.

Assim sendo, através do diálogo e da partilha, as moradoras foram partilhando aquilo que consideravam ser a gestão familiar e doméstica, tendo surgido ideias como: as despesas de casa, rendimentos e despesas, relações interpessoais, limpeza doméstica, organização dos espaços, tarefas domésticas, renda extra, gestão financeira, poupança e compras. Com estas ideias que foram partilhadas, também foi possível tocar num ponto bastante importante para a vida e situação da Urbanização: a organização dos espaços comuns, nomeadamente da limpeza das escadas e da importância que esta organização tem para as pessoas e para o próprio bem-estar da comunidade de S. Lázaro.

Outra questão bastante importante de referir é que, ao longo da sessão, as participantes envolveram-se no seu próprio quotidiano e, umas com as outras, foram partilhando as estratégias que utilizavam. Houve, portanto, uma aprendizagem através dos próprios contextos e conhecimentos das moradoras.

Posteriormente à partilha de ideias e estratégias, passou-se à parte prática da sessão. Assim, as moradoras organizaram-se em dois grupos e, através de um caso prático, tiveram de resolver o mesmo, reescrevendo o final

	<p>deste. No final, cada grupo apresentou a solução que, em conjunto, encontraram.</p> <p>A utilização do caso de estudo, como estratégia na sessão foi, de facto, importante dado que motivou as moradoras, como também fomentou o espírito de entreatajuda e a interação entre todas. Além disso, ao promover o trabalho colaborativo, possibilitou a construção de conhecimento através do envolvimento, do diálogo, da reflexão e da participação. Além disso, é de referir que as moradoras, para a resolução do caso prático, recorreram a situações e a estratégias vivenciadas e utilizadas por elas no seu quotidiano.</p> <p>Para terminar, em conjunto, refletimos sobre a presente sessão, bem como as sessões das últimas semanas, através da seguinte frase: “descrevam, numa palavra, a sessão de hoje e as sessões das últimas semanas”. Foi, talvez, dos momentos mais gratificantes ao longo do projeto, visto que permitiu que todas juntas, em conjunto, refletíssemos sobre o caminho que construímos, dia após dia.</p> <p>Porém, é de mencionar que as moradoras, antes de irem embora, decidiram elaborar uma abaixo-assinado para irem à Casa da Portela, reunirem com os/as responsáveis e técnicos/as da CMA, para falarem de algumas questões relativas à vida e à situação da Urbanização.</p>
<p><b>Avaliação</b></p>	<p><b>Avaliação de progresso</b></p> <p><u>Indicadores quantitativos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 8 moradoras;</li> <li>• Presença de 2 representantes de entrada;</li> <li>• Assiduidade de cada participantes: foram todas assíduas, tendo comparecido antes do horário marcado;</li> <li>• Articulação com as entidades parceiras do Município: AGIR CLDS 4G;</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Parceiros: Divisão de Educação, Juventude e Desporto (Pavilhão Desportivo Municipal de Amarante).</li> </ul> <p><u>Indicadores qualitativos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Procura de soluções conjuntas para situações em concreto;</li> <li>• Trabalho de grupo e trabalho colaborativo;</li> <li>• A qualidade da participação, do envolvimento e da interação das participantes no desenvolvimento da ação.</li> </ul>
	<p><b>Avaliação de resultados</b></p> <p><u>Indicadores qualitativos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Recordação de atividades que, antigamente, havia na Urbanização e demonstração de interesse em recuperá-las;</li> <li>• Auto-organização das moradoras para o abaixo-assinado;</li> <li>• A identificação e procura, por parte dos/as moradores/as, de formas de colmatar a necessidade do desenvolvimento de competências essenciais para a vida.</li> </ul>
<p><b>Testemunhos dos/as moradores/as</b></p>	<p><u>Técnica do AGIR CLDS 4G:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “É fundamental haver auto-conhecimento. Quando estamos num contexto, em que vivemos todos juntos e em comunidade, mais temos que nos saber conhecer e adaptar às circunstâncias”</li> <li>• “Este tema é fundamental, é muito importante para todos nós”</li> <li>• “Os temas anteriores que vocês foram debatendo aqui fazem todo o sentido. Isto tem uma sequência lógica. O facto de vocês já terem falado nos relacionamentos, na gestão de conflitos que é muito importante para estarmos bem connosco e com os outros, para vivermos em harmonia, também é importante termos conhecimento de formas de como devemos gerir a nossa vida em vários níveis”</li> </ul> <p><u>Moradoras:</u></p>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Isto é uma falta de respeito. Os nossos senhorios são cá câmara. As pessoas daqui deviam vir. Cá para mim não mora cá ninguém. Isto enerva. Não vem as reuniões” (I-RE5)</li> <li>• “Quando eu vim para aqui custou-me muito, mas agora já me adaptei, temos que nos adaptar uns aos outros” (I-RE5)</li> <li>• “Se não soubermos gerir, olhe não há hipóteses” (A-RE3)</li> <li>• “Fazermos a melhor gestão que temos. Que aquilo que temos no início do mês, dê para o final do mês também” (I-RE5)</li> <li>• “Gerir o espaço doméstico não é só o dinheiro. É também a forma como educamos os filhos, a relação que temos com o marido e com quem vive connosco” (C)</li> <li>• “A limpeza das escadas também é, mas não as limpam...” (A-RE3)</li> </ul> <p><u>Reflexão final (moradoras):</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “É sempre bom estar convosco” (A)</li> <li>• “Convívio” (GP)</li> <li>• “Levo tanta coisa, o convívio, aprender e estar com as pessoas” (A – RE3)</li> <li>• “Partilha” (F)</li> <li>• “Tudo isso é bom para nós, ajudamos uns aos outros e convivemos. É produtivo. É importante sabermos mais. Estamos aqui e cada uma da um bocadinho de si” (C)</li> <li>• “Nós não queríamos que isto que acabasse” (G)</li> <li>• “Partilha, acima de tudo tem sido a partilha e o convívio” (P)</li> </ul>
--	--

*Tabela 53 – Descrição da sessão “Vamos falar do espaço doméstico e habitacional?” (28 de junho – AGIR CLDS 4G)*

# APÊNDICE AJ. REGISTO FOTOGRÁFICO DA SESSÃO “TRAJETÓRIAS DE VIDA COLETIVAS DA URBANIZAÇÃO DE S. LÁZARO”

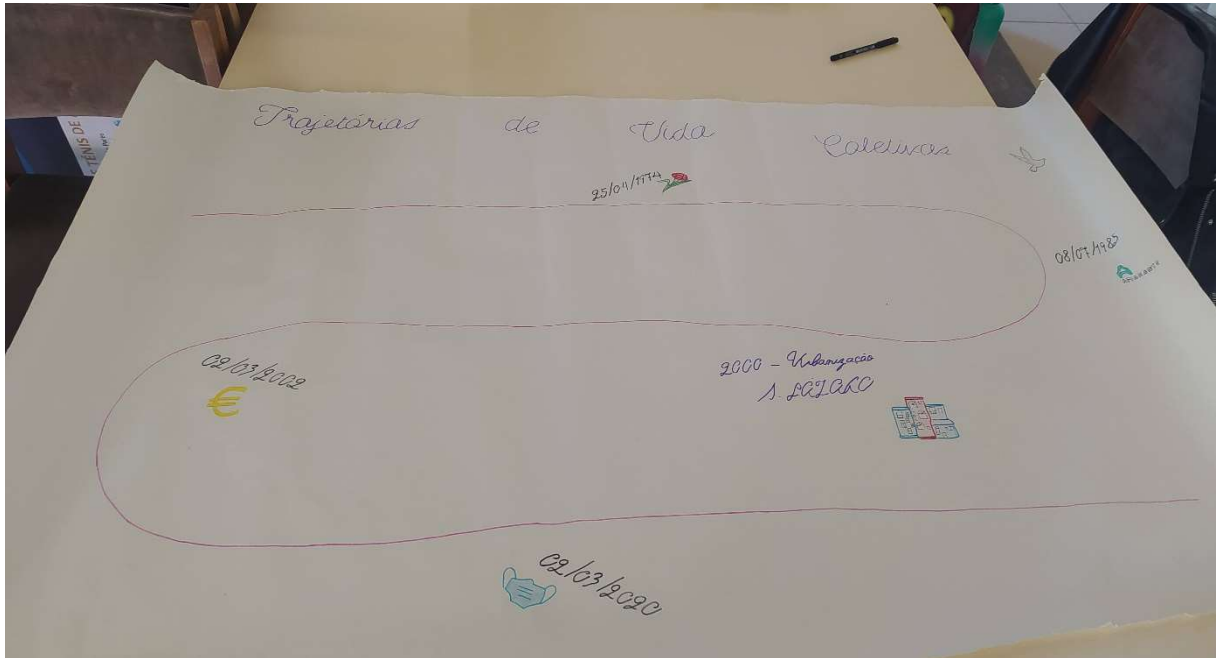


Figura A 11 - Cartaz das "Trajetórias de Vida Coletivas da Urbanização de S. Lázaro" antes da sessão

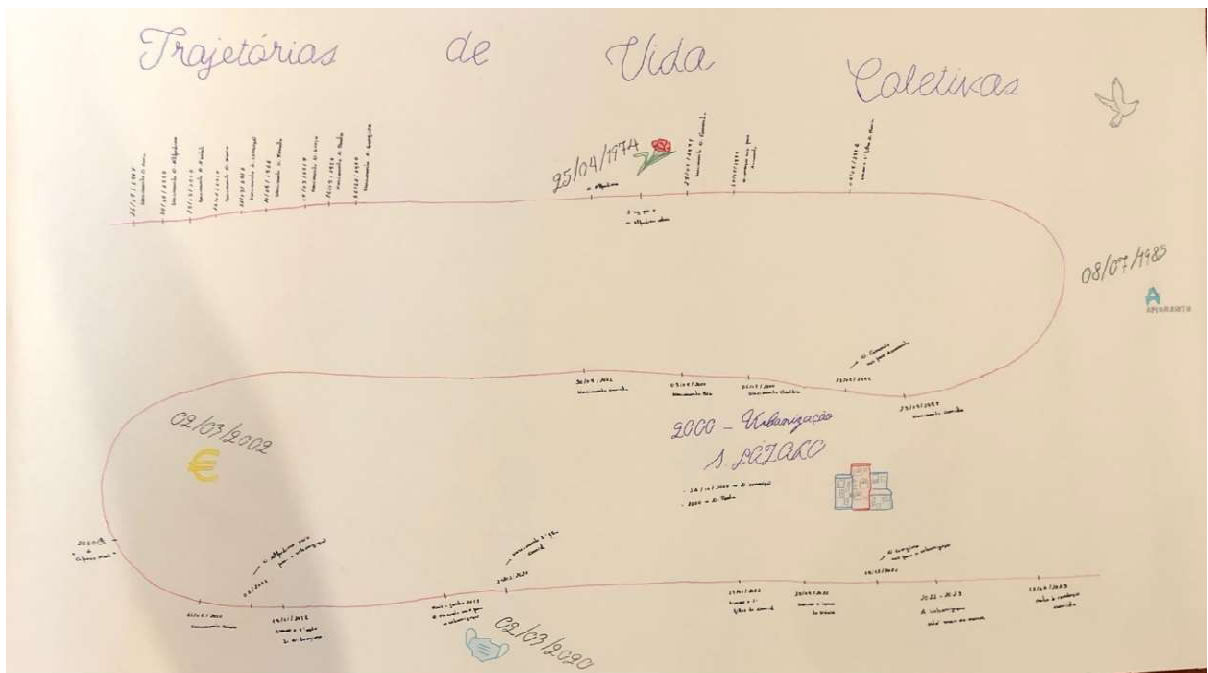
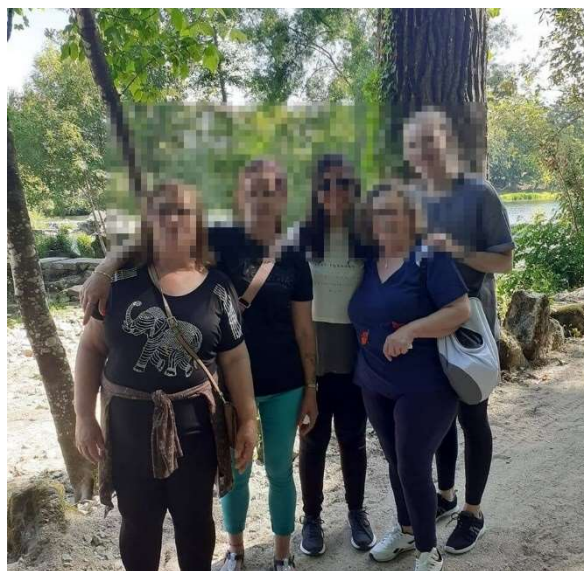


Figura A 12 - Cartaz das "Trajetórias de Vida Coletivas da Urbanização de S. Lázaro" antes da sessão

## APÊNDICE AK. REGISTO FOTOGRÁFICO DA 1.ª CAMINHA DOS VIZINHOS



*Figura A 13 – 1.ª Caminha dos Vizinhos (atravessar a ponte pela 1.ª vez)*



*Figura A 14 – 1.ª Caminha dos Vizinhos (Trilho dos Castanheiros)*

## APÊNDICE AL. CARTAZ DA 2.ª CAMINHADA DOS VIZINHOS



Figura A 15 – Cartaz da 2.ª Caminha dos Vizinhos

## APÊNDICE AM. DESCRIÇÃO DAS REUNIÕES

Descrição das reuniões			
Reunião	Data	Objetivo	Descrição
1.ª reunião na Câmara Municipal de Amarante com a chefe da Divisão de Desenvolvimento e Coesão Social	31 de outubro de 2022	Conhecer a Divisão de Desenvolvimento e Coesão Social e apresentar a metodologia IAP	<p>Hoje, 31 de outubro de 2022, segunda-feira, foi o meu primeiro dia na Câmara Municipal de Amarante, mais concretamente na Casa da Portela, na Divisão de Desenvolvimento e Coesão Social.</p> <p>Comecei por reunir com a chefe de Divisão de Desenvolvimento e Coesão Social, que me recebeu muito bem e me colocou, desde logo, a vontade, tendo-me questionado sobre a intenção da minha presença na Divisão. Assim, trocamos algumas impressões sobre o desenvolvimento do projeto e sobre a metodologia a seguir no mesmo. Abordamos, de igual modo, a diferença entre estágio e projeto.</p> <p>Durante esta pequena reunião, a Chefe de Divisão deu-me abertura para escolher a medida na qual desenvolver o projeto mas, para tal, é preciso conhecer, para depois intervir. Portanto, ficou decidido, neste primeiro momento, a exploração da realidade, a partir da escuta atenta dos/as profissionais e da observação em contexto para, posteriormente, enredar por um caminho que responda às necessidades da Divisão de</p>

			<p>Desenvolvimento e Coesão Social, às minhas próprias necessidades de auto direção e autonomia e às necessidades das comunidades que serão implicadas na ação.</p> <p>Uma vez que já conhecia a Casa da Portela, bem como as suas divisões (Divisão de Desenvolvimento e Coesão Social e Divisão de Educação, Juventude e Desporto), devido a alguns voluntariados que fiz nos últimos anos, não foi necessária uma apresentação pormenorizada entre mim e os/as profissionais.</p>
1.ª reunião com as técnicas da habitação social	5 de dezembro de 2022	Conhecer a medida da Habitação Social	<p>Esta reunião teve como finalidade conhecer a medida Habitação Social, como também detetar recursos, potencialidades, necessidades e fragilidades dos complexos habitacionais, através do olhar das técnicas.</p> <p>Mais uma vez, nesta reunião, expliquei a diferença entre estágio e projeto, bem como expliquei o propósito do desenvolvimento de um projeto num horizonte de Investigação-Ação Participativa.</p> <p>De seguida, as técnicas explicaram-me no que consiste a medida Habitação Social, tendo caracterizado, ainda que de forma sucinta, a dinâmica habitacional e o parque habitacional do Município de Amarante, mais concretamente, dos complexos habitacionais abrangidos pela medida Habitação Social.</p>

		<p>Posteriormente, referiram algumas das queixas dos/as moradores/as, sendo que estas são essencialmente referentes a obras e à falta de limpeza e organização em algumas entradas dos complexos habitacionais. Mencionaram que são sobretudo queixas individuais o que, por sua vez, denota a inexistência da exposição coletiva da situação que os aflige.</p> <p>No decorrer da conversa, apesar da existência de diversos bairros de Habitação Social, mas sendo imperativo o desenvolvimento do projeto em apenas um bairro, por este ser um projeto-piloto, escolheu-se a Urbanização de S. Lázaro, por ser mais dinâmica, com uma faixa etária em idade adulta e, por isso, é constituída por indivíduos mais abertos e disponíveis para participar em ações e/ou atividades.</p> <p>Nesta reunião ainda se falou de alguns projetos que já existiram na Urbanização de S. Lázaro e noutra complexo habitacional que já terminaram. Por isso mesmo, apesar das técnicas demonstrarem vontade de um trabalho mais de terreno, mas também por considerarem importante o desenvolvimento de projetos comunitários na Urbanização, consideram necessário e urgente, através da participação ativa e efetiva dos/as moradores/as, planear, desenvolver e avaliar atividades/dinâmicas nos complexos habitacionais.</p>
--	--	--

		<p>Então, a escolha da Urbanização para o desenvolvimento do projeto, foi decisão das técnicas da habitação social, tendo como base os seguintes critérios: bairros com maior necessidade de serem dinamizados e nos quais é necessário desenvolver a consciencialização e a conscientização dos interesses, das potencialidades, dos recursos e das fragilidades individuais e comuns, mas também bairros onde haja vontade e adesão para o desenvolvimento de projetos.</p> <p>Após se ter decidido o complexo habitacional, o ponto que a seguir se discutiu esteve relacionado com as técnicas de recolha de dados para a caracterização e análise do contexto. Ficou alinhavado três fases para a caracterização e análise da realidade:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• 1.ª fase – aplicação de um inquérito por questionário, se possível, no dia de atualização de rendas;</li><li>• 2.ª fase: através de conversas informais, dinâmicas de grupo e/ou focus group conhecer as pessoas, as suas necessidades, fragilidades, potencialidades e recursos (entre outros).</li></ul> <p>Porém, apesar de se inicialmente se ter falado de se aplicar o inquérito por questionário a todos os complexos habitacionais, após se ter refletido sobre o assunto, chegou-se à conclusão que não teria tempo nem condições para assumir a montagem e realização</p>
--	--	---

			<p>de um inquérito por questionário a todos os bairros e fogos camarários pois, quando acabasse esse trabalho, já não teria tempo para o desenvolvimento do projeto. Isto apenas seria possível após montar, testar e concluir o dispositivo metodológico inicial na Urbanização de S. Lázaro.</p> <p>Ainda no decorrer da reunião foi perceptível que os/as moradores/as da Urbanização, preferem a nomenclatura “Urbanização” à designação “bairro”, pois sentem que a mesma poderá contribuir para a desconstrução de alguns estereótipos e/ou representações negativas face aos bairros de Habitação Social.</p> <p>É de mencionar que, ao longo da reunião, as técnicas foram-se demonstrando disponíveis para colaborarem e participarem, ativamente, no desenvolvimento do projeto.</p>
Reunião com o chefe de divisão e a técnica da Habitação Social	6 de janeiro de 2023	Apresentar algumas ideias e ajustar pormenores em relação ao projeto	Neste dia, reuni com a técnica da habitação social e com o Chefe de Divisão (substituto), de forma a explicar o projeto (ainda que numa fase bastante inicial), a apresentar algumas ideias já discutidas e a ajustar algumas questões do projeto, nomeadamente: metodologia e técnicas de recolha de dados, tendo ficado decidido a aplicação de um inquérito por questionário (numa 1.ª fase).

			<p>O Chefe de Divisão (substituto) concordou com a utilização do inquérito por questionário, uma vez que este permite um alcance grande no que respeita ao número de participantes, o que é uma vantagem, dado que se trata de 47 agregados familiares. Ficou decidido que, num primeiro momento, iria aplicar os inquéritos aquando da atualização de rendas, na Casa da Portela e, num segundo momento, iria aplicar os inquéritos na Urbanização de S. Lázaro aos/às moradores/as que não fosse possível aplicar durante a atualização de rendas.</p> <p>Além disso, houve oportunidade de salientar a importância de se ouvir os/as próprios/as moradores/as quer no desenvolvimento do presente projeto, quer no desenvolvimento de projetos futuros.</p>
<p>Reunião com os vários intervenientes do desenvolvimento do projeto (estudante, orientador, chefe de divisão e</p>	<p>16 de janeiro de 2023</p>	<p>Apresentação entre os vários intervenientes do projeto</p>	<p>Esta reunião teve como intuito a apresentação entre os vários intervenientes do projeto (investigadora – aluna –, orientador, Chefe de Divisão e técnicas de habitação social) e o esclarecimento de possíveis dúvidas sobre este processo (desenvolvimento do projeto de mestrado).</p> <p>A reunião começou com a apresentação pessoal de todos os intervenientes, nomeadamente entre o orientador, Chefe de Divisão e técnicas de habitação social, seguindo-se um esclarecimento do desenho e do desenvolvimento do projeto em causa. Posteriormente, abordaram-se questões sobre a Habitação Social e sobre os</p>

<p>técnicas da habitação social)</p>			<p>complexos habitacionais do Município de Amarante, das quais foi possível concluir: a existência de 248 fogos, todos diferentes, mas nos quais se denota um envelhecimento demográfico; e a alteração demográfica no geral de todos os bairros de habitação social.</p> <p>De seguida, visto que o projeto se irá desenvolver na Urbanização de S. Lázaro, o decorrer da reunião centrou-se nesta questão. Foi possível depreender que, no último ano, ocorreu uma reabilitação física, para se corresponder às necessidades dos/as moradores/as e, portanto, atualmente, a necessidade é avançar com uma reabilitação/ação mais imaterial, para se conseguir dar resposta a outras possíveis necessidades dos/as moradores/as. Concomitantemente, as técnicas referiram que ocorreu uma alteração demográfica dentro da própria Urbanização o que, por sua vez, altera as necessidades. Ou seja, se antigamente os/as moradores/as eram essencialmente jovens, com alguns comportamentos de risco, as necessidades pautavam-se sobretudo, por acompanhamento das crianças e jovens, desenvolvimento de algumas competências pessoais e sociais e prevenção e sensibilização para alguns comportamentos de risco, hoje em dia, esta realidade alterou-se. Atualmente, os/as habitantes são sobretudo adultos/as e idosos/as e, por isso, as necessidades iram abarcar outros fatores.</p>
--------------------------------------	--	--	---

			Houve ainda oportunidade de salientar a importância do desenvolvimento de um projeto no horizonte da Investigação-Ação Participativa, como também de se especular possíveis protocolos entre a instituição ESE e a entidade Câmara Municipal de Amarante.
Reunião com a nova chefe de divisão	14 de março de 2023	Apresentar o projeto;  Discutir a resolução de obstáculos inerentes ao desenvolvimento do projeto	<p>Nesta reunião esteve presente a nova Chefe de Divisão e as técnicas da habitação social. A reunião começou com a minha apresentação e com a apresentação do projeto, seguindo-se uma troca de ideias sobre o mesmo. A Chefe de Divisão referiu que o desenvolvimento do projeto na habitação social e, num bairro social em específico, é uma mais-valia, uma vez que se tem perdido este espírito de desenvolvimento comunitário e de intervenção comunitária no terreno. Considerou o projeto inovador e uma via para serem trabalhadas as questões de educação para a cidadania e de promoção de relações positivas e de sociabilidade entre os/as moradores/as. Além disso, acrescentou que o projeto, de certa forma, iria combater situações de isolamento e de exclusão e, ao trabalhar as competências pessoais e sociais dos/as moradores/as, poderia contribuir para a sua integração socioprofissional.</p> <p>Aliada a estas ideias, referiu que também seria interessante aliar o projeto à cultura, dado alguns projetos e atividades que já ocorreram na Urbanização dentro destas temáticas. Tanto a Chefe de Divisão como as técnicas da habitação social</p>

		<p>mencionaram que faz falta um gabinete da CMA no interior da Urbanização, visto que este poderia ser uma via de proximidade aos/às moradores/as.</p> <p>Em relação ao desenvolvimento do projeto, ficou acordado que a 1.ª ação ocorreria na Casa da Portela, por ter espaço para todos/os/as moradores/as, mas também por ser um espaço conhecido e de fácil acesso para todos. A Chefe de Divisão e as técnicas mencionaram, ao que eu concordei, que poderíamos abordar os direitos e deveres dos/as moradores/as com mais foco nesta sessão e, por isso, ficou acordado que esta sessão iria mais no âmbito da educação para a cidadania e educação comunitária. Seria, portanto, uma ponte entre mim, a CMA e a Urbanização. Posteriormente, as sessões mais restritas do projeto, ocorreriam numa sala existente no interior da Urbanização. Referiu-se ainda que, nesta 1.ª ação, o Vice-Presidente e a Chefe de Divisão poderiam estar presentes, uma vez que se iria não só apresentar o projeto numa lógica de IAP, mas também devolver os resultados dos inquéritos aos/às moradores/as.</p> <p>Ao longo de toda a reunião fomos trocando impressões sobre os resultados obtidos no inquérito por questionário, como por exemplo: a falta de atividade associativa, a pouca disponibilidade dos/as moradores/as para o convívio, as fracas relações sociais entre os/as vizinhos/as, o desacreditar dos/as moradores/as das suas capacidades e</p>
--	--	---

			<p>competências e a pouca a valorização dos recursos locais e identitários disponíveis no Município de Amarante. Além disso, falou-se de algumas atividades e projetos que já existiram na Urbanização e a importância dos mesmos para a dinamização da Urbanização, para a dinâmica de união e de auto-mobilização dos/as os/as moradores/as para a organização em prol de problemas e necessidades comuns, para o combate do isolamento e para a promoção das relações de sociabilidade.</p> <p>De facto a reunião correu bastante bem, na qual a Chefe de Divisão se demonstrou disponível para participar no desenvolvimento do projeto.</p>
<p>Reunião com a Chefe de Divisão e com a técnica da habitação social</p>	<p>15 de maio de 2023</p>	<p>Agilizar contactos com parceiros do Município para o desenvolvimento das ações</p>	<p>A reunião de hoje ficou marcada pela agilização de alguns pormenores para a continuação do desenvolvimento do projeto e, para tal, esteve presente a Chefe de Divisão e a técnica que está a frente da Urbanização de S. Lázaro.</p> <p>Comecei por fazer uma síntese avaliativa do projeto e da participação dos/as moradores/as. De seguida, propus a realização de duas sessões, uma com a GNR e outra com os Bombeiros Voluntários de Amarante que, desde logo, foram aceites de bom grado, sendo que a Chefe de Divisão indicou que realizar ações de capacitação, tendo em conta as necessidades dos/as moradores/as, é uma mais-valia para a promoção e desenvolvimento de competências. Assim, estivemos a discutir a melhor forma de convidar estes parceiros para o desenvolvimento do projeto, tendo ficado</p>

			<p>acordado que: num primeiro momento eu contactava os parceiros através de um e-mail e, num segundo momento, se necessário, a técnica da habitação social agilizava os contactos via telefónica.</p> <p>De seguida, expus que os/as moradores/as gostavam de celebrar o Dia do Vizinho e, conseqüentemente, convidar a Chefe de Divisão, o Vice-Presidente e as técnicas da habitação social. Esta ideia foi aceite, desde logo, com entusiasmo pela Chefe de Divisão e pela técnica da habitação social, sendo que, a Chefe de Divisão solicitou que enviasse um e-mail para formalizar o convite.</p>
Reunião com a estrutura da CMA e a GNR	5 de junho	Agilizar contactos com parceiros do Município para o desenvolvimento das ações	<p>No dia de hoje reuni com a GNR por causa da proposta da ação de sensibilização "Viver em Comunidade". Esta reunião partiu da iniciativa da GNR que considerou a iniciativa uma mais-valia não só para a Urbanização de S. Lázaro, mas também para os outros bairros de habitação social.</p> <p>A reunião começou com um breve parecer da Chefe de Divisão que referiu, várias vezes, a necessidade de se "dar voz às pessoas" para que elas se "sintam ouvidas e acarinhadas, que saibam que não estão sozinhas e que nós, estrutura da Câmara e os parceiros, estamos aqui para fazer parte do caminho". Além disso, mencionou a necessidade de se criar um contexto de proximidade com as pessoas que habitam nos bairros de habitação social, mas também de se abrir as portas dos bairros para as</p>

		<p>comunidades. Ou seja, para a Chefe de Divisão, é importante, nestes contextos de proximidade, envolver não apenas os/as moradores/as, como também a Câmara, os parceiros e instituições do Município e sociedade envolvente. (“as pessoas gostam que falem com elas, que se lhes dê importância, que as oiçam, elas gostam e precisam”).</p> <p>De seguida, tive a oportunidade de apresentar o projeto que tem vindo a ser co-construído e desenvolvido em S. Lázaro, expondo as sugestões dos/as participantes, os seus problemas e necessidades mas, acima de tudo, aquilo que os/as mesmos/as consideram essencial que se venha a desenvolver.</p> <p>A GNR manifestou o interesse, tendo em conta o projeto que se está a desenvolver em S. Lázaro, em constituir um programa dirigido à população que habita nos bairros de habitação social, em articulação com a área da saúde. Consideraram que, além da sessão em S. Lázaro, se deveria apostar numa intervenção mais contínua, em conhecer a população de todos os bairros, em manterem uma presença mais assídua nestes contextos para, em conjunto com outros parceiros, desenvolver ações e estratégias de intervenção nas problemáticas que se identificasse (“temos que estar presentes e participar, conhecer os bairros, assumir a responsabilidade e arranjar estratégias de dinamizar”).</p>
--	--	---

		<p>Ao longo da reunião falou-se da evolução sociodemográfica dos/as moradores/as e, por sua vez, da evolução das necessidades da população. Concomitantemente, recordaram-se alguns projetos que já existiram nos bairros de habitação social mas que, por serem financiados, terminaram. De facto, as técnicas da habitação social, presentes na reunião, consideram que estes projetos foram uma mais-valia não só para dinamizar os bairros, mas também por serem espaços de proximidade com os/as moradores/as. Tal como referiu a técnica da habitação social “estes projetos de proximidade são muito importantes”.</p> <p>Para terminar a reunião, propus o dia e o horário decidido com os/as moradores/as para a sessão da GNR que, desde logo, foi aceite por esta entidade (21 de junho às 10h). Falamos, ainda, sobre os moldes em que iria ocorrer a sessão.</p> <p>É de mencionar que, nesta reunião, a Chefe de Divisão mencionou, várias vezes, a organização, a partilha e a socialização dos/as moradores/as de S. Lázaro no Dia do Vizinho.</p> <p>Em síntese, é notório o impacto que o presente projeto tem vindo a ter na própria ação camarária e na articulação com os parceiros. Nesta reunião, começou-se a dar pequenos passos em direção à criação de um programa conjunto entre a CMA e a GNR (e outros parceiros), aberto a várias temáticas e problemáticas. Tal como indicou a</p>
--	--	--

			<p>Chefe de Divisão “se nós criarmos proximidade para as pessoas fazerem as suas revelações, os seus desabafos... se nós estivermos próximos, se mostrarmos que estamos ali abertos para os ouvir e ajudar, de sermos parte da solução... o mais importante é sermos nós a dar o passo, de abrir as portas e de criar um clima de confiança”.</p>
<p>Reunião com o AGIR CLDS 4G</p>	<p>28 de maio</p>	<p>Agilizar contactos com parceiros do Município para o desenvolvimento das ações</p>	<p>De forma breve e informal, reuni com a técnica que está à frente do projeto AGIR CLDS 4G, para os convidar a participar no desenvolvimento de duas ações, nomeadamente: na ação de gestão de conflitos e relações interpessoais e na ação de gestão habitacional e doméstica. A técnica aceitou, desde logo, a articulação para o projeto, visto que, além de reconhecer a importância das mesmas para os/as moradores/as de S. Lázaro, também considerou importante esta intervenção comunitária, mais próxima dos/as moradores/as que, há muito tempo, não existia.</p> <p>Ao logo desta pequena reunião, foi possível discutir algumas estratégias de ação, para cativar os/as moradores/as, mas também para promover o trabalho colaborativo e a autoaprendizagem. Salientei que a ideia base destas ações de desenvolvimento de competências essenciais para a vida é, sobretudo, a partilha, a reflexão, o diálogo e a interação entre os/as participantes. Ou seja, ficou claro a importância e a necessidade</p>

			<p>destas ações não caírem em abordagens paternalistas nem maternalistas, mas sim em serem momentos de escuta, reflexão e debate.</p> <p>Aproveitamos ainda a reunião para falarmos da importância das pessoas serem e se sentirem ouvidas e de se desenvolverem, cada vez mais, projetos que, além de se fecharem na vertente educativa, também promovam espaços de convívio.</p>
Reunião final com a técnica da Habitação Social	20 de julho	Realizar um balanço final sobre o desenvolvimento do projeto	<p>Para finalizar o projeto, reuni com a técnica da HS, responsável pela Urbanização de S. Lázaro, para fazer um balanço final de todo o percurso. Nesta reunião, refletimos sobre os problemas e as necessidades identificadas e sobre a forma como estes, ou grande parte destes, foram suprimidos com o desenvolvimento do projeto.</p> <p>A técnica da HS, referiu, várias vezes, a importância deste projeto quer para os/as moradores/as, quer para o próprio Município visto que, por um lado, permitiu recuperar algumas dinâmicas de intervenção comunitária anteriormente instaladas em S. Lázaro e, por outro lado, foi um motor para a participação e colaboração ativa de técnicos, dirigentes e vereação junto dos/as moradores/as.</p> <p>Mais concretamente em relação aos/às moradores/as, enquanto grupo, a técnica da HS, mencionou que foi possível verificar uma reaproximação dos/as moradores/as, bem como a reflexão dos problemas e estratégias para os solucionar (resolução</p>

		<p>participada dos problemas); e que, individualmente, os/as mesmos/as adquiriram competências essenciais para a vida. Neste âmbito, acredita que a auto-reflexão, trabalhada ao longo das várias sessões, será adotada pelos/as moradores/as para outros aspetos do quotidiano.</p> <p>Quando questionada sobre aquilo que poderia ter sido feito de outra forma, ou por outras vias, a técnica referiu que o projeto cumpriu os seus propósitos e objetivos, tendo em conta os recursos e o tempo disponível para o seu desenvolvimento. Um aspeto salientado várias vezes, foi o facto de ter sido possível mobilizar vários parceiros do Município e da comunidade ao longo das sessões, visto que abriu as portas da própria Urbanização para o exterior, como deu a conhecer, aos/às moradores/as, as diversas ofertas do Município.</p> <p>No final da reunião falamos, ainda, daquilo que ainda falta fazer, ou seja, se faria sentido dar continuidade ao projeto. Imediatamente, a técnica indicou que faria todo o sentido criar linhas de continuidade, começando por uma reunião, para meados de setembro, com os/as moradores/as, mas também com a GNR, para averiguar a criação de um programa/projeto dirigido aos bairros de habitação social.</p> <p>Além disso, referiu que, além das sessões semanais realizadas, também seria interessante a realização de outras atividades de animação comunitária, aberta a</p>
--	--	---

			<p>outras faixas etárias, como por exemplo ações de inclusão pela arte, atividades de caracter desportivo e atividades de psicomotricidade dirigidas a idosos, dado ser uma faixa etária bastante presente nesta Urbanização. No decorrer destas ideias, mencionou que também seria oportuno que estas atividades fossem realizadas em paralelo com as sessões de desenvolvimento de competências, em parceria com outras entidades do Município.</p> <p>Ao longo da reunião, também foi possível apresentar os vários dados recolhidos sobre a Urbanização, quer em termos de caracterização sociodemográfica, dos lotes e das suas entradas, quer em termos de identificação de outros problemas e necessidades que não puderam ser suprimidos com este projeto. Além disso, também foi possível transmitir algumas inquietações dos/as moradores/as, bem como as várias sugestões colocadas na “Caixa de Partilha” e tudo aquilo que fomos debatendo ao longo das sessões.</p> <p>Para terminar, em conjunto, refletimos sobre a importância de, num futuro, se estender o projetos aos restantes bairros de habitação social, tendo em conta a mudança e a transformação alcançadas em S. Lázaro, mas também a importância que estes projetos detêm em termos de reforçar a relação entre moradores/as e Município.</p>
--	--	--	---

*Tabela 54 – Descrição das reuniões*

## APÊNDICE AN. CONVITE PARA A SESSÃO NA CASA DA PORTELA

**P. PORTO**

# A

## AMARANTE

Divisão de Desenvolvimento e Coesão Social - Habitação Social

**Beatriz Neves Pereira**

Estudante do 2.º ano do Mestrado em Educação e Intervenção Social, na especialização de Desenvolvimento Comunitário e Educação de Adultos, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto

Projeto protocolado com o Município de Amarante

**255 420 233**

Rua Dr. Miguel Pinto Martins n.º 35  
4600-090 Amarante

### PARTICIPE NESTE MOMENTO DE...

- > Convívio;
- > Partilha de ideias;
- > Ouvir os/as moradores/as;
- > Devolução dos resultados dos inquéritos;
- > Debate;
- > Pequeno lanche.

## CONVÍVIO URBANIZAÇÃO S. LAZARO

**5 de abril de 2023**

VENHA CONHECER E DÊ-SE A CONHECER!

Figura A 16 - Convite para a sessão na Casa da Portela (1)

**HABITAÇÃO: UMA RESPONSABILIDADE PARTILHADA**

### PROJETO DE DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO

Projeto co-construído e desenvolvido entre todos, ajustado à realidade dos/as participantes, que respeite o seu tempo, o seu espaço e a sua opinião, através do diálogo, da partilha, da reflexão, do envolvimento e participação de todos/as.

Que contribua para o aumento do sentimento de pertença, de identidade coletiva, de proteção e de segurança, bem como para o desenvolvimento de um maior nível de coesão, bem-estar e satisfação dos/as moradores/as.

### Direitos DOS/AS MORADORES/AS

- > Serem ouvidos/as;
- > Fazer uso dos espaços de utilização comum;
- > Organizarem-se para solicitar serviços da CMA;
- > Serem informados de possíveis alterações no que diz respeito à habitação e/ou à Urbanização.

### HABITAÇÃO SOCIAL Deveres

- > Conservar a habitação;
- > Respeitar os/as vizinhos/as;
- > Respeitar as regras de convivência social;
- > Manter os espaços comuns limpos e bem conservados.

VAMOS FALAR DO SEU LOCAL DE RESIDÊNCIA E DOS DEVERES E DIREITOS QUE TÊM QUEM NELE MORAM?

★★★★★  
É fundamental cuidar do espaço onde vivemos e promover as condições de habitabilidade. Cuidar dos espaços comuns e respeitar a vizinhança.

Figura A 17 - Convite para a sessão na Casa da Portela (2)

# APÊNDICE AO. APRESENTAÇÃO PARA A SESSÃO NA CASA DA PORTELA



Figura A 18 – Apresentação Casa da Portela (slide 1)

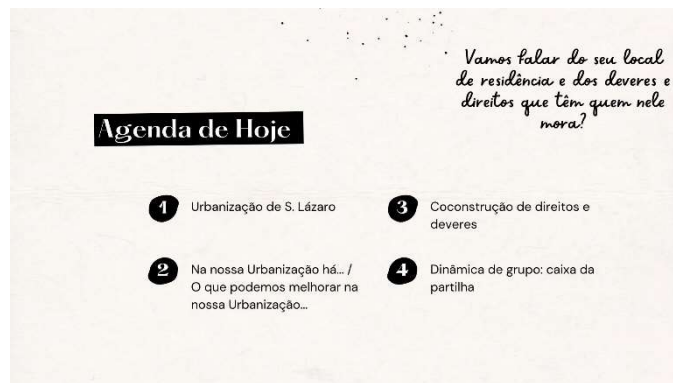


Figura A 19 – Apresentação Casa da Portela (slide 2)

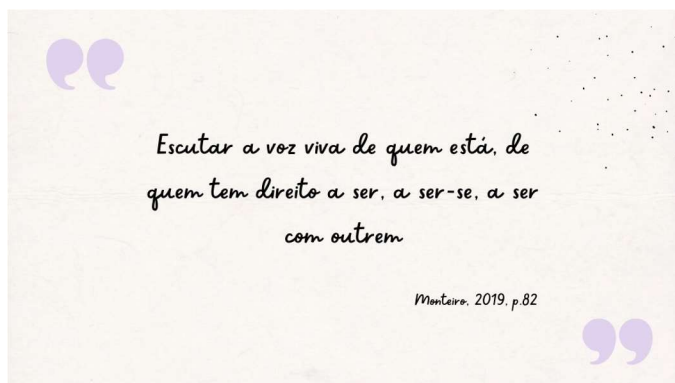


Figura A 20 – Apresentação Casa da Portela (slide 3)

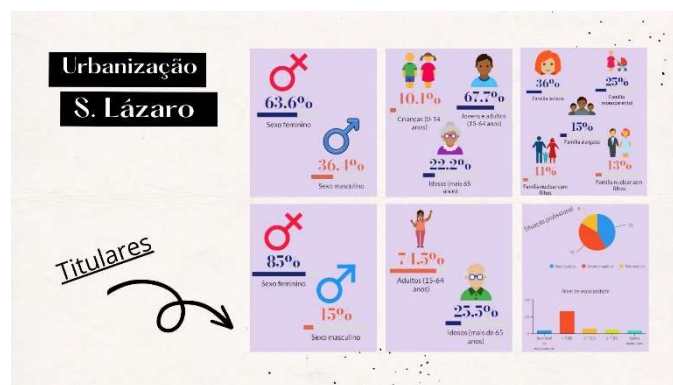


Figura A 21 – Apresentação Casa da Portela (slide 4)

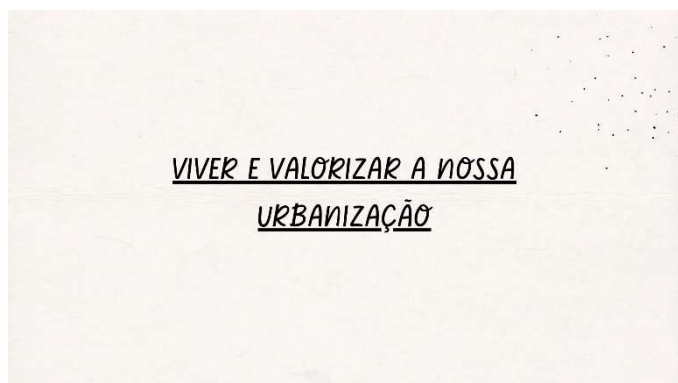


Figura A 22 – Apresentação Casa da Portela (slide 5)



Figura A 23 – Apresentação Casa da Portela (slide 6)

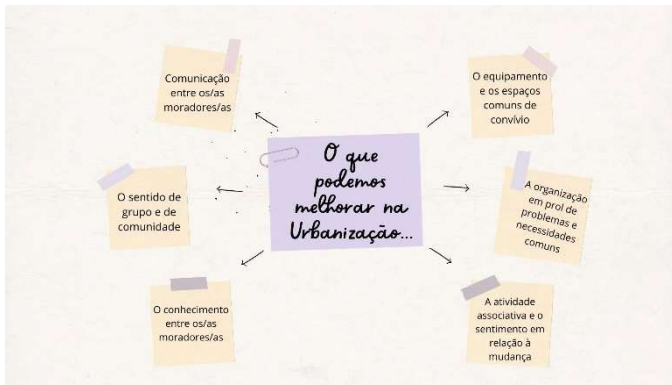


Figura A 24 – Apresentação Casa da Portela (slide 7)

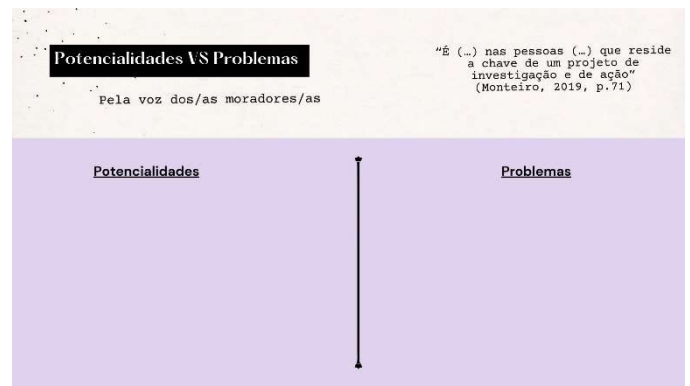


Figura A 25 – Apresentação Casa da Portela (slide 8)

### Necessidades

“Gostava de mais atividades, como era antes. Chegou se a fazer teatro e assim, mas acabaram com isso tudo. E a pandemia acabou com tudo. Queria participar e contribuir, ajudar até. Fazer uma festa muito bonita, quem quis participar?”  
Morador/a

- Espaços de convívio e de partilha entre moradores/as;
- Fomentar o conhecimento entre moradores/as;
- Coconstrução de um Guia de Morador;
- Criar estratégias que permitam a construção de relações assentes no diálogo, na partilha, na confiança e no respeito entre todos/as;
- Dinamizar ações e/ou atividades que promovam o convívio entre todos/as os moradores/as;
- Mobilizar os/as moradores/as para a auto-organização da Urbanização;
- Recuperar as reuniões mensais em cada entrada;
- Elegir um representante por cada entrada;
- Mobilizar e envolver a população para uma maior participação nas decisões coletivas referentes à Urbanização;
- Promover a valorização dos recursos locais e identitários disponíveis no Município de Amarante.

Figura A 26 – Apresentação Casa da Portela (slide 9)

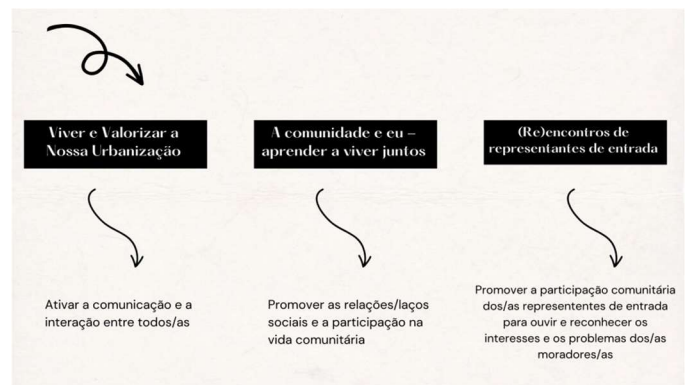


Figura A 27 – Apresentação Casa da Portela (slide 10)

Direitos	Direitos	Deveres
<p>★ ★</p> <p>“A participação comunitária não se resume apenas a um suporte ou ajuda entre membros de um determinado grupo, envolve também o seu contributo efetivo nas decisões com impacto na mudança social” (Elvas &amp; Moniz, 2010, p.452)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Serem ouvidos/as;</li> <li>• Fazer uso dos espaços comuns;</li> <li>• Organizarem-se para solicitarem serviços da CMA;</li> <li>• Serem informados de possíveis alterações no que diz respeito à habitação e/ou à Urbanização</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conservar a habitação;</li> <li>• Respeitar os/as vizinhos/as;</li> <li>• Respeitar as regras de convivência social;</li> <li>• Manter os espaços comuns limpos e bem conservados</li> </ul>

Figura A 28 – Apresentação Casa da Portela (slide 11)

### Caixa de Partilha

- O que posso fazer?
- O que não tenho feito?
- O que podemos melhorar?

- 1 Pense e reflita sobre estas questões;
- 2 Escreva nos post-its:

O que posso fazer?

O que não tenho feito?

O que podemos melhorar?

Figura A 29 – Apresentação Casa da Portela (slide 12)

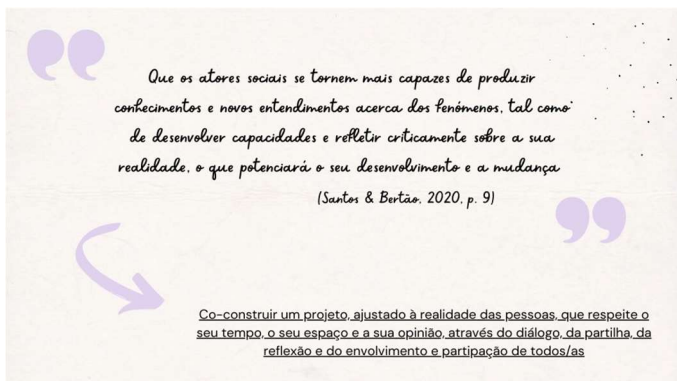


Figura A 30 – Apresentação Casa da Portela (slide 13)



Figura A 31 – Apresentação Casa da Portela (slide 14)

## APÊNDICE AP. FOTOGRAFIAS DA CAIXA DE PARTILHA



Figura A 32 – Caixa de Partilha (parte da frente)



Figura A 33 – Caixa de Partilha (parte de trás)



Figura A 34 – Caixa de Partilha (lateral direita)



Figura A 35 – Caixa de Partilha (lateral esquerda)

## APÊNDICE A4. SUGESTÕES DA CAIXA DE PARTILHA NA SESSÃO DA CASA DA PORTELA

O que posso fazer	O que não tenho feito	O que podemos melhorar
<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Respeitar melhor as pessoas”</li> <li>• “Está bem”</li> <li>• “Não consigo fazer nada porque as pessoas não querem saber”</li> <li>• “Limpeza”</li> <li>• “Melhorar os espaços verdes comuns e as entradas”</li> <li>• “Estar mais atenta aos acontecimentos do dia-a-dia – que eu acho que é importante”</li> <li>• “Interagir mais com os moradores da Urbanização”</li> <li>• “Melhorar as coisas”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Eu quero que a minha entrada, que a limpeza fosse feita por todas as pessoas que lá moram”</li> <li>• “Gostava de ter uma entrada bonita e não consigo”</li> <li>• “Limpeza do espaço comum e fora”</li> <li>• “Mais convívio”</li> <li>• “Conviver com todos os vizinhos”</li> <li>• “Ao nível dos arranjos – já não temos luz nas entradas há mais de meio ano. Eu saio às 6h da manhã e é muito importante”</li> <li>• “Não consigo ter união com os moradores, as pessoas é impossível”</li> <li>• “Melhorar os espaços”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Lugar para carro”</li> <li>• “Melhorar o estacionamento, melhorar as entradas (não há luz) e melhorar mais o controle e ter atenção às coisas”</li> <li>• “Eu moro lá alguns anos e nunca maltratei ninguém e eu já fui muito maltratada”</li> <li>• “A limpeza dos espaços que é de todos, às vezes fazem muito lixo”</li> <li>• “Melhorar a entrada”</li> <li>• “Organização entre os moradores na limpeza da Urbanização”</li> <li>• “Um parque”</li> <li>• “Está bem”</li> <li>• “Atividades”</li> </ul>

<ul style="list-style-type: none"> <li>• “As pessoas que lá moram que tenham respeito pelos outros”</li> <li>• “Gostava que a vizinha do lado limpasse as escadas”</li> <li>• “Conviver mais com os vizinhos”</li> <li>• “Continuar nos espaços de lazer, alguns lugares para se poder conviver em união e assim nós estarmos juntos nos lugares livres”</li> <li>• “Continuar nos espaços de lazer com alguns lugares para se poder conviver em união e assim nós estarmos juntos nas horas livres”</li> <li>• “Participar na resolução dos diferentes problemas que se colocam no dia-a-dia da Urbanização”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Poder pôr algum jardim nos espaços comuns”</li> <li>• “Comunicar com os moradores da Urbanização”</li> <li>• “Conviver com os vizinhos”</li> <li>• “Está bem”</li> <li>• “Não me meto em confusões, mantenho-me no meu espaço porque não há respeito”</li> <li>• “Gostaria de poder participar em algumas atividades de grupo. Gosto muito de conviver com os outros e sermos assim mais unidos “</li> <li>• “Não me importo com as diversas necessidades que se colocam nas diversas situações que se colocam no dia-a-dia”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Gostava de ter mais comunicação com as pessoas mas é impossível”</li> <li>• “Melhorar as pessoas, o convívio”</li> <li>• “Podemos melhorar o espaço para as crianças para os adultos ficarem mais tranquilos”</li> <li>• “Queria compreensão na limpeza das escadas”</li> </ul>
--	---	---

*Tabela 55 - Sugestões da Caixa de Partilha na sessão da Casa da Portela*

# APÊNDICE AR. FLYER DISTRIBUÍDO NA SESSÃO DA CASA DA PORTELA

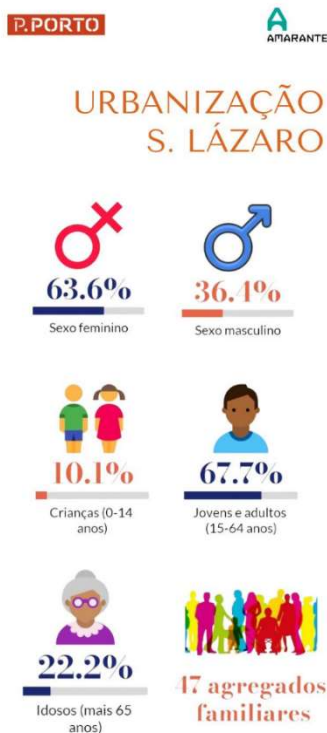


Figura A 36 – Flyer distribuído na sessão da Casa da Portela (parte da frente)

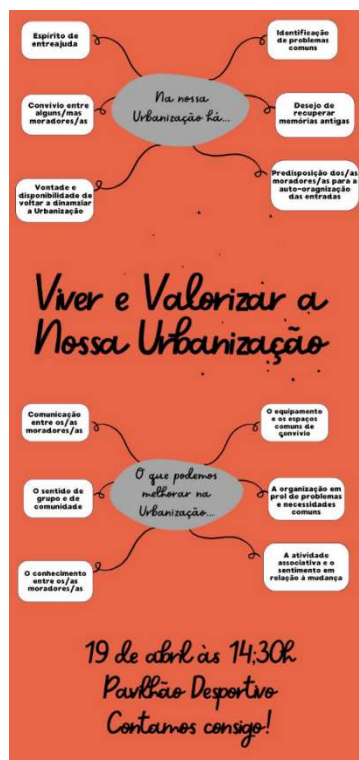


Figura A 37 – Flyer distribuído na sessão da Casa da Portela (parte de trás)

## APÊNDICE AS. REGISTO FOTOGRÁFICO DA SESSÃO NA CASA DA PORTELA



*Figura A 38 – Sessão da Casa da Portela (1)*



*Figura A 39 – Sessão da Casa da Portela (2)*



*Figura A 40 – Sessão da Casa da Portela (3)*



*Figura A 41 – Sessão da Casa da Portela (4)*

## APÊNDICE AT. PEDIDO DE CEDÊNCIA PARA A UTILIZAÇÃO DO PAVILHÃO MUNICIPAL DESPORTIVO DE AMARANTE

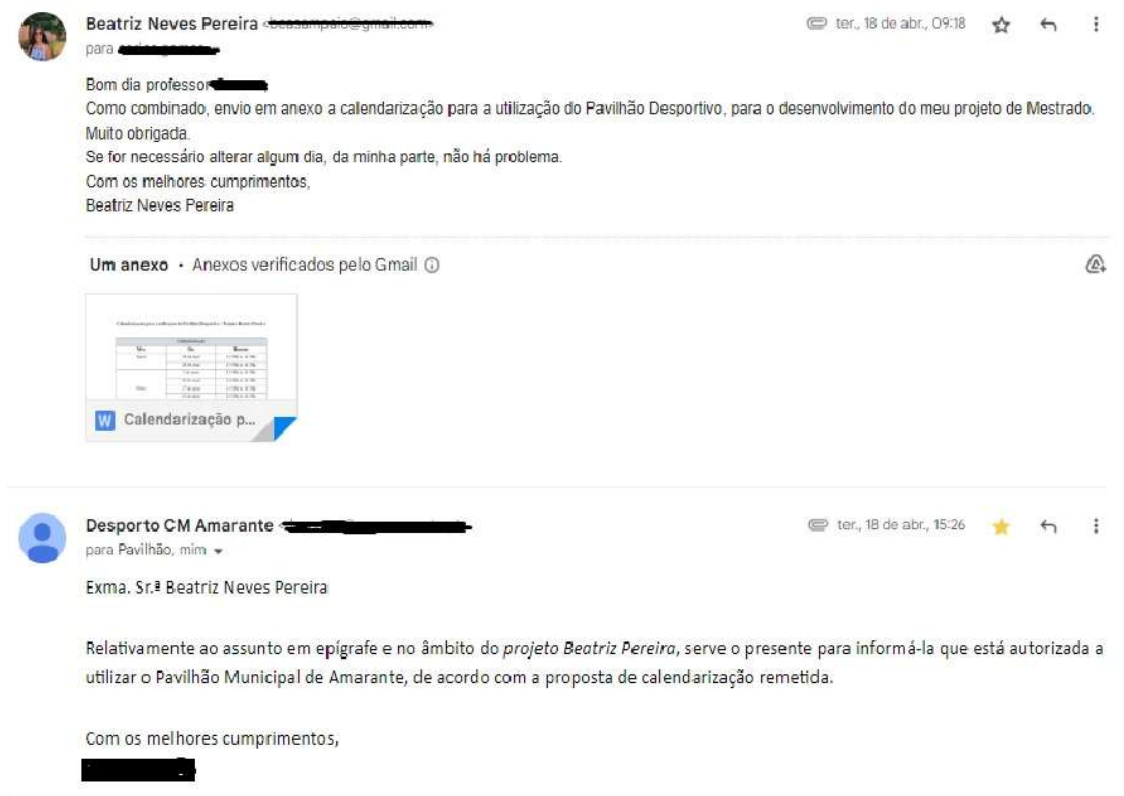


Figura A 42 – E-mail do pedido da cedência do Pavilhão Municipal Desportivo de Amarante

## APÊNDICE AU. CALENDARIZAÇÃO DO PROJETO

<p><b>Finalidade:</b> fortalecer os laços sociais, solidariedades e vivências cidadãs na Urbanização de S. Lázaro, em Amarante, apostando no desenvolvimento dos recursos e competências dos seus membros e na promoção da respetiva qualidade de vida, através da participação cidadã e da ação comunitária</p>				
OBJETIVOS GERAIS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	AÇÕES	ATIVIDADES	DATAS
(Re)Criar contactos, redes e laços sociais, mobilizando e partilhando recursos identitários e promovendo o interconhecimento,	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar e valorizar recursos culturais e identitários endógenos.</li> <li>• Expressar e partilhar experiências, ideias e sentimentos relativos à vida em comum.</li> <li>• Compreender a relevância da interação e do diálogo para a conceção e promoção da ação coletiva.</li> </ul>	<b>Ação 1 – Vidas (In)Comuns</b>	Momentos de partilha e debate, ao longo do projeto, sobre a vida e a situação da Urbanização (acompanha todo o desenvolvimento do projeto)	Abril até ao final do projeto
			Trajetórias de Vida Coletivas	26 de abril de 2023
			Mesa-redonda e histórias de vida: - A nossa história de vida: espaço de aprendizagens e conhecimentos	

a (auto)organização e a ação coletiva	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Criar espaços de encontro e debate coletivo</li> </ul>			3 de maio de 2023
			Caminhada de Vizinhos	24 de maio de 2023
			Brinde à Mudança	4 de julho de 2023
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Expressar e partilhar experiências, ideias e sentimentos relativos à vida em comum.</li> <li>• Compreender a relevância da interação e do diálogo para a conceção e promoção da ação coletiva.</li> <li>• Criar espaços de encontro e debate coletivo</li> </ul>	<b>Ação 2 – Urbanização de Todos e Para Todos</b>	Todas as atividades desenvolvidas na ação 2	Janeiro 2023 até 4 de julho 2023

Fortalecer a participação ativa, cidadã e democrática dos moradores, a sua relação com as instituições públicas e a sua implicação na vida e situação da Urbanização	Moradores	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver redes solidárias de vizinhança e organizações de moradores;</li> <li>• Construir um conhecimento coletivo sobre a vida e a situação da Urbanização;</li> <li>• Assumir um papel ativo na procura de soluções para a resolução participada e coletiva dos problemas.</li> </ul>	<b>Ação 2 – Urbanização de Todos e Para Todos</b>	Inquérito por questionário	Janeiro a fevereiro de 2023
				Idas à Urbanização para a construção de conhecimento	Ao longo de todo o projeto
				Utilização de cartazes, brochuras, flyers e mobilização porta a porta, em conjunto com alguns moradores, para a o anúncio das atividades	27 e 29 de março; 24 de abril; 8, 22, 24 e 29 de maio de 2023
				Preparação para a sessão na Casa da Portela – trabalho de sensibilização, preparação e animação, através de idas à Urbanização, de brochuras e de convocatórias	27 e 29 de março de 2023

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Assegurar a organização da limpeza, conservação e manutenção dos espaços comuns;</li> <li>• Atuar juntos dos poderes públicos em favor dos interesses comuns.</li> </ul>		Sessão na Casa da Portela – sessão de abertura e esclarecimento, com espaço para debate entre os/as moradores/as e a estrutura da CMA	5 de abril de 2023
				1.º encontro para conhecer o grupo e para trabalhar as expectativas para o projeto, bem como temáticas a abordar (identificação de necessidades e problemas) – Chuva de Ideias	19 de abril de 2023
				Mapa das limpezas e debate sobre esta questão	26 de abril à junho de 2023
				Avaliação intermédia do projeto – o era preciso mudar e o que mudou	17 de maio de 2023
				Preparação do Dia Vizinho – auto-organização (colocação de cartazes, elaboração da decoração, entre outros)	17, 24 e 29 de maio de 2023

				Dia do Vizinho	30 de maio de 2023
				“Caixa de Partilha”	5 de abril e 4 de julho de 2023
				Guia do Morador	Abril a junho de 2023
				Entrevistas aos representantes de entrada	21, 24, 27 e 29 de março de 2023
				Em conversa com os representantes de entrada	Abril e maio de 2023
	Responsáveis e técnicas da CMA	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar e valorizar os recursos endógenos e exógenos na ação</li> </ul>		Reuniões comunitárias entre a mestrandia, técnicas da habitação social e chefes de divisão	Ao longo do desenvolvimento de todo o projeto

		<p>camarária com os bairros de habitação social;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Reconhecer a centralidade do envolvimento e escuta dos moradores no desenho e concretização da ação camarária;</li> <li>• Assumir uma presença regular e uma ação continuada e contínua na promoção da relação com a Urbanização e os moradores.</li> </ul>		<p>Entrevistas à técnica que está a frente da Urbanização de S. Lázaro</p>	<p>24 de fevereiro de 2023</p>
				<p>Participação da estrutura da CMA na sessão da Casa da Portela ("Viver e Valorizar a Nossa Urbanização) e no Dia do Vizinho</p>	<p>Abril e maio de 2023</p>
				<p>Reunião final sobre o desenvolvimento do projeto</p>	<p>20 de julho de 2023</p>

<p>Promover experiências e desenvolver competências pessoais, sociais e de cidadania, através de ações específicas, com o apoio das entidades parceiras do Município</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar necessidades de desenvolvimento de competências e formas de as colmatar;</li> <li>• Experimentar e aprofundar competências essenciais para a vida, em diferentes domínios de interesse;</li> <li>• Reconhecer direitos de cidadania para uma melhor convivência social;</li> <li>• Conhecer as diferentes ofertas associativas do Município.</li> </ul>	<p><b>Ação 3 – Cidadãos Conscientes e Ativos</b></p>	<p>Sessão de informação – “Contas à Vida”: gestão do orçamento familiar” (CIAC – Dr.ª Rosa Sampaio)</p>	<p>10 de maio de 2023</p>
			<p>Workshop “Primeiros-Socorros” (Bombeiros Voluntários de Amarante)</p>	<p>31 de maio de 2023</p>
			<p>Ação de sensibilização - “Movimento de Limpeza da Urbanização” (Voluntários da Casa da Juventude)</p>	<p>7 de junho de 2023</p>
			<p>Sessão de informação – “Gestão de conflitos e relações interpessoais” (AGIR CLDS 4G – Dr.ª Marlene Moreira)</p>	<p>13 de junho de 2023</p>
			<p>Sessão de informação e sensibilização – “Viver em Comunidade” (GNR)</p>	<p>21 de junho de 2023</p>
			<p>Sessão de informação e partilha – “Vamos falar do espaço doméstico e habitacional?” (AGIR CLDS 4G – Dr.ª Célia Pereira)</p>	<p>28 de junho de 2023</p>

Tabela 56 – Calendarização do projeto

## APÊNDICE AV. EXEMPLO DOS CARTAZES COLOCADOS NA URBANIZAÇÃO COM AS DATAS DAS SESSÕES

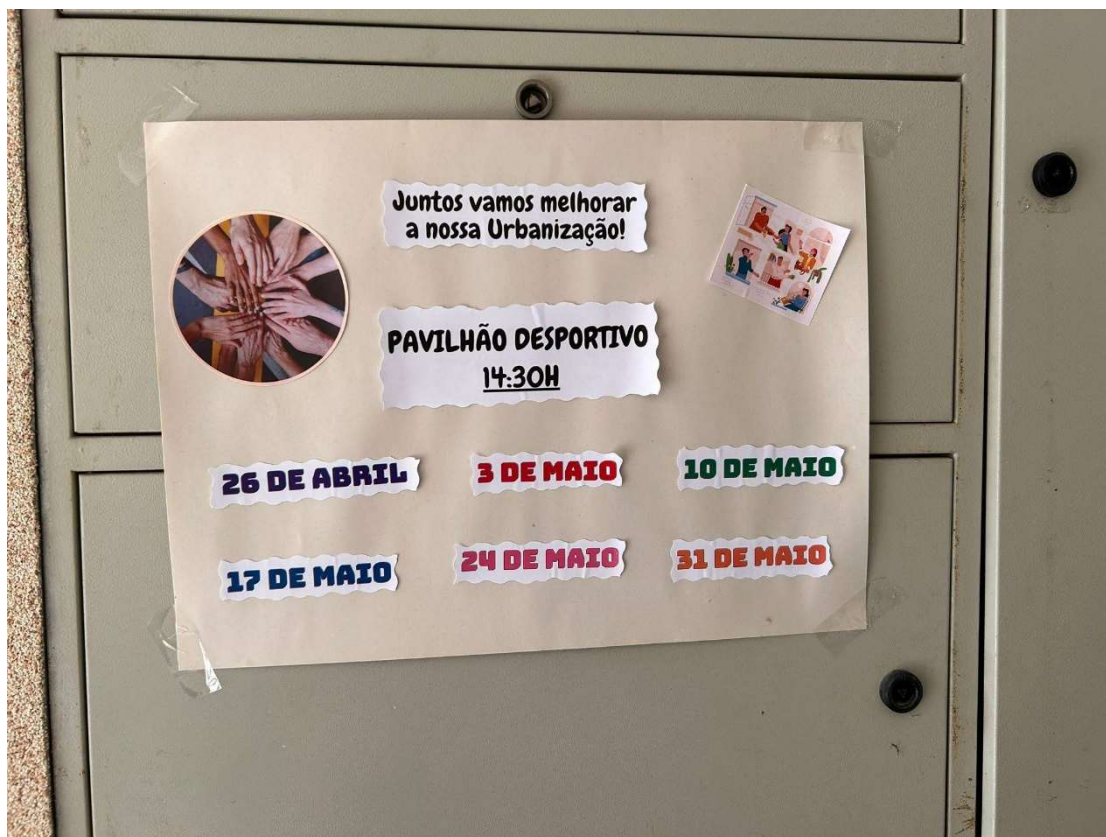



Figura A 43 – Exemplo do cartaz colocado nas entradas da Urbanização de S. Lázaro com as datas das sessões




# APÊNDICE AX. MAPAS DE LIMPEZAS DO MÊS DE MAIO

**MAPA DE LIMPEZAS  
MAIO DE 2023** 

DATA	APARTAMENTO	ASSINATURA
05-05-2023	2º Esquerdo	[Redacted]
12-05-2023	1º Esquerdo	[Redacted]
13-05-2023	2º Esquerdo	[Redacted]
13-05-2023	1º Direito	[Redacted]
19-05-2023	2º Esquerdo	[Redacted]

**Juntos vamos melhorar a nossa Urbanização!**


Figura A 45 – Entrada 1/Lote 1 (mapa de limpeza mês de maio)

**MAPA DE LIMPEZAS  
MAIO DE 2023** 

DATA	APARTAMENTO	ASSINATURA
07/04/2023	1º Esquerdo	[Redacted]
29/04/2023	2º Esquerdo	[Redacted]
01-05-2023	R.C.D.	[Redacted]
05-05-2023	1º Direito	[Redacted]
06-05-2023	2º Direito	[Redacted]
19/05/2023	1º Esquerdo	[Redacted]
12/05/2023	Rx Esquerdo	[Redacted]
19-05-2023	1º Direito	[Redacted]
24-05-2023	R.C. Direito	[Redacted]
26/05/2023	1º E	[Redacted]
06/06/2023	1º D	[Redacted]
16/06/23	1º D	[Redacted]
02-06-2023	1º Direito	[Redacted]

**Juntos vamos melhorar a nossa Urbanização!**


Figura A 46 – Entrada 2/Lote 1 (mapa de limpeza mês de maio)

**MAPA DE LIMPEZAS  
MAIO DE 2023** 

DATA	APARTAMENTO	ASSINATURA
13	2º D.	[Redacted]
20	2º E	[Redacted]
20	1º D.	[Redacted]

**Juntos vamos melhorar a nossa Urbanização!**

Figura A 47 – Entrada 3/Lote 1 (mapa de limpeza mês de maio)

**MAPA DE LIMPEZAS  
MAIO DE 2023** 

DATA	APARTAMENTO	ASSINATURA
1 de maio		[Redacted]
6 de maio		[Redacted]
16 de maio		[Redacted]

**Juntos vamos melhorar a nossa Urbanização!**

Figura A 48 – Entrada 1/Lote 2 (mapa de limpeza mês de maio)

**MAPA DE LIMPEZAS  
MAIO DE 2023**



DATA	APARTAMENTO	ASSINATURA
01/05/23	R/E Direita	[Redacted]
03/05/23	R/E esquerda	[Redacted]
05/05/23	[Redacted]	[Redacted]
08/05/23		[Redacted]
09/05/23	1º Esquerda	[Redacted]
12/05/23		[Redacted]
15/05/23	2º Direita	[Redacted]
17/05/23	R/E esquerda	[Redacted]
<del>18/05/23</del>	<del>R/E esquerda</del>	<del>[Redacted]</del>
19/05/23		[Redacted]
20-5-23	Segundo Esq	[Redacted]
22-5-23	R/E Direita	[Redacted]
24/5/23	R/E esquerda	[Redacted]
25/5/23	2º esquerda	[Redacted]
26/5/23		[Redacted]
30/5/23		[Redacted]

**Juntos vamos melhorar a nossa Urbanização!**

Figura A 49 – Entrada 2/Lote 2 (mapa de limpezas do mês de maio)

**MAPA DE LIMPEZAS  
MAIO DE 2023**



DATA	APARTAMENTO	ASSINATURA
24-04-2023	1 ESQ	[Redacted]
29-04-2023	RC	[Redacted]
30-04-2023	1 ESQ	[Redacted]
03-5-23	2 Esq.	[Redacted]
5-05-23	1 ESQ	[Redacted]
8-5-23	3 D DIREITO	[Redacted]
9-5-23		[Redacted]
14-05-23	RCH DIREITO	[Redacted]
16-5-23	2 DRT	[Redacted]
11-05-23	1º ESA	[Redacted]
17-05-23	1º ESO	[Redacted]
1-5-23		[Redacted]
12-5-23		[Redacted]
19-5-23		[Redacted]
20-5-23	2 Esq.	[Redacted]

**Juntos vamos melhorar a nossa Urbanização!**

Figura A 50 – Entrada 3/Lote 2 (mapa de limpezas do mês de maio)

**MAPA DE LIMPEZAS  
MAIO DE 2023**



DATA	APARTAMENTO	ASSINATURA
27/4/2023	Área de Chão	[Redacted]
6-5-23	2 Esquerda	[Redacted]
6-5-23	RCH Esquerda	[Redacted]
11-5-23	2º Esquerda	[Redacted]
11/5/23	Área de Chão	[Redacted]
19/5/2023	2 Esquerda	[Redacted]
19	2 Esquerda	[Redacted]
28	2 Esquerda	[Redacted]
2	Esquerda	[Redacted]
3		[Redacted]
		[Redacted]
		[Redacted]
		[Redacted]
		[Redacted]

**Juntos vamos melhorar a nossa Urbanização!**

Figura A 51 – Entrada 2/Lotes 3 (mapa da limpezas do mês de maio)

# APÊNDICE AY. MAPAS DE LIMPEZA DO MÊS DE JUNHO

MAPA DE LIMPEZA						
	JUNHO DE 2023	Semana 1 (data)	Semana 2 (data)	Semana 3 (data)	Semana 4 (data)	Assinatura
Rés do chão	[Redacted]					
	[Redacted]			23/6/2023	01-6-2023	[Redacted]
1.º piso	[Redacted]				15-6-2023	[Redacted]
	[Redacted]				[Redacted]	[Redacted]
2.º piso	[Redacted]				15-6-2023	[Redacted]
	[Redacted] Lopes Maccari	3/6/2023	8/6/2023		17-6-2023	[Redacted]

**JUNTOS VAMOS MELHORAR A URBANIZAÇÃO!**

Figura A 52 – Entrada 1/Lote 1 (mapa de limpezas do mês de junho)

MAPA DE LIMPEZA						
	JUNHO DE 2023	Semana 1 (data)	Semana 2 (data)	Semana 3 (data)	Semana 4 (data)	Assinatura
Rés do chão	[Redacted]	05-06-2023	09-07-2023			[Redacted]
	[Redacted]	1-07-2023				[Redacted]
1.º piso	[Redacted]	16-06-2023	30-06			[Redacted]
	[Redacted]	08/06/2023	23/06/2023	07/07/2023		[Redacted]
2.º piso	[Redacted]	10-06-2023	07-07	14-06-2023		[Redacted]
	[Redacted] Paula Cristina Ribeiro	17-06-2023	30/6/23			[Redacted]

**JUNTOS VAMOS MELHORAR A URBANIZAÇÃO!**

Figura A 53 – Entrada 2/Lote 1 (mapa de limpezas do mês de junho)

MAPA DE LIMPEZA						
	JUNHO DE 2023	Semana 1 (data)	Semana 2 (data)	Semana 3 (data)	Semana 4 (data)	Assinatura
Rés do chão	[Redacted]	05/06/2023	12/06/2023			[Redacted]
	[Redacted]	07/06/23	04/06/23	29/06/23	28/06/23	[Redacted]
1.º piso	[Redacted]	07/06/23	06/06/23	23/06/23	30/06/23	[Redacted]
	[Redacted]	19/06/2023	28/06/23	10/07/2023		[Redacted]
2.º piso	[Redacted]			15/06/23		[Redacted]
	[Redacted]	18/06/23	04/06/23	20/06/23	24/06/23	[Redacted]

**JUNTOS VAMOS MELHORAR A URBANIZAÇÃO!**

Figura A 54 – Entrada 2/Lote2 (mapas de limpeza do mês de junho)

MAPA DE LIMPEZA						
	JUNHO DE 2023	Semana 1 (data)	Semana 2 (data)	Semana 3 (data)	Semana 4 (data)	Assinatura
Rés do chão	[Redacted]	2 de Junho	1 de Junho			[Redacted]
	[Redacted]	23 Junho	Junho			[Redacted]
1.º piso	[Redacted]					
	[Redacted]					
2.º piso	[Redacted]	7 Junho	8 Junho			[Redacted]
	[Redacted]	9-6-2023	7-7-2023			[Redacted]

**JUNTOS VAMOS MELHORAR A URBANIZAÇÃO!**

Figura A 55 – Entrada 2/Lote 3 (mapa de limpezas do mês de junho)

## APÊNDICE AZ. SEGUNDO MAPA DE LIMPEZAS

MAPA DE LIMPEZA						
	JUNHO DE 2023	Semana 1 (data)	Semana 2 (data)	Semana 3 (data)	Semana 4 (data)	Assinatura
Rés do chão	Titular da habitação					
	Titular da habitação					
1.º piso	Titular da habitação					
	Titular da habitação					
2.º piso	Titular da habitação					
	Titular da habitação					

**JUNTOS VAMOS MELHORAR A URBANIZAÇÃO!**

*Figura A 56 – 2.º mapa de limpezas*

## APÊNDICE BA. REGISTOS FOTOGRÁFICOS DAS VÁRIAS SESSÕES DE DEBATE SOBRE A VIDA E SITUAÇÃO DA URBANIZAÇÃO



*Figura A 57 – Sessão de 19 de abril*



*Figura A 58 – Sessão de 19 de abril*



*Figura A 59 – Sessão de 17 de maio*



*Figura A 60 – Sessão de 17 de maio*

## APÊNDICE BB. CONVITE DO DIA DO VIZINHO AOS RESPONSÁVEIS DA CMA

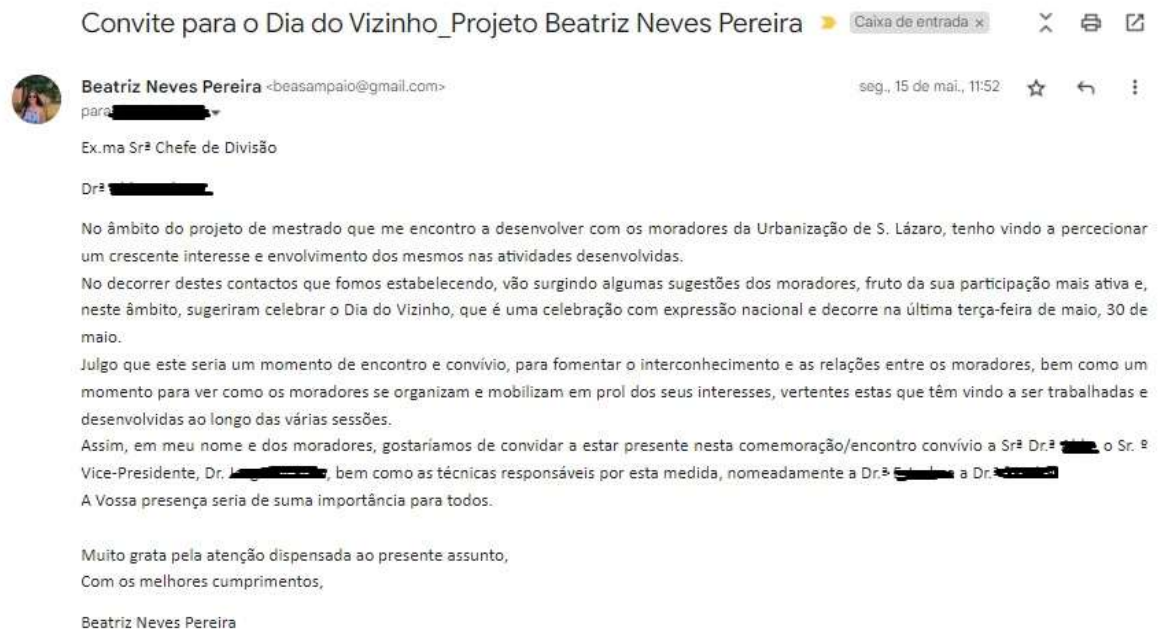


Figura A 61 – Convite do Dia dos Vizinhos enviado aos responsáveis da CMA

## APÊNDICE BC. FRASES PARA O “POTE DOS VIZINHOS”

- Sempre que passar por um vizinho, cumprimente-o
- Assine o mapa de limpeza
- Quando não gostar de alguma coisa, fale educadamente com o seu vizinho
- Temos de reunir para resolver os nossos problemas
- Evite fazer barulho, tenha atenção ao horário
- Vamos começar a festejar dias importantes
- Quando vir um vizinho, vá ter com ele e convivam juntos
- Sempre que vir um vizinho, pergunte-lhe como está ou se precisa de ajuda
- Vamos unir-nos por uma melhor qualidade de vida
- Temos de manter os espaços comuns limpos e bem conservados
- Participar ativamente na vida da Urbanização
- Participar na construção de soluções para a melhoria da nossa qualidade de vida enquanto grupo
- Participar nas reuniões e nos encontros entre moradores
- Respeitar as regras do civismo, da boa educação e da boa vizinhança
- Criar espaços de partilha, interação e convívio com os moradores
- Comunicar com os vizinhos

## APÊNDICE BD. CARTAZ PARA A PREPARAÇÃO DO DIA DO VIZINHO

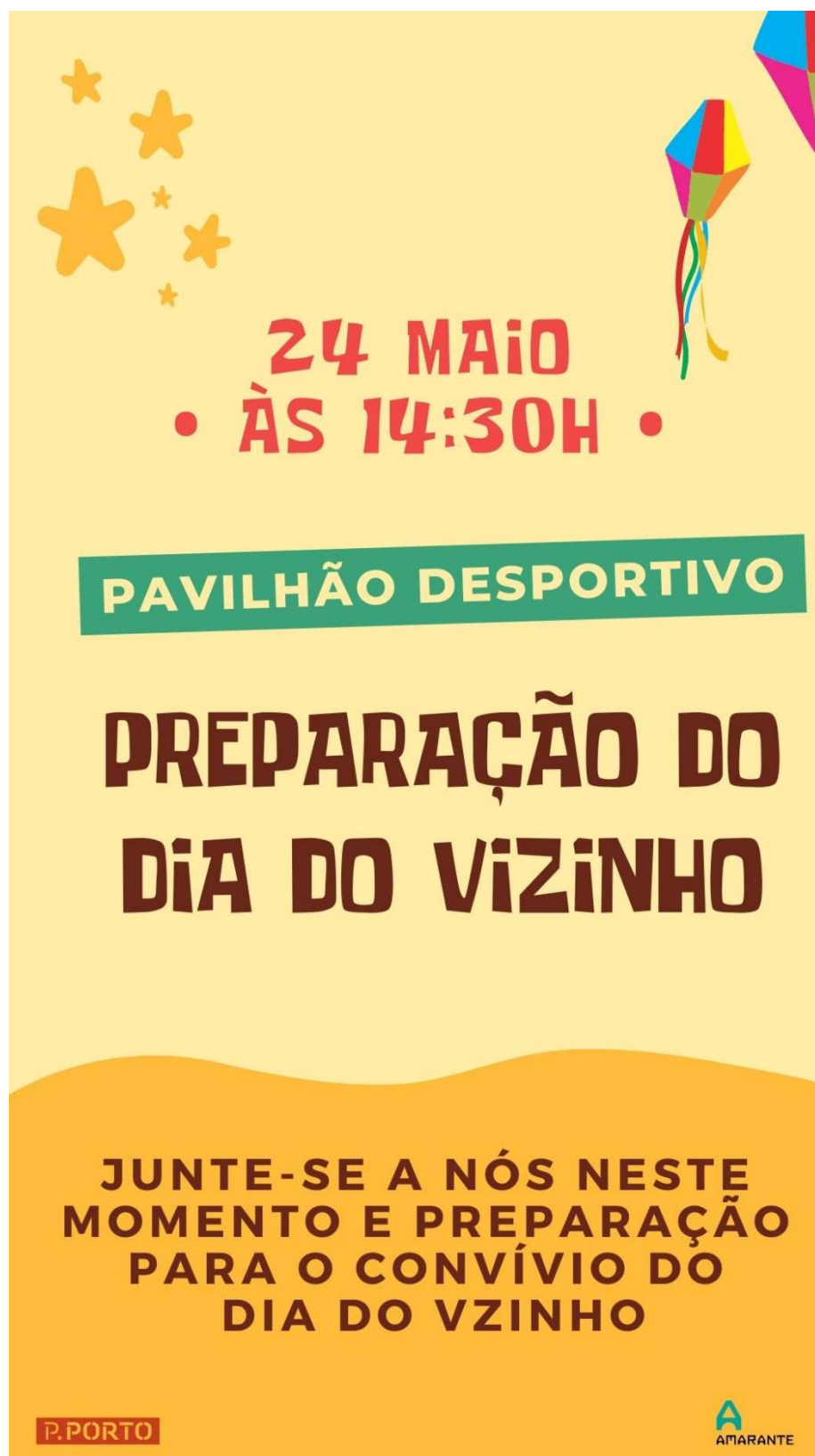


Figura A 62 – Cartaz da Preparação do Dia do Vizinho

## APÊNDICE BE. REGISTO FOTOGRÁFICO PREPARAÇÃO PARA O DIA DO VIZINHO



*Figura A 63 – Preparação do Dia do Vizinho (1)*



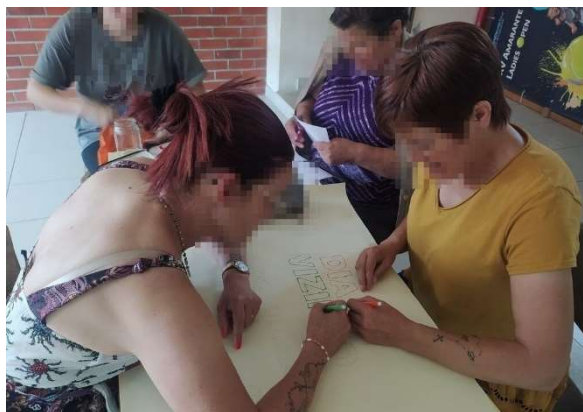
*Figura A 64 – Preparação do Dia do Vizinho (2)*



*Figura A 65 – Preparação do Dia do Vizinho (3)*



*Figura A 66 – Preparação do Dia do Vizinho (4)*



*Figura A 67 – Preparação do Dia do Vizinho (5)*



*Figura A 68 – Cartaz para o Dia do Vizinho*



*Figura A 69 – Caixa de Sugestões*



*Figura A 70 – Pote dos Vizinhos*

## APÊNDICE BF. CARTAZ DO DIA DO VIZINHO

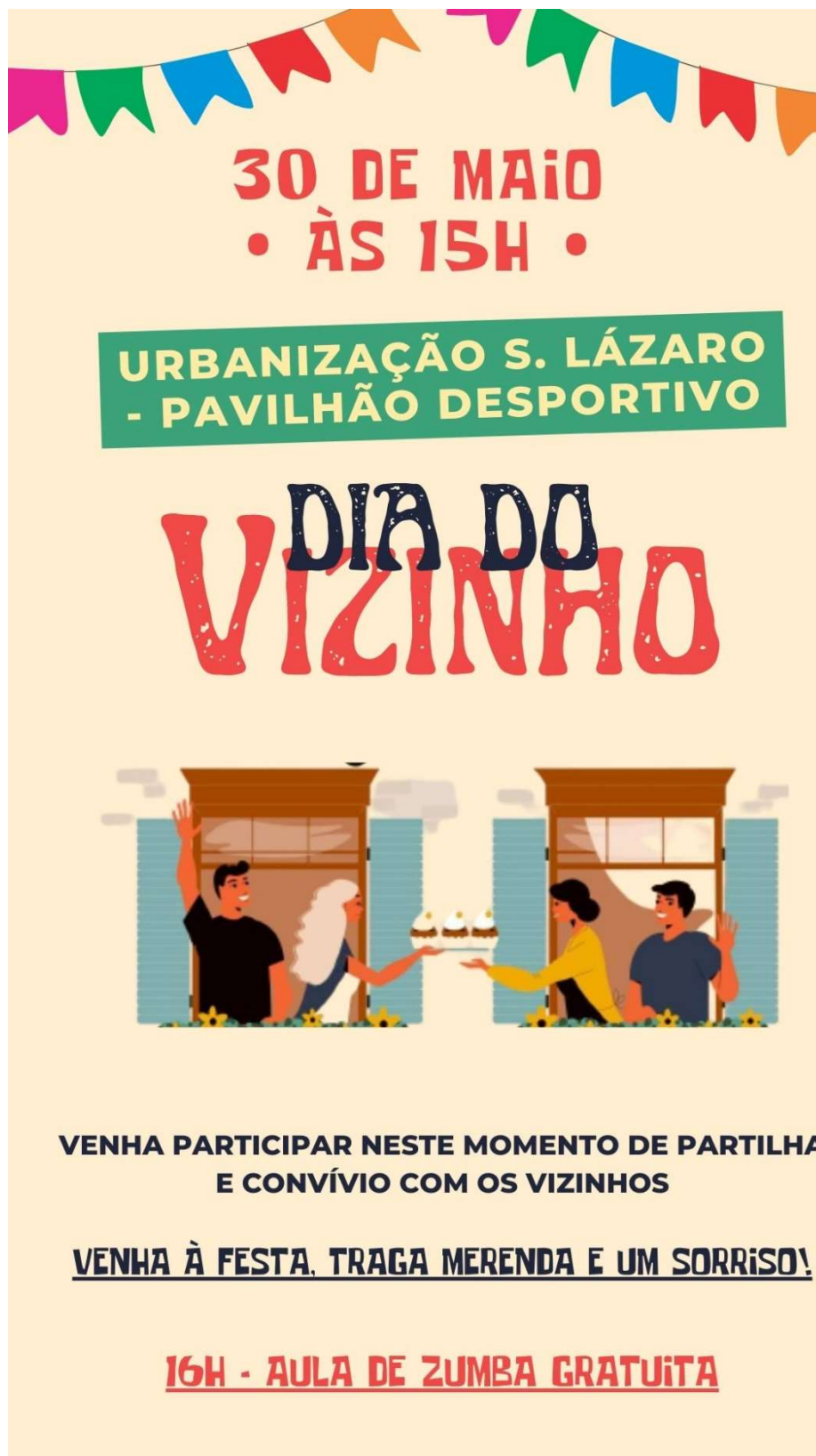


Figura A 71 – Cartaz do Dia dos Vizinhos

## APÊNDICE BG. REGISTO FOTOGRÁFICO DO DIA DO VIZINHO



*Figura A 72 – Dia dos Vizinhos (1)*



*Figura A 73 – Dia dos Vizinhos (2)*



*Figura A 74 – Dia dos Vizinhos (3)*



*Figura A 75 – Dia dos Vizinhos (4)*



*Figura A 76 – Dia dos Vizinhos (5)*



*Figura A 77 – Dia dos Vizinhos (6)*



*Figura A 78 – Dia dos Vizinhos (7)*



*Figura A 79 – Aula de Zumba do Dia dos Vizinhos (1)*



*Figura A 80 – Aula de Zumba do Dia dos Vizinhos (2)*

# APÊNDICE BH. GUIA DO MORADOR

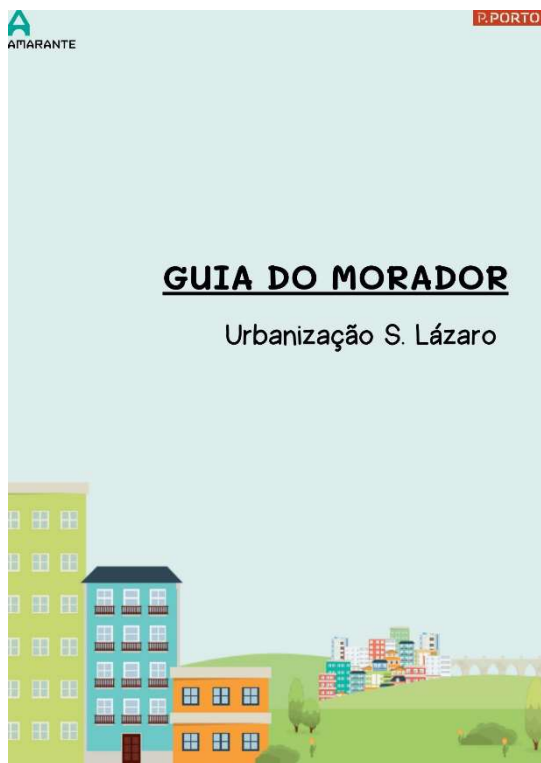


Figura A 81 – Guia do Morador (p.1)

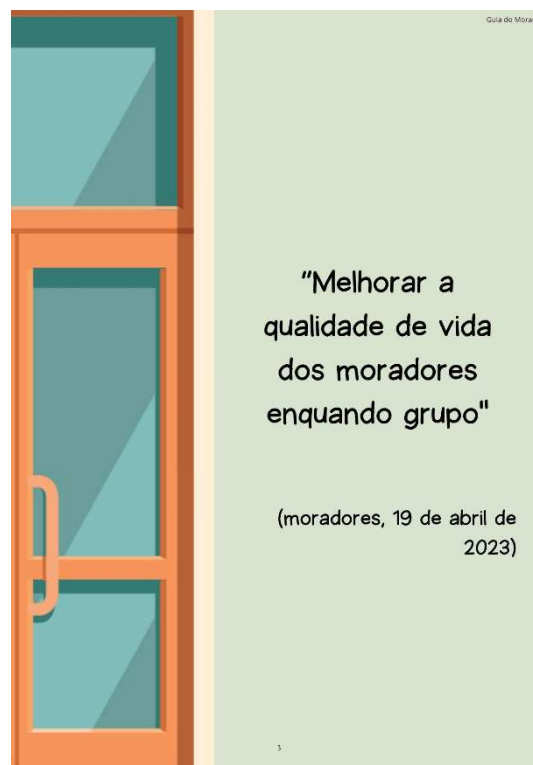


Figura A 82 – Guia do Morador (p.2)

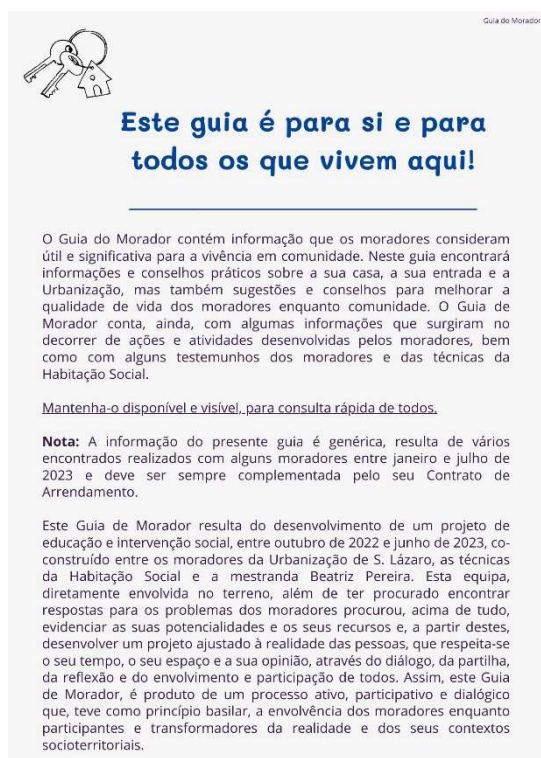


Figura A 83 – Guia do Morador (p.3)

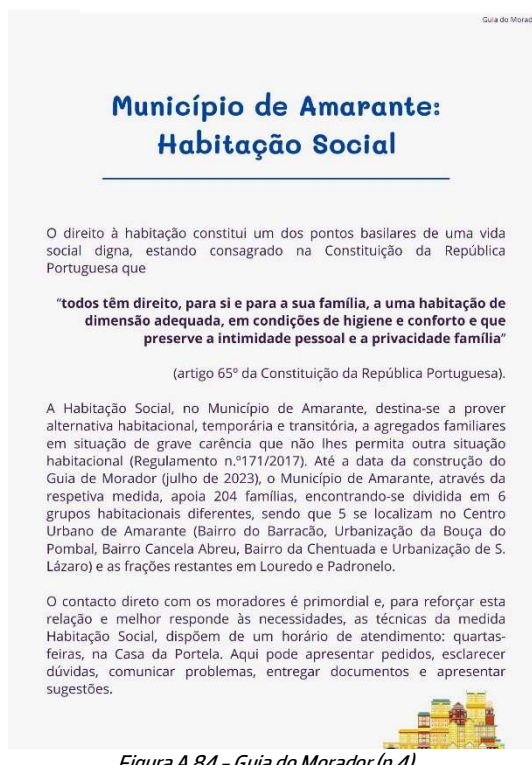


Figura A 84 – Guia do Morador (p.4)



Figura A 85 – Guia do Morador (p.5)



Figura A 86 – Guia do Morador (p.6)

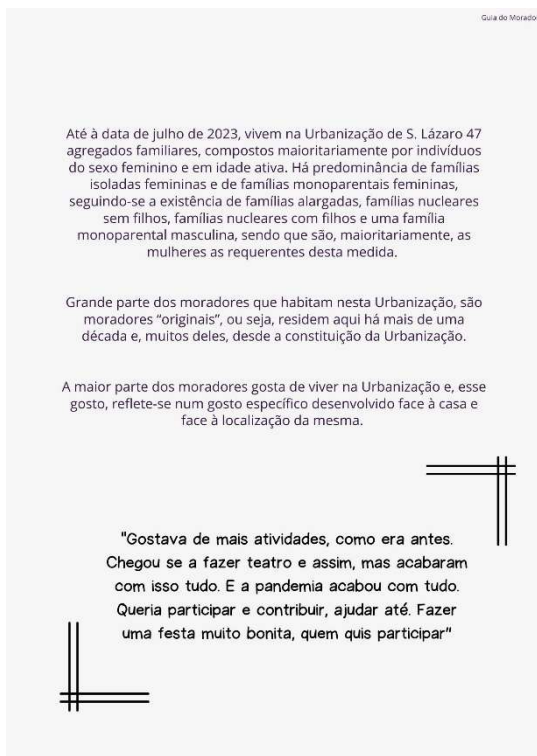


Figura A 87 – Guia do Morador (p.7)

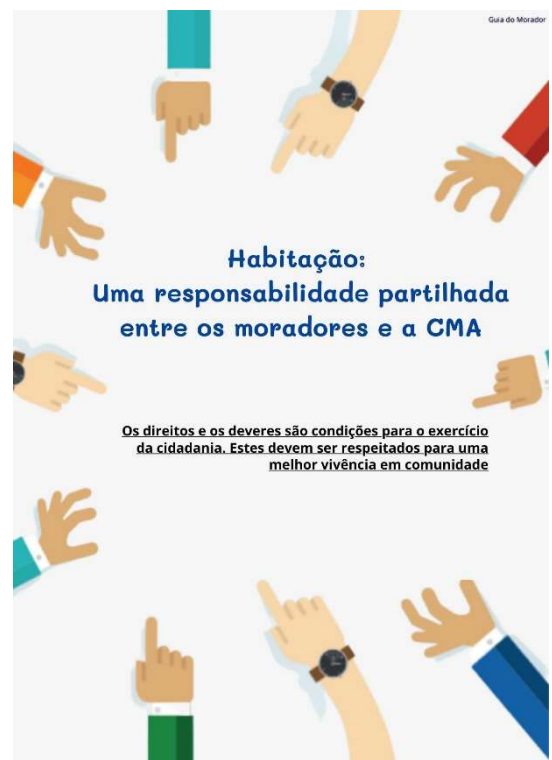


Figura A 88 – Guia do Morador (p.8)

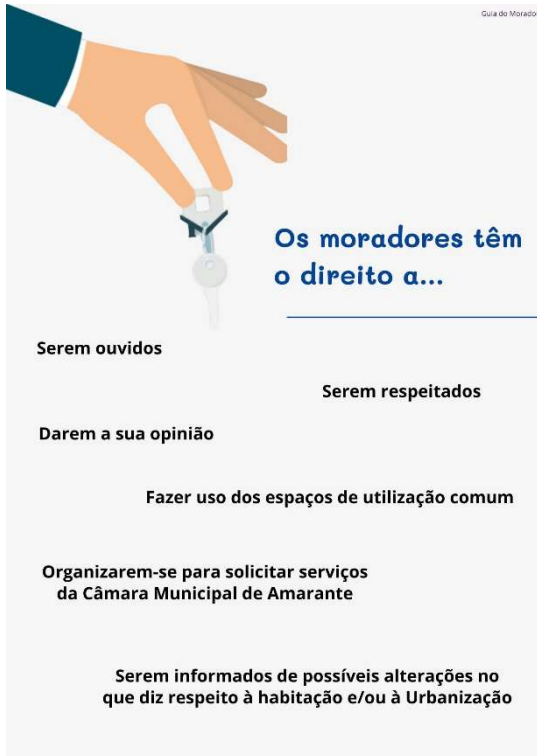


Figura A 89 – Guia do Morador (p.9)

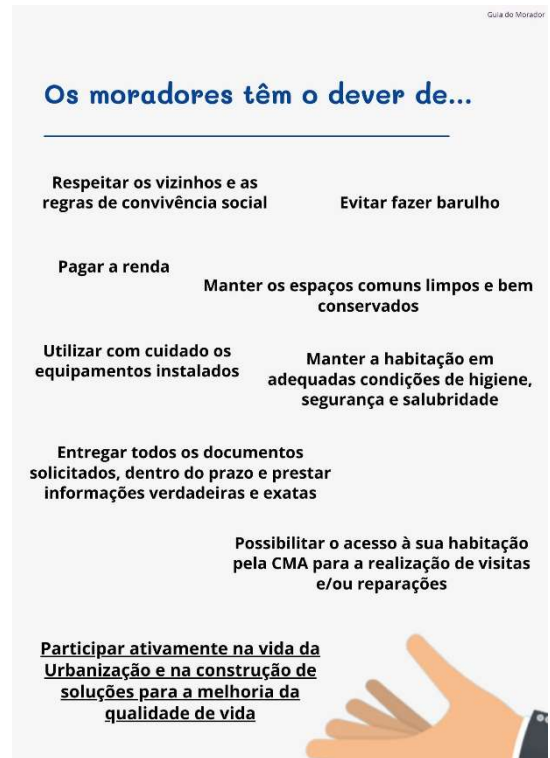


Figura A 90 – Guia do Morador (p.10)

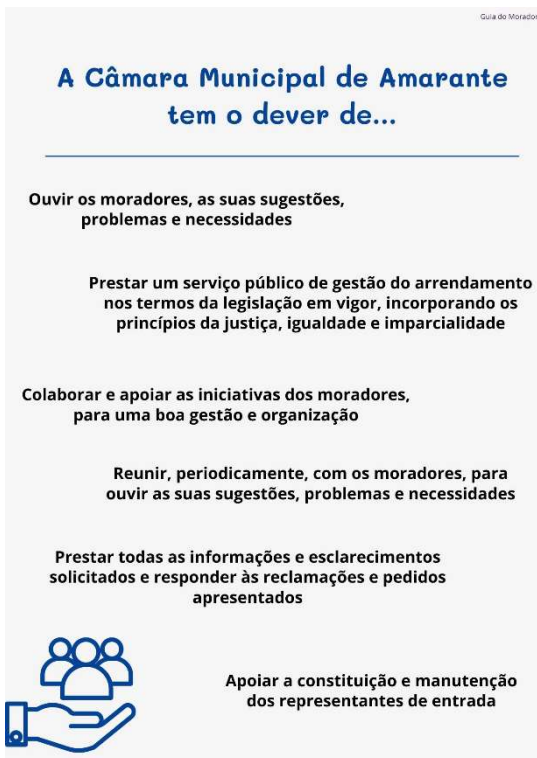


Figura A 91 – Guia do Morador (p.11)

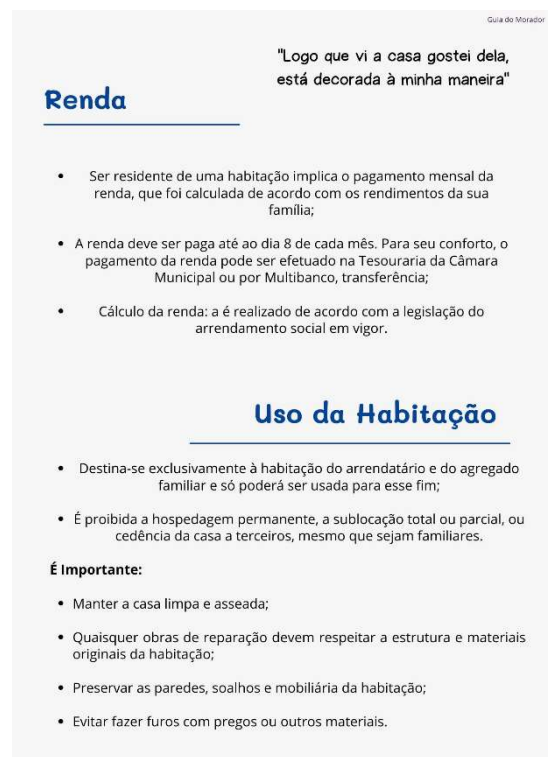


Figura A 92 – Guia do Morador (p.12)

## Realização de Obras

- Os moradores não podem fazer quaisquer obras, nem alterar as características da habitação sem autorização escrita do Presidente da Câmara Municipal ou Vereador com competências delegadas.

## Espaços Comuns

- Os espaços comuns são as entradas, átrios, escadas e corredores de uso ou passagem comum a dois ou mais moradores, bem como as zonas verdes e os estendais comuns.

### Importante:

- A limpeza e manutenção é da responsabilidade dos moradores;
- A porta da entrada deve manter-se fechada e cabe aos moradores zelar pela sua conservação;
- As entradas devem ser limpas, pelo menos, uma vez por semana;
- Os espaços comuns são de todos: evitar colocar objetos pessoais e familiares, que dificultem a passagem dos vizinhos.

Figura A 93 – Guia do Morador (p.13)

## Espaços Comuns

- Não deitar lixo para o chão;
- Prestar especial atenção às pontas de cigarros;
- Não pisar a relva do jardim;
- Preservar as paredes, pavimentos, candeeiros de iluminação e outros equipamentos públicos existentes;
- Não colocar objetos pessoais nos espaços públicos.



Porta da entrada e campainha: uma boa porta de entrada, campainha e intercomunicadores em boas condições permitem a vossa segurança, uma vez que permitem controlar o acesso ao prédio, evitando a entrada de estranhos

Figura A 94 – Guia do Morador (p.14)

## Relações de Vizinhança

**A boa vizinhança é fundamental para a resolução de problemas comuns**

### É importante:

- Respeitar as regras do civismo, da boa educação e da boa vizinhança;
- Tratar com cordialidade os vizinhos;
- Não sacudir tapetes, carpetes, toalhas ou outros à janela ou nas escadas para não incomodar os vizinhos e não sujar os espaços comuns;
- Quando, esporadicamente, estender a roupa à janela, nas escadas ou nos pátios, faça-o de forma a não prejudicar os vizinhos;
- Não fazer barulhos que possam incomodar os seus vizinhos (discutir, ouvir música muito alto);
- Respeitar o horário de silêncio;
- Avisar os vizinhos antes de fazer pequenas obras e respeitar as horas de silêncio;
- Não levantar falsos testemunhos, nem difamar os vizinhos. Não criar intrigas.



Quando saímos da porta do nosso apartamento começamos a viver em conjunto, quer a gente converse quer não e temos de saber respeitar. Se queremos ser respeitados, também tem de partir de nós, respeitar os outros



Figura A 95 – Guia do Morador (p.15)

## Gerir a Entrada

### O que é um representante de entrada?

- O representante de entrada é um morador que representa os moradores da sua entrada;
- É eleito pela maioria das pessoas residentes na entrada para desempenhar essa tarefa, durante o tempo que for acordado entre todos.

### O que faz um representante de entrada?

- Representa os moradores;
- É o interlocutor entre os moradores e a Câmara Municipal de Amarante;
- Ouve as sugestões, os problemas e as necessidades dos moradores;
- Tenta gerir os conflitos através da comunicação;
- Assegura a organização da limpeza, conservação e manutenção dos espaços comuns;
- Deve reunir com os moradores da sua entrada com regularidade, sendo que a mesma deve ser decidida entre todos/as

"Se tiveres algum problema, alguma coisa, e se transmite ao representante municipal, a quem é de direito, estás a perceber? Deveria ser essa a ideia"

Figura A 96 – Guia do Morador (p.16)

Guia do Morador

## SUGESTÕES

- Realizar reuniões entre o representante de entrada e os moradores;
- Realizar reuniões entre todos os representantes de entrada;
- Afixar informações importantes nas entradas;
- Ter uma mapa de limpezas em cada entrada;
- Ouvir e respeitar os vizinhos;
- Consultar o Guia de Morador, sempre que necessário;
- Criar espaços de partilha, interação e convívio com os moradores;
- Celebrar dias importantes.

"Se nós começarmos a respeitar os outros, a não fazer aquilo que não queremos que nos façam a nós, as coisas começam a correr bem"




Figura A 97 – Guia do Morador (p.17)

Guia do Morador

## CAIXA DE PARTILHA

O QUE POSSO FAZER

- Respeitar os/as vizinhos/as;
- Organizar-me com os/as outros/as moradores/as para a limpeza das entradas;
- Manter limpos e organizados os espaços comuns;
- Ter atenção ao que acontece no dia-a-dia da Urbanização e comunicar os problemas identificados aos representantes de entrada;
- Comunicar, de forma ativa e saudável, com os/as outros/as moradores/as;
- Conviver com os/as vizinhos/as;
- Organizar-me com os/as outros/as moradores/as para a utilização dos espaços comuns, se necessário;
- Ter uma participação ativa na resolução dos problemas da Urbanização.



O QUE NÃO TENHO FEITO

- Organizar-me com os/as vizinhos/as para a limpeza das escadas e da entrada;
- Limpeza dos espaços comuns;
- Comunicar os problemas identificados quer nas entradas, quer na Urbanização à CMA;
- Unir-me com os/as restantes moradores/as em prol de uma melhor qualidade de vida;
- Comunicar com os/as vizinhos/as;
- Conviver com os/as vizinhos/as;
- Participar em atividades e ter uma atividade associativa;
- Demonstrar interesse pela vida comunitária e pelos problemas existentes na Urbanização.



Figura A 98 – Guia do Morador (p.18)

Guia do Morador

O QUE PODEMOS MELHORAR

- Melhorar os espaços comuns, como os estacionamento e as luzes da entrada - comunicar à CMA os problemas existentes;
- Respeitar os/as vizinhos/as;
- Limpar os espaços comuns após os utilizar;
- Ter uma entrada mais apresentável e asseada;
- Organizar-me e comunicar com os/as restantes moradores/as.

Espaços de convívio e de partilha entre moradores

Criar estratégias que permitam a construção de relações assentes no diálogo, na partilha, na confiança e no respeito entre todos

Dinamizar ações e/ou atividades que promovam o convívio entre todos os moradores


Recuperar as reuniões mensais em cada entrada

Fomentar o interconhecimento e a confiança entre moradores

Mobilizar os moradores para a auto-organização da Urbanização

Mobilizar e envolver a população para uma maior participação nas decisões coletivas referentes à Urbanização

Figura A 99 – Guia do Morador (p.19)



"Um projeto de intervenção comunitária que promova relações de proximidade entre os moradores, desenvolvimento de competências pessoais e sociais, tendo por base uma componente social/ convívio" (técnica Habitação Social)

CONTACTOS ÚTEIS

Câmara Municipal de Amarante: 255 420 200

Casa da Portela: 255 420 203

GNR Amarante: 255 410 260

Bombeiros Voluntários Amarante: 255 432 115

"O município está aqui para ajudar" (técnica Habitação Social)

Figura A 100 – Guia do Morador (p.20)

# APÊNDICE BI. APRESENTAÇÃO PARA UMA FUTURA REUNIÃO COM OS/AS REPRESENTANTES DE ENTRADA



Figura A 101 – Apresentação para RE (slide 1)



Figura A 102 – Apresentação para RE (slide 2)

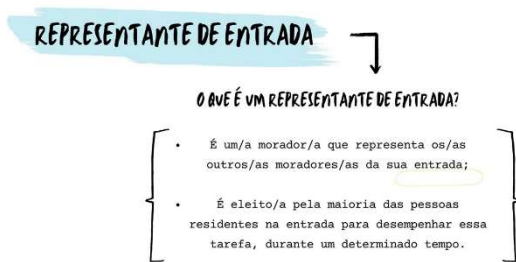


Figura A 103 – Apresentação para RE (slide 3)

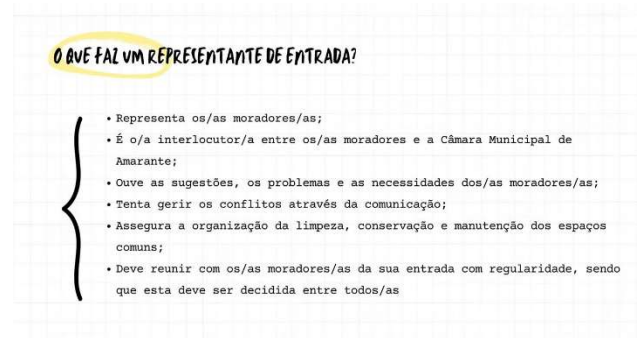


Figura A 104 – Apresentação para RE (slide 4)

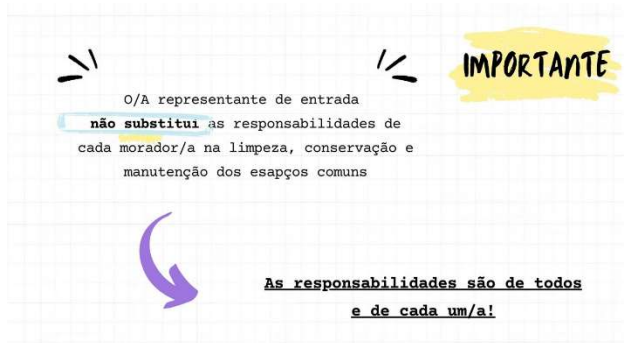


Figura A 105 – Apresentação para RE (slide 5)



Figura A 106 – Apresentação para RE (slide 6)



Figura A 107 - Apresentação para RE (slide 7)



Figura A 108 - Apresentação para RE (slide 8)

### O QUE PODEMOS MUDAR?

O QUE É NECESSÁRIO MUDAR PARA UMA MELHOR ATUAÇÃO?

- O desconhecimento do papel dos representantes de entrada junto dos moradores;
- A insuficiente comunicação e colaboração para a resolução dos problemas;
- O pensamento de soluções individuais para os problemas;
- Ideias tradicionais - apostar em ideias inovadoras, ativas e participativas;
- Falta de reuniões.

**FALTA DE INCENTIVO À MUDANÇA E TRANSFORMAÇÃO**

Figura A 109 - Apresentação para RE (slide 9)

### SOLUÇÕES PROPOSTAS

- Mais iniciativa e pró-atividade dos moradores;
- Valorizar o papel dos representantes de entrada junto dos moradores;
- Melhorar a divulgação de informações importantes junto dos moradores;
- Ampliar o diálogo e tornar as reuniões de entrada e comunitárias parte da rotina dos moradores
- Reconhecer os direitos e deveres e assumir o poder para gerar soluções coletivas para os problemas.

Figura A 110 - Apresentação para RE (slide 10)

### ESTRATÉGIAS DE ATUAÇÃO

- Reunir com os moradores de x em x tempo (de 3 em três meses por exemplo);
- Fazer uma/duas reuniões anuais entre representantes de entrada;
- Afixar informações importantes em locais visíveis;
- Recorrer a utilização de mapas de limpeza;
- Ter uma lista de problemas e necessidades atualizada;
- Comunicar sugestões, problemas e necessidades à CMA.

Figura A 111 - Apresentação para RE (slide 11)

### EXEMPLOS

MAPA DE LIMPEZAS  
MAIO DE 2023

DATA	PROBLEMAS	SOLUÇÕES

Juntas vamos melhorar a nossa Organização!

**ATENÇÃO**

FECHAR SEMPRE A PORTA DO PRÉDIO!

**AVISO**

Reunião de Entrada

Dia: x  
Às x horas

A sua presença é de suma importância!  
Contamos consigo!

**AVISO**

Figura A 112 - Apresentação para RE (slide 12)

**SUGESTOES** | **PROBLEMAS**

**EXEMPLOS**

**CAIXA ARTILHA**

**MAPA DE LIMPEZA**

Mês	Semana 1	Semana 2	Semana 3	Semana 4	Assinatura
Rua do chão					
Nome					
1.º piso					
Nome					
2.º piso					
Nome					

Figura A 113 - Apresentação para RE (slide 13)

**IMPORTANTE**

Ouvir os moradores, partir das suas potencialidades e recursos para encontrar, em conjunto, respostas para os problemas e necessidades

Figura A 114 - Apresentação para RE (slide 14)

**OBRIGADA**

BEATRIZ PEREIRA

Figura A 115 - Apresentação para RE (slide 15)

## APÊNDICE BJ. CARTAZES DE DIVULGAÇÃO DA AÇÃO 3 – “CIDADÃOS CONSCIENTES E ATIVOS”



Figura A 116 – Cartaz da sessão "Planeamento do Orçamento Familiar" (CIAC)



Figura A 117 – Cartaz do Workshop "Primeiros-Socorros" (BVA)



Figura A 118 – Cartaz do "Movimento de Limpeza da Urbanização" (CJ)



Figura A 119 – Cartaz da sessão "Gestão de Conflitos e Relações Interpessoais" (AGIR CLDS 4G)



Figura A 120 – Cartaz da sessão “Viver em Comunidade” (GNR)



Figura A 121 – Cartaz da sessão “Vamos Falar do Espaço Doméstico e Habitacional?” (AGIR CLDS 4G)



Figura A 122 – Cartaz da Reunião Comunitária – Brinde à Mudança



Figura A 123 – Panfleto da sessão “Viver em Comunidade” (GNR)

## APÊNDICE BK. CONTACTO, VIA E-MAIL, COM A GNR DE AMARANTE

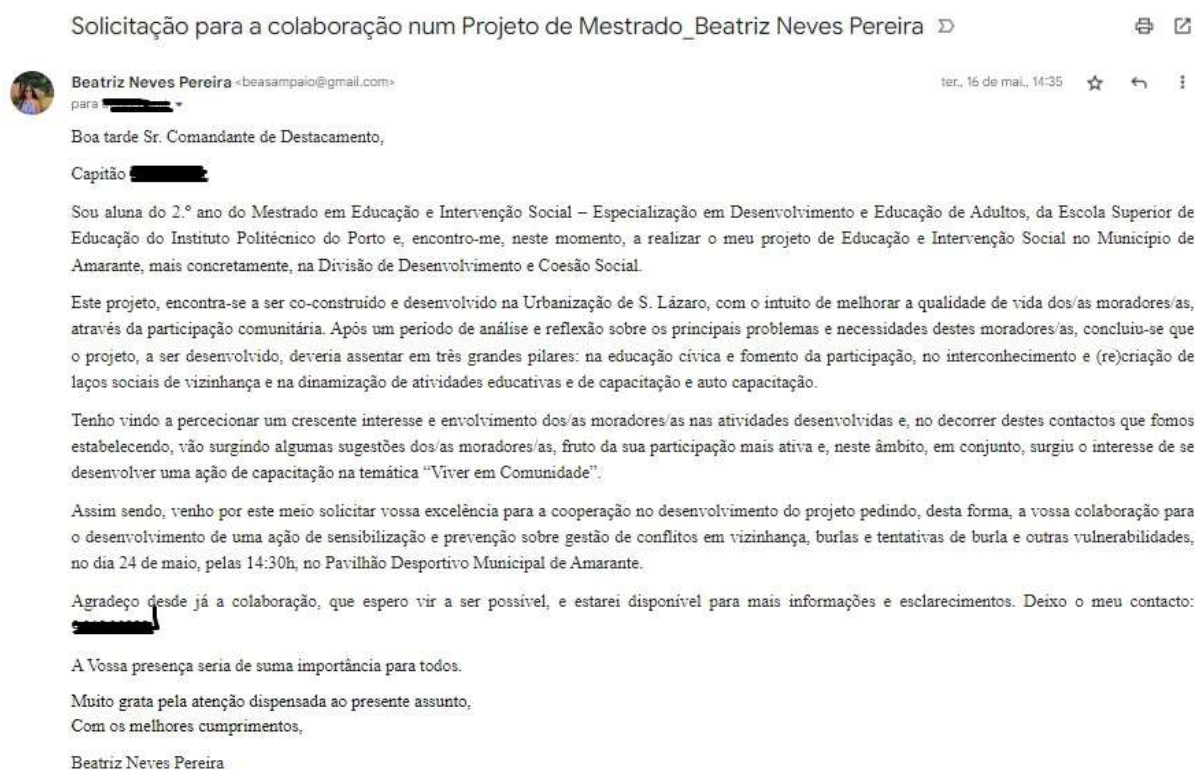


Figura A 124 – E-mail enviado para a GNR de Amarante

## APÊNDICE BL. CONTACTO, VIA E-MAIL, COM OS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE AMARANTE

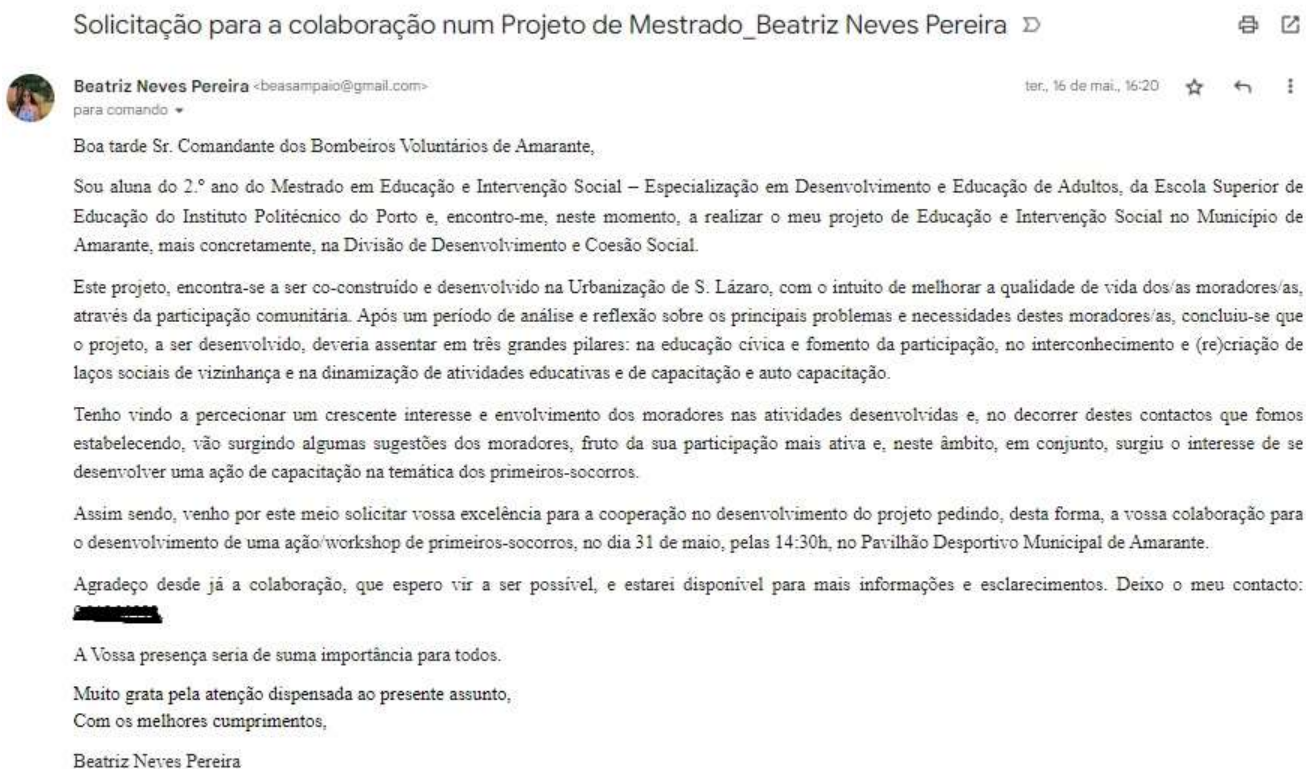


Figura A 125 – E-mail enviado para os BVA

## APÊNDICE BM. REGISTO FOTOGRÁFICO DO WORKSHOP “PRIMEIROS-SOCORROS” (BVA)



*Figura A 126 – Workshop “Primeiros-Socorros” (1)*



*Figura A 127 – Workshop “Primeiros-Socorros” (2)*



*Figura A 128 – Workshop “Primeiros-Socorros” (3)*



*Figura A 129 – Workshop “Primeiros-Socorros” (4)*



*Figura A 130 – Workshop “Primeiros-Socorros” (5)*

## APÊNDICE BN. REGISTO FOTOGRÁFICO DA SESSÃO “GESTÃO DE CONFLITOS E RELAÇÕES INTERPESSOAIS” (AGIR CLDS 4G)



*Figura A 131 – Sessão “Gestão de Conflitos e Relações Interpessoais” (1)*



*Figura A 132 – Sessão “Gestão de Conflitos e Relações Interpessoais” (2)*



*Figura A 133 – Sessão “Gestão de Conflitos e Relações Interpessoais” (3)*

## APÊNDICE BO. REGISTO FOTOGRÁFICO DA SESSÃO “VIVER EM COMUNIDADE” (GNR)



*Figura A 134 – Sessão “Viver em Comunidade” (1)*



*Figura A 135 – Sessão “Viver em Comunidade” (2)*



*Figura A 136 – Sessão “Viver em Comunidade” (3)*



*Figura A 137 – Sessão “Viver em Comunidade” (4)*

## APÊNDICE BP. REGISTO FOTOGRÁFICO DA SESSÃO “VAMOS FALAR DO ESPAÇO DOMÉSTICO E HABITACIONAL? (AGIR CLDS 4G)”



*Figura A 138 – Sessão “Vamos Falar do Espaço Doméstico e Habitacional?” (1)*



*Figura A 139 – Sessão “Vamos Falar do Espaço Doméstico e Habitacional?” (2)*



*Figura A 140 – Sessão “Vamos Falar do Espaço Doméstico e Habitacional?” - apresentação do caso prático (3)*



*Figura A 141 – Sessão “Vamos Falar do Espaço Doméstico e Habitacional?” - apresentação do caso prático (4)*

APÊNDICE BQ. CARTAZ DA CHUVA DE IDEIAS DA SESSÃO “VAMOS FALAR DO ESPAÇO DOMÉSTICO E HABITACIONAL” (AGIR CLDS 4G)

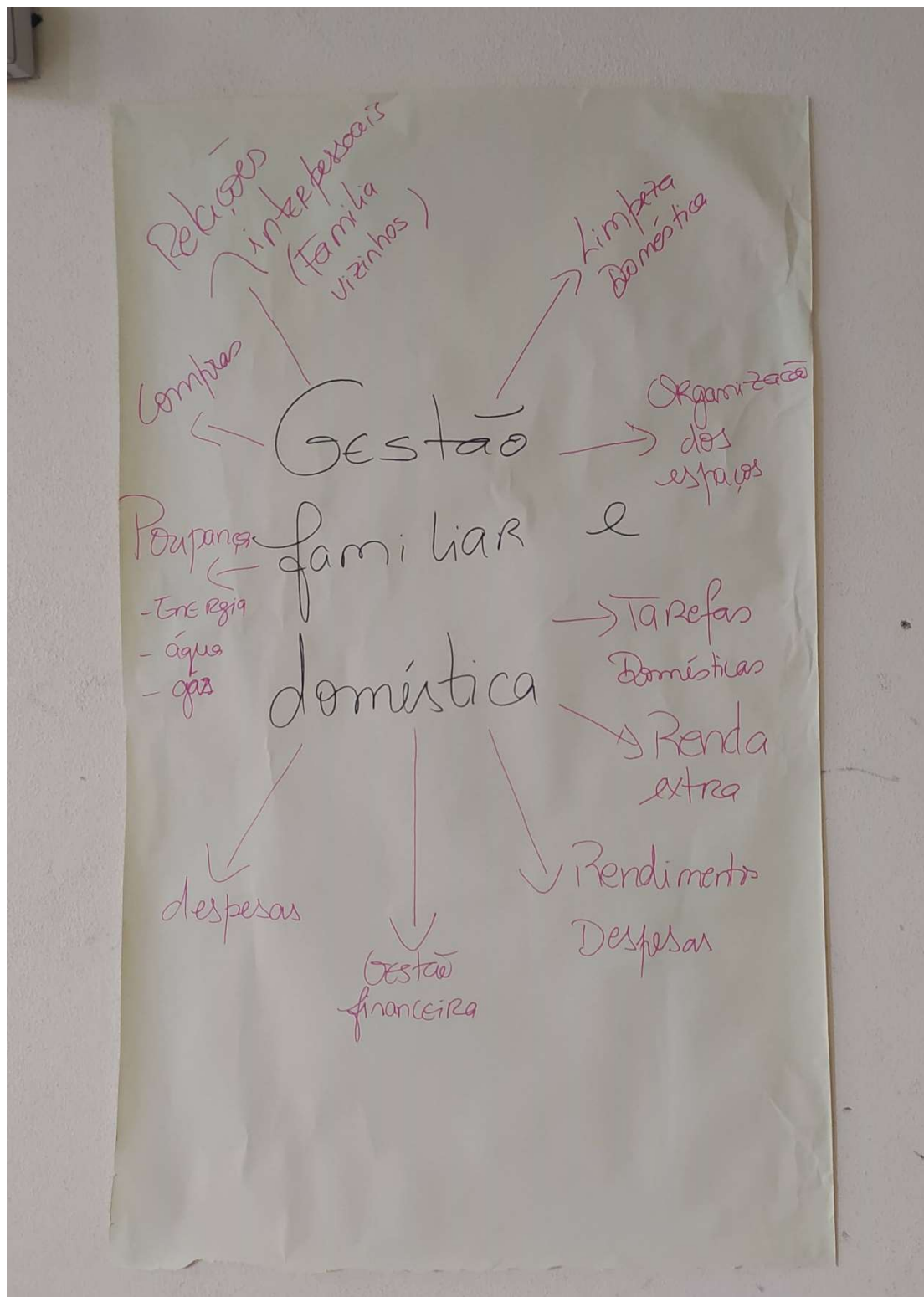


Figura A 142 – Cartaz da Chuva de Ideias da sessão “Vamos Falar do Espaço Doméstico e Habitacional?”

# APÊNDICE BR. CASOS PRÁTICOS DA SESSÃO “VAMOS FALAR DO ESPAÇO DOMÉSTICO E HABITACIONAL” (AGIR CLDS 4G)



Florbela- O que se passa aqui? Que grande confusão vem a ser esta?  
 Jorge- Olha a mãe passou-se! Acabou de me pregar um valenteeeeeeee estalo!  
 Florbela- Porquê?  
 Jorge- Porque já não há dinheiro cá em casa! Achas isto normal? Isto admite-se?  
 Tiago- Realmente, é sempre a mesma coisa.  
 Narrador: (Os três filhos saem de cena e a mãe senta-se na cadeira da cozinha a chorar.  
 Chega o pai do trabalho e vê a sua esposa naquele estado que logo começa a contar o que se tinha passado.)  
 Irritado com a situação o pai desata a berrar e diz:  
 Mas afinal o que é que eles querem da vida. Eu com a idade deles já estava fora de casa dos meus pais há muito... Quem estiver mal que se ponha (TOM GROSSEIRO)  
 Mãe- Hoje mesmo, vou reunir com todos para chegarmos a uma conclusão.  
 Narrador: Eram 21h, quando todos terminaram de jantar. A mãe aproveitou a ocasião e começa por dizer o que estava a passar em casa.  
 E vocês como terminariam esta história?

*O dinheiro é pouco e todos têm que ajudar como no exemplo fazendo o máximo e olhando a colação e a manha. Além de que podem trabalhar nos finais de semana que já não usam, não despendem com a mãe fazer muita coisa ajudar nos trabalhos de casa para que a mãe possa fazer tarefas para ajudar a família. Por bom ambiente aos pais para que a família vá em harmonia.*



Figura A 143 – Caso prático 1 da sessão “Vamos Falar do Espaço Doméstico e Habitacional?”

Florbela- O que se passa aqui? Que grande confusão vem a ser esta?  
 Jorge- Olha a mãe passou-se! Acabou de me pregar um valenteeeeeeee estalo!  
 Florbela- Porquê?  
 Jorge- Porque já não há dinheiro cá em casa! Achas isto normal? Isto admite-se?  
 Tiago- Realmente, é sempre a mesma coisa.  
 Narrador: (Os três filhos saem de cena e a mãe senta-se na cadeira da cozinha a chorar.  
 Chega o pai do trabalho e vê a sua esposa naquele estado que logo começa a contar o que se tinha passado.)  
 Irritado com a situação o pai desata a berrar e diz:  
 Mas afinal o que é que eles querem da vida. Eu com a idade deles já estava fora de casa dos meus pais há muito... Quem estiver mal que se ponha (TOM GROSSEIRO)  
 Mãe- Hoje mesmo, vou reunir com todos para chegarmos a uma conclusão.  
 Narrador: Eram 21h, quando todos terminaram de jantar. A mãe aproveitou a ocasião e começa por dizer o que estava a passar em casa.  
 E vocês como terminariam esta história?

*Os filhos não trabalham na ajuda mas despendo sendo de mais de idade. A mãe temo feito para arranjo de costura. Os filhos devem todos trabalhar mas fazer de casa lado de mais ajudar em casa tem que compreender que o ordenado do pai não pode dar para tudo. Isto é não sendo doentes e oníscios.*

Figura A 144 – Caso prático 2 da sessão “Vamos Falar do Espaço Doméstico e Habitacional?”

# APÊNDICE BS. ABAIXO-ASSINADO DOS/AS MORADORES/AS DA URBANIZAÇÃO DE S. LÁZARO

## Abaixo-Assinado

Os/as moradores/as abaixo-assinados, da Urbanização de S. Lázaro, manifestam-se junto da Divisão de Desenvolvimento e Coesão Social, da Câmara Municipal de Amarante, para a solicitação de uma reunião, tendo em vista as seguintes questões:

- Sala de convívio;
- Parque infantil na Urbanização de S. Lázaro;
- Mudança da zona dos ecopontos;
- Gestão das limpezas das entradas;
- Outros assuntos que se venham a manifestar como importantes.

Amarante, 4 de junho de 2023.

Nome	Identidade	Entrada/Apartamento	Assinatura
		Nº90 R.P.D. Nº51 2 <sup>ª</sup> Esquina	
		2 - direita 2 - esquerda Nº5 10 ESQ Nº5 ESQ 2 Esq. Rch. Dist primeira andar	

Figura A 145 – Abaixo-Assinado dos/as moradores/as da Urbanização de S. Lázaro

## APÊNDICE BT. SUGESTÕES DA CAIXA DE PARITLHA NO FINAL DO PROJETO

- “Tirar os caixotes do lixo da beira das casas”
- “Sala de convívio faz falta aqui”
- “Verde é esperança para que isto melhore. Mais reuniões”
- “Gostava que melhorasse as visitas da Câmara mais vezes e um jardim infantil para as crianças”
- “Mudança do ecoponto”
- “Gostávamos da sala de convívio para fazer trabalhos manuais”
- “Parque para as crianças”
- “Faz falta aqui uma churrasqueira e outras mais coisas”

## APÊNDICE BU. REGISTO FOTOGRÁFICO DO “BRINDE À MUDANÇA”



*Figura A 146 – “Brinde à Mudança” (1)*



*Figura A 147 – Brinde à Mudança” (2)*



*Figura A 148 – Brinde à Mudança” (3)*



*Figura A 149 – Brinde à Mudança” (4)*



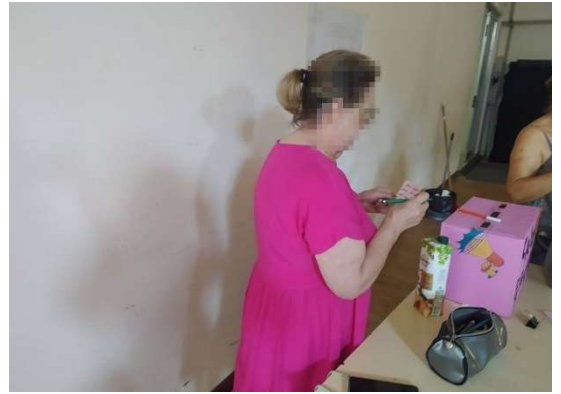
*Figura A 150 – Brinde à Mudança” (5)*



*Figura A 151 – Brinde à Mudança” (6)*



*Figura A 152 – Brinde à Mudança” (7)*



*Figura A 153 – Brinde à Mudança” (8)*



*Figura A 154 – Ramo oferecido à mestranda no “Brinde à Mudança”*



*Figura A 155 – Mestranda no “Brinde à Mudança”*



*Figura A 156 – Mestrada e moradora no “brinde à Mudança”*



*Figura A 157 – Mestranda e moradora no “Brinde à Mudança”*



Figura A 158 - Mestranda e moradora no "Brinde à Mudança"



Figura A 159 - Mestranda e moradora no "Brinde à Mudança"



Figura A 160 - Mestranda e moradora no "Brinde à Mudança"



Figura A 161 - Cartaz do "Brinde à Mudança"

## APÊNDICE BV. TABELA SÍNTESE DA AVALIAÇÃO

Ações	Atividades	Resultados alcançados (ligada ao cumprimento dos objetivos)	Instrumentos	Indicadores de progresso	Indicadores de resultado
<p><b>Ação 1 – Existências (In)Comuns</b></p>	<p>Momentos de partilha e debate, ao longo do projeto, sobre a vida e a situação da Urbanização (acompanha todo o desenvolvimento do projeto)</p>	<p>Ao longo dos vários momentos e encontros do projeto, os/as moradores/as, foram identificando e valorizando os recursos culturais e identitários endógenos, como por exemplo: a estrutura do Pavilhão Desportivo para o desenvolvimento do projeto, bem como o potencial da Urbanização para a criação de um</p>	<p>Encontros que foram realizados, os momentos de partilha e debate;</p> <p>Conhecimento construído, entre todos/as, sobre a vida e a</p>	<p><u>Indicadores qualitativos:</u></p> <p>A qualidade de espaços de encontro e debate coletivo criados pelos/as moradores/as;</p> <p>A qualidade de participação, de envolvimento e de interação dos/as</p>	<p><u>Indicadores qualitativos:</u></p> <p>As estratégias de comunicação e de organização que foram desenvolvidas por todos/as os/as participantes.</p>

		<p>parque infantil e de um espaço, com melhores condições, para fazerem encontros, lanches, churrascos e festas partilhadas. Além disso, o facto de, grande parte, valorizar o comércio existente na Urbanização, bem como a própria localização é, de igual modo, prova da identificação e valorização dos recursos endógenos. Porém, tudo isto, só foi possível através dos espaços de encontro e debate coletivo que, todas as semanas, quer durante a sessão, quer no final da</p>	<p>situação da Urbanização</p>	<p>moradores/as no desenvolvimento das ações e das suas atividades;</p> <p>A articulação entre os/as participantes na construção de ações conjuntas e na resolução participada e coletiva dos problemas.</p> <p><u>Indicadores quantitativos:</u></p> <p>O número de participantes que iniciaram e que</p>	
--	--	--	--------------------------------	--	--

		<p>sessão, os/as moradores/as procuravam criar.</p> <p>De facto, os/as participantes foram capazes quer dentro, quer fora do projeto, de procurar debater sobre a vida e a situação da Urbanização, expressando e partilhando experiências, ideias e sentimentos relativos à vida comum.</p> <p>De facto, estes momentos nos quais, dia após dia, os/as moradores/as aprenderam a dialogar e a ouvir o/a outro/a,</p>	<p>concluíram o projeto – houve um aumento constante em algumas sessões;</p> <p>A assiduidade de cada participante – foram todos/as bastante assíduos/as;</p> <p>O número de encontros realizados ao longo do projeto – 16 sessões;</p>	
--	--	---	---	--

		demonstram que eles/as próprios/as compreenderam a relevância da interação e do diálogo para a concepção e promoção da ação coletiva. Isto porque, mesmo fora do projeto, encontraram momentos e espaços para debater algumas questões e, posteriormente, partilhar em grande grupo nas sessões.			
	Trajetórias de Vida Coletivas	Com estas duas atividades, os/as participantes ficaram a autoconhecer-se e a conhecer o outro, através	O cartaz elaborado com as trajetórias de	<u>Indicadores qualitativos:</u> A qualidade de espaços de	<u>Indicadores qualitativos:</u> As estratégias de comunicação e de
	Mesa-redonda e histórias de vida: - A				

	<p>nossa história de vida: espaço de aprendizagens e conhecimentos</p>	<p>da partilha verdadeira e sincera. Além disso, foram capazes de ligar ambas as atividades à vida e situação da Urbanização procurando, por isso, expressar e partilhar experiências, ideias e sentimentos relativos à vida em comum. Foi possível, ficar a conhecer quem eram os/as moradores/as originais de S. Lázaro e os/as mais recentes, bem como refletir sobre a vida e a situação da Urbanização e a sua evolução.</p>	<p>vida individuais e coletivas dos/as moradores/as</p>	<p>encontro e debate coletivo criados pelos/as moradores/as;</p> <p>A qualidade de participação, de envolvimento e de interação dos/as moradores/as no desenvolvimento das ações e das suas atividades;</p> <p><u>Indicadores quantitativos:</u></p> <p>O número de participantes que iniciaram e que concluíram o</p>	<p>organização que foram desenvolvidas por todos/as os/as participantes;</p>
--	--	---	---	--	--

				<p>projeto – houve uma diminuição de participantes de uma sessão para a outra;</p> <p>A assiduidade de cada participante – foram todos/as bastante assíduos/as;</p> <p>O número de encontros realizados ao longo do projeto – 2 sessões;</p>	
	Caminhada de Vizinhos	A 1. <sup>a</sup> e a 2. <sup>a</sup> Caminhada dos Vizinhos, são a expressão clara da (re)criação de		<u>Indicadores quantitativos:</u>	<u>Indicadores qualitativos:</u>

		<p>contactos, redes e laços sociais, através dos recursos identitários de Amarante (trilho das Azenhas e trilho das Castanheiras). Ou seja, as moradoras que participaram ativamente e assiduamente no desenvolvimento de todo o projeto, criaram um grupo de amigos (tal como elas o indicam) e procuraram auto-organizar-se para momentos de lazer, partilha e de interação. É de mencionar que, nestas caminhadas, foram, várias as vezes, que as próprias</p>	<p>Caminhadas realizadas</p>	<p>A assiduidade de cada participante – foram todos/as bastante assíduos/as; O número de encontros realizados ao longo do projeto – 2 caminhadas;</p>	<p>As estratégias de comunicação e de organização que foram desenvolvidas por todos/as os/as participantes;</p>
--	--	---	------------------------------	---	---

		<p>moradoras, num espaço segura e externo à vida de S. Lázaro, procuraram expressar e partilhar experiências, ideias e sentimentos relativos à vida em comum.</p>			
	<p>“Brinde à Mudança”</p>	<p>O “Brinde à Mudança”, marcou o final do projeto e o início de uma nova etapa na Urbanização de S. Lázaro. É, sem dúvida, sinónimo da vontade de os/as moradores/as criarem linhas de continuidade após o término do projeto “Há Vida em S. Lázaro”. Este Brinde, retrata todas as</p>	<p>“Brinde à Mudança”</p>	<p><u>Indicadores qualitativos:</u></p> <p>A qualidade de espaços de encontro e debate coletivo criados pelos/as moradores/as;</p> <p>A articulação entre os/as participantes na</p>	<p><u>Indicadores qualitativos:</u></p> <p>As estratégias de comunicação e de organização que foram desenvolvidas por todos/as os/as participantes;</p>

		<p>conquistas alcançadas ao longo do caminho do projeto, bem como retrata a re(criação) de contactos, redes e laços sociais. Mas, acima de tudo, é a expressão da participação ativa, cidadã e democrática dos/as moradores/as na vida e na situação da Urbanização de S. Lázaro e o assumir de um papel ativo na procura de soluções para a resolução participada e coletiva dos problemas.</p>	<p>construção de ações conjuntas, na partilha, na procura de soluções para a resolução participada e coletiva dos problemas.</p> <p><u>Indicadores quantitativos:</u></p> <p>O número de participantes que iniciaram e que concluíram o projeto – ;</p> <p>A assiduidade de cada participante – foram todos/as</p>	
--	--	--	--	--

					bastante assíduos/as;  O número de encontros realizados ao longo do projeto – 2 sessões;	
<b>Ação 2 – Urbanização de Todos e Para Todos</b>	<b>Moradores</b>	Inquérito por questionário	Com o inquérito por questionários (aplicado a grande parte dos/as moradores/as), com as idas à Urbanização, com as entrevistas aos representantes de entrada e, ainda, com o trabalho de sensibilização, preparação e animação para as várias	Inquéritos por questionário, as entrevistas realizadas, as conversas informais e a mobilização porta a porta;	<u>Indicadores qualitativos:</u>	<u>Indicadores qualitativos:</u>
		Idas à Urbanização para a construção de conhecimento			A articulação entre os/as participantes na construção de ações conjuntas e na resolução participada e	A participação e o envolvimento dos/as moradores em expressar e partilhar experiências, ideias e sentimentos
		Entrevistas aos representantes de entrada				

		<p>Utilização de cartazes, brochuras, flyers e mobilização porta a porta, em conjunto com alguns/as moradores/as, para a o anúncio das atividades – trabalho de sensibilização, preparação e animação</p>	<p>sessões foi possível que, os/as moradores/as, expressassem e partilhassem experiências, ideias e sentimentos relativos à vida em comum, bem como construísem um conhecimento coletivo sobre a vida e a situação da Urbanização. Foram os/as moradores/as que, sendo protagonistas de toda ação, e tendo sido escutados ao longo de todo o processo, que identificaram as potencialidades, os recursos, as necessidades e os problemas. Foram</p>	<p>Conhecimento construído, entre todos/as, sobre a vida e a situação da Urbanização.</p>	<p>coletiva dos problemas.</p> <p><u>Indicadores quantitativos:</u></p> <p>O número de encontros realizados ao longo do projeto – 4 encontros para as entrevistas, 5 encontros para os inquéritos por questionário e idas, todas as semanas à Urbanização.</p>	<p>relativos à vida em comum</p> <p><u>Indicadores quantitativos:</u></p> <p>Representantes de entrada antes e depois do projeto – passaram de 4 para 6.</p>
--	--	---	---	---	--	--

			eles/as que, juntos, deram voz a S. Lázaro e que, ao longo de todo o desenvolvimento do projeto, foram indicando aquilo que ainda era preciso mudar e aquilo que já se tinha alcançado.			
		Sessão na Casa da Portela – “Viver e Valorizar a Nossa Urbanização”	A sessão na Casa da Portela, intitulada de “Viver e Valorizar a Nossa Urbanização”, fez com que, no mesmo espaço, fossem possível reunir todos/as os/as agentes que fazem parte da vida da Urbanização, ou seja,	A própria sessão na Casa da Portela;  A presença dos/as moradores/as e de	<u>Indicadores qualitativos:</u>  A qualidade de espaços de encontro e debate coletivo criados pelos/as moradores/as;	<u>Indicadores qualitativos:</u>  As estratégias de comunicação e de organização que foram desenvolvidas por

			<p>moradores/as, representantes de entrada, responsáveis e técnicas da CMA (Vice-Presidente, Chefe de Divisão e as técnicas da HS). Esta sessão foi a primeira, desde há muitos anos, em que os/as moradores/as puderam atuar juntos dos poderes públicos, expressar e partilhar experiências, ideias e sentimentos relativos à vida em comum, bem como assumir um papel ativo na procura de soluções para a resolução participada e coletiva dos problemas. A</p>	<p>representantes de entrada;</p> <p>A presença do Vice-Presidente, da Chefe de Divisão e das técnicas da HS;</p> <p>Caixa de Partilha</p>	<p>A qualidade de participação, de envolvimento e de interação dos/as moradores/as no desenvolvimento das ações e das suas atividades;</p> <p>A articulação entre os/as participantes na construção de ações conjuntas, na partilha, na procura de soluções para a resolução participada e</p>	<p>todos/as os/as participantes;</p>
--	--	--	--	--	--	--------------------------------------

		<p>iniciativa surgiu não só dos/as próprios/as moradores/as como também da própria estrutura da CMA.</p> <p>Apesar de se, inicialmente, considerar que o facto de a sessão ser na Casa da Portela e ter presente a estrutura da CMA, poderia ser um inibidor para os/as moradores/as, isto não aconteceu. Ou seja, o facto de as pessoas irem à Casa da Portela, falar dos seus problemas e necessidades e serem ouvidas, fez com que as mesmas ganhassem mais coragem</p>	<p>coletiva dos problemas;</p> <p>O envolvimento e participação dos/as moradores/as e das técnicas da HS na planificação e no desenvolvimento do projeto;</p> <p><u>Indicadores quantitativos:</u></p> <p>O número de participantes que iniciaram e que concluíram o projeto – 17</p>	
--	--	--	---	--

			<p>de, posteriormente, atuar junto dos/as responsáveis e técnicas da CMA.</p>		<p>moradores/as presentes;</p> <p>A assiduidade de cada participante – foram todos/as bastante assíduos/as;</p> <p>O número de encontros realizados ao longo do projeto – 1 sessão;</p>	
--	--	--	---	--	---	--

		<p>1.º encontro para conhecer o grupo e para trabalhar as expectativas para o projeto, bem como temáticas a abordar</p> <p>- Chuva de Ideias</p>	<p>Todos os encontros que ocorreram ao longo do desenvolvimento do projeto, permitiram que os/as moradores/as expressassem e partilhassem experiências, ideias e sentimentos relativos à vida em comum, bem como construísem um conhecimento coletivo sobre a vida e a situação da Urbanização. Estes encontros possibilitaram que os/as moradores/as, encontrassem um espaço seguro, para falar daquilo que eles/as sentiam que era (e ainda é) preciso</p>		<p><u>Indicadores qualitativos:</u></p> <p>A qualidade de espaços de encontro e debate coletivo criados pelos/as moradores/as;</p> <p>A qualidade de participação, de envolvimento e de interação dos/as moradores/as no desenvolvimento das ações e das suas atividades;</p> <p>A articulação entre os/as</p>	<p><u>Indicadores qualitativos:</u></p> <p>As estratégias de comunicação e de organização que foram desenvolvidas por todos/as os/as participantes;</p> <p>O reconhecimento, por parte dos/as moradores/as, da importância dos representantes de entrada.</p>
		<p>Avaliação intermédia do projeto – o era preciso mudar e o que mudou</p>		<p>Encontros que foram realizados, os momentos de partilha e debate;</p>		
		<p>Encontros realizados ao longo de todo o</p>		<p>As estratégias utilizadas ao longo das sessões, como</p>		

		desenvolvimento do projeto	<p>mudar e transformar em S. Lázaro. Aqui, aprenderam a dialogar, a participar, a partilhar e a interagir, dando os primeiros passos para a o sentido de grupo e comunidade.</p> <p>Além disso, o facto de algumas representantes de entrada terem participado nestes espaços de encontro e debate coletivo, fez com que o olhar dos/as moradores/as sobre a função do representante de entrada alterasse. Aliado a este fator, foi possível o</p>	a Chuva de Ideias	<p>participantes na construção de ações conjuntas, na partilha, na procura de soluções para a resolução participada e coletiva dos problemas.</p> <p><u>Indicadores quantitativos:</u></p> <p>O número de participantes que iniciaram e que concluíram o projeto – o número de moradores/as presentes foi</p>	
--	--	----------------------------	--	-------------------	---	--

			<p>desenvolvimento de redes solidárias de vizinhança e de organização entre os/as moradores/as e os representantes de entrada, como os encontros fora do projeto, o mapa de limpeza e o abaixo-assinado.</p>		<p>oscilando entre 7 e 13 moradores/as;</p> <p>A assiduidade de cada participante – foram todos/as bastante assíduos/as;</p> <p>O número de encontros realizados ao longo do projeto – 3 sessões em concreto, embora, em todas as sessões houvesse espaço para momentos de debate coletivo.</p>	
--	--	--	--	--	---	--

		Mapa das limpezas	<p>O mapa das limpezas foi a estratégia que os/as moradores/as encontraram quer para resolver o conflito das limpezas, quer para assegurar a organização da limpeza, conservação e manutenção dos espaços comuns. Além disso, foi a forma que os representantes de entrada encontraram para comunicar aos/às moradores/as que a limpeza é uma obrigação de todos/as ele/as enquanto grupo.</p>	<p>Mapa de limpezas e o seu preenchimento</p>	<p><u>Indicadores qualitativos:</u></p> <p>A evolução da limpeza e da organização das entradas ao longo do projeto.</p>	<p><u>Indicadores qualitativos:</u></p> <p>A limpeza e organização das entradas antes e depois do projeto.</p>
--	--	-------------------	--	---	---	--

		Preparação e Dia do Vizinho	<p>O Dia do Vizinho, surgiu da necessidade que as participantes do projeto identificarem em criar um espaço de encontro, partilha e convívio que, no mesmo espaço, juntassem os/as moradores/as e os/as responsáveis e técnicas da CMA.</p> <p>Contudo, antes do Dia do Vizinho, as moradoras sentiram, igualmente, a necessidade de preparar este dia e de, juntas, se organizarem para o mesmo.</p>	<p>Decoração elaborada, conjuntamente, entre as moradoras;</p> <p>O Pote dos Vizinhos e a caixa de sugestões;</p> <p>Organização do espaço para o Dia do Vizinho;</p>	<p><u>Indicadores qualitativos:</u></p> <p>A qualidade de espaços de encontro e debate coletivo criados pelos/as moradores/as;</p> <p>A qualidade de participação, de envolvimento e de interação dos/as moradores/as no desenvolvimento das ações e das suas atividades;</p> <p>O envolvimento, a participação e a</p>	<p><u>Indicadores qualitativos:</u></p>
--	--	-----------------------------	---	---	---	---

			<p>Portanto, visto que este dia partiu das moradoras e que, as mesmas, conseguiram, no mesmo espaço, juntar vários/as agentes da vida e da situação de S. Lázaro, o Dia do Vizinho, denota a capacidade de criar espaços de encontro e debate coletivo, de desenvolver redes solidárias de vizinhança e de organização entre os/as moradores/as e os representantes de entrada e de atuar juntos dos poderes públicos em favor dos interesses comuns.</p>	<p>O diálogo, a interação e a partilha estabelecida entre todos/as.</p>	<p>presença dos/as moradores/as e das técnicas da HS na planificação e no desenvolvimento do projeto.</p> <p><u>Indicadores quantitativos:</u></p> <p>O número de participantes que iniciaram e que concluíram o projeto – presença de 12 moradoras;</p> <p>A assiduidade de cada participante – foram todos/as</p>	
--	--	--	---	---	---	--

					bastante assíduos/as/as;  O número de encontros realizados ao longo do projeto – 2 sessões;	
		Guia do Morador	O Guia de Morador, construído com a voz dos/as vários/as participantes do projeto, é resultado daquilo que, todos/as juntos/as, alteramos e transformamos. É um processo de crescimento e um processo educativo, fruto da construção,	Guia do Morador	<u>Indicadores qualitativos:</u>  A qualidade da participação, do envolvimento e da interação dos/as moradores/as no desenvolvimento das ações e das suas atividades.	<u>Indicadores qualitativos:</u>  A participação e o envolvimento dos/as moradores/as em expressar e partilhar experiências, ideias e sentimentos

			<p>discussão e reflexão das várias sessões. É, portanto, resultado da construção de um conhecimento coletivo sobre a vida e a situação da Urbanização, do assumir um papel ativo na procura de soluções para a resolução participada e coletiva dos problemas e do expressar e partilhar experiências, ideias e sentimentos relativos à vida em comum.</p>		<p><u>Indicadores quantitativos:</u></p> <p>O número de encontros realizados ao longo do projeto – todas as sessões;</p>	<p>relativos à vida em comum; a qualidade dos espaços de encontro e debate coletivo.</p>
		Abaixo-assinado	<p>O abaixo-assinado, elaborado pelos/as moradores/as presentes no “Brinde à Mudança”, é</p>	<p>Abaixo-assinado elaborados</p>	<p><u>Indicadores qualitativos:</u></p>	<p><u>Indicadores qualitativos:</u></p>

			<p>resultado da crescente auto-organização e automobilização dos/as mesmos/as, em prol dos seus direitos. Com esta petição, os/as moradores/as, pretenderam demonstrar, junto da estrutura da CMA, que querem continuar a fortalecer os laços sociais, solidariedades e vivências cidadãs, através da participação cívica e da ação comunitária.</p>	<p>pelos/as moradores/as</p>	<p>A qualidade de espaços de encontro e debate coletivo criados pelos/as moradores/as;</p> <p>A articulação entre os/as participantes na construção de ações conjuntas, na partilha, na procura de soluções para a resolução participada e coletiva dos problemas.</p>	<p>As estratégias de comunicação e de organização que foram desenvolvidas por todos/as os/as participantes.</p>
--	--	--	--	------------------------------	--	---

					<p><u>Indicadores</u></p> <p><u>quantitativos:</u></p> <p>O número de participantes que iniciaram e que concluíram o projeto – presença 12 moradores/as;</p> <p>A assiduidade de cada participante – foram todos/as bastante assíduos/as/as;</p> <p>O número de encontros realizados ao longo</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					do projeto – 1 sessão;	
<b>Responsáveis e técnicas da CMA</b>	Reuniões comunitárias	Efetivamente, a transformação alcançada foi a indução de mudança e abordagem da CMA aos bairros, foi o religar da CMA aos seus bairros e a criação de novas formas e espaços de relação entre “senhorio” e “inquilino”. Com o projeto “Há Vida em S. Lázaro”, foi possível que os/as moradores/as fossem, novamente, escutados pela estrutura da CMA. Além disso, o facto de os/as responsáveis e técnicas	Reuniões comunitárias com a Chefe de Divisão e as técnicas da HS;  A presença dos/as responsáveis e técnicas da CMA na sessão da Casa da Portela e no Dia do Vizinho;	<u>Indicadores qualitativos:</u>  O envolvimento, a participação e a presença dos/as moradores/as e das técnicas da HS na planificação e no desenvolvimento do projeto.  <u>Indicadores quantitativos:</u>  O número de encontros realizados ao longo		
	Entrevistas à técnica da HS					
	Participação dos/as responsáveis e técnicas da CMA ao longo do desenvolvimento do projeto					

			<p>da CMA, terem presenciado alguns momentos e atividades do projeto, demonstra, por um lado, que reconhecem a centralidade do envolvimento e escuta dos/as moradores/as no desenho e concretização da ação camarária e que, por outro lado, assumiram uma presença regular e uma ação continuada e contínua na promoção da relação com a Urbanização e os/as moradores/as, sendo que isto também foi possível através das entrevistas e</p>	<p>Reunião comunitária com a Chefe de Divisão, as técnicas da HS e a GNR.</p>	<p>do projeto – no mínimo 10 (reuniões, entrevistas e participação em ações concretas)</p>	
--	--	--	--	---	--	--

			<p>das reuniões comunitárias.</p> <p>Concomitantemente, o facto de terem aceite, desde logo, a mobilização de vários parceiros do Município, tendo reconhecido a importância desta mobilização para o desenvolvimento do projeto, exprime que identificam e valorizam os recursos endógenos e exógenos na ação camarária com os bairros de habitação social. É ainda de mencionar que o facto de, neste momento, ponderarem o</p>			
--	--	--	---	--	--	--

			desenvolvimento de mais ações com os parceiros do Município, sendo que tal já aconteceu com a sessão do CIAC no dia 19 de junho, também é uma evidencia da valorização e da mobilização dos recursos endógenos e exógenos.			
<b>Ação 3 – Cidadãos Conscientes e Ativos</b>	“Planeamento do orçamento familiar” – CIAC	Ao longo das várias sessões, as moradoras foram recordando e manifestado o interesse em sessões de enriquecimento de saberes que tinham ocorrido no passado, identificando	Presença dos vários parceiros: CIAC, BVA, GNR, CJ e AGIR CLDS 4G;  Presença assídua e ativa dos/as	<u>Indicadores qualitativos:</u>  A qualidade de participação, de envolvimento e de interação dos/as moradores/as no desenvolvimento	<u>Indicadores qualitativos:</u>  A identificação e a procura, por parte dos/as moradores/as, de formas de colmatar a	
	Workshop Primeiros-Socorros – Bombeiros Voluntários de Amarante					

	<p>Movimento de Limpeza da Urbanização – Casa da Juventude</p>	<p>necessidades de desenvolvimento de competências, bem como formas de as colmatar. Ou seja, além das competências pessoais, sociais, de cidadania e relacionais que estavam a desenvolver, foram demonstrando interesse em desenvolver competências essenciais para a vida quer dentro, quer fora da Urbanização. Mas, ao mesmo tempo que as iam enunciando, também davam sugestões de quem poderia as vir suprimir. Portanto, com esta ação do projeto, foi</p>	<p>moradores/as nestas oficinas.</p>	<p>das ações e das suas atividades.</p> <p><u>Indicadores quantitativos:</u></p> <p>O número de participantes que iniciaram e que concluíram o projeto – estas ações começaram com 11 moradoras, havendo, pelo meio, sessões com 15 moradores/as, tendo terminado com 8 moradoras.</p> <p>A assiduidade de cada participante –</p>	<p>necessidade do desenvolvimento de competências essenciais para a vida.</p>
<p>“Gestão dos conflitos e relações interpessoais” – AGIR CLDS 4G</p>					
<p>“Viver em Comunidade” - GNR</p>					
<p>“Vamos falar do espaço doméstico e habitacional?” – AGIR CLDS 4G</p>					

		<p>possível, que os/as participantes, através das oficinas de competências essenciais para a vida, pudessem partilhar e enriquecer saberes, bem como experimentar e aprofundar competências essenciais para a vida, em diferentes domínios de interesse (na saúde, no viver em grupo e em comunidade, na gestão financeira e doméstica, na gestão de conflitos).</p> <p>Além do mais, tendo em conta a mobilização de parceiros da comunidade e do Município, foi possível</p>		<p>foram todos/as bastante assíduos/as/as;</p> <p>O número de encontros realizados ao longo do projeto – 6 sessões;</p> <p>O número de parceiros que colaboraram em determinadas ações – 5 parceiros do Município e da comunidade.</p>	
--	--	--	--	--	--

		<p>que os/as moradores/as conhecessem as diferentes ofertas associativas do Município, sendo que os/as mesmos/as, autonomamente, têm procurado saber mais, demonstrando o interesse em participar nas aulas de Zumba do Pavilhão Desportivo e na Universidade Sénior, ofertas estas procuradas pelos/as próprios/as moradores/as.</p> <p>Com a sessão “Viver em Comunidade”, dinamizada pela GNR e com a sessão</p>			
--	--	---	--	--	--

		<p>“Gestão dos conflitos e relações interpessoais”, dinamizada pelo AGIR CLDS 4G, foi possível que os/as moradores/as, através da partilha, reconhecessem direitos de cidadania para uma melhor convivência social.</p>			
<p><b>Síntese avaliativa – indicadores</b></p>	<p>Tal como foi possível aferir, ao longo do projeto, a avaliação ocorreu de forma contínua, sistemática e participativa sendo que, para tal, contou com indicadores qualitativos e quantitativos que aferiram quer o progresso do projeto e da participação dos/as moradores/as no mesmo, quer alguns dos principais resultados dessa participação. Enquanto os indicadores de progresso remeteram para o decurso da ação do projeto, para as mudanças que foram acompanhando a realização do projeto, os indicadores de resultados, remeteram para os ganhos e conquistas ao cabo da participação no projeto.</p> <p>Começando pelos indicadores de progresso quantitativos, ao longo do projeto, houve uma oscilação de participantes e, de certa forma, foi havendo um aumento de novos/as participantes ao longo das várias sessões; em relação à assiduidade, de forma geral, foram todos/as bastante assíduos, principalmente o grupo de mulheres</p>				

que participou desde o início ao final do projeto. No que diz respeito ao número de parceiros que colaboraram em determinadas ações, no total, contamos com cinco parceiros do Município e da comunidade. No total, ocorreram 16 encontros realizados ao longo do projeto, foram as várias reuniões, entrevistas, aplicação de inquéritos por questionário e idas à Urbanização.

No que diz respeito aos indicadores de progresso qualitativos, podemos aferir que: houve um aumento da qualidade de espaços de encontro e debate coletivo, quer dentro, quer fora do próprio projeto; houve um aumento, gradual, da participação, do envolvimento e da interação dos/as moradores/as no desenvolvimento das ações e das suas atividades; em todas as sessões houve espaço para o trabalho colaborativo e partilhado, logo para a construção de ações conjuntas e para a resolução participada e coletiva dos problemas; foram algumas as sessões em que se contou com a presença dos/as responsáveis e das técnicas da CMA, sendo que estes/as, tiveram, ao longo do caminho um papel ativo na planificação e desenvolvimento do projeto; todas as ações foram planificadas e desenvolvidas pelos/as moradores/as, tendo em conta as suas necessidades e problemas, mas partindo sempre dos seus recursos e potencialidades; e, por fim, dizer que, com o mapa das limpezas, houve evolução da limpeza e da organização das entradas.

Já, recordando os indicadores de resultado e, neste caso, os indicadores quantitativos, começamos por indicar que no início do projeto apenas havia 4 representantes de entrada e, no final do projeto, há 6 representantes de entrada.

	<p>Para terminar, e em relação aos indicadores de resultados quantitativos, podemos referir: que em todas as sessões houve espaço para a participação e envolvimento dos/as moradores/as em expressar e partilhar experiências, ideias e sentimentos relativos à vida em comum, sendo que, ao longo das sessões, os/as participantes foram se sentindo, cada vez mais, confortáveis para discutir pontos relativos à vida e à situação da Urbanização, tendo realizado, no final, uma abaixo-assinado; o mapa das limpezas, o abaixo-assinado e os encontros fora do projeto foram estratégias de comunicação e de organização que foram desenvolvidas por todos/as os/as participantes; ao longo do tempo os/as moradores/as foram reconhecendo a importância dos representantes de entrada, solicitando às mesmas que marcassem uma reunião na CMA; algumas entradas conseguiram-se organizar melhor com os mapas das limpezas; e, para finalizar, ao longo do tempo os moradores/as foram identificando e procurando formas de colmatar a necessidade do desenvolvimento de competências essenciais para a vida (indicaram os parceiros do Município a mobilizar com base nas suas necessidades e, procuraram, juntos destes e fora do projeto, colmatar algumas necessidades).</p>
--	--

*Tabela 57 - Tabela síntese da avaliação*